

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*Robert Southey e a Experiência da História de  
Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas  
Cosmopolitas (1795-1829)*

André da Silva Ramos

Mariana  
2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

*Robert Southey e a Experiência da História de  
Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas  
Cosmopolitas (1795-1829)*

André da Silva Ramos

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em  
História do Departamento de História  
do Instituto de Ciências Humanas e  
Sociais da Universidade Federal de  
Ouro Preto.

Área de Concentração: Poder e  
Linguagens.

Linha: Ideias, Linguagens e  
Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Valdei Lopes de  
Araujo

Mariana  
2013

R175r

Ramos, André da Silva.

Robert Southey e a experiência da história de Portugal [manuscrito]: conceitos, linguagens e narrativas cosmopolitas (1795-1829)/ André da Silva Ramos. – 2013.

226f. il.

Orientador: Prof. Dr. Valdei Lopes de Araújo.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-graduação em História.

Área de concentração: Poder e Linguagens.

1. Southey, Robert, 1774-1843 - Teses. 2. Historiografia - Teses. 3. Portugal - História - Teses. I. Araújo, Valdei Lopes de. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(469)

Catálogo: [sisbin@sisbin.ufop.br](mailto:sisbin@sisbin.ufop.br)




**André da Silva Ramos**

“*Robert Southey* e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829)”

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.



**Prof. Dr. Valdei Lopes de Araujo**  
UFOP



**Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel**  
UFOP



**Prof. Dr. Marcelo Gantus Jasmin**  
PUC-RIO

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus pais Francisco e Lêda e à minha irmã Cláudia pelo amor, suporte e incentivo aos meus estudos desde a tenra idade. Ao orientador desta pesquisa Valdei Lopes de Araujo pelo incentivo, amizade, compreensão e intenso envolvimento com o trabalho desde os seus primeiros passos. Aos pesquisadores Giorgio Lacerda, Bruno Diniz e Flávia Varella que deram contribuições importantes nos momentos iniciais da pesquisa. Aos amigos Bruno Medeiros e Marcelo Rangel que contribuíram decisivamente com críticas e sugestões para meu desenvolvimento intelectual, respectivamente no estágio docência e no exame de qualificação. Ao professor Temístocles Cezar pelas críticas e sugestões no exame de qualificação. A Thamara Rodrigues pela cumplicidade e apoio. Aos companheiros de grupo de estudos Bruno Gianez, Bruno Omar, Jussara, Camila, Luna, Gabriel, João e Anderson por contribuírem com a intensidade do debate intelectual. Aos professores do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, especialmente Mateus Pereira e Luiz Estevam pela colaboração nos debates realizados durante as disciplinas na pós. Devo agradecimentos especiais ao professor Sérgio Campos Matos pelo acolhimento em suas aulas na Universidade de Lisboa e aos amigos estudiosos da obra de Southey, Alexandre Dias Pinto e Carlota Miranda, pelas colaborações intelectuais, generosos cuidados e recepção afável naquela cidade. À professora da Universidade Nova de Lisboa, Maria Zulmira Castanheira, por ter me recebido no CETAPS - the Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies - e possibilitado o acesso às pesquisas produzidas naquele núcleo. Aos bons e velhos amigos dos tempos de República Sé pela convivência e carinho. Aos grandes amigos Marcella, Aikon e Hannah por sempre me acolherem. Agradeço especialmente a Maria Fernanda pelo amor, compreensão e dedicação que foram fundamentais para a realização deste trabalho. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – por ter apoiado financeiramente esta dissertação. Agradeço também à Cátedra Jaime Cortesão da Universidade de São Paulo por ter concedido uma bolsa que me permitiu realizar um estágio de pesquisa em Lisboa durante os meses de outubro e novembro de 2012. Sou grato às professoras Lúcia Maria Paschoal Guimarães, Íris Kantor e Andréa Lisly por terem aceitado escrever cartas de referência que possibilitaram concorrer à seleção da bolsa.

RAMOS, André da Silva. Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

## **RESUMO**

Nessa dissertação, analisa-se como os escritos de Robert Southey sobre Portugal e seus domínios Imperiais emergiram enredados em uma compreensão metanarrativa do processo histórico que expressa de forma ambivalente tanto a possibilidade de rejeição quanto do resgate da dimensão formativa do passado e recuperação da sua relativa autonomia estética. Explora-se como os relatos de viagem de Southey sobre Portugal, suas correspondências privadas, seu projeto de escrita de uma história erudita e filosófica desta nação, a reedição dos romances de cavalarias ibéricos, os artigos publicados em periódicos sobre história contemporânea e a *História do Brasil* estavam imersos nesta compreensão ambivalente do processo histórico. Analisam-se como os conceitos, linguagens e narrativas em vigor nestes textos circularam em obras de letrados britânicos e luso-brasileiros contemporâneos a Southey. Dessa forma, explora-se tanto como Southey interagiu com o campo discursivo estabelecido nas macronarrativas ilustradas europeias do século XVIII em vigor em obras de letrados britânicos e luso-brasileiros, quanto como a performance dos seus textos respondiam aos debates político-historiográficos contemporâneos em vigor na Europa e na América. Com efeito, analisa-se como Southey se valeu da circulação transatlântica de textos com o objetivo de instruir e entreter os leitores com suas obras, o que demandou do letrado o equilíbrio entre o juízo filosófico com a assimilação empática do outro no tempo/ espaço.

**Palavras-chave:** Robert Southey, História da Historiografia, Historicidade, História de Portugal

RAMOS, André da Silva. Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829). Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

### **Abstract**

In this dissertation, I analyze how the writings of Robert Southey about Portugal and its Imperial domains emerged entangled in a metanarrative understanding of the historical process that expresses in an ambivalent fashion both the possibility of rejection and recovery of the formative dimension of the past and its relative aesthetic autonomy. It explores how the travel writings of Southey about Portugal, his private correspondences, his project of the written erudite and philosophical history of this nation, the re-edition of the chivalry romances, the articles published in periodicals about contemporary history and the *History of Brazil* emerged immersed in this ambivalent understanding of the historical process. I analyze how the concepts, languages and narratives existing in these texts circulated in works of British and luso-brazilian contemporaries of Southey. Thus, I explore both how Southey interacted with the discursive field established in the enlightened European macronarratives of the eighteenth century existing in works of British and luso-brazilian men of letters, and how the performances of his texts answered the political and historiographical contemporary debates existing in Europe and America. Furthermore, I analyze how Southey availed himself from the transatlantic circulation of texts with the aim of instructing and entertaining the readers with his works, which demanded a balance between the philosophical judgement with the empathical assimilation of the other in time/ space.

**Key-Words:** Robert Southey, History of Historiography, Historicity, History of Portugal

## Sumário

INTRODUÇÃO: ROBERT SOUTHEY E A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL: OS (DES)CAMINHOS DE UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO .....	8
CAPÍTULO 1 .....	38
AS PERSPECTIVAS DO VIAJANTE: DA (IM)POSSIBILIDADE DE SE APRENDER COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL.....	38
1.1 DA (IN)EXISTÊNCIA DO GÊNIO E DO GOSTO: DO CURSO DE LEITURAS HISTÓRICAS AO <i>ESSAY ON THE POETRY OF SPAIN AND PORTUGAL</i> .....	39
1.2 IRONIAS, SÁTIRAS E METÁFORAS: A ESTÉTICA NARRATIVA EM VIGOR NAS <i>LETTERS WRITTEN DURING A SHORT RESIDENCE IN SPAIN AND PORTUGAL</i> .....	50
1.3 NOS HORIZONTES DA LINGUAGEM DA POLIDEZ: A RECEPÇÃO DE SOUTHEY E WILLIAM COSTIGAN .....	61
1.4 ENTRE A LINGUAGEM DA POLIDEZ E A DIGNIDADE GÓTICA: A RECEPÇÃO DE JAMES CAVANAH MURPHY E A SEGUNDA VIAGEM DE SOUTHEY .....	79
CAPÍTULO 2 .....	97
METANARRATIVA, ERUDIÇÃO E AMBIVALÊNCIA .....	97
2.1 PERSPECTIVAS COSMOPOLITAS DE ESCRITA DA HISTÓRIA.....	98
2.2 DA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DE UM PASSADO EM COMUM .....	116
2.3 O ENTRELACAMENTO ENTRE PASSADOS ÉPICOS: DAS <i>CRÔNICAS DE CID À HISTÓRIA DE PORTUGAL</i> .....	125
2.4 ENTRE A ESCRITA DA HISTÓRIA FILOSÓFICA E A ESCRITA DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: OS HORIZONTES DA AMBIVALÊNCIA E OS LIMITES DA IMAGINAÇÃO. ....	135
CAPÍTULO 3 .....	150
DOS USOS DA ESCRITA DA HISTÓRIA: A PROJEÇÃO DA UNIDADE DO IMPÉRIO PORTUGUÊS NA <i>HISTÓRIA DO BRASIL</i> .....	150
3.1 ENTRE A IMPOSSIBILIDADE DA EMPATIA E O VALOR DO LEGADO PORTUGUÊS .....	151
3.2 NOS HORIZONTES DE RECEPÇÕES TRANSATLÂNTICAS: A TESSITURA DA SÍNTESE DA UNIDADE ÉTNICA E POLÍTICA DO IMPÉRIO .....	163
CAPÍTULO 4 .....	180
DA NARRATIVA DA DECADÊNCIA À ESTETIZAÇÃO DO PASSADO .....	180
4. 1 CAUSALIDADES E CONJUNTURAS HISTÓRICAS DA DECADÊNCIA NO <i>POLITICAL AND MORAL STATE OF PORTUGAL</i> .....	181
4. 2 CLIMAS HISTÓRICOS EM CONFLITO: A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL ENTRE A RUPTURA E A HARMONIA .....	192
CONCLUSÃO .....	212
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	216



## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Elevação Norte do Monastério de Batalha, com o inacabado Mausoléu do Rei Dom Manuel.....	86
Figura 2: Elevação Oeste do Monastério de Batalha .....	86
Figura 3: Vista interior do Monastério de Batalha .....	87
Figura 4: Uma vista do Monastério de Batalha.....	88
Figura 5: Dia de todas as almas no Convento de São João de Deus .....	199
Figura 6: Procissão do Senhor dos Passos da Graça .....	199
Figura 7: São Francisco na Procissão de Santo Antonio.....	200
Figura 8: Uma Saloia vendendo frutos.....	200
Figura 9: Cintra .....	204
Figura 10: Leiria.....	204
Figura 11: Vista do Porto e Vila Nova do Convento da Serra.....	205
Figura 12: Vista descendo o Douro para Vila Nova de Gaia.....	205

## INTRODUÇÃO: ROBERT SOUTHEY E A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL: OS (DES)CAMINHOS DE UM DEBATE HISTORIOGRÁFICO

Apesar de nos últimos anos a obra de Robert Southey (1774-1843) ser constantemente revisitada, pouco foi estudado como este poeta e historiador constituiu suas narrativas sobre a sociedade, a literatura e a história de Portugal. O letrado britânico viajou em duas oportunidades para aquela nação e sua primeira obra em prosa, as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, cuja primeira edição fora publicada em 1797, se constitui enquanto um relato das experiências da viagem na Península Ibérica, realizada entre 1795-96, somadas a miscelâneas literárias e traduções de autores lusos e hispânicos. Southey retornou a Portugal entre 1800-01, estadia fundamental para o letrado empreender pesquisas em arquivos, viagens e levantamentos bibliográficos visando à composição da *História de Portugal*.<sup>1</sup>

Southey se tornou um erudito em história e literatura da Península Ibérica<sup>2</sup>, amplo conhecimento que viabilizou a publicação de uma parte da história do Império português, ou seja, a *História do Brasil* (1810-19).<sup>3</sup> O letrado britânico se notabilizou em diversos periódicos como um especialista em literatura, história e história contemporânea de Portugal e Espanha, o que rendeu-lhe inúmeras publicações na *Monthly Magazine*, *Critical Review*, *Annual Review*, *Quarterly Review* e *Edinburgh Annual Register*. A já mencionada composição das *Letters*, reeditada em 1799 e 1808, somada às traduções de romances de cavalaria como o *Amades o Gaules* (1803), o *Palmeirim da Inglaterra* (1807), as *Crônicas de Cid* (1808) e a

---

<sup>1</sup> Cf. CABRAL, Adolfo. **Southey e Portugal**: aspectos de uma biografia literária (1774-1810). Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959. Cf. CASTANHEIRA, Maria Zulmira. “The Best Laid Schemes Sometimes Turn Out the Worst”: Robert Southey’s Success and Failure. **Via Panorâmica**, v. 2, p. 89-100, 2009. Cf. CASTANHEIRA, Maria Zulmira. “Speaking in Portuguese and Writing in English”. Representações de Portugal na obra de Robert Southey. In\_\_: SARMENTO, Carla (org.). **Diálogos Interculturais**. Porto: Vida Económica, 2011, p. 143-151.

<sup>2</sup> Um catálogo da parte ibero-americana da biblioteca de Southey, constituída por cerca de quatorze mil volumes foi publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, assim como a correspondência de Southey com Henry Koster, letrado britânico residente no Brasil. Um artigo foi publicado pelo editor para apresentar aspectos biográficos de Southey e sua obra a propósito do centenário de sua morte. Cf. LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. Robert Southey. **RIHGB**. Rio de Janeiro: IHGB Referências: N. 178, p. 11-29, jan./mar. 1943.II.

<sup>3</sup> Oliveira Lima afirma ter tido acesso aos manuscritos que constituiriam a *História de Portugal* em escalas Imperiais, porém, contrariamente à enunciação do autor, esta obra não era o complemento da *História do Brasil*. Como veremos, no projeto inicial de Southey, a *História do Brasil* era a última parte da *História de Portugal* que o autor pretendia publicar: “Eu próprio tive nas minhas mãos as dezenas de livros de notas dos quais Southey metódica e infatigavelmente coligia o material para uma história dos portugueses na Europa, África e Ásia, que ficou em projeto, não grado todo o caminho percorrido para sua realização, o que certamente seria o digno complemento da sua história dos portugueses na América. Não se pôde trabalhar com mais consciência nem com melhor critério. Os autores estudados eram sempre os mais abalizados, os apontamentos colhidos os mais interessante para ilustrarem os casos e explicarem a sua trama. Ninguém jamais se entregou à sua faina com mais crescido saber nem com superior inteligência”. LIMA, Oliveira. Robert Southey. In\_\_: **RIHGB**. Rio de Janeiro: IHGB Referências: T. 68, v. 112, p. 231-252, 1907, p. 236.

composição da *History of Peninsular War* (1823), são provas cabais da importância conferida por Southey à experiência da história dos povos peninsulares, em especial, de Portugal.<sup>4</sup>

Tendo em vista que Southey foi um tradutor de obras compostas por letrados lusos, pretende-se analisar a partir dos seus textos a experiência da história de Portugal no final do século XVIII e início do XIX como um fenômeno cosmopolita. Aborda-se a circulação conceitual e linguística, que possibilitou a Southey a constituição das suas narrativas sobre esta nação.

Fundamenta-se esta análise sobre a experiência da história de Portugal tomando como pressuposto analítico as proposições de Reinhart Koselleck e J. G. A. Pocock sobre a modernização da experiência da história a partir de meados do século XVIII. Segundo ambos os autores, surgiu no XVIII a consciência da “contemporaneidade do não contemporâneo”<sup>5</sup>, como afirma Koselleck, ou do “anacrônico”<sup>6</sup>, como identifica Pocock. Esta experiência se constituiu enredada à compreensão da história como um processo produtor de mudanças, sendo que seu desenvolvimento vivo foi considerado como passível de ser narrado germinando ou em vigor em passados e presentes específicos, o que possibilitou a conceituação do avanço, do atraso, da estagnação e da decadência das nações. Os autores destacam que esta experiência da história, característica da modernidade, constituiu-se em um processo de longa duração, no qual se sucedeu as centralizações estatais, a expansão marítima, a disseminação da imprensa, a dinamização do comércio e a consequente expansão da circulação dos bens culturais em escalas globais. Estes fenômenos, acrescidos ao ceticismo pirronista, ao maior conhecimento do passado pelos antiquários e aos estudos etnológicos dos jesuítas foram decisivos para o deslocamento da virtude republicana clássica e sua exposição narrativa em histórias exemplares de façanhas político-militares de príncipes e monarcas.<sup>7</sup> Nesse sentido, os autores exploram como o acúmulo destes fatores foi decisivo para a

---

<sup>4</sup> Adolfo Cabral se dedicou em seu trabalho à comprovação da centralidade que Southey conferiria a Portugal em relação à Espanha. Para o autor, Southey não pretendia ser mais um hispanista na Grã-Bretanha e o desejo de se especializar na história e literatura de Portugal esteve envolvido em seu interesse de ser a maior autoridade no assunto. A comprovação disto é que Southey passaria trinta e nove dias na Espanha em sua primeira viagem pela Península e mais de cinco meses em Portugal. Na segunda viagem, Southey nem mesmo chegaria cruzar as fronteiras de Portugal em direção à Espanha, ficando um ano nesta nação. CABRAL, Adolfo. **Southey e Portugal**: aspectos de uma biografia literária (1774-1810). Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959, *passim*.

<sup>5</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Puc-Rio, 2006, p. 285.

<sup>6</sup> POCOCK, J. G. A. **Barbarism and Religion**: Narratives of Civil Government. Cambridge University Press, 1999b, p. 16.

<sup>7</sup> POCOCK, J. G. A. Op. Cit., 1999b, p. 1-25. KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Editorial Trotta, 2004, *passim*.

modernização da experiência da história, fenômeno, de fato, descontínuo e complexo, que se acelera por volta de meados do XVIII.<sup>8</sup>

Segundo Koselleck, processou-se em meados do século XVIII a aceleração do tempo histórico com o abalo da continuidade entre as expectativas de futuro em relação às experiências do passado. Este abalo foi marcado por tensões no período do *Sattelzeit*, que abarca aproximadamente o intervalo entre 1750 e 1850. Dentro desta periodização, Koselleck expõe que a história não perdeu completamente sua função normativa, que possibilitava através de uma compreensão da atemporalidade da natureza humana o aprendizado analógico entre as diferentes épocas. No entanto, esta permanência se deu enredada à aceleração de acontecimentos concebidos como inéditos, que provocavam a sensação de que a História em si era um processo dotado de movimento e produtor de transformações. Assim, a História e a sua exposição narrativa aglutinaram significados que descortinaram a possibilidade do futuro não repetir o passado. Com efeito, o conteúdo exemplar do passado e a abertura para o futuro coexistiram no *Sattelzeit* e configuraram horizontes semânticos produtores de múltiplas ambivalências.<sup>9</sup>

As reflexões de Pocock em *Barbarism and Religion* em grande medida se aproximam das de Koselleck, pois nesta obra o autor britânico estuda os múltiplos contextos discursivos presentes na obra do historiador britânico Edward Gibbon *Decline and Fall of the Roman Empire*.<sup>10</sup> Ao contextualizar a cultura histórica europeia a partir do trabalho monumental do historiador britânico, Pocock expõe como os escritos deste emergiram em horizontes semânticos que apontavam simultaneamente tanto para uma rejeição cética do passado, quanto para a necessidade de sua retomada, tendo em vista a demanda por se explicar o

---

<sup>8</sup> Para o aprofundamento da discussão do processo de modernização da experiência da história como um fenômeno cosmopolita complexo e descontínuo Cf. KELLEY, Donald. **Fortunes of History: historical inquiry from Herder to Huizinga**. London: Yale University, 2003.

<sup>9</sup> Nesse sentido, Koselleck caracteriza as tensões produzidas no âmbito do *Sattelzeit* como fruto das necessidades de se responder de forma imediata e pragmática às velozes transformações que sucederam na periodização abordada: “As decisões políticas tomadas sob as pressões de prazos e compromissos, o efeito da velocidade dos meios de transporte e de informação sobre a economia ou sobre ações militares, a permanência ou instabilidade de determinadas formas de comportamento social no âmbito das exigências econômicas e políticas temporalmente determinadas, tudo isso conduz obrigatoriamente – seja através de um processo de atuação e ação recíproca ou de uma relação de dependência – a um tipo de determinação temporal que, sem dúvida, é condicionada pela natureza, mas que também precisa ser definida especificamente sob o ponto de vista histórico. Se contemplarmos o conjunto desta cadeia de eventos, isso nos levará a um processo de determinação e a uma doutrina das épocas, as quais, conforme o domínio específico visado, podem configurar-se de maneira completamente diferente, ou mesmo justapor-se umas as outras”. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006, p. 15.

<sup>10</sup> Para um aprofundamento das possibilidades de aproximações teórico-metodológicas entre as perspectivas da história dos conceitos alemã (Begriffsgeschichte) e do contextualismo linguístico de Cambridge Cf. JASMIN Marcelo Gantus; FERES JR.. **História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio: Editora Loyola: IUPERJ, 2006.

processo de formação de uma consciência histórica que predicava em grande medida a singularidade do presente da Europa central. Dessa forma, para Gibbon e demais filósofos e historiadores contemporâneos italianos, franceses e britânicos, o século XVIII pareceu superior, pois rejeitava os abusos bárbaros e supersticiosos do passado medieval e das guerras de religião do século XVII, no entanto, de forma ambivalente, o passado era investido de dignidade nas macronarrativas ilustradas destes letrados, pois a pesquisa erudita e a explicação filosófica evidenciavam que os germes do progresso e das possibilidades de decadência no tempo presente vigoraram em tempos pretéritos. Dessa forma, a macronarrativa de formação em vigor na obra de Gibbon documentava uma compreensão metanarrativa da aceleração do tempo histórico. Tal aceleração se processou dentro de horizontes metahistóricos etapistas, formulados no âmbito da ilustração de matriz escocesa, que prescreveu as fases naturais pelas quais o desenvolvimento histórico está causalmente determinado.<sup>11</sup>

Koselleck e Pocock estudam a constituição da experiência moderna da história e sua exposição narrativa situando este objeto na Europa central. Porém, a dinâmica da circulação cosmopolita de conceitos, linguagens e narrativas no século XVIII apresentou-se decisiva para a compreensão da modernização como um fenômeno que ultrapassa os lugares, integrando discursivamente as dimensões globais, regionais e locais.<sup>12</sup> Logo, neste estudo os escritos de Southey são concebidos como um “contexto aberto no tempo”<sup>13</sup>, tendo em vista os múltiplos usos que este autor fez de conceitos, linguagens e narrativas em vigor no campo discursivo britânico e luso. Assim, visando à análise desta dinâmica das enunciações viabilizadoras da composição dos textos, analisa-se a modernização da experiência da história como um fenômeno cosmopolita.<sup>14</sup> Logo, realizam-se análises que pretendem ultrapassar paradigmas e categorias solares limitadoras das análises historiográficas, como os lugares, as influências e as nações.<sup>15</sup>

---

<sup>11</sup> POCOCK, J. G. A. **Barbarism and Religion: Narratives of Civil Government**. Cambridge University Press, 1999b, *passim*.

<sup>12</sup> ARAUJO, Valdei. História dos Conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade Ibérica. **Almanack Braziliense** (Online), v. 7, p. 47-55, 2008b, *passim*.

<sup>13</sup> POCOCK, John. “O Estado da Arte”. In\_\_\_: **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003, pp. 23-62, p. 55.

<sup>14</sup> Emprega-se o termo cosmopolita assim como definido por Charles Withers, que ao se propor explorar a “geografia” da ilustração, aponta não existir as “ideias” fechadas em si mesmas, já que a pluralização dos debates sobre tolerância religiosa, sociedade civil, razão, ciência, agricultura, comércio e progresso, ultrapassaram as fronteiras através das traduções, das cartas e dos relatos de viajantes, sendo resignificadas aos contextos nacionais, possibilitando a formação de redes cosmopolitas dinâmicas de comunicação. WITHERS, Charles. **Placing the Enlightening: Thinking geographically about the Age of Reason**: Chicago: The University of Chicago Press, 2007, *passim*.

<sup>15</sup> ARAUJO, Valdei L., Op cit., p. 49.

Para tanto, segue-se Javier Fernández Sebastián, que define no *Diccionario político y social del mundo iberoamericano* a modernização como um processo marcado pela “transnacionalização” de vocábulos “euroamericanos” e “ocidentais”, por sua vez, adaptados às dimensões nacionais, regionais e locais. Neste processo de circulação cosmopolita, países como França, Estados Unidos e Grã-Bretanha se prestaram à irradiação e estandardização de vocabulários e conceitos.<sup>16</sup> Ao enfatizar o fenômeno da modernização discursiva em sua constituição cosmopolita, Sebastián destaca as descontinuidades produzidas em meio a uma “plethora de combinaciones conceptuales y recursos argumentativos procedentes de una amplia panoplia de fuentes, doctrinas y estilos de pensamiento”<sup>17</sup>, que define o fato de “nos encontramos ante una pluralidad de modernidades – y también ante una pluralidad de transiciones a la modernidad”.<sup>18</sup> Desse modo, a constituição dinâmica das particularidades permite a compreensão de um fenômeno que enseja o empreendimento de pesquisas que vão ao encontro à delimitação de perspectivas historiográficas globais:

Cuando logremos recomponer al menos las piezas maestras del complicado puzle de nuestra historia político-conceptual iberoamericana tal vez sea el momento de abordar otras historias más complejas que ya se insinúan en recientes encuentros entre los estudiosos de la disciplina, como una historia conceptual europea comparada de carácter ineludiblemente plurilingüe. Cabría pensar incluso en otras tareas aún más ambiciosas, como la elaboración de una historia conceptual euroamericana que, dejando a un lado la metáfora epistemológica centro/periferia – cuyo rendimiento en términos cognitivos parece casi agotado –, podría comenzar por una semántica histórica comparada de las modernidades políticas.<sup>19</sup>

A realização desta investigação também se define perante as teses de Maria Odila da Silva Dias sobre Southey, pois nestas o letrado britânico é compreendido unilateralmente como o “historiador do Brasil”. Em sua dissertação de mestrado, *O Brasil na Historiografia Romântica Inglesa*, Dias explora as afinidades entre as obras de Southey e os romances históricos de Walter Scott, tendo por objetivo a compreensão das ideias vigentes na *História do Brasil*. Para a autora, assim como Walter Scott (1771-1832) almejava reviver os tempos medievais em seus romances que exploravam o cotidiano passado dos britânicos, Southey pretendia recuperar empaticamente o passado dos portugueses na América. A autora afirma que Southey teria sido o iniciador de uma nova forma narrativa, que rompia com os pressupostos racionalistas ilustrados ao buscar reviver o espírito das épocas e a cor local do

---

<sup>16</sup> SEBASTIÁN, Javier Fernández. “Hacia una historia atlántica de los conceptos políticos”. In\_\_: (Dir.). **Diccionario político y social del mundo iberoamericano**. Conceptos políticos en la era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina, 2009, pp. 23-45, p. 31.

<sup>17</sup> Id., 2009, p. 38.

<sup>18</sup> Id., 2009, p. 37.

<sup>19</sup> Id., 2009, p. 44. [Grifo nosso]

passado.<sup>20</sup> Dias expõe que as narrativas de Southey e Scott foram decisivas para o surgimento e consolidação da historiografia romântica praticada posteriormente por historiadores canonizados na Era Vitoriana como Thomas Macaulay (1800-1859) e Thomas Carlyle (1795-1881). Com o intuito de explorar a revivescência do passado<sup>21</sup> na *História do Brasil*, Dias expõe como Southey e Scott deram início a uma tradição historiográfica, já que eles:

Queriam reviver o “espírito de uma época” e era somente através de um método imaginativo que o historiador poderia alcançar o todo dramático, a unidade intrínseca da vida dos povos e dos homens do passado. O encenamento e a cor local -, as descrições realistas repletas de pormenores e de sentimento humano, a representação pictórica, eram as condições desses novos historiadores românticos, como Carlyle, Macaulay, Prescott ou Bancroft.<sup>22</sup>

Apesar de neste estudo Dias buscar analisar a dimensão autônoma das obras historiográficas, colocando em destaque a interação entre os gêneros história e literatura, deve-se destacar que a análise se ancora em um conceito normativo de Romantismo, tradicionalmente atribuído aos historiadores da Era Vitoriana. Por mais que as estratégias narrativas e recursos estéticos que mobilizavam Southey vigoraram em alguma medida nas obras de seus sucessores, reduzi-las ao mesmo conceito normativo é assumir o risco teleológico de igualar as diferenças entre gerações. Ora, no início de sua carreira literária o jovem Macaulay escreveu ensaios historiográficos que se posicionavam criticamente ao excesso de racionalismo e moralismo de Southey, arcaizando suas perspectivas estéticas, políticas e historiográficas ao enfatizar a sua incapacidade de reviver o passado, o que aponta para a necessidade de se matizar as tensões entre as estratégias narrativas destes autores.<sup>23</sup> Pode-se perceber que no estudo de Dias a pragmática dos textos, a dimensão fática da linguagem, é adaptada a um paradigma externo à *História do Brasil*, ou seja, à influência solar e totalizadora do conceito de Romantismo.

Em *O Fardo do Homem Branco*, tese de doutoramento de Dias, novamente a pragmática dos textos de Southey foi eclipsada perante a influência de paradigmas externos. Porém, se em *O Brasil na Historiografia Inglesa*, as enunciações de Southey são controladas por conceitos normatizadores da cultura histórica, em *O Fardo do Homem Branco* essa

---

<sup>20</sup> CURLY, Maria Odila Dias. **O Brasil na Historiografia Romântica Britânica Inglesa**: Um Estudo de afinidades de Visão Histórica: Robert Southey e Walter Scott. São Paulo. Dissertação de Mestrado: USP, 1967, p. 75.

<sup>21</sup> Uma crítica circunstanciada e documentada desconstruindo a tese de Dias foi feita por Flávia Varela Cf. VARELLA, Flávia. Reunindo o Passado: “Erudição e Narrativa na History of Brazil de Robert Southey”. In\_\_ : **Cadernos de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia**: biografia & história intelectual. Ouro Preto: EdUFOP, 2011, pp. 1-15.

<sup>22</sup> Id., 1967, p. 52.

<sup>23</sup> Cf. WOHLGEMUT, Esther. “Southey, Macaulay and the Ideal of Picturesque History”. **Romanticism on the Net**: Université de Montréal, No 32-33, 2003.

relativa autonomia da história e da literatura foi reduzida perante a influência dos interesses político-econômicos expansionistas do Império britânico. Dias argumenta que Southey foi o “historiador do Brasil”, engajado com as demandas políticas e econômicas do Império, que tinha o objetivo de manter sua influência sobre a então colônia de Portugal. Com esta perspectiva, a dimensão da circulação transatlântica das enunciações não foi explorada, o que seria fundamental, visto o estabelecimento de Southey como um erudito especialista na cultura histórica em vigor em Portugal e seus domínios ultramarinos. Dias menciona que Southey viajou em duas oportunidades para Portugal e que com a ajuda do tio Herbert Hill realizou contatos com letrados ligados à Academia Real de Ciências de Lisboa<sup>24</sup>, porém, a construção deste contexto não se apresenta entrelaçada à pragmática textual, ou seja, à interpretação da *História do Brasil*, pois o objetivo de Dias foi contribuir “para o estudo do significado ideológico implícito nas imagens e conceitos interpretativos da formação e da situação brasileiras os quais, forjados embora, no exterior, encontrariam no Império do Brasil uma mentalidade elitista e europeizante, curiosamente apta a assimilá-los”.<sup>25</sup> Para Dias, esta influência solar externa na formação da nação e da intelectualidade brasileira estaria em vigor ainda nos séculos XIX e XX.

Certas noções implícitas na obra de Southey transcenderiam os limites da sua época e, através dos positivistas ou herdeiros do idealismo historista dos alemães, persistiriam na historiografia brasileira do século XX, presentes na obra de Gilberto Freyre ou de Oliveira Viana. Nossa motivação inicial, ao abordarmos a obra de Southey, foi o interesse pelo estudo das matrizes ideológicas da historiografia e da consciência nacional.<sup>26</sup>

Pode-se assim compreender porque Dias minimiza as possibilidades de compreensão dos diálogos estabelecidos entre o historiador britânico e suas leituras e traduções de letrados e políticos luso-brasileiros, pois estes, assim como Southey, seriam influenciados pela ideologia expansionista do Império britânico. Através desta perspectiva as ideias ou ideologias são concebidas como produzidas em um centro e irradiadas para a periferia, perdendo-se a dinâmica da circulação. Perante esta unilateralidade, a nação foi concebida como um construto moderno, racionalmente concebido a partir da “influência” britânica, decisiva na formação da intelectualidade brasileira, pois esta absorveria tais ideologias irrefletidamente, o que justificou os pressupostos desmascaradores da pesquisa.

Deve-se ressaltar que em *O Fardo do Homem Branco* Dias analisa com propriedade elementos centrais constitutivos da macronarrativa de formação em vigor na *História do*

---

<sup>24</sup> DIAS, Maria Odila da Silva. **O Fardo do Homem Branco**: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São Paulo: CNN, 1974, p. 45.

<sup>25</sup> Id., 1974, p. 6.

<sup>26</sup> Id., 1974, p. 9. [Grifo nosso]



*Brasil*, como a importância da colonização portuguesa ao estabelecer a mestiçagem e a atuação benéfica dos jesuítas, fatores concebidos como fundamentais para a germinação da civilidade nos domínios portugueses da América.<sup>27</sup> A historiadora também expõe como em grande medida o letrado era cético tanto com relação ao industrialismo em vigor na Inglaterra, quanto à política expansionista britânica centrada na conquista de mercados comerciais.<sup>28</sup> De fato, estas apreciações, que ressaltam como os escritos do letrado foram capazes de relativizar valores ao conceber a importância da experiência histórica colonial portuguesa e criticar a superioridade britânica, em grande medida serão retomadas no capítulo que tematizaremos as significações contemporâneas da *História do Brasil* em meio a letrados britânicos e luso-brasileiros. Todavia, a tese de Dias de forma geral enfatizou os argumentos que denotavam a crença e militância do letrado com relação às demandas expansionistas e civilizadoras do Império britânico, sendo o ceticismo e a dimensão ambivalente dos escritos de Southey colocados em segundo plano perante a normatividade das ideologias solares do Império britânico, que, segundo a autora, vigoraram em sua obra, nas obras dos letrados luso-brasileiros e conseqüentemente atuaram de forma decisiva no processo de formação da nação no Brasil.<sup>29</sup> As próprias enunciações da obra de Dias colocadas em segundo plano, ou não

---

<sup>27</sup> A propósito das perspectivas de Southey sobre a atuação benéfica dos Jesuítas, Dias aborda a questão pormenorizadamente no capítulo 6, intitulado *Catequese e Ideologia de Influência*. A respeito da miscigenação impulsionada pela colonização portuguesa na América, Dias expõe em diversos momentos do livro como Southey conferiu centralidade a esta questão. Nesse sentido: “Constituiu tese central de sua obra que os portugueses, através da mestiçagem, tinham superado quaisquer conflitos de natureza social ou racial. Na sua opinião, era o Brasil bem mais afortunado do que as colônias espanholas, onde as sementes da guerra civil tinham sido lançadas bem cedo pela distinção de castas, que já tinha produzido e ainda acarretaria grandes males”. Id, 1794, p. 275.

<sup>28</sup> O pessimismo de Southey com relação à industrialização e à sociedade comercial foram abordados por Dias com propriedade especificamente nos capítulos 3 e 4, respectivamente intitulados *História e teoria civilizadora e Novos rumos do passado: revolução industrial e tradicionalismo agrário*.

<sup>29</sup> No prefácio escrito ao livro por Sérgio Buarque de Hollanda, a tese de Dias é sintetizada da seguinte forma: “No livro que agora se publica o que sobretudo esteve em vista, e está dito em suas páginas, é fixar um tipo de mentalidade caracterizado pela expressão ‘o fardo do homem branco’ que Kipling celebrou, e que, marcando o Império Britânico do comércio livre, continuaria presente na fase de formação e consolidação do Estado brasileiro. Ele agiria sobre estadistas empenhados na construção da nacionalidade e até sobre nossos pensadores e historiadores de fins do século passado e início do atual. Relendo-o agora, depois de o conhecer ainda em fase de elaboração, e ainda sob forma de tese de concurso, vem-me à lembrança a constante aversão a reformas mais substanciais que marca singularmente a história do Império brasileiro, e parece estar à base do *festina lente* do Segundo Reinado. Herança, talvez, do espírito da Inglaterra pré-vitoriana, diretamente recebida ou por intermédio da monarquia burguesa de Luís Filipe. Recebida, é verdade e mal ou bem absorvida, num país que ainda não tinha nascido para a Revolução Industrial e que não tinha propriamente uma burguesia”. Assim como Dias, Sérgio Buarque de Hollanda compreende que a obra de Southey em grande medida influenciou unilateralmente as elites estrangeiradas do Brasil, o que gerava a contradição provocada pela impossibilidade da adaptação de ideologias estranhas à realidade numa nação na qual o industrialismo e a esfera pública não eram consolidados. Dessa forma, pode-se compreender porque o afã modernista de *Raízes do Brasil* foi mobilizado como epígrafe: “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados e nossa terra”. HOLLANDA, Sérgio Buarque. In: DIAS, Maria Odila da Silva. **O Fardo do Homem Branco**: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São

harmonizadas com a tese geral, que demonstram a vigência das críticas de Southey ao Império e ao projeto de expansão britânico, oportunizam o aprofundamento sobre as descontinuidades e ambivalências em vigor em um pretense projeto de formação nacional em última instância concebido como acabado, coeso e racional.

Para Yoon Sun Lee, em *Nationalism and Irony*, o processo de formação da nação na Grã-Bretanha entre 1790 e 1840 foi marcado por tensões e descontinuidades socioculturais. Em diálogo com os estudos históricos sobre nações e nacionalismos de Anthony Smith, a autora destaca que o processo de formação da nação na Grã-Bretanha foi produto da fusão de múltiplos projetos políticos modernos viabilizadores da coesão da entidade nacional e sua eternização, fenômeno constituído em relação dinâmica com as múltiplas identidades culturais pré-modernas arreadas à consolidação desta totalidade. Para Lee, a lealdade à nação foi constituída a partir da acomodação de interesses de ingleses, irlandeses e escoceses, como de pertencimentos religiosos diversos e tornou-se possível mediante o cultivo e garantia da manutenção das particularidades étnicas ancestrais, por sua vez, equacionadas com os interesses da Grã-Bretanha enquanto uma totalidade. Mediante esta complexidade, a ironia seria um recurso estilístico recorrentemente empregado por autores como Edmund Burke, Walter Scott e Thomas Carlyle, pois através dela era possível equacionar as contradições em um todo coeso. Portanto, para a autora, a ironia foi tanto a consciência da eternidade, quanto do inacabamento da nação; da sua unidade, quanto da sua fragmentação; da sua novidade, quanto da sua ancestralidade.

A ironia poderia revelar e legitimar as conexões entre conhecimentos incompatíveis, sentimentos contraditórios e interesses competitivos. Este estudo explora os diferentes modos em que a conjunção do fervor patriota com a ironia abriu o caminho para os Românticos ver seu próprio nacionalismo como simultaneamente natureza e disfarce, hábito e moda e sua nação como simultaneamente um artefato construído e realidade transcendental. O romantismo britânico poderia assim conceber a si mesmo menos como uma unidade perfeita que uma tensa e tateável convergência de tendências opostas – como uma frágil, imperfeita e heterogênea totalidade mantida unida por uma rede de convenções.<sup>30</sup>

---

Paulo: CNN, 1974, p. XXI, 1. Para o aprofundamento sobre a revisão crítica contemporânea destas perspectivas Cf. PALTÍ, Elias. “Lugares e no lugares de las Ideas en America Latina”. In \_\_. **El tempo de la política: El siglo XIX reconsiderado**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, pp. 259-308. Cf. ARAUJO, Valdeí Lopes de. “O século XIX no contexto da redemocratização brasileira: a escrita da história oitocentista: balanços e desafios”. In: ARAUJO, Valdeí Lopes de. & OLIVEIRA, Maria da Glória de. (orgs). **Disputas pelo Passado: História e Historiadores no Império do Brasil**. Ouro Preto: EdUFOP/PPGHIS, 2012.

<sup>30</sup> LEE, Yoon Sun. **Nationalism and Irony**: Burke, Scott, Carlyle. Oxford: University Press, 2004, p.7. “Irony could reveal and legitimate the connections between incompatible knowledges, contradictory feelings, and competing interests. This study explores the different ways in which the conjunction of patriotic fervor with irony opened the way for Romantic subjects to see their own nationalism as both nature and disguise, habit and fashion, and their nation as both manufactured artifact and transcendental reality. Romantic Britain could thus conceive of itself less as a perfect unity than as a tense, tactful convergence of opposing tendencies—as a fragile, imperfect, and heterogeneous whole held together by a web of convention”. Neste trabalho, todos os

Sendo assim, torna-se pertinente colocar a questão, o que estaria Southey fazendo ao falar sobre Portugal e seu Império na Grã-Bretanha? Ora, apesar da grande retomada dos estudos sobre a obra de Southey nas últimas décadas, poucos foram os autores que abordaram a pregnância comunicativa dos textos deste letrado sobre a história e a literatura do Império Português em meio ao público leitor britânico. Neste particular, destaca-se Stuart Andrews, que explora como seus escritos sobre o Império português foram decisivos nas polêmicas públicas relativas à “Emancipação Católica”, após a efetivação em 1801 do decreto de união entre a Grã-Bretanha e a Irlanda. Southey se opunha à possibilidade dos católicos adquirirem os plenos direitos civis e políticos, pois tais restrições os impediam de assumir cadeiras no parlamento de Westminster. Andrews aponta que esta militância política de Southey - projeto de nação oposto aos interesses de católicos ingleses e irlandeses – era levada a cabo tanto em debates promovidos em resenhas, traduções, quanto também em suas obras. O autor expõe como nas edições da obra *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, Southey apresentou o catolicismo como uma ameaça ao desenvolvimento das nações ao descrever o estado deplorável que a Península Ibérica se encontrava. A influência de instituições religiosas repletas de monges e freiras improdutivos era apontada como a principal causa da decadência ibérica, podendo isto ser comprovado com relação a Portugal através de um manuscrito de Dom Luis da Cunha (1662-1749), traduzido e editado por Southey.<sup>31</sup>

Se Portugal era um exemplo a não ser seguido pela Grã-Bretanha, tornando-se necessário evitar a “Emancipação Católica”, Southey não podia deixar de apontar os caminhos que deviam ser seguidos por aquele Império para a superação da sua decadência. Nesse sentido, Andrews aponta como Southey assumiu posicionamentos em relação aos projetos de nação a serem conduzidos no Império português a partir dos escritos de Hipólito da Costa (1774-1823):

Como um resenhista, ele decidiu que Portugal necessitava de três coisas: ‘a supressão da Inquisição, a execução das leis e a restauração da completa liberdade do governo’. Ele adicionava um comentário que parecia tão alarmante em seus próprios dias como no nosso: ‘Que o governo livre sobre uma monarquia absoluta não é impossível, o que é mostrado por alguns excelentes ensaios sobre a questão no Correio Brasiliense, no qual um paralelo é feito entre as constituições inglesas e portuguesas, que talvez

---

excertos em língua inglesa serão traduzidos para facilitar a fluência da leitura. Tanto as citações destacadas do corpo do texto quanto aquelas com mais de três linhas serão traduzidas. Para evitar o excesso e extensão das notas, os excertos de apenas uma ou duas linhas originalmente em língua inglesa serão apresentados no corpo do texto em português entre aspas. A grande maioria das fontes primárias analisadas nos capítulos 1, 2, 3 e 4 foram consultadas online, em especial nos sites <http://archive.org> e <http://books.google.com.br>, o que possibilita o acesso direto dos leitores.

<sup>31</sup>ANDREWS, Suart. **Robert Southey**: History, politics and religion. New York: Palgrave, 2011, p. 32-35.

surpreenderiam um leitor inglês tanto quanto isto deve gratificar os patriotas portugueses'.<sup>32</sup>

Com relação à civilização do Brasil, Southey lamentava o fato dos jesuítas terem sido expulsos dos domínios do Império português, já que estes eram responsáveis por humanizar os selvagens indígenas. No entanto, o autor mostra com clareza como “a admiração de Southey pelos jesuítas foi tingida com um toque de ironia”.<sup>33</sup> Para Southey, os jesuítas tornaram possível a humanização e não a ilustração dos indígenas na América, já que a “agenda evangélica se misturaria com a fé religiosa supersticiosa”.<sup>34</sup> Segundo Andrews, a dualidade da argumentação de Southey deve ser compreendida em face às polêmicas a propósito da “Emancipação Católica”, pois o letrado, ao buscar evitar a ascensão de católicos ao parlamento, condenava o aumento do número de monastérios na Inglaterra.<sup>35</sup> Portanto, se os jesuítas poderiam favorecer o avanço e humanização dos selvagens no Brasil, impulsionariam, por outro lado, a expansão da superstição na Grã-Bretanha. Ao abordar os textos de Southey sobre o Império português, o autor explora como este letrado estava envolvido simultaneamente em múltiplos e interconectados projetos nacionais.

A questão da “Emancipação Católica” para Stuart Andrews se constitui enquanto uma dimensão do seu empreendimento contextualizador. Mediante estes debates, o autor explora como na Grã-Bretanha um senso de recorrência histórica se constituía em face à possibilidade da reinstauração das guerras de religião. Tanto os polemistas católicos, quanto os polemistas protestantes eram a favor da liberdade do culto doméstico, ou seja, da tolerância religiosa assegurada pelo Estado, sendo a supressão das guerras de religião vista como um avanço. Porém, os polemistas católicos apontavam que a paz efetiva só seria possível com a concessão integral de direitos políticos e civis aos católicos. Os polemistas protestantes rejeitavam esta possibilidade, apontando que na primeira oportunidade os católicos instaurariam novamente um estado de barbaridade com a volta das guerras de religião. Andrews demonstra, a partir da obra de Southey, como na Grã-Bretanha entre 1790 e 1840 um senso de recorrência histórica colocava limites estruturais à retomada empática do passado como uma totalidade orgânica, pois os polemistas protestantes apontavam as atrocidades realizadas por católicos desde o

---

<sup>32</sup> Id., 2011, p. 57. “As reviewer, he decides that Portugal needs three things: “the suppression of the Inquisition, the execution of the laws, and the restoration of the whole free government.” And he adds a comment that would seem as startling in his own day as it does in ours: “That free government under an absolute monarchy is no impossibility, is shown by some excellent essays on the subject in the *Correio Braziliense*, wherein a parallel is drawn between the English and Portuguese constitutions, which would perhaps surprise an English reader as much as it must gratify a Portuguese patriot (QR 6: 356–7)”.

<sup>33</sup> Id., 2011, p. 66.

<sup>34</sup> Id., 2011, p. 66.

<sup>35</sup> Id., 2011, p. 27

século XIII, perpassando os reinados de Mary I no século XVI e dos Stuarts no XVII.<sup>36</sup> Em contrapartida os polemistas católicos culpavam os protestantes pelo desencadeamento das guerras de religião nos séculos XVI e XVII, dando ênfase à cruel atuação de Cranmer e Elizabeth I.<sup>37</sup> Com efeito, o autor explora como este senso de recorrência histórica era retroalimentado pela própria exaltação em vigor na linguagem dos debatedores, que em muitas ocasiões não atendiam os ditames da polidez.<sup>38</sup>

Seguindo Andrews, constata-se que a possibilidade do retorno do tempo na Grã-Bretanha, do passado negativo, se constituiu também em relação à experiência da história, que se atribuía em vigor nos domínios do Império português, especialmente no reino. Analogamente, estudos recentes têm explorado como a experiência da história de Portugal se constituiu enquanto variável decisiva na formulação de múltiplos projetos historiográficos e de nação em vigor no mundo luso-brasileiro entre 1808 e 1840. Em *A Experiência do Tempo*, Valdeci Lopes de Araujo explora como a formação da nação no Brasil se deu enredada em conceitos e narrativas que associavam a experiência da história de Portugal à decadência e ao atraso, simultaneamente, à associação do Brasil ao progresso. A propósito dos escritos de José Bonifácio (1763-1838), Araujo expõe como em um período de crise da legitimidade das relações entre metrópoles e colônias o reformismo português projetava a manutenção da unidade do Império. Nestes projetos, o território do Brasil assumia posição de destaque. Em um primeiro momento, Araujo explora como Bonifácio, secretário da Academia Real de Ciências de Lisboa, almejava a *restauração* do Império português a partir do reino, sendo o estabelecimento de relações mais harmônicas entre as partes do Império fundamental para a manutenção da soberania. Após a instalação da Corte no Brasil, em 1808, Araujo ressalta o esgotamento deste projeto de *restauração*, tendo em vista a multiplicação de narrativas que identificavam o agravamento do atraso e a decadência de Portugal após as Invasões Napoleônicas. A liberdade de imprensa, a abertura dos portos e a instalação de uma estrutura administrativa visando o recebimento da Corte potencializariam a formulação de projetos de *regeneração* do Império centrados no Brasil. Estes projetos, após o fim das guerras napoleônicas, foram uma alternativa aos projetos de *restauração* Imperial centrados no reino de Portugal. Com efeito, a propósito do projeto de regeneração de Bonifácio, Araujo expõe que “a forma mais imediata de realizar os princípios do século parecia ser abandonar o Velho Mundo e tentar novos espaços, vazios de passado e receptivos aos benefícios do novo mundo

---

<sup>36</sup> Id., 2011, p. 49-54.

<sup>37</sup> Id., 2011, p. 16.

<sup>38</sup> Id., 2011, p. 79-100.

de ciência e civilização”.<sup>39</sup> Assim, “os homens do Velho Mundo poderiam encontrar novas energias”<sup>40</sup>, pois:

O Novo Mundo tinha ainda a vantagem de não ter de suportar o desgaste de um passado de obscurantismo e preconceito. Sendo os produtos da razão aplicáveis universalmente, eles poderiam migrar e orientar os novos povos sem que fosse necessário repetir os erros de um processo histórico marcado por constantes retrocessos e hesitações.<sup>41</sup>

A aceleração do tempo e o deslocamento da normatividade do passado após 1808 foram fatores decisivos para a multiplicação de identidades políticas e abertura dos horizontes de expectativas para a fragmentação do Império na conjuntura de 1821 e 1822<sup>42</sup>, período no qual se processou a sistematização na cultura história luso-brasileira de narrativas que antagonizavam metrópoles e colônias.<sup>43</sup> Com a fragmentação do Império português, os letrados e políticos engajados na formação de um novo Império conceberiam a Independência como um novo tempo, emancipado de um passado imerso na obscuridade, sendo possível, a partir de então, o empreendimento de operações historiográficas engajadas no desvelamento do gênio da nação, da sua individualidade, constituída em relação aos aspectos positivos e negativos legados pela obscura herança lusitana.<sup>44</sup>

A modernização da experiência da história no mundo luso-brasileiro e formação da nação no Brasil também foi tematizada por Bruno Diniz Silva e Flávia Florentino Varella. Ambos os autores analisam respectivamente a partir das obras de José da Silva Lisboa (1756-1835), o Visconde de Cairu, e, do historiador e comerciante britânico John Armitage (1807-1856), como a distância histórica entre Portugal e Brasil foi equacionada após a separação política em 1822. Na dissertação de mestrado, *Da Restauração à Regeneração*, Bruno Silva analisa a obra *História dos Principais Sucessos Políticos do Império do Brasil*, solicitada a Cairu por Dom Pedro I (1798-1834), cujo primeiro volume foi publicado em 1825. O autor explora como as obras de Cairu eram mobilizadas por conceitos, linguagens e narrativas em vigor em obras de autores estrangeiros, em especial historiadores britânicos como Edward

---

<sup>39</sup> ARAUJO, Valdei Lopes. **A Experiência do Tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira** (1813-1845). São Paulo: Hucitec, 2008, p. 73.

<sup>40</sup> Id., 2008, p. 73.

<sup>41</sup> Id., 2008, p. 69.

<sup>42</sup> Cf. ARAUJO, Valdei Lopes de & PIMENTA, João Paulo. “História”. **Ler História**. V. 5. Lisboa, 2008, p. 83-96.

<sup>43</sup> SANTOS, Cristiane Camacho. **Escrevendo a história do futuro: A leitura do passado no processo de Independência do Brasil**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, *passim*.

<sup>44</sup> ARAUJO, Valdei L. Op. Cit., 2008, p. 155-6.

Gibbon (1737-94), David Hume (1711-76), William Robertson (1721-93) e Southey.<sup>45</sup> Contudo, Bruno Silva não procura desvelar as possíveis “influências” que possibilitaram a Cairu a composição da obra e sim como o historiador baiano adaptou recursos discursivos antigos e modernos de circulação transatlântica para a narrativa da história do novo Império.<sup>46</sup> Nesta obra, Cairu narrou a importância formativa da herança positiva lusa, responsável por lançar os fundamentos da civilização ao legar a língua, a religião e uma tradicional dinastia ao novo Império, como simultaneamente desvelou a opressão dos 300 anos de colonização, guiada pelo “espírito de conquista”, inibidor da tolerante sociabilidade das nações civilizadas pelo comércio, que floresceu no Brasil em 1808. A partir desta perspectiva dual, Cairu exaltava a continuidade com a herança lusa materializada em Dom Pedro I, ao passo que atribuía a Independência à “culpa” dos “arquitetos de ruínas” reunidos nas Cortes de Lisboa, que almejavam reinstaurar o “espírito de conquista” e recolonizar o Brasil. Para a realização deste empreendimento, Cairu tomou como epígrafe um trecho da *História do Brasil* de Southey, obra que o historiador baiano considerou um farol, tendo em vista os desafios de equilibrar a positividade e a negatividade da herança lusa na civilização do Brasil.<sup>47</sup>

Uso oposto foi dado a esta obra pelo comerciante e historiador britânico John Armitage, pois este letrado esteve engajado em um projeto político historiográfico que visava a ampliação da distância histórica entre Brasil e Portugal. Na dissertação, *Da Impossibilidade de se Aprender com o Passado*, Flávia Varella expõe como Armitage, em sua *História do Brasil*, publicada em inglês em 1836 e traduzida para o português em 1837, narrou a história contemporânea da recente nação tendo como eixo a linguagem sentimental do humanismo comercial, que problematizava a atuação dos rudes, belicosos, atrasados e estagnados portugueses na colonização do Brasil. Segundo Varella, Armitage narrou o desenrolar da sociedade brasileira desde 1808 até a abdicação de D. Pedro I, reivindicando que sua obra era a continuidade da *História do Brasil* de Southey. Assim, Armitage ressaltou os aspectos opressores da colonização portuguesa, com o intuito de demonstrar que D. Pedro I teria abdicado por ter dado prosseguimento ao despotismo belicista e medieval característico de Portugal.<sup>48</sup> Segundo Varella, esta resistência à herança lusa se constituiu em meio ao

---

<sup>45</sup> SILVA, Bruno Diniz. **Da Restauração à Regeneração**: Linguagens políticas em José da Silva Lisboa (1808-1830). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010, p. 78-84.

<sup>46</sup> Id., 2010, p. 50, 51, 79 e 80. A visualização desta simultaneidade de usos de recursos linguísticos pode ser conferida nos gráficos apresentados pelo autor.

<sup>47</sup> Id., 2010, p. 78.

<sup>48</sup> VARELLA, Flávia Florentino. **Da Impossibilidade de se Aprender com o Passado**: sentimento, comércio e escrita da História na *História do Brasil* de John Armitage. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de

acirramento das identidades políticas durante as décadas de 20 e 30 no Brasil, já que Armitage viveu no Rio de Janeiro e estabeleceu relações com letrados e políticos liberais moderados, agrupados em torno da *Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional*, como Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), Evaristo da Veiga (1799-1837), Justiniano José da Rocha (1812-62) e Frederico César Burlamaque (1803-66).<sup>49</sup>

Estas dinâmicas historiográficas não circunscritas a limites nacionais também foram exploradas por Bruno Medeiros na dissertação *Plagiário, à maneira de todos os historiadores*. Ao analisar as tradições historiográficas antigas e modernas enredadas às obras de Alphonse de Beauchamp (1767-1832), o autor explora como a *Histoire du Brésil* (1815) composta pelo historiador emergiu na França em um contexto político no qual a memória sobre a Revolução Francesa estava em disputa. Ao narrar a história circunscrita aos domínios do Império português, Beauchamp pretendia contribuir para a manutenção das Monarquias europeias e fazer um contraponto às revoluções na América Espanhola. Ao se comprometer com a escrita da história buscando “eternizar a memória contemporânea” ao reduzir a complexidade dos eventos, Beauchamp se opunha aos compositores de romances históricos e histórias filosóficas, pois estes deslocavam a função exemplar do relato do historiador do presente.<sup>50</sup> Todavia, Medeiros não restringe suas análises ao contexto discursivo em vigor na França e explora os efeitos desencadeados por esta obra nos limites territoriais do Império português, antes e após sua fragmentação.

O autor destaca que a obra de Beauchamp começou a ser traduzida para o português na oficina tipográfica de Desidério Marquês de Leão, em 1817, e foi recebida positivamente tanto pelos tradutores quanto pelo periódico *Investigador Português* editado na Inglaterra, pois estes “consideravam o Brasil como a possibilidade do Império português recuperar seu espaço entre as potências europeias”.<sup>51</sup> Esta recepção positiva pelos letrados portugueses se devia ao envolvimento da *Histoire du Brésil* com o campo semântico em vigor nas obras de autores como Raynal (1713-96) e De Pradt (1759-1837). Estes autores ressaltavam as potencialidades regeneradoras da América perante o declínio não somente de Portugal, mas de

---

Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011, p. 78, 92.

<sup>49</sup> Id., 2010, p. 84.

<sup>50</sup> MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário à maneira de todos os historiadores**: Alphonse Beauchamp e a escrita da história na França nas primeiras décadas do século XIX. Dissertação de Mestrado: USP, 2011, p. 15-34. Esta dissertação de mestrado foi lançada recentemente como livro Cf. MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário, à maneira de todos os historiadores**. São Paulo: Paco Editorial, 2013.

<sup>51</sup> Id., 2011, p. 54.



toda a Europa, o que viabilizou a ressignificação das suas enunciações às demandas de manutenção da unidade Imperial pelo reformismo luso-brasileiro.<sup>52</sup>

Entretanto, posteriormente à fragmentação do Império português, Medeiros explora como o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-78) rechaçou a obra de Beauchamp ao acusá-lo de plagiário, devido a sua ligação com os pressupostos memorialistas da história contemporânea. A condenação de Beauchamp por plágio foi feita por Southey no segundo tomo da *História do Brasil* (1817), obra avaliada positivamente por Varnhagen, que admirava o historiador britânico por “seguir o uso de todos os historiadores modernos”.<sup>53</sup> Varnhagen retomou a condenação de Beauchamp por Southey com o intuito de reprovar o *Compêndio da História do Brasil* (1843) de Abreu e Lima (1794-1869), pois o general teria seguido, assim como fazia Beauchamp, os pressupostos memorialistas da história contemporânea, identificados à prática de plágio. Dessa forma, se Beauchamp e Southey apresentavam posicionamentos políticos semelhantes ao escreverem suas respectivas *Histórias do Brasil*, se opondo às revoluções na Europa e na América, para Varnhagen, a positividade da composição historiográfica devia ser atestada pelos métodos de erudição empregados. Além de seguir Beauchamp, um grande equívoco do *Compêndio* de Abreu e Lima foi deixar dúvidas sobre a existência de uma literatura nacional autônoma, o que Varnhagen buscou certificar documentalmente em sua *História Geral do Brasil* (1854-57) ao narrar o sucesso dos portugueses em legar os bens civilizacionais ao Brasil. A *História do Brasil* de Southey, era considerada por Varnhagen uma propedêutica à sua obra<sup>54</sup>, pois além de empregar a erudição moderna, fazia justiça histórica à civilização do Brasil pelos portugueses.<sup>55</sup>

Dessa forma, Bruno Medeiros, Valdeci Araujo, Flavia Varella e Bruno Silva exploram como múltiplas tradições historiográficas coexistiram em oposição e complementaridade, em um contexto cosmopolita de consolidação da dinâmica e multifacetada experiência moderna da história, cuja exposição em narrativas holísticas estava submetida a critérios de validação eruditos e a imaginação retrospectiva. Com efeito, os autores exploram como a modernização da história no mundo luso-brasileiro emergiu envolvida em múltiplos e coexistentes projetos de nação forjados entre Portugal, Brasil, França e Grã-Bretanha, sendo estes constituídos em relação dinâmica à experiência colonial ligada à “obscura” origem lusa.

---

<sup>52</sup> Id., 2011, p. 49.

<sup>53</sup> Id., 2011, p. 93.

<sup>54</sup> Para ampliar esta discussão Cf. CEZAR, Temístocles. O poeta e o historiador. Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX. **História Unisinos**. Vol. 11. Nº3, Setembro/ Dezembro, 2007, p. 306-12.

<sup>55</sup> MEDEIROS, Bruno F., Op. Cit., p. 86-97.

A partir da comparação do trabalho de Stuart Andrews com os estudos no âmbito da história da historiografia brasileira abordados, percebe-se que a experiência da história de Portugal era um assunto ambivalente em âmbitos mundiais. Southey, como Andrews expõe, mobilizou a experiência da história de Portugal como um contraexemplo, tendo em vista os debates a propósito da “Emancipação Católica”. No entanto, como Andrews também identifica, Southey foi um leitor de letrados luso-brasileiros e ressaltou paralelos históricos entre Portugal e a Grã-Bretanha, destacando a partir de Hipólito as semelhanças entre a antiga constituição portuguesa e a britânica. Assim, se Southey ressaltava os aspectos negativos da história de Portugal, igualmente, aspectos positivos podiam ser destacados com o intuito de impulsionar projetos regeneradores desta nação. No mundo luso-brasileiro, como apontado, Cairu e Varnhagen encontraram em Southey, de formas distintas, o equilíbrio a ser dado a respeito da importância formativa de Portugal para o Brasil. Ao passo que Armitage, contemporaneamente, partiu de Southey para rejeitar o legado português nos desafios da formação do novo Império.

Como Valdeci Araujo apresenta, a partir de Bonifácio, as duras críticas que letrados e políticos portugueses submeteram a própria história, ou seja, a constatação da inadequação do presente e do passado às exigências de progresso civilizacional como alcançados por outras nações europeias, foi um fator decisivo para a abertura de horizontes de expectativas viabilizadores da fragmentação do Império português. Para Bonifácio, parecia ser impossível dar “nova força e energia a povos envelhecidos e defecados”<sup>56</sup>, já que Portugal se apresentava como a contra-imagem do progresso. Taise Silva aborda como estas tensões foram sentidas no reino. A autora explora como os projetos historiográficos gestados no seio da Academia Real de Ciências de Lisboa foram decisivos para o agravamento das crises em Portugal. Em *Operações da Razão Discreta* a autora explora os procedimentos de crítica erudita e projetos de composição historiográfica em vigor na Academia Real de Ciências de Lisboa, especialmente a partir dos escritos de João Pedro Ribeiro (1758-1839), do Abade José Correa da Serra (1750-1823) e de Antônio Caetano do Amaral (1747-1819). A autora coloca em destaque como o objetivo inicial dos acadêmicos de assegurar e projetar no futuro o progresso da Monarquia tencionava com as prospecções historiográficas em perspectiva diacrônica.

A experiência ilustrada, no final do século XVIII, ao manipular os elementos-chave na legitimação do absolutismo, levou parte da elite portuguesa a constituir uma consciência inédita sobre os fundamentos da experiência social. A determinação dessa consciência foi uma decorrência do empenho, daquela elite, para superar o atraso do reino. Empenhados em romper com uma tradição que, conforme se acreditava,

---

<sup>56</sup> ARAUJO, Valdeci L., Op. Cit., p. 66.

adulterava o gênio português, levaram a cabo uma reflexão que, com a irrupção dos fatos políticos da primeira metade do século XIX, passou a ser manipulada a serviço da crítica ao regime.<sup>57</sup>

Segundo Silva, o agravamento desta consciência de crise não era intenção dos membros da Academia, já que “o inimigo primeiro da monarquia portuguesa era a ignorância da história, a falta de ciência e, com ambas, o patriotismo exíguo”. A fomentação do “bem-comum” movia as empreitadas historiográficas, e a elevação das “letras nacionais” eram concebidas como uma forma de gerar condições para a melhoria de Portugal. Assim, para “promover o progresso do reino, o projeto ilustrado identificou dois objetos centrais: o de descobrir o gênio português e o de salvuardá-lo”.<sup>58</sup> Entretanto, Silva expõe a face subversiva da prospecção historiográfica ilustrada dos Acadêmicos, que apesar de estarem a serviço da monarquia, não pretendiam compor panegíricos de príncipes e monarcas.<sup>59</sup> Ao retomarem o passado, diferenciarem épocas e identificarem as causas da decadência e atraso de Portugal, os acadêmicos colocavam as instituições nacionais sobre o crivo da crítica. Assim, se em princípio o projeto era reformar as instituições decadentes, atualizá-las ao presente, letrados e políticos liberais tomariam estes estudos como justificativas históricas para a constituição de projetos de nação opostos à permanência da Monarquia.<sup>60</sup>

Essa atitude reativa à própria história associada ao atraso e a decadência pelos membros da elite letrada portuguesa, deve ser entendida, como aponta Sérgio Campos Matos, “en estrecha vinculación con culturas de importación, especialmente con las culturas francesa, inglesa e alemana”, tendo em vista que “un número significativo de intelectuales portugueses, designados equivocadamente como ‘estrangeirados’ (Macedo, 1974), viveron temporalmente (e incluso la maior parte de sus vidas) en otros países da Europa (Francia, Inglaterra), donde en gran medida, se formaron intelectualmente”.<sup>61</sup> A identificação destes letrados com a cultura histórica em vigor em outras nações possibilitou a solução imediata da carência em relação à inexistência de uma história filosófica de Portugal, pois a do membro da Academia Real de Ciências de Lisboa Antonio Caetano do Amaral ficou só em projeto, enunciado em 1780: “En las primeras décadas del siglo XIX, la inexistência de una historia general de Portugal

---

<sup>57</sup> SILVA, Taise Tatiana Quadros da. **Maquinações da Razão Discreta**: Operação historiográfica e experiência do tempo na Classe de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1814). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010, p. 193.

<sup>58</sup> Id., 2010, p. 194.

<sup>59</sup> Id., 2010, p. 160.

<sup>60</sup> Id., 2010, p. 195, 199.

<sup>61</sup> MATOS, Sérgio Campos. “História – Portugal”. **Diccionario político y social del mundo iberoamericano**. Conceptos políticos en la era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina, 2009, pp. 666-680, p. 666.

atualizada obrigava a que recorresse a obras estrangeiras, francesas (Rabbe, 1836), inglesas (História de Portugal composta em inglês..., 1828<sup>62</sup>) y alemanas (Schaefer, 1842-1847)<sup>63</sup>. Ora, a própria circulação de letrados portugueses pela Europa e a tradução de obras estrangeiras pelos acadêmicos, como o interesse de estrangeiros pela história de Portugal, nos sugere que a experiência moderna da história desta nação emergiu envolvida em significações plurais e conflitantes, devido a sua mobilização em múltiplos contextos.

Estas significações plurais e conflitantes permearam o desafio historiográfico de Southey de composição de uma história filosófica e erudita de Portugal e os múltiplos efeitos produzidos pela sua *História do Brasil* são indícios que os conceitos, linguagens e narrativas do letrado britânico estavam envolvidos contemporaneamente em horizontes discursivos polissêmicos. Em *Gothic Romanticism*, Tom Dudgeett explora como estes horizontes discursivos polissêmicos vigoraram nas enunciações de William Wordsworth (1770-1850), Samuel Coleridge (1772-1834) e Southey. O autor expõe como se consolidou na Grã-Bretanha no século XVIII uma autoconsciência das origens góticas de toda a Europa. Esta autoconsciência gótica se expandiu após os combates de Edmund Burke (1729-97) à Revolução Francesa, que para o letrado, significou uma violação às tradições ancestrais, aos costumes e maneiras de toda a Europa<sup>64</sup>. Esta autoconsciência gótica mobilizou Wordsworth, Coleridge e Southey na luta contra a França no período das Guerras Peninsulares (1807-14). A união com Espanha e Portugal na luta contra a França se justificava perante a necessidade de regenerar as tradições góticas ameaçadas pelo “tirano”, “vilão” e “traidor” Napoleão. Segundo Dudgeett, Southey se engajou nas guerras Peninsulares através da tradução de romances de cavalaria ibéricos, que estavam envolvidos no empenho do letrado de trazer ao presente as tradições góticas ancestrais.

Em agosto de 1808, no momento em que as tropas britânicas prestavam auxílio em Portugal, Southey publicou sua ‘Crônica de Cid’, uma tradução e redação de uma série de textos medievais sobre o herói hispânico, e Southey afirmava, um ‘belo [texto] para tocar sobre’ a ‘presente questão espanhola’ (SOUTHEY, 1855: 245). O Cid contém uma ‘Cena nas Cortes’ que Coleridge pronunciou ‘superior a qualquer parte de qualquer poema épico, salvo o Paraíso Perdido’, com suas narrativas ‘profundas, brilhantes, das sempre contidas paixões’ do herói hispânico (CLSTC, III: 136), e Southey esperava que o poema, a ‘mais antiga e mais curiosa peça de história de

---

<sup>62</sup> Destaca-se que a primeira edição desta obra é de 1788, sendo seguida por reedições em 1802, 1809, 1825 e 1828.

<sup>63</sup> Id., 2009, p. 671. Para um aprofundamento destas questões na cultura histórica e tradição historiográfica portuguesa em uma perspectiva de longa duração Cf. MATOS, Sérgio Campos. “History of Historiography and National Memory in Portugal”. *History Compass*. Volume 10, Issue 10, pages 765–777, October 2012.

<sup>64</sup> DUGGETT, Tom. *Gothic Romanticism: Architecture, politic, and literary form*. New York: Palgrave, 2010, p. 110.

cavalaria em existência’, desempenharia algum serviço no socorro da presente ‘cruzada’ constitucional’ contra Napoleão (SOUTHEY, 1855, 226: 236-45).<sup>65</sup>

Através das crônicas de Cid, Southey pretendia recuperar as maneiras e costumes Peninsulares e iniciar sua *História de Portugal*, tendo em vista que o fundador da monarquia portuguesa, Afonso Henriques, era contemporâneo das façanhas do herói hispânico. No entanto, o uso pragmático desta tradução, como ressaltado por Tom Dudgeon, foi a recuperação das virtudes cavaleirescas e constitucionais dos povos ibéricos na luta contra Napoleão. Apesar de destacar a dimensão simpática à autoconsciência das origens góticas de toda Europa pelos letrados britânicos, Dudgeon aponta que vigorou simultaneamente uma “linguagem gótica pejorativa”. A partir de Wordsworth, o autor explora como para o poeta a tirania de Napoleão era concebida como mais prejudicial à Europa que a degenerada origem gótica ibérica. Assim, a regeneração da última apresentava-se como uma possibilidade menos negativa. Perante a degeneração provocada pelo despotismo das monarquias e pela superstição católica em vigor na Península, “[...] os bretões tornavam-se o gótico purificado e reinventado da idade moderna”.<sup>66</sup> Segundo Dudgeon, Wordsworth estava consciente desta polissemia, que cercava as origens góticas e impossibilitava uma aproximação plenamente simpática a Portugal e Espanha. Entretanto, as polêmicas a respeito da “Emancipação Católica” tornavam necessária a comprovação histórica da instabilidade do catolicismo em instituir a liberdade civil.<sup>67</sup> Contudo, apesar da degeneração de Portugal e Espanha, para Wordsworth era possível transformar instrumentos de erro em virtude, a partir do resgate do espírito e do gosto dos antigos e adaptação dos mesmos ao gênio dos homens do presente.<sup>68</sup>

Para Dudgeon, a emergência desta autoconsciência gótica não viabilizou uma retomada harmônica e orgânica do passado, tendo em vista a multiplicidade de significações associadas às origens góticas, que eram temidas em suas potencialidades destrutivas. O autor destaca que o “período romântico” ou “período gótico” se constituiu “assustado por todos os lados por um senso de recorrência histórica, e marcado totalmente por uma guerra ideológica entre passado

---

<sup>65</sup> Id., 2010, p. 122. “In August 1808, at the very moment British troops were committed in Portugal, Southey published his *Chronicle of the Cid*, a translation and redaction of a range of medieval texts on the Spanish hero, and, Southey claimed, a “fine [text] for touching upon” the “present Spanish affairs” (Southey 1855, 245). The *Cid* contained a “Scene in the Cortes” that Coleridge pronounced “superior to any equal Part of any Epic Poem, save the *Paradise Lost*,” with its depiction of the “deep, glowing, yet ever self-controlled, Passion” of the Spanish hero (CLSTC III, 136), and Southey hoped that the poem, the “most ancient and most curious piece of chivalrous history in existence,” would perform some service in helping on the present constitutional “crusade” against Napoleon (Southey 1855, 226, 236–45).”

<sup>66</sup> Id., 2010, p. 121.

<sup>67</sup> Id., 2010, p. 121.

<sup>68</sup> Id., 2010, p. 122-4.

e futuro, entre religiosidade e ateísmo”<sup>69</sup>. Dudgeett situa o surgimento desta autoconsciência gótica na Europa em meados do século XVIII, destacando os estudos do antiquário suíço Paul-Henri Mallet (1730-1807), autor de um tratado sobre as origens nórdicas dinamarquesas, publicado entre 1755 e 1756. Este tratado foi traduzido para o inglês por Tomas Percy (1729-1811), em 1770, e recebeu o título de *Northen Antiques*. Segundo Dudgeett, o tratado foi tomado como fonte por Gibbon em *Decline and Fall of the Roman Empire* (1776-88) e Wordsworth em poemas como *The Prelude* e *Norse God Odin*, pois nestas obras os autores abordaram como os góticos destruíram o Império Romano e levaram a cabo a formação da Europa.<sup>70</sup>

Ao situar o surgimento desta autoconsciência das origens góticas nas pesquisas antiquárias setecentistas, Dudgeett possibilita uma compreensão alargada das continuidades e discontinuidades discursivas que permearam os séculos dezoito e dezenove. Tendo em vista a complexificação das análises sobre a cultura histórica setecentista, J. G. A. Pocock, na série *Barbarism and Religion*, explora como se constituiu no século XVIII uma macronarrativa ilustrada capaz de traçar os progressos de toda a Europa ao longo do medievo até a emergência da Europa comercial contemporânea. Esta narrativa ganhou distintos contornos nas obras de historiadores e filósofos como Voltaire (1694-1778), Raynal, Pietro Gianonne (1676-48), Edward Gibbon, David Hume, Adam Smith (1723-90), William Robertson e Adam Ferguson (1723-1816).<sup>71</sup>

Pocock explora a constituição desta macronarrativa ilustrada a partir da obra de Gibbon, *Decline and Fall*, colocando em destaque como este historiador não prescindiu da erudição antiquaria, da filosofia ilustrada e da estética classicista de Tácito para constituir sua explicação holística da formação da Europa perpassando a antiguidade e o medievo.<sup>72</sup> Segundo Pocock, Gibbon estava enredado nos horizontes discursivos do iluminismo escocês, que identificava quatro etapas sucessivas pelas quais o processo histórico evoluía teleologicamente, a saber, a era dos caçadores e coletores, a era dos pastores, a era dos agricultores e finalmente a era comercial.<sup>73</sup> Desse modo, o autor explora como Gibbon e seus contemporâneos italianos, franceses, escoceses e ingleses estavam mobilizados por esta concepção etapista e progressista da história, imersa simultaneamente na compreensão da atemporalidade da natureza humana e na ideia de decadência.

---

<sup>69</sup> Id., 2010, p. 3.

<sup>70</sup> Id., 2010, p. 127.

<sup>71</sup> POCOCK, J. G. A. Op. Cit., 1999b, *passim*.

<sup>72</sup> POCOCK, J. G. A. Op. Cit., 1999b, *passim*.

<sup>73</sup> POCOCK, J. G. A. Op. Cit., 1999b, p. 309-330.

A decadência manifestava-se enquanto uma possibilidade perante o enredamento entre presente e passado. O presente, concebido como polido e enriquecido pelo comércio, tornou-se possível devido a gradativas mudanças iniciadas no passado. O surgimento da Europa comercial lançava suas raízes nas invasões dos povos bárbaros ao Império romano. Estes “rudes” e “ferozes” “homens do norte” teriam sido decisivos para deslocar a corrompida “virtude militar republicana” narrada por Tácito e iniciarem um longo processo de transformação cultural ao possibilitarem o surgimento de uma nova era, a era do “barbarismo e da religião”. Esta era, também conceituada como a era do “milênio cristão”, apesar de ser marcada pela brutalidade, fragmentação política e fanáticas guerras de religião que chegaram ao século XVII, foi fundamental para o desenvolvimento da agricultura e aumento da produção de alimentos, para a ampliação das trocas de bens culturais em escalas global, para o desenvolvimento da literatura e surgimento da economia de crédito.<sup>74</sup> Assim, Pocock expõe como a macronarrativa ilustrada de formação, em vigor na obra de Gibbon, era simultaneamente autocongratulatória e autocondenatória, pois as origens bárbaras estavam marcadas tanto por elementos formativos, quanto destrutivos, em um contexto no qual as heranças dos “rudes homens do norte” tornavam-se tão importantes quanto às legadas pelos antigos.

Neste cenário o ‘Gótico’ – por último e menos felizmente o ‘Teutônico’ - ou seja, os bárbaros, vieram desempenhar um papel central na filosofia política e moral, na história da Europa como os escritores neolatinos de história vieram a perceber. Rude e alheio aos romanos, eles vieram a possuir para o europeu o que Gibbon chamou uma significância ‘doméstica’. Quem foram os bárbaros? Eles são nós mesmos. Primeiramente a liberdade veio a ser confrontada e reconciliada com a lei romana e o antigo problema do *libertas et imperium* foi reestabelecido. Neste processo o estabelecimento dos bárbaros e reinos feudais de livre possessão regulada pela lei desempenhou uma parte central, e pelo tempo de Gibbon isto tinha sido debatido por mais de dois séculos, isto é, o quanto isto tinha sido uma aquisição da lei romana, o quanto tinha sido uma aquisição dos livres costumes de francos, saxões, batavos ou góticos. O debate foi infundável e irresoluto, sendo esta a sua força.<sup>75</sup>

A pregnância desta relação dual com as origens góticas ou bárbaras se estenderia ao longo das décadas posteriores. Para Robert Miles, a valorização das origens góticas tomou impulso decisivo a partir da resistência de Edmund Burke à Revolução Francesa, pois este

---

<sup>74</sup> Id., 2005, p. 37-65.

<sup>75</sup> Id., 2005, p. 13. “In this scenario the ‘Gothic’ – later and less happily the ‘Teutonic’ – barbarians came to play a pivotal role, both in political and moral philosophy and in the history of Europe as neo-Latin historical writers came to perceive it. Uncouth and alien to Romans, they came to possess for Europeans what Gibbon once called a ‘domestic’ significance. Who were the barbarians? They are ourselves. Primeval liberty came to be confronted and reconciled with Roman law, and the ancient problem of *libertas et imperium* was restated. In this process the establishment in the barbarian and feudal kingdoms of free tenures regulated by law played a central part, and by Gibbon’s time it had been debated for more than two centuries how far this had been an achievement of Roman law, how far of Frankish, Saxon, Batavian or Gothic free customs; that the debate was irresolvable and unending was the source of its strength”.

letrado se propôs a evidenciar a falibilidade da cultura europeia centradas na razão e na polidez, tendo em vista a violência desencadeada pelos revolucionários. Para Burke, a “fonte da liberdade moderna” era o “antigo espírito de cavalaria e fidelidade feudal”. Assim, os antigos valores cavaleirescos não eram um sistema de maneiras fora de moda e sim “o orgulho do patrimônio cultural europeu, um instinto de respeito herdado, fidelidade e serviço. De tal modo que ele agiu como um lubrificante intangível para o intercâmbio civilizacional entre legisladores e legislados”.<sup>76</sup> No entanto, Miles expõe como os pressupostos de Burke não foram recebidos sem oposição por seus contemporâneos. A propósito das teorizações de Burke sobre o prazer estético do sublime, experiência excitada pela contemplação das ruínas góticas, o autor destaca como Mary Wollstonecraft (1759-1797) e Joseph Priestley (1733-1804) se opuseram mobilizando a carga semântica negativa associada ao termo “gótico”. Estes letrados caracterizaram os textos de Burke como um “templo de superstição”, ressaltando a face negativa do espírito cavaleiresco, que remetia ao “barbarismo” e ao “medievo”.<sup>77</sup>

Michael Gamer mostra que entre 1796 e 1800 surgiram muitas obras ficcionais situadas na Idade Média e como a sua recepção negativa ou positiva dependia da forma como os autores mediavam a relação dos leitores com o passado. Escritores identificados ao estilo gótico como James Boaden (1762-1839) e Matthew Lewis (1775-1818), apelidado pejorativamente de “The Monk”, foram rechaçados por integrarem a reprovável “escola do terror”. Em contraposição, o sucesso de autores como Wordsworth, Coleridge, Southey e Walter Scott esteve intrinsecamente ligado à capacidade destes de constituírem o afastamento adequado entre presente e passado. Estes letrados julgavam que a representação ficcional do medievo em cenários repletos de fantasmas, rituais e milagres poderia ser perigosa ao excitar em excesso os sentimentos dos leitores, sendo imprescindível a mediação da distância histórica por técnicas narrativas e eruditas capazes de dissolver a proximidade da sociedade polida da rusticidade e superstições do passado. Dessa forma, Gamer expõe que a resistência à ficção gótica não historicizada refletia os ideais de manutenção da hierarquia cultural, assim como atendiam às demandas de unidade estética e clareza na composição.<sup>78</sup>

[N]a poesia de Scott o efeito é de conceder ao momento mais gótico do texto uma distância historicizada e iluminada, e a inscrever um grau de ironia nas suas facetas

---

<sup>76</sup> MILES, Robert. The 1790. The effulgence of Gothic. In\_ HOGLE, Jerrold. **Gothic Fiction**. Cambridge: University Press, 2002, p. 41-62, p. 47. “Europe’s proud cultural patrimony, an inherited instinct for deference, fealty, and service. As such, it acted as an intangible lubricant for the civilized interchange between rulers and ruled”.

<sup>77</sup> Id., 2002, p. 47.

<sup>78</sup> GAMER, Michael. Gothic Fiction and Romantic Writing in Britain. In\_ HOGLE, Jerrold. **Gothic Fiction**. Cambridge: University Press, 2002, p. 85-104, p. 93.



formais. Os leitores de Scott, portanto, são livres para dentro do texto do poema se deliciarem com uma gama de efeitos supernaturais, de transfigurações a elevar espíritos da cova; estas fantasias dos leitores, por sua vez, são emolduradas seguramente dentro de um aparato de antiquarismo ilustrado.<sup>79</sup>

Para Michael Gamer, a cultura romântica seria autoconsciente da sua superioridade, o que tornava imprescindível a circularidade entre o rústico e o elevado na sua definição, pois o “privilégio de formas e estéticas literárias específicas é sustentado por uma ostentosa rejeição do outro”.<sup>80</sup> Este “outro” poderia ser tanto o próprio passado britânico, quanto o “outro” afastado não somente geograficamente, como também no tempo. Dessa forma, pode-se perceber que a relação dual com o passado, refletida na ambivalência semântica, foi decisiva para as apreciações que Southey e seus contemporâneos fizeram sobre a história de Portugal. Mas como Gamer expõe, o “outro” não podia ser eliminado, pois desempenhava função importante na autodefinição da cultura superior. Assim, o “outro” era concebido como fazendo parte de uma totalidade que ultrapassava os horizontes do presente.

Deve-se destacar que a experiência moderna da história de Portugal emergiu envolta em um campo semântico hostil, o que não diminuiu sua importância. A própria estética do sublime, assim como definida por Burke e Kant (1724-1804), encontrou em Portugal o evento que abriu os horizontes para a sua enunciação. Segundo Alexandre Regier, o terremoto de Lisboa de 1755 foi um evento decisivo, pois “marcou um momento crucial e inicial na história, que ligou a modernidade à disseminação da secularização”.<sup>81</sup> A importância deste evento foi destacada por autores como Voltaire, Rousseau (1712-78), Goethe (1749-1832), William Blake (1757-1827), Mary Wollstonecraft, Kant e Burke. Estes discutiram direta ou indiretamente se a terra tremia por causa das vontades de uma “colérica divindade” ou por causas naturais, passíveis de serem explicadas cientificamente. Para além de uma força secularizadora, o autor expõe como o terremoto desafiava as “narrativas de progresso” ilustradas, sendo a partir do estilhaçamento de sua unidade que Burke e Kant teorizariam sobre o sublime. Nesse sentido, Regier expõe que “o ‘progressivo’ poder de Lisboa reside em alguma coisa que simultaneamente negava e excedia a descrição racional ou secular”.<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup> Id., 2002, p. 94. “[...] in Scott’s poetry the effect is to bestow upon a text’s most Gothic moments an historicized and enlightened distance, and to inscribe a degree of irony into its formal features. Scott’s readers, therefore, are free within the text of the poem to indulge in a host of supernatural effects, from shape-shifting to raising spirits from the grave; these readerly fantasies, in turn, are safely framed within a scholarly apparatus of enlightened antiquarianism”.

<sup>80</sup> Id., 2002, p. 103.

<sup>81</sup> REGIER, Alexandre. Forces trembling underneath: the Lisbon earthquake and the sublime. In\_ **Fracture and Fragmentation in British Romanticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 75-94, p. 75.

<sup>82</sup> Id., 2010, p. 77.

Para Regier, o terremoto desafiou todo o campo semântico em vigor na Europa, já que não existia um vocabulário para classificá-lo tanto em parâmetros geográficos, históricos e psicológicos.<sup>83</sup> A ampla divulgação do evento em relatos de habitantes, sobreviventes e comerciantes disseminou-se rapidamente, sendo que “o terremoto de Lisboa, ao invés de ser limitado às consequências locais, imediatamente tornou-se uma catástrofe europeia, sentida por todo mundo ocidental”.<sup>84</sup> De fato, a “catástrofe foi lançada para fora da história normal”, não podendo “ser domesticada dentro dos parâmetros da comum e conhecida taxinomia, viabilizadora da memorização dos eventos históricos”.<sup>85</sup> Dessa forma, a significação do evento desafiava e transcendia tanto as narrativas clássicas e bíblicas quanto os “registros modernos”.<sup>86</sup> Para enfatizar esta desorientação, o autor expõe como narrativas produzidas imediatamente após o terremoto se autodeflagravam em sua insuficiência, pois sentimentos como “terror”, “grandiosidade” e “prazer” eram sobrepostos em um todo no qual a “coerência era quebrada”.<sup>87</sup>

Assim, enquanto as narrativas de comerciantes britânicos sobre as desgraças sofridas pelo povo eram mobilizadas em sermões, que visavam a “comprovação” do destino fatídico da igreja católica, tendo em vista que Lisboa tornou-se um “túmulo em ruínas”<sup>88</sup>, Burke em sua obra, *Enquiry into the Origin for our ideas of the Sublime and Beautiful*, de 1757, colocava em destaque como a “experiência do terror estava conectada ao prazer”.<sup>89</sup> Este prazer, segundo Regier, era proveniente da distância temporal, mental e psicológica viabilizadora da recuperação das ruínas em uma narrativa fundacional estetizante. A narrativa sublime, então, possibilitava a coexistência em um todo racionalizado de experiências conflitantes, que “semelhante à descrição gótica, era ainda ‘terrível’, mas também ‘grandioso’” sob a visão lunar.<sup>90</sup>

O sublime insistia na distância como necessária para permitir o desenvolvimento de um vocabulário que adequadamente descrevia a experiência estética. Seja esta distância temporal ou espacial, nós temos de estar na posição adequada para ‘contemplar’ o sublime – ou preferencialmente seu resultado – as ruínas deixadas para trás.<sup>91</sup>

---

<sup>83</sup> Id., 2010, p. 78.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> Id., 2010, p. 78-9.

<sup>86</sup> Id., 2010, p. 79.

<sup>87</sup> Id., 2010, p. 79-81.

<sup>88</sup> Id., 2010, p. 80-83.

<sup>89</sup> Id., 2010, p. 83.

<sup>90</sup> Id., 2010, p. 84.

<sup>91</sup> Id., 2010, p. 84. “[...] sublime insist in distance as necessary to allow for the development of a vocabulary that adequately describes the aesthetic experience. Whether this distancing may be temporal, spatial, mental, we have to be in a position to ‘behold’ the sublime – or rather its aftermath – the ruins leaving behind”.

Lisboa, portanto, mesmo estando imersa em um universo “desolador”, “confuso” e “obscuro”, poderia excitar a imaginação e reforçava a “suspeita de que as ruínas são geralmente mais fundacionais que usualmente é assumido”.<sup>92</sup> Assim, somente perante esta ambivalência, ou seja, em face à fragmentação das categorias clássicas e modernas, o sublime pode ser logicamente teorizado por Burke.<sup>93</sup> O que, de fato, não significou uma recepção positiva. Mary Wollstonecraft, que viajou por Lisboa e presenciou a destruição causada pelo terremoto, apesar de conseguir contemplar as ruínas quando desviava os olhares dos “miseráveis” em Lisboa, sentia-se “mentalmente confusa” perante tamanho colapso, negando toda expectativa de narrativas racionalizadas sobre esta experiência.<sup>94</sup>

Regier conecta o terremoto às reflexões de Kant sobre o sublime, fundamentando a análise na obra do filósofo *History and Natural descriptions of the remarkable occurrences of the Earthquake, which at the end of the 1755th year shook a large part of the Earth*. Kant, na obra, se opõe a explicações teológicas que analisavam o terremoto como uma punição divina, explorando as possibilidades de redução dos efeitos da catástrofe e os lados positivos da mesma. Kant, assim como Rousseau, se oporia às apreciações de Voltaire sobre o evento, já que este autor salientava a degeneração moral dos portugueses. Ambos os autores, especificamente Kant na seção do ensaio, “Da utilidade dos terremotos”, abordaram a falta de planejamento dos portugueses em matérias urbanas como decisivo para a extensão da catástrofe. Assim, o autor conecta o estudo do filósofo alemão sobre o terremoto como um fenômeno da natureza com as suas teorizações a respeito do sublime, expondo que na obra *Crítica do Julgamento* (1790), na seção “‘Da dinâmica do Sublime na Natureza’, Kant enfatizou que é apenas em segurança e com a adequada distância que podemos nos deleitar (e julgar) as cenas que poderiam ser simplesmente terríveis”.<sup>95</sup> Portanto, Regier, a partir dos relatos sobre o terremoto de Lisboa, explora tanto o surgimento das narrativas de progresso secularizantes, opositoras das narrativas apocalípticas que associavam o terremoto ao castigo divino, quanto evidencia como a autoconsciência moderna emergiu envolvida na percepção dos seus limites.<sup>96</sup>

Diante da polissemia e complexidades dos horizontes discursivos em vigor em finais do século XVIII e início do XIX, pretende-se analisar como Southey se envolveu na

---

<sup>92</sup> Id., 2010, p. 85.

<sup>93</sup> Id., 2010, p. 86.

<sup>94</sup> Id., 2010, p. 86-87.

<sup>95</sup> Id., 2010, p. 88.

<sup>96</sup> Para o aprofundamento do debate que articula o sublime e a experiência moderna da história Cf. ARAUJO, Valdeí Lopes de. “O Sublime, o Belo e a Revolução: história e narrativização em Burke e Hegel”. **Revista Intellectus**, Ano 03 Vol. I, 2004, pp. 1-15.

experiência da história de Portugal, constituída, por sua vez, em meio à circulação de enunciações de letrados portugueses e estrangeiros. Pretende-se investigar no primeiro capítulo da dissertação os horizontes discursivos que envolveram a primeira obra em prosa de Southey, as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal* (1797), com o intuito de compreender como o jovem letrado britânico deu significação à história, literatura e sociedade lusitanas. Pretende-se explorar o envolvimento de Southey com as enunciações em vigor nas obras de historiadores do século XVIII, especificamente Gibbon e Hume, como também confrontar as enunciações do jovem letrado com as narrativas sobre a sociedade portuguesa de viajantes que o precederam, como William Costigan e James Cavanah Murphy. A partir deste mapeamento do campo discursivo, analisa-se como Southey, em sua primeira viagem a Portugal, escreveu um relato depreciativo de sua história, literatura e sociedade. Explora-se como o letrado mobilizou recursos narrativos variados como metáforas, ironias e sátiras que visavam instaurar uma atmosfera estética capaz de tocar os sentidos dos leitores e conduzi-los a uma apreciação negativa da experiência da história de Portugal.

Destacaremos também neste capítulo como as reedições das *Letters* e o projeto de escrita de *Historia de Portugal* de Southey apresenta uma nova apreciação deste autor a respeito da experiência da história do reino. Pretende-se compreender o que mudou entre a primeira viagem de Southey, entre 1795-96 e a segunda entre 1800-01, tendo como referência o relato positivo do arquiteto James Cavanah Murphy da sociedade portuguesa. Explora-se o apreço de Murphy pela arquitetura gótica e pelos costumes cavalheirescos dos portugueses. Dessa forma, perante o posicionamento de Southey às obras de autores contemporâneos, demonstra-se como o letrado britânico partiu de um relato depreciativo sobre Portugal à constituição de um projeto de história inédito desta nação. Argumenta-se que esta mudança de perspectiva documenta o comprometimento do letrado com os pressupostos da erudição e prospecção filosófica características da historiografia moderna, assim como reflete o esgotamento dos projetos de polidez do século XVIII, que foram desafiados pela exigência de novas apreciações das tradições góticas.

No segundo capítulo, analisa-se como Southey planejou escrever a *História de Portugal*, com destaque para os métodos de pesquisa mobilizados, assim como os intercâmbios com membros da Academia Real de Ciências de Lisboa. Investiga-se em que medida os textos dos letrados portugueses atendiam às demandas eruditas, filosóficas e historiográficas de Southey, especificamente as reflexões destes sobre a importância dos cronistas para a composição de uma história que desvelasse as causas da decadência de Portugal. Southey teve acesso às reedições dos cronistas pelos acadêmicos, portanto, analisa-

se como o letrado britânico e os letrados portugueses retomavam estas obras enquanto fontes para a prospecção historiográfica diacrônica e não como exemplo moral. Estende-se esta análise para a tradução dos romances de cavalaria ibéricos por Southey, colocando em destaque qual era a função destes no projeto de composição historiográfica do letrado, enfatizando a importância dos mesmos para a recuperação dos costumes e maneiras de épocas remotas sintetizados nas narrativas memorialistas. A partir da reconstituição de elementos do projeto historiográfico de Southey, explora-se a dinâmica polissêmica dos conceitos, linguagens e narrativas nos quais o letrado britânico estava envolvido. Ressalta-se o seu engajamento simultâneo em projetos político-historiográficos que visavam a regeneração das tradições góticas, demanda ampliada com as Guerras Peninsulares, como também em projetos engajados no desmascaramento da decadência das tradições góticas ligadas historicamente ao catolicismo. Encerrando este capítulo, investiga-se como a compreensão da impossibilidade da linguagem instaurar plenamente a harmonia entre as dimensões temporais em um tempo acelerado foi decisiva para a elaboração do lugar da imaginação, das conjecturas e juízos morais nas histórias filosóficas e contemporâneas.

No terceiro capítulo, analisa-se as dimensões imperiais do projeto de escrita da *História de Portugal*. Na primeira seção, discute-se a partir da recepção do volume inaugural da *História do Brasil*, publicado em 1810, os horizontes de (im)possibilidades do público leitor britânico ter empatia por esta obra. Discute-se como o objetivo maior de Southey não foi entreter o público leitor britânico e sim instruí-lo com relação à experiência colonizadora empreendida pelos portugueses, que apesar de estar eivada de “barbarismos”, era, em grande medida, superior à experiência britânica na América do Norte, por possibilitar a miscigenação e a integração do território. Dessa forma, a questão para Southey não era idealizar as ações dos portugueses, conceituados como “bárbaros” ou a dos nativos, conceituados como “selvagens”, e sim demonstrar como Portugal foi capaz de lançar as bases da civilização no Brasil. Para Southey, este aprendizado com a experiência colonizadora empreendida pelos portugueses tornava-se possível somente através da descrição minuciosa dos fatos narrados nas crônicas tomadas como fontes para a obra. No entanto, o excesso de detalhes foi concebido pelos resenhistas como desorientador, tendo em vista a carência de uma síntese filosófica, assim como Robertson realizou em sua *História da América*.

Na segunda seção aborda-se como Southey realizou esta síntese filosófica sobre o estado de desenvolvimento do Brasil e de suas populações no último capítulo do último volume da *História do Brasil*, publicado em 1819. Explora-se como esta síntese, tão aguardada desde o primeiro volume da obra, surgiu marcada pelas expectativas de letrados

luso-brasileiros com relação à manutenção da unidade do Império português. Enfatiza-se como Southey pretendia também abarcar as demandas político-historiográficas em vigor no campo discursivo luso-brasileiro, o que foi decisivo para a configuração de sua macronarrativa da unidade étnico-política do Império português. Apesar de esta macronarrativa assumir um caráter ambivalente sobre o processo de formação do Brasil, explora-se como o seu fim último foi demonstrar como a unidade do Império estava associada à capacidade dos portugueses promoverem a miscigenação, o que demonstrava como a experiência colonizadora empreendida por estes “bárbaros” era superior às experiências colonizadoras britânicas.

No quarto capítulo, discute-se como após a fragmentação do Império português, em um artigo publicado na *Quartely Review*, em 1829, intitulado *Political and Moral State of Portugal*, Southey procurou demonstrar como a Independência do Brasil, a ascensão de Dom Miguel e a emergência das guerras civis eram eventos que se inscreviam em um processo de decadência de longa duração inexorável, agravado, por sua vez, pela crise conjuntural provocada pelas Guerras Peninsulares. Analisam-se os horizontes conceituais mobilizados por Southey para narrar a decadência de Portugal com o intuito de evitar que tal destino sobreviesse à Grã-Bretanha, demonstrando como o letrado mobilizou as enunciações de letrados luso-brasileiros para a composição do texto. Por fim, a partir de um diálogo com Hans Ulrich Gumbrecht, analisa-se como Southey se posicionou no *Political and Moral State of Portugal* perante as tensões dimanadas entre climas históricos conflitantes em vigor em relatos de viagens de autores britânicos, que se prestaram a instigar os corpos dos leitores/observadores a reagirem imediatamente à experiência estética excitada pelas representações da história de Portugal.

Portanto, a proposta desta dissertação consiste em explorar a experiência da história de Portugal e os escritos de Southey sobre esta nação como um fenômeno cosmopolita, de forma que seja possível contribuir para a compreensão dos horizontes de significação a partir dos quais se tornava possível a composição de obras historiográficas. Assim, assume-se o desafio lançado por Javier Fernández Sebastián de se intentar análises historiográficas a partir de perspectivas “globais”, “comparativas” e “plurilíngues”. Como Marcel Detienne aponta, a nação se constituiu durante a segunda metade do século XIX como a “fortaleza do incomparável”, se opondo ao surgimento da experiência moderna da história, o “tempo inaugural da imaginação comparativa”, que alvoreceu no século XVI.<sup>97</sup> Detienne, assim como

---

<sup>97</sup> DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004, p. 11, 21.

Jöhn Rüsen<sup>98</sup>, procura enfatizar o “valor ético da atividade comparativa”, destacando a necessidade de reconhecimento mútuo entre o “nosso eu mais animal” e “todos os outros”.<sup>99</sup> Nesta pesquisa, o afã humanista do autor não é secundado, no entanto, destaca-se a relevância dos horizontes epistêmicos enunciados como um ponto de partida.

Os transtornos contemporâneos, assim como a demanda tão forte do ‘multicultural’ no mundo de hoje, convidam os antropólogos e os historiadores a colocar em ação uma abordagem comparativa das diversas formas, no espaço e no tempo. Do que se trata? Trata-se de colocar em perspectiva – sem julgamento de valor, sem fito tipológico imediato – modelos de pensamento e de escritura de historicidade, aplicando-se as suas construções, a suas lógicas de estruturação, a seus usos, a suas crises internas, a distância significativas que apresentam entre si, mas também a sua circulação, a seus encontros, a seus choques.<sup>100</sup>

Portanto, diante da relevância em debates acadêmicos internacionais a respeito da modernização discursiva e sua complexa circulação no final do século XVIII e início do XIX, pretende-se identificar e explorar a vigência de conceitos, linguagens e narrativas, que constituíram os horizontes de (im)possibilidades de enunciação da experiência da história de Portugal e dos escritos de Southey.

---

<sup>98</sup> Com o objetivo de superar o “etnocentrismo” e o “Imperialismo Cultural”, Rüsen expõe a necessidade de se “refletir e explicar os conceitos e estratégias de comparação”, pois “[...] precisamos de uma pragmática da comunicação intercultural na qual os modos e as regras de tal argumentação sobre as identidades sejam refletidas, explicadas, discutidas, e aplicadas no processo comunicativo em andamento. Isso é o que devemos fazer, e assim fazendo efetivaremos um enriquecimento de nossa própria identidade histórica pelo reconhecimento dos outros”. RÜSEN, Jörn. Como dar Sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Tradução de Valdeci Araujo e Pedro Caldas. **História da Historiografia**, nº 2, pp. 163 – 209, março, 2009, p. 183-4.

<sup>99</sup> Id., 2004, p. 66-67.

<sup>100</sup> Id., 2004, p. 72. [Grifos nossos]

# **CAPÍTULO 1**

## **AS PERSPECTIVAS DO VIAJANTE: DA (IM)POSSIBILIDADE DE SE APRENDER COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL**



## 1.1 DA (IN)EXISTÊNCIA DO GÊNIO E DO GOSTO: DO CURSO DE LEITURAS HISTÓRICAS AO *ESSAY ON THE POETRY OF SPAIN AND PORTUGAL*

Entre dezembro 1795 e julho de 1796 Southey fez sua primeira viagem pela Península Ibérica e compôs sua primeira obra em prosa, as *Letters Written during a Short Residence in Spain and Portugal with some account of poetry*, publicada em 1797. Nesta obra, o jovem letrado britânico de apenas 22 anos pretendia demonstrar o quanto esta nação lhe desagradava. A sujeira, a inexistência de uma esfera pública literária, os crimes e o fanatismo religioso foram os principais alvos das suas críticas e sátiras. Esta primeira viagem foi motivada pelo tio Herbert Hill, capelão da marinha britânica neste país, que tinha por objetivo afastar o jovem sobrinho das ideias revolucionárias com as quais se envolvia na Grã-Bretanha.<sup>101</sup>

Antes de ir para Portugal, em fevereiro de 1795, Southey ministrou um curso público de leituras históricas. Esta foi uma de suas primeiras atividades remuneradas, pois após o rompimento de relações com a tia Elizabeth Tyler o jovem letrado foi confrontado com a necessidade de prover seu sustento.<sup>102</sup> O conteúdo das palestras ministradas permite a compreensão dos horizontes discursivos que mobilizavam o jovem letrado alguns meses antes da sua primeira viagem a Portugal:

Robert Southey do Balliol-College, Oxford, propõe para leitura um curso de Palestras em História, na seguinte ordem: - 1º. Introdutório: A Origem e o Progresso da Sociedade. 2º Legislação de Sólon e Licurgo. 3º Estado da Grécia da Guerra da Pérsia à Dissolução da Liga Acadiana. 4º Surgimento, Progresso e Declínio do Governo Romano. 5º Progresso do Cristianismo. 6º Maneiras e Irrupções das Nações do Norte. Crescimento dos Estados Europeus, Sistema Feudal. 7º Estado do Império do Oeste à Captura de Constantinopla pelos Turcos, incluindo o surgimento e o Progresso da Religião Maometana e as Cruzadas. 8º História da Europa até a abdicação do Imperador Carlos Quinto. 9º História da Europa até o estabelecimento da Independência da Holanda. 10º Estado da Europa e mais particularmente da Inglaterra, da ascensão de Carlos

---

<sup>101</sup> SPECK, W. A. **Robert Southey**: entire man of letters. Yale University Press Publications, 2006, p. 18, 30, 36-7, 43 e 64. Em 1794, Southey juntamente com Coleridge planejou a criação de uma sociedade comunal na Pensilvânia, denominada Pantisocracia. Esta utopia foi abandonada no ano 1795, no contexto da ida de Southey para Portugal. Southey também foi um entusiasta da Revolução Francesa, porém, a violência desencadeada no decorrer dos eventos na década de 1790 se constituiu enquanto um empecilho à idealização da Revolução. Dessa forma, Southey permaneceu crítico às tradições constitucionais britânicas, aos altos impostos da sociedade comercial e à violência desencadeada pela Revolução Francesa. Diante da velocidade dos acontecimentos políticos no contexto da Revolução, Speck expõe a dificuldade de se identificar precisamente o posicionamento político de Southey, pois se os periódicos britânicos o identificavam como um jacobino, o próprio letrado acreditava-se mais próximo ao ideário girondino.

<sup>102</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. II, London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 234 [1795].

primeiro à Revolução de 1688. 11º Progresso dos Estados do Norte, História da Europa até a Guerra Americana. 12º A Guerra Americana.<sup>103</sup>

Do programa divulgado para o curso, pode-se destacar que Southey conhecia as principais produções historiográficas produzidas na Grã-Bretanha no século XVIII, pois em alguns tópicos o jovem letrado faz menção a obras reconhecidas publicamente neste contexto, às quais teve acesso na biblioteca da casa do amigo Grovesnor Charles Bedford (1773–1839) e na biblioteca de Bristol.<sup>104</sup> A partir dos empréstimos na biblioteca de Bristol entre 1793 e 1795, pode-se depreender que para a segunda e a terceira palestra utilizou as narrativas da *History of Greece* (1784) de William Mitford (1744 –1827) e para a quarta palestra, as narrativas de Adam Ferguson (1723-1816) em *The History of the Progress and Termination of the Roman Republic* (1783). Para a quinta palestra, como um conhecedor de *Decline and Fall of the Roman Empire* de Edward Gibbon (1737-94), poderia mobilizar o capítulo décimo quinto, *The Progress of the Christian Religion, and the Sentiments, Manners, Numbers, and condition of primitive Christians* e para a sexta palestra, o nono, *The State of German till the invasion of the barbarians, in the time of the emperor Decius*. Para a discussão do sistema feudal, tinha o amplo panorama do texto de William Robertson *A view of the progress of society on Europe, from the subversion of the Roman Empire to the beginning of the sixteenth century*, publicado como introdução à *History of the Reign of the Emperor Carles V* (1769). A obra completa, por sua vez, poderia ser mobilizada para a oitava palestra. Os debates sobre a Revolução Inglesa de 1688 poderiam partir das narrativas de David Hume (1711-76) em *History of England* (1759), tendo em vista o recorte desta obra: “da Invasão de Júlio Cesar à Revolução de 1688”. Por último, as

---

<sup>103</sup> Idem, 1850, p. 234 [1795]. “Robert Southey of Balliol-College, Oxford, proposes to read a course of Historical Lectures, in the following order: -1<sup>st</sup>. Introductory: on the Origin and Progress of Society. 2<sup>nd</sup>. Legislation of Solon and Lycurgus. 3<sup>rd</sup>. State of Greece from the Persian War to the Dissolution of the Achadian League. 4<sup>th</sup>. Rise, Progress, and Decline, of The Roman Government. 5<sup>th</sup>. Progress of the Christianity. 6<sup>th</sup>. Manners and Inrruptions of the Northern Nations. Growth of the European States, Feudal System. 7<sup>th</sup>. State of the Eastern Empire to the Capture of Constantinople by the Turks; including the Rise and Progress of the Mohammedan Religion and the Crusades. 8<sup>th</sup>. History of Europe, to the Abdication of Emperor Charles the Fifth. 9<sup>th</sup>. History of the Europe, to the Establishment of Independance of Holland. 10<sup>th</sup>. State of Europe, and more particularly of England, from the Acession of Charles the First to the Revolution in 1688. 11<sup>th</sup>. Progress of the Northern States, History of Europe to the American War. 12<sup>th</sup>. The American War”.

<sup>104</sup> Para uma reflexão sobre o mercado editorial de livros de história neste contexto na Grã-Bretanha Cf. O’ BRIEN, Karen. “The History Market in Eighteenth-Century England”. In \_\_: RIVERS, Isabel (Ed.). **Books and their Readers in Eighteenth Century England**: New Essays. London/ New York: Continuum, 2001, p. 105-134.

reflexões sobre história contemporânea poderiam partir de Edmund Burke (1720-97) em *An Impartial History of the War in America* (1780).<sup>105</sup>

O letrado iniciou suas palestras históricas discorrendo sobre “A origem e o progresso da sociedade”, prosseguindo com leituras sobre o desenvolvimento histórico, perpassando a antiguidade grega, romana, a formação da Europa feudal e a história contemporânea. O curso ministrado em 1795 evidencia o enredamento de Southey nos conceitos, linguagens e narrativas em vigor na historiografia de finais do século XVIII. Segundo John Burrow, a constituição do campo discursivo em vigor nas obras de historiadores e filósofos como Smith, Hume, Gibbon e Robertson se processou perante a diferenciação do presente, concebido como “polido”, “refinado”, “civilizado” e “ilustrado”; vocabulário que por sua vez foi definido em oposição a épocas passadas, adjetivadas como “rudes”, “iletradas”, “supersticiosas”, “bárbaras” e “anárquicas”.<sup>106</sup> Para Burrow, este vocabulário evidencia que a historiografia do século XVIII se afastava da exemplaridade das narrativas clássicas. Assim, a experiência da leitura histórica foi impulsionada pela sensibilidade à ampliação do distanciamento entre presente e passado, concebido como passível de ser transposto através do emprego da imaginação retrospectiva e da erudição.<sup>107</sup> Dessa forma, Burrow define como esta sensibilidade histórica progressista se constituiu enredada à sua exposição macronarrativa:

Crucial para o surgimento do gênero Ilustrado de história dos costumes, maneiras e opinião foi o que veio ser visto como um indisputado fato da história europeia: ‘o progresso da sociedade’. O crescimento do comércio e o fim da ‘anarquia feudal’, o ‘renascer do aprendizado e a superação dos antigos’ na descoberta do Novo Mundo, os textos impressos e os melhoramentos nas artes das guerras [...] contribuíram para esta percepção. Com isto, podemos adicionar a concepção de suavização das ‘maneiras’ com relação aos séculos anteriores, nos quais o duro, pedante, violento e intolerante zelo religioso e polêmicas dos tempos da Reforma contrastavam com o cultivo da polidez no século dezoito,

---

<sup>105</sup> William Speck expõe que Southey iniciou as leituras de Voltaire, Hume e Gibbon com a idade de 15 anos, tendo acesso a estes livros na biblioteca da casa do amigo Grovesnor Charles Bedford. Segundo o biógrafo, a *History of Greece*, de William Mitford, e a *The History of the Progress and Termination of the Roman Republic*, de Adam Ferguson, foram tomadas de empréstimo na biblioteca de Bristol no ano de 1795. Já Adolfo Cabral, afirma ter tido contado com os registros dos empréstimos de Southey na biblioteca de Bristol entre 1793 e 1795, o que possibilitou ao biógrafo a exposição das leituras do letrado. Dentre os livros citados, destacam-se os que se relacionam com o curso. *The History of the Reign of Charles V*, de William Robertson, *Wealth of the Nations*, de Adam Smith, *History of the Indies*, do Abade Raynal e *The History of Philosophy*, de William Enfield. SPECK, W. A. Op. Cit., p. 17, 55. CABRAL, Adolfo. Op. Cit., p. 96-107.

<sup>106</sup> BURROW, John. **A History of Histories**. New York: Alfred A. Knopf, 2008, p. 322.

<sup>107</sup> Id., 2008, 328.

no qual a tolerante sociabilidade foi a marca de um refinamento da sociedade que era delicada, humana e racional.<sup>108</sup>

J.G.A. Pocock explora as especificidades do processo de formação desta estrutura macronarrativa na série *Barbarism and Religion*, na qual são abordados os contextos discursivos em vigor na obra de Edward Gibbon *Decline and Fall of Roman Empire* (1776-88). A partir da compreensão das dinâmicas multicêntricas das ilustrações exploradas através das obras de filósofos e historiadores como Pietro Giannone, Voltaire, Raynal, Smith, Robertson, Hume, Adam Ferguson e Gibbon, Pocock investiga como as macronarrativas destes letrados foram respostas à sensibilidade do afastamento entre o presente e o passado. No entanto, Pocock destaca como estas macronarrativas estavam envolvidas em uma dinâmica ambivalente, por serem, ao mesmo tempo, autocongratatórias e autocondenatórias.<sup>109</sup> Segundo Pocock, o julgamento filosófico no qual emergia a compreensão do medievo como a era do “barbarismo e religião”, a “era do milênio cristão”, coexistia com a compreensão da sua importância formativa, assim, os valores e maneiras sociais em vigor lançavam suas raízes na obscuridade do passado rejeitado.<sup>110</sup>

A era de barbarismo e religião se estendia ao século XVII devido à permanência de violentas guerras entre católicos e protestantes, tendo se iniciado com o “declínio” da virtude republicana romana narrada pelo historiador Tácito. Esta virtude foi confrontada por “rudes” bárbaros nórdicos, que promoveram gradativas mudanças culturais impulsionados pela formação de sociedades agropastoris.<sup>111</sup> Os benefícios advindos com a agricultura e criação de animais possibilitaram aos povos bárbaros a fixação na terra, dando início a um processo histórico no qual se sucedeu a ampliação da circulação de objetos, pessoas e letras, ou seja, a ampliação das trocas culturais, que se mundializariam com o posterior surgimento da imprensa e dinamização transatlântica

---

<sup>108</sup> Id., 2008, p. 313. “Crucial to the emergence of the Enlightenment genre of the history of customs, manners and opinion was what was coming to be seen as an indisputable fact of European history: ‘the progress of society’. The growth of commerce and the end of the ‘feudal anarchy’, the ‘revival of learning and the surpassing of the ancients’ in the discovery of the New World and the printing press and the improvements in the arts of war [...] all contributed to this perception. To this came to be added a conception of the improvement of ‘manners’ over the previous to centuries, from the rough, pedantic, fiercely intolerant religious zeal and polemics of the time of the Reformation to the eighteenth-century cultivation of a polite, tolerant sociability as the mark of a refined society which was mild, humane and rational”.

<sup>109</sup> POCOCK, J. G. A. **Barbarisms and Religion: Barbarians, Savages and Empires**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 247.

<sup>110</sup> Id., 2005, p. 13.

<sup>111</sup> Id., 2005, p. 12-13.

do comércio.<sup>112</sup> Pocock demonstra como esta sensibilidade ao distanciamento e interconexões entre passado e presente relacionava-se com a teoria dos estágios sistematizada por Adam Smith nas *Lectures on Jurisprudence*, de 1762. Esta estabelecia que o processo histórico evoluía natural e teleologicamente por quatro épocas, a saber, a época dos pastores e coletores, ou seja, o tempo no qual os “selvagens” não dominavam os instrumentos para arar a terra, criar animais, realizar intercâmbios literários e monetários; a época dos pastores nômades, identificada historicamente à chegada dos “ferozes” e “rudes” “povos do norte” ao Império Romano; a época da agricultura, identificada ao período feudal no qual aconteceu um longo período de acomodação cultural dos “povos do norte” nos antigos domínios do Império, e, finalmente, a época do comércio, identificada ao “refinado” presente da letrada Europa central.<sup>113</sup>

Como o conteúdo das palestras ministradas em Bristol evidenciam, Southey possuía um conhecimento sedimentado desta estrutura macronarrativa em vigor nas obras de autores do século XVIII descrita por Pocock. No entanto, torna-se fundamental ressaltar que o jovem letrado britânico desde o início de seus estudos se engajou na apreciação das obras dos historiadores e filósofos que o precederam de forma crítica. William Speck expõe que por volta dos quinze anos, em Westminster, Southey teve acesso às leituras de Rousseau, Voltaire, Goethe, Gibbon e Hume na biblioteca da família do amigo Grovesnor Charles Bedford (1773-1839). O biógrafo escreve que Southey logo na adolescência assumiu uma postura crítica com relação às leituras de Gibbon, Hume e Voltaire, em especial, com relação às suas perspectivas concebidas como “anticristãs”. Para Speck, Rousseau foi uma referência mais decisiva na definição da sua “pessimista interpretação da história”. Contudo, Speck expõe que a sua caracterização negativa do movimento Flagelante durante os séculos XIII e XIV se “inspirou” em Voltaire e Gibbon.<sup>114</sup> Em uma carta enviada à Horace Walpole Bedford (1776-1807), Southey expôs sua apreciação de Rousseau que, segundo ele, era compreendido erroneamente como um “infiel”, e, a sua antipatia pelo “aristocrata” e “desprovido de princípios” Voltaire. O jovem letrado criticou o filósofo e historiador Hume por sua suposta profissão ao deísmo, pois esta compreensão da religiosidade podia ser secundada somente por letrados polidos, não podendo ser absorvida pela população:

---

<sup>112</sup> Id., 2005, p. 37-64.

<sup>113</sup> POCOCK, J. G. A. Op. Cit., 1999b, p. 309-330.

<sup>114</sup> SPECK, W. A. **Robert Southey: entire man of letters**. Yale University Press Publications, 2006, p. 17, 30.

Deísmo – fará bem para o filósofo cujas frígidas e calmas paixões podem ser governadas pelos princípios da razão e moralidade – mas as mentes dos milhões requerem um vínculo mais poderoso. Este deve ser acionado pelas esperanças de medo e temor, as duas molas mestras admiravelmente tocadas pela religião. Mesmo um deísta não negaria isto. Os melhores e mais sábios da humanidade tem acreditado nesta religião; uma matéria onde a Razão falha ao raciocinar é um absurdo. Isto é impossível em favor de qualquer coisa onde tudo jaz sobre suposição. Hume foi um vão sofista, um historiador parcial, um amigo frio.<sup>115</sup>

Mesmo Southey discordando da postura de Hume, concebida como deísta, e, considerando-o um “historiador parcial”, de “frígidas e calmas paixões”, pode-se identificar o enredamento do jovem letrado em perspectivas vigentes na obra do historiador e filósofo escocês. A presença da teoria dos estágios pode ser identificada na narrativa dos acontecimentos das suas excursões em Portugal nas *Letters*:

No Jardim Botânico minha atenção esteve principalmente engajada em duas estátuas desenterradas neste reino uns poucos anos atrás e agora expostas em cada lado da porta do jardim, expostas ao tempo! Uma é um pouco maior que a outra, mas ambas têm a mesma atitude e representam um homem, suas mãos quase caindo, seguram um pequeno escudo; evidentemente muito rudes para uma era muito avançada em civilização, embora elas são muito superiores aos esforços de uma época bárbara. Estas estátuas dão amplo espaço para conjectura, elas guiam-me a refletir sobre muitos estupendos trabalhos de arte, que foram admiráveis nas eras anteriores e das quais os autores foram mesmo esquecidos.<sup>116</sup>

Não somente as estátuas desenterradas no Jardim Botânico da Ajuda eram vestígios de outras épocas que excitavam a imaginação histórica do jovem letrado. Através da perspectiva conjectural da teoria dos estágios, Southey acreditava ser possível precisar também o desenvolvimento histórico da literatura ibérica, para tanto, publicou nas *Letters* o *Essay on the Poetry of Spain and Portugal*, com o intuito de comparar a literatura destas nações às obras de ingleses, franceses e italianos. Southey

---

<sup>115</sup> SOUTHEY, Robert. **The Collected Letters of Robert Southey**. In\_\_ A Romantic Circles Eletronic Edition. Part I 1791-7. Linda Pratt (Ed.), Letter 54. “Deism — will do well for the philosopher whose cool calm passions may be governed by the principles of Reason & Morality — but the minds of the million require a more powerful tie. They must be actuated by hope and fear two master springs admirably touched by religion. Even a Deist will not deny this. The best e wisest of mankind have believed this religion; upon a subject where Reason fails to reason is absurd. It is impossible in favour of any thing where every thing must rest upon supposition. Hume was a vain sophist, a partial historian and a cold friend”.

<sup>116</sup> SOUTHEY, Robert. **Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosserfor Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinsonand Cadell and Davies, London, 1797, p. 402-403. “In the Botanic Garden my attention was principally engaged by two statues dug up in this kingdom a few years back, and now stuck up on each side of the door of the garden, and exposed to the weather! The one is somewhat larger than the other, but both are in the same attitude, and represent a man, his hands hanging down, and holding with both a small round shield; evidently too rude for an age far advanced in civilisation, they are yet much superior to the efforts of a barbarous one. These statues give ample room for conjecture; they led me to reflect on many stupendous works of art, which were wondered at in the earliest ages of history, and of which the authors were even then forgotten”. [Grifos nosso]

escreve no *Ensaio* que durante as épocas de autores britânicos como Geoffrey Chaucer (1343-1400), John Barclay (1582-1621), John Harrington (1561-1612) e dos italianos Giovanni Boccaccio (1313-1375) e Torquato Tasso (1544-595), a literatura de Portugal e Espanha não manteve intercuro com as produções de outras nações. Este fator diferenciava os escritores ibéricos de um cânone de escritores quatrocentistas e quinhentistas, tendo em vista que os letrados das outras nações europeias emulavam os antigos e buscavam inspiração e exemplo nas obras de seus contemporâneos, constituindo uma cultura literária cosmopolita.<sup>117</sup> Assim, para Southey, Portugal e Espanha não alcançaram efetivamente a era do “gênio”, situada entre os séculos XIV, XV, XVI, que precedia a era do “gosto” no século XVIII. As faculdades do “gosto” só poderiam ser alcançadas a partir do cuidadoso cultivo e desabrochar do “gênio”, uma fase antecessora e fundamental, que tinha suas raízes mal situadas, pois os primeiros poetas expressaram seus pensamentos sem rejeitar a incongruência ou escolher a linguagem mais adequada.<sup>118</sup>

Para Southey, a literatura estava submetida a um desenvolvimento progressivo que não podia prescindir das suas raízes. Antes das correções de Alexander Pope (1688-1744) ou da união entre imaginação e julgamento de Thomas Gray (1716-1771); Abraham Cowley (1618-1667) e John Dryden (1631-1700) haviam lançado as sementes da literatura britânica. Da mesma forma, a grandeza do poeta italiano Tasso teria sido possível em face à precedência de Dante Alighieri (1265–1321), Luigi Pulci (1432 – 1484) e Matteo Boiardo (1441-1494).<sup>119</sup> Tendo em vista esta dimensão da formação gradativa que caracterizava o progresso nas letras, Southey expõe que Portugal e Espanha nunca alcançaram a “era do gosto”, pois o crescimento do “gênio” teria sido rápido e curto, seu declínio lento e contínuo.<sup>120</sup> Para Southey, o espírito de conquista elevou os costumes hispânicos à ostentação, acompanhada da dupla tirania de monarcas e padres, assim como o espírito de aventura dos espanhóis na América levou o povo à pobreza após a morte do “detestável” Filipe II. De forma semelhante, a “louca” expedição de Dom Sebastião custou a soberania da nação portuguesa, o que foi de

---

<sup>117</sup> SOUTHEY, Robert. “Essay on the Poetry of Spain and Portugal”. In: **Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosser for Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinson and Cadell and Davies, London, 1797, pp. 121-130, p. 123.

<sup>118</sup> Id., 1797, p. 124.

<sup>119</sup> Id., 1797, p. 124-125.

<sup>120</sup> Id., 1797, p. 125.

grande prejuízo para o caráter do povo, perdido “para sempre”, mesmo após a restauração da casa de Bragança.<sup>121</sup>

A decadência de Espanha e Portugal seria análoga à queda dos antigos Impérios, sendo este o fator decisivo para o perecimento do “gênio”:

Quando as nações declinam então declinam o gênio de seus indivíduos. Eles crescem juntos e juntos eles caem e sua participação na glória nacional ou degradação é uniforme. O gênio ateniense pereceu com a liberdade de Atenas e a literatura Romana teria se tornado desprezível antes dos Góticos a destruírem.<sup>122</sup>

Southey mobiliza a analogia com a antiguidade como um critério para explicar a decadência dos Impérios Ibéricos e os efeitos na literatura, no entanto, a exemplaridade clássica no *Ensaio* é deslocada perante a grandiosidade da literatura dos séculos XIV, XV e XVI produzida por italianos, franceses e britânicos. Southey não cita nenhum autor antigo, pois seu objetivo era construir um cânone literário envolvido em permanências quatrocentistas e quinhentistas, por sua vez, concebido como conectado às obras dos autores do século XVIII, responsáveis por restaurar as letras de um “falso gosto” metafísico responsável por afetar toda literatura europeia do século XVII.<sup>123</sup>

Desse modo, o jovem Southey partiu de um cânone cosmopolita de autores para definir os germes que caracterizavam o povo e a literatura de franceses, ingleses, alemães, portugueses e espanhóis. Assim, para Southey, era problemático o fato de Espanha e Portugal terem alcançado o auge da composição literária envolvidos no desejo de conquista, enquanto os homens de letras de outras nações se abriam para o intercâmbio cosmopolita das ideias, o que possibilitou o amadurecimento pleno do “gênio”. Entretanto, o letrado compreendia que estes clássicos da “era do gênio” deveriam ser corrigidos em suas carências e excessos pelos herdeiros mais avançados em civilização do século XVIII, na “era do gosto”, o que não poderia ser realizado em Espanha e Portugal, tendo em vista a decadência contemporânea destas nações dominadas pela Inquisição e pelo despotismo, que não permitiam a circulação de obras capazes de possibilitar a emergência e o refinamento do “gosto”.<sup>124</sup>

Com efeito, para Southey, Portugal e Espanha não alcançaram o amadurecimento literário pleno tanto na “era do gênio”, durante os séculos XIV, XV e

---

<sup>121</sup> Id., 1797, p. 126.

<sup>122</sup> Id., 1797, p. 125. “As nations decline so declines the genius of their individuals; they have risen together and together they fallen, and this participation of national glory or national degradation is uniform. Athenian genius perished with the liberty of Athens, and Roman literature had become contemptible long before the Goths destroyed it”.

<sup>123</sup> Id., 1797, p. 126.

<sup>124</sup> Id., 1797, p. 128, 129-130.



XVI, quanto na “era do gosto”, durante o século XVIII, sendo evidente o descompasso destas nações com as demais da Europa. A vigência da conceituação de Portugal e Espanha como nações atrasadas e decadentes em vigor no *Ensaio* emergiu envolvida no campo discursivo em vigor nas obras de renomados historiadores como Gibbon, Hume e Robertson. Estes historiadores concebiam a superioridade do presente europeu, do século XVIII, em contraposição ao passado, por sua vez, identificado ao barbarismo feudal e ao fanatismo religioso. Em particular, com relação à história da Grã-Bretanha, a constituição de 1688 e o Ato de União entre Escócia e Inglaterra em 1707 eram tidos como marcos para a autoconsciência do afastamento do presente compreendido como polido e enriquecido pelo comércio em oposição ao passado marcado pela fragmentação política e guerras de religião. Dessa forma, os costumes, maneiras, instituições, religião e a literatura de Portugal e Espanha eram facilmente associados por Southey às permanências de um passado que em grande medida era concebido como distante do presente das nações europeias entendidas como mais avançadas.

Entretanto, por mais que ao longo do *Ensaio* Southey se esforçou por argumentar sobre uma superioridade da “era do gosto” com relação à “era do gênio”, no parágrafo conclusivo o letrado atenua a distância entre ambas, evidenciando uma nítida continuidade:

A questão é digna da atenção do filósofo. Os livros são o retrato da mente pública e a característica dos costumes de todas as épocas e de todos os povos podem ser lidas em suas poesias. Quem é que não pode reconhecer o francês a partir de Racine, Crebillon ou Voltaire? Para dizer dos homens de nosso país afirmar que Shakespeare é o nosso bardo favorito é dar seu caráter e pronunciar seu elogio. Sendo assim, é a mesma terrível energia que produziu Burger e os dramas de Schiller que permitem o brutalizado germânico matar cruelmente seu inimigo ajoelhado.<sup>125</sup>

Para Southey, a obra do poeta, matemático, historiador e dramaturgo Jean Baptiste Racine (1639-99), do poeta Prosper Jolyot de Crébillon (1674 -1762) e do filósofo Voltaire (1694-1778) expressavam o mesmo “gênio”. De forma análoga, o “bardo” William Shakespeare (1564-1616) teria marcado indelevelmente a literatura de

---

<sup>125</sup> SOUTHEY, Robert. **Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosserfor Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinson and Cadell and Davies, London, 1797, p. 130. “The subject is not unworthy the attention of the Philosopher. Books are the portrait of the public mind, and the characteristic traits of every age and of every people may be read in their poetry. Who is there that cannot physionomize the French from Racine, Crebillon, and Voltaire? To say of our own countrymen that Shakespeare is their favorite bard is at once to give their character and pronounce their elogium. It is the same terrible energy that produced Burger and the dramas of Schiller that enables the brutalized German to butcher his kneeling enemy”.

língua inglesa e o povo ao transmitir às gerações futuras as tradições ancestrais. Com relação à literatura germânica, Southey nutria pouca empatia, porém, o caráter de permanência é igualmente ressaltado, sendo os poetas contemporâneos Gottfried August Bürger (1747-1794) e Johann Christoph Friedrich von Schiller (1759-1805), portadores de uma “terrível energia”, como os bárbaros de outrora.

Southey parece ter uma maior admiração pela “era do gênio” do que é assumido explicitamente no *Ensaio*. Apesar de ter argumentado sobre uma maior centralidade da “era do gosto”, conferindo ênfase à necessidade dos autores do século XVIII em polirem a linguagem legada por autores da “era do gênio”, no prefácio à primeira edição do poema *Joana D’ Arc*, publicado em 1796, o jovem poeta não atribuiu o auge da composição épica nem aos antigos de Grécia e Roma, nem aos modernos. Southey demonstra ter preferência por um cânone de autores mais próximos à “era do gênio”, pois a partir deles, nenhuma regra legada pelos antigos poderia ser verificada em suas composições:

A inexistência de leis do mágico Ariosto e a singularidade do tema, tão bem como a singular excelência de Milton, torna todas as leis dos poemas épicos inaplicáveis a estes autores: Tão parecidos com Spencer, o favorito da minha infância, do qual a leitura frequente eu sempre encontro um prazer crescente.<sup>126</sup>

Enfatizar a centralidade da “era do gosto” no *Ensaio* foi a forma encontrada por Southey para arcaizar mais facilmente a experiência da história literária ibérica. A fruição estética nas obras de autores ibéricos parecia parcialmente vetada ao poeta. Southey assume no prefácio ao poema *Joana d’ Arc* que “[o]s Lusíadas, embora excelente em partes é desinteressante como um todo: pode ser lido com pouca emoção e lembrado com pouco prazer”. Para o jovem poeta, as acusações de “profanidade ou incongruência” eram insuficientes à obra de Camões, pois “[s]ua ilha flutuante é um bordel flutuante e nenhuma beleza pode suavizar a licenciosidade”.<sup>127</sup> O prazer estético de Southey ao ler os clássicos da literatura ibérica era suspenso perante a necessidade de predicação de juízos morais.

Nas *Letters*, o jovem letrado inicia uma de suas cartas demonstrando o deleite em sua leitura do romance pastoral do letrado francês Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794) *Estelle*, publicado em 1788, que segundo Southey foi inspirado nos

---

<sup>126</sup> SOUTHEY, Robert. **Joan of Arc an Epic Poem**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, Bristol, and Cadell and Davies, and G. G. And J. Robinson, London, 1796, p. vii. “The Lawless magic of Ariosto, and the singular theme as well as the singular excellence of Milton, render all rules of epic poetry inapplicable to these authors: so likewise with Spencer, the favourite of my childhood, from whose frequent perusal I have always found increase delight”.

<sup>127</sup> Id., 1796, p. 7.

romances pastorais do português Jorge de Montemayor (1520-1561). O jovem letrado demonstra excitação com a imaginação das cenas narradas por Florian a partir da inspiração de Montemayor até que de repente interrompe bruscamente seu relato e afirma: “[...] após deliciar minha fantasia com um amontoado de violetas, eu direciono meu nariz nas ruas de Lisboa”.<sup>128</sup> Após se dar conta do mau cheiro da cidade, Southey retornaria a reprovar a experiência de viver em Portugal. Na página seguinte, atacou novamente Camões e a literatura portuguesa: “Atrevo a afirmar que existe mais gênio em um de nossos Romances métricos do que pode ser encontrado em todos os Poemas Épicos de Portugal, sem excluir Camões”.<sup>129</sup>

Pode-se perceber que enfraquecer a grandiosidade da “era do gênio” perante a “era do gosto” e no limite afirmar o rápido florescimento e decadência da primeira em Espanha e Portugal, foi a forma encontrada por Southey para afirmar que estas nações em nada contribuíram para a história da literatura europeia. Perante esta perspectiva, não era necessário contextualizar de forma erudita os feitos de Camões, pois a explicação filosófica geral sobre a insignificância de Portugal vetava o espaço desta particularidade e a possibilidade da fruição estética. Dessa forma, o *Ensaio* sintetiza conceitualmente o projeto das *Letters* de arcaizar a experiência da história ibérica. Não é de se estranhar que com o aprofundamento de Southey em seus estudos sobre a literatura ibérica o *Ensaio* tenha sido retirado das reedições de 1799 e 1808, nas quais o jovem letrado procurou abrandar o tom crítico em geral da obra.<sup>130</sup> De forma semelhante, as críticas a Camões seriam relativizadas e contextualizadas na reedição do prefácio de *Joan of Arc*, em 1798,<sup>131</sup> evidenciando que concomitante à expansão da sua

---

<sup>128</sup> SOUTHEY, Robert. **Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosser for Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinson and Cadell and Davies, London, 1797, p. 480-481. “I sat up late last night reading the Estelle of Florian. I love the sheperds and shepherdesses of Romance; not the detestable eclogue rhymers, but those whom the author has made after his own heart, and whom he leads through all the vicissitudes of love to happiness, either in church or in the church-yard. The pleasure we feel in thus contemplating human nature, such as it should be, does not perhaps make amends for the mortification of seeing it such as it is. After interesting myself in rural loves, I feel totally unfit to associate with husbands who have purchased wives, and wives who have purchased husbands; the tittle-tattle of polite conversation appears more than usually dull when the mind has been delighted with the language of poetry and of the heart; the rattle of carriages makes but a melancholy discord to supply the murmurings of the brook and the songs of the grove; the convent bells sound villaioulsly, instead of the ‘the drowsy tinklings of the distant sold’, and after regaling my fancy with a bank of violets, I turn up my nose at the streets of Lisbon”.

<sup>129</sup> Id., 1797, p. 482. “I will venture to assert that there is more genius in one of our metrical Romances than can be found in all Epic Poems of Portugal, not excepting Camoens”.

<sup>130</sup> CABRAL, Adolfo. **Southey e Portugal: aspectos de uma biografia literária (1774-1810)**. Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959, p. 222.

<sup>131</sup> SOUTHEY, Robert. **Joan Of Arc**. 2º Edition. Bristol: Printed by N. Biggs, for T. N. Longman, Pasternoster-Row, London, And Joseph Cottlew, Bristol, 1798, p. 15.

erudição, Southey se abriria para formas mais intensas de experiência da “era do gênio” em Espanha e Portugal.

## **1. 2 IRONIAS, SÁTIRAS E METÁFORAS: A ESTÉTICA NARRATIVA EM VIGOR NAS *LETTERS WRITTEN DURING A SHORT RESIDENCE IN SPAIN AND PORTUGAL***

A edição de 1797 das *Letters* é constituída por 30 cartas, que relatam as impressões do jovem viajante sobre o cotidiano, os costumes e instituições de Espanha e Portugal, misturadas com poesias do próprio Southey e poesias, fábulas, diálogos, epigramas, tabelas estatísticas e textos em prosa de autores ibéricos. As poesias de autores espanhóis e portugueses em muitas ocasiões são seguidas das respectivas traduções. Como grande parte das poesias são apresentadas misturadas às impressões de viagens, o letrado oferece um índice após o sumário que possibilita o leitor consultar somente as produções literárias ibéricas escritas por diversos autores em contextos específicos. Em muitas ocasiões, as expressões literárias ibéricas são citadas como provas do estado de decadência destas nações testemunhadas visualmente pelo letrado. Apesar do caráter assistemático da obra, Southey teve um objetivo bem claro ao publicá-la, ou seja, mostrar o quanto excursionar e viver em Portugal e Espanha era desagradável para um homem civilizado.

Torna-se de fundamental importância compreender como os recursos estilísticos mobilizados nas *Letters* emergiram enredados à compreensão evolutiva e etapista da história vigente no *Ensaio* explorado na seção anterior. Nesse sentido, pretende-se analisar como a imaginação histórica de Southey foi vazada a partir de recursos estéticos que vigoraram em uma pluralidade de gêneros, inclusive nas histórias filosóficas. Tendo em vista a fusão de gêneros proposta nas *Letters* e o conhecimento prévio de Southey das obras de historiadores e filósofos renomados do século XVIII, evidenciado na seção anterior, investiga-se previamente a inter-relação entre experiência da história e a mobilização de recursos estéticos visando a contextualização do passado a partir das reflexões de Hayden White e J. G. A. Pocock. Com esta breve incursão nos argumentos dos referidos autores pretende-se circunscrever no campo historiográfico a vigência de recursos estéticos mobilizados nas *Letters*, tendo em vista o objetivo do jovem letrado de enredar os seus leitores em uma atmosfera de atraso e decadência, capaz de excitar tanto a rejeição quanto o riso do público.

Na obra *Meta-História*, especificamente no capítulo *A Imaginação Histórica entre a Metáfora e a Ironia*, Hayden White investiga como a não existência de uma filosofia da história orgânica no século XVIII foi decisiva para que as histórias filosóficas fossem vazadas de forma irônica e cética. Esta inconsistência interna das narrativas de progressos do século XVIII evidenciadas por White permitem uma maior compreensão, em um primeiro momento, das estratégias narrativas utilizadas por Southey para arcaizar o “outro” e, em um segundo momento, evidenciam como no limite esse outro poderia ser entendido de forma cética “como nós mesmos”, perante a evidenciação da universalidade da natureza humana.

Para White, a coexistência entre a compreensão contextual dos fatos e o julgamento em narrativas holísticas de progresso compostas pelos letrados do século XVIII, em especial historiadores, estiveram imersas em ambivalências, que se expressavam através de atitudes éticas, epistêmicas e estéticas estruturadas de forma irônica e cética, e vazadas satiricamente. O autor expõe como os princípios metanarrativos que envolviam letrados como Voltaire, Montesquieu, Hume, Gibbon e Kant se contrapunham ao próprio passado a ser narrado, pois se o objetivo inicial era demonstrar o progresso social através do tempo, este “[...] fim para o qual a representação histórica se destinava a contribuir era inconsistente com os meios realmente utilizados na construção das narrativas históricas”.<sup>132</sup> Logo, os letrados do século XVIII “escreviam a história contra a própria história, ou pelo menos contra aquele segmento da história que vivenciavam como ‘passado’”.<sup>133</sup> O vocabulário mobilizado por estes letrados funcionava em oposição ao contrapor valores “supersticiosos ou irracionais”, usualmente atribuíveis ao passado a valores “esclarecidos ou racionais”, usualmente atribuíveis ao presente. Entretanto, estes letrados não dispunham de instrumentos teóricos para “confirmar ou negar em definitivo essa concepção do significado da história”.<sup>134</sup>

A impossibilidade de idealizar o presente e a sua compreensão cética fundou-se na “concepção de natureza humana” corrompida ou como enunciado por Herder na constatação da “‘evidente bipolaridade’ da natureza humana”. Apesar de tentarem narrar o progresso através da história, em última instância o processo era concebido “irracional em sua essência”, pois as reprováveis “paixões”, “emoções”, “ignorâncias” e

---

<sup>132</sup> WHITE, Hayden. “A imaginação histórica entre a metáfora e a ironia”. In\_\_ : **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992, p. 62.

<sup>133</sup> Id., 1992, p. 72.

<sup>134</sup> Id., 1992, p. 79.

“superstições” estavam conectadas causalmente ao presente. Sendo assim, mais do que o “senhor” do mundo, o homem era concebido como “essencialmente um cativo”, sendo a “consciência e a vontade humanas” insuficientes no desafio de “sobrepular em definitivo a força obscura da morte”.<sup>135</sup> Dessa forma, segundo White, a ironia manifestava-se nas obras destes letrados em duas dimensões, tanto na metanarrativa, podendo ser evidenciada através das ambivalências entre o fim último (*telos*) almejado para o processo histórico e o passado, quanto na dimensão estético-formal das narrativas, devido ao recorrente emprego de sátiras (ironias militantes) na caracterização de eventos.<sup>136</sup>

Ao explorar como o ceticismo, a ironia e as sátiras manifestaram-se em Gibbon, Hume, Kant e Voltaire, White enfatiza como compreensões ambivalentes do processo histórico vigoraram nos escritos destes letrados, que concebiam tanto o progresso quanto a decadência na história. Particularmente com relação a Hume, o autor expõe como a conceituação da natureza humana como insensata, atitude cética, impossibilitou o letrado britânico de idealizar o presente em suas narrativas holísticas de progresso, estruturadas metanarrativamente de forma irônica e vazadas estilisticamente através do emprego de sátiras:

A forma cética que o racionalismo tomou ao refletir sobre sua época estava destinada a inspirar uma atitude puramente irônica com relação ao passado quando utilizado como princípio de reflexão histórica. O modo em que foram vazadas todas as grandes obras históricas do período foi o da ironia, daí resultando que todas tendessem para a forma sátira, realização suprema da sensibilidade literária daquela época. Quando Hume passou da filosofia para a história, porque sentia que a filosofia se tornava desinteressante em razão das conclusões céticas a que fora compelido, trouxe para o estudo da história a mesma sensibilidade cética. Achou ela cada vez mais difícil, porém, manteve o interesse por um processo que só lhe exibia o eterno retorno da mesma insensatez em muitas formas diferentes. Viu no registro histórico pouca coisa mais do que o registro da loucura humana, o que o levou por fim a se sentir tão entediado com a história como já se sentira com a filosofia.<sup>137</sup>

De forma semelhante a Hayden White, J. G. A Pocok, no primeiro volume da série *Barbarism and Religion*, no livro *The Enlightenment of Edward Gibbon (1737-64)*, explora como Gibbon enfrentou teoricamente a necessidade de articular a historicização do passado e a estética narrativa em seu texto de juventude *Essai sur l'étude de la littérature*, escrito em Lausanne, na Suíça, em 1758. Pocock analisa as inter-relações entre imaginação, julgamento e ironia em Gibbon a partir deste texto de

---

<sup>135</sup> Id., 1992, p. 24.

<sup>136</sup> Id., 1992, 44.

<sup>137</sup> Id., 1992, p. 68.

juventude, com o intuito de demonstrar como os métodos e técnicas narrativas em vigor posteriormente em *Decline and Fall* lançaram raízes em debates literários cosmopolitas a respeito da erudição e exemplaridade clássica.

Segundo Pocock, Gibbon se posicionou perante a tradição literária francesa ao expor que se o poeta Charles Perrault (1628-1703) não tivesse “[...] imitado as ações dos heróis Homéricos, poderia ter aprendido muito mais sobre eles e si mesmo ao examinar as diferenças entre suas maneiras, sua moral e de seu mundo”.<sup>138</sup> Se a imitação não era a forma adequada de lidar com a herança do passado, igualmente, o seu esquecimento era concebido como reprovável. Pocock expõe que segundo Gibbon o “polido” dramaturgo contemporâneo francês Bernard le Bouyer de Fontenelle (1657-1757) equivocou-se igualmente ao ridicularizar como “pedantes” os eruditos estudantes das antiguidades gregas e romanas. Os filósofos franceses concebiam os estudos da antiguidade separados dos das belas-letas, e, para Gibbon, as “austeridades matemáticas” de Jean le Rond d’Alembert (1717-1783) o impossibilitava de compreender a importância da erudição.<sup>139</sup>

Na querela entre antigos e modernos, Gibbon ridicularizava a imitação dos clássicos assim como se afastava dos que ratificavam a impossibilidade de se aprender com os estudos sobre o passado. Partindo dos *Ensaio Político* de Hume, Gibbon expunha que “os antigos gregos não compreendiam o que era o bom governo”, porém, a narrativa das “fúrias e tumultuosas facções” oferecia mais à imaginação que a “admirável” burocracia moderna, capaz de excitar somente a mais “frígida das paixões”. Para Gibbon, “[...] as belezas que alimentam o coração e suas afeições, podem apenas ser encontradas na poesia e na história do antigo mundo de encontros diretos, o que se tornou remoto na vida dos humanos modernos”, sendo necessário que os “contemporâneos aprendessem a pensar historicamente”.<sup>140</sup> No entanto, apesar do “coração humano poder conhecer a si mesmo somente em um mundo de ações diretas e encontros”, a “poesia antiga estaria fora de lugar na sociedade moderna”.<sup>141</sup> Dessa forma, se a imaginação podia ser excitada somente em confronto com o mundo antigo, somente na sociedade moderna que dela podia se tirar proveito. Tornava-se possível, então, aprender com a história através da diferenciação de épocas, pois o leitor

---

<sup>138</sup> POCOOCK, J. G. A. “The Essai sur l’étude de la littérature: imagination, irony and History”. In \_\_: **Barbarism and Religion: The Enlightenment of Edward Gibbon (1737-64)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, pp. 208-239, p. 223.

<sup>139</sup> Id., 1999a, p.219, 239.

<sup>140</sup> Id., 1999a, p. 221.

<sup>141</sup> Id., 1999a, p. 220.

contemporâneo podia tanto se entreter com os excessos e imprevisibilidades das paixões passadas quanto se instruir criticamente ao certificar a inadaptação destas à refinada sociedade contemporânea. Assim Gibbon, antecipando Burke, compreendia “os preconceitos não apenas como inevitáveis, mas também justificáveis pelo seu contexto”, tornando possível a partir do “estudo dos preconceitos dos outros a emancipação dos próprios preconceitos”.<sup>142</sup>

A contextualização do passado coexistia com o julgamento filosófico, o que não permitia, por exemplo, a recuperação de Milton como um exemplo, pois sua tentativa “de narrar as ações do Onipotente como combate heroico foi no fim hilariamente fracassada, não porque lhe faltava gênio, mas porque o gênio estava fora do lugar”.<sup>143</sup> Assim, a leitura dos autores do passado podia excitar a imaginação, entretanto, estes deveriam ser corrigidos em face aos avanços que vigoravam no presente. Pocock expõe que para Gibbon a análise da literatura de forma erudita “tornava-se o estudo da história” ao “possibilitar a expansão do estudo dos contextos, apresentados como produto das artes e das imprevisíveis ações humanas”, sendo que esta contextualização era seguida da interpenetração das avaliações do que o homem tinha sido e do que tinha de ser.<sup>144</sup> Portanto, os “poetas antigos ao pintarem o passado de que o presente foi uma extensão encorajavam-no tanto a unir-se a ele quanto a se distanciar”<sup>145</sup>, sendo que desta relação complementar e conflitante entre imaginação e julgamento emergia uma postura irônica perante a escrita, a leitura e o processo histórico.

A compreensão de um texto em seu contexto histórico era uma tarefa para imaginação. Era necessário situar a si mesmo no mundo de Virgílio e Augusto - *se donner les yeux des anciens* - para entender como a *Aeneid* e as *Georgics* tinham sido escritas, ouvidas ou lidas pelos habitantes daquele mundo. A imaginação requeria o juízo necessário para autenticar um texto, o gosto necessário para avaliar isto e finalmente o juízo civil, político e filosófico necessário para escolher entre ou combinar as várias prováveis explicações de um evento, as várias causas que poderiam plausivelmente ser ligadas a ele. O juízo era uma educação em probabilidade na necessidade de escolher o *méthode* sobre o *systeme* e em última análise de forma irônica. Para Gibbon – que deixava seu leitor consciente que o *événement particulier*, a ação ou motivação de um indivíduo, a ação que tinha tomado muitos autores em suas performances, nunca seria esgotada, embora pudesse ser iluminada pelas operações de uma lei geral – já teria declarado que não existia nenhum prazer igual aquele de assistir, compreender e comportar que é anômalo ou ambíguo,

---

<sup>142</sup> Id., 1999a, p. 231.

<sup>143</sup> Id., 1999a, p. 221.

<sup>144</sup> Id., 1999a, p. 224.

<sup>145</sup> Id., 1999a, p. 220.



como aqueles dos atores comportando-se como você não esperaria ou coisas acontecendo aonde você não esperaria que acontecessem.<sup>146</sup>

As reflexões de Hayden White e J. G. A. Pocock permite-nos ampliar nosso entendimento de como Southey se relacionava com os protocolos discursivos e estéticos vigentes no campo discursivo à sua disposição, tendo em vista seu objetivo de tanto ridicularizar sistematicamente a experiência da história de Portugal e, de forma ambivalente, em última instância demonstrar como era possível aprender com a experiência da história desta nação, devido à universalidade da natureza humana.

Um recurso estilístico mobilizado por Southey para identificar o atraso e a decadência da literatura, história e sociedade das nações peninsulares foram as sátiras. Tendo em vista que um dos critérios utilizados para mensurar o desenvolvimento das nações era o crescimento populacional coetâneo à multiplicação dos bens culturais, Southey mobilizou as narrativas do cronista seiscentista Antonio de Macedo (1606-1682) com o intuito de caracterizar satiricamente o estágio de desenvolvimento da população portuguesa:

Uma das muitas excelências de Portugal é esta grande população. Você duvida disto? Macedo lhe diz que Tubal em sua morte deixou 61 mil descendes. Duvida deste tão remoto fato? Portugal continha quinhentos e sessenta e oito mil habitantes nos tempos de Augusto. Mas você quer saber se Portugal é populoso no presente. Sua prova é decisiva. Blanca da Rocha, a esposa de Rodrigo Monteiro, teve catorze filhos em um parto, que foram todos batizados. Maria Marcela teve sete em um parto, e todos entraram para a igreja, grande benefício para população, sem dúvida! E Inez Casal de Gueday foi casada sete vezes e teve cento e nove filhos.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Id., 1999a, p. 239. “The understanding of a text in its historical context was a task for the imagination. It was necessary to situate oneself in the world of Virgil and Augustus – *se donner les yeux des anciens* – in order to understand how the *Aeneid* and the *Georgics* had been written, heard or read by inhabitants of that world. Imagination entailed judgment: the critical judgment needed to authenticate a text, the taste needed to evaluate it, and finally the civil, political and philosophical judgment needed to choose between or combine the various probable explanations of an event, the various causes that could plausibly be assigned to it. Judgment was an education in probability, in the need to choose *méthode* over *systeme*, and in the last analysis in irony; for Gibbon –who leaves his reader aware that the *événement particulier*, the action or motive of an individual, the action which has taken many actors to perform it, never conforms to though it may be illuminated by the operation of a general law– has already declared that there is no pleasure equal to that of watching, and understanding, behaviour which is anomalous or ambiguous, that of actors behaving as you would not expect them to behave or things happening where you would not expect them to happen”. [Grifo nosso]

<sup>147</sup> SOUTHEY, Robert. **Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosserfor Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinson and Cadell and Davies, London, 1797, p. 283. “One of the many excellences of Portugal is its great population. Do you question this? Macedo tells you that Tubal at his death left sixty-five thousand descendants. Do you object to this as as too remote fact? It contained five hundred and sixty-eight thousand inhabitants in the time of Augustus. But you want to know if it be populous at present. His proof is decisive. Blanca de Rocha, the wife of Rodrigo Monteiro, had fourteen children at a birth, who were all baptized. Maria Marcella had seven at a birth, who all entered the church, greatly to the benefit of population no doubt! And Inez del Casal de Gueday was married seven times, and had an hundred and nine children”.

A supersticiosidade do relato do cronista tornava-se evidente para os leitores britânicos ao ser demonstrado em outras partes da obra análises de letrados e políticos portugueses do século XVIII, que problematizavam a decadência e o atraso do Reino. Southey apresenta uma tabela da obra *Discurso jurídico econômico-político* (1788), composto pelo bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra Domingos Nunes de Oliveira (?1807), na qual a decadência da população da Comarca de Castelo Branco é exposta a partir da comparação do contingente habitacional nos anos de 1706, 1755 e 1786.<sup>148</sup> A decadência de toda a nação podia ser comprovada pelos leitores no *Memorial on the State of Portugal*, título dado por Southey à sua tradução resumida de um manuscrito composto por Dom Luis da Cunha (1662-1749), que, segundo o letrado britânico, não era de conhecimento do público leitor português. Neste resumo do manuscrito, que Southey afirma ter sido composto originalmente por volta de 1740, são apresentados elementos que comprovavam a superioridade da mais desenvolvida Espanha em relação ao estado de decadência de Portugal.<sup>149</sup>

Através da utilização de textos de letrados portugueses do século XVIII, mais do que demonstrar o potencial de Portugal em superar a decadência e o atraso do reino, o jovem letrado dava ênfase ao fato de as produções intelectuais não circularem em meio ao povo iletrado. Para Southey, em Portugal e Espanha, ao contrário da Grã-Bretanha, os indivíduos não desfrutavam, no âmbito doméstico, dos benefícios civilizacionais da literatura, ou seja, as produções dos acadêmicos ibéricos tornavam-se mais conhecidas no exterior do que nas respectivas nações. A circulação das obras literárias, para Southey, possibilitava a formação de uma opinião pública crítica, capaz de articular os interesses domésticos e a intimidade dos indivíduos, às demandas políticas Estatais, podendo estas serem harmonizadas em um todo social. Sendo assim, os indivíduos não podiam refinar a brutalidade dos arcaicos costumes, pois as paixões não eram ajustadas em face à apreciação do refinamento da literatura contemporânea. Na Espanha, Southey afirma ter visto em Corunha

[...] uma tradução de Adam Smith, A Riqueza das Nações. Quais mutilações a obra pode ter sofrido não sei, mas certamente nenhuma mutilação prevenirá tal trabalho de produzir o bem na Espanha. Uma tradução da Senhorita Lee, O

---

<sup>148</sup> Id., 1797, p. 495.

<sup>149</sup> Id., 1797, p. 408-463.

Recesso, é anunciada. Trabalhos desta natureza geram gosto pela leitura, e até o gosto se tornar geral é vão esperar qualquer efeito benéfico da literatura.<sup>150</sup>

A obra *A Riqueza das Nações* (1776) de Adam Smith e o romance histórico *O Recesso, ou um conto de outros tempos* (1783), poderiam refinar o gosto dos leitores espanhóis, porém, beneficiariam o progresso da nação em sua totalidade somente se o polimento do gosto alcançasse dimensões públicas quantitativamente significativas. Como em Portugal, Southey não identificava as ressonâncias sociais do refinamento do gosto, por isso teceu duras críticas à ociosidade das reflexões dos letrados daquelas nações.

Dessa forma, a Academia Real de Ciências de Lisboa foi alvo constante de sátiras nas *Letters*. Com relação à premiação da obra *Ensaio sobre a extensão dos limites da beneficência a respeito, assim dos homens, como dos mesmos animais* (1793) escrita pelo Conde Leopoldo Berchtold (1738-1809), escritor de textos em inglês e alemão, Southey escreve que efetivamente suas “prazerosas” “teorias da caridade” não tinham impacto em meio à iletrada população, que nem mesmo sabia da existência do seu nome.<sup>151</sup> Em outra oportunidade, satiriza o fato dos acadêmicos utilizarem no dicionário da instituição os mesmos argumentos de Antonio de Macedo para justificar a grandeza da língua e da nação portuguesa. O cronista português ratifica a grandeza da língua portuguesa afirmando que a sua antiguidade remonta ao episódio bíblico da Torre de Babel, sendo que após este, Tubal, filho de Noé, trouxe a Portugal esta perfeita e harmônica língua, apta a todos os estilos e tão próxima ao latim.<sup>152</sup> Southey afirma que para provar os argumentos de Antonio de Macedo os acadêmicos produziram uma longa dissertação: três páginas!<sup>153</sup> O grau da sátira era ampliado a seguir através da anedota: “Tudo isto me lembra dos esquimós, que distinguem a si mesmos do resto da humanidade pelo título de Homens. Um destes homens viu um macaco empalhado na Inglaterra e declarou na última agitação que era um esquimó velho e pequeno!”<sup>154</sup>

---

<sup>150</sup> Id., 1797, p. 174. “[...] a translation of Adam Smith on the Wealth of the Nations. What mutilations it may have undergone I know not, but surely no mutilation can prevent such a work from producing good in Spain. A translation of Miss Lee’s Recess is advertised. Works of this nature generate a taste for reading, and till this taste becomes general, it is in vain to expect any beneficial effects from literature”.

[Grifo nosso]

<sup>151</sup> Id., 1797, p. 368.

<sup>152</sup> Id., 1797, p. 285-287.

<sup>153</sup> Id., 1797, p. 288.

<sup>154</sup> Idem. “All this reminds me of the esquimaux, who distinguish themselves from the rest of mankind by the title of Men. One of these men saw a dried Monkey in England, and declared in the utmost agitation that it was a little old Esquimaux!”

Apreciação semelhante foi feita a propósito do progresso da medicina em Portugal:

Você pode estimar o progresso da medicina deste país por esta circunstância. – O ministro holandês aqui machucou sua perna; um cirurgião português foi chamado: ele diagnosticou que era uma fratura, realizou a operação para fixar, enfaixou o ministro, e deixou seu paciente na cama. Após dois dias o Doutor H. foi chamado; examinou o membro, e solicitou que o holandês levantasse e andasse pelo quarto. Isso ocorreu apenas poucos anos atrás. No começo do último ano um cirurgião do país foi chamado para assistir uma criança cujo braço foi quebrado em três partes, e ele nunca descobriu a fratura.<sup>155</sup>

Para Southey, o emprego da sátira não deslegitimava suas cartas, pois ele foi testemunha visual dos fatos: “[...] tenho relatado o que tenho visto. Das abundantes anedotas, não existe nenhuma que duvide da autenticidade. Não existe nenhuma inquirição formal sobre comércio e política, tenho narrado somente fatos, e, o leitor pode comentar por si mesmo”.<sup>156</sup> As várias “imitações poéticas” de autores lusos e hispânicos, apesar de “livres”, eram “fiéis”, o que podia ser conferido no original anexado em notas. As cartas que relatavam a jornada pela Península eram minuciosas, podendo os detalhes serem “úteis para aqueles que possam viajar pelo mesmo caminho e prazerosa para os já familiarizados”.<sup>157</sup> Naturalmente, não era seu objetivo produzir uma inquirição formal e sistemática sobre política e comércio, pois o comprometimento do jovem letrado estava desvinculado do decoro, da contenção emotiva e formal das narrativas históricas tradicionais. Assim, ao se envolver passionalmente no relato, tinha a intenção de expor de forma verossímil como as questões públicas estavam enredadas à domesticidade, às maneiras em vigor naquelas sociedades.

Nesse sentido, a improdutividade do reino foi constantemente ressaltada, pois este estado de coisas era o fruto da preguiça de homens e mulheres ignorantes, que ao invés de ararem a terra se deleitavam nas danças e jogos de cartas.<sup>158</sup> Por outro lado, se o excesso das paixões impossibilitava o crescimento produtivo do reino, a repressão ascética das sensações corporais era uma atitude igualmente reprovável, sendo

---

<sup>155</sup> Id., 1797, p. 490-491. “You may estimate the medical progress of this country by this circumstance. – The Dutch Minister here hurt his leg; a Portuguese Surgeon was called in: he pronounced it a fracture, performed the operation of setting it bandaged it, and laid his patient in bed. After two dayys Dr. H. was called in; he examined the limb, and bade the Dutchman rise and walk about the room. This occurred but a few years back. In the beginning of the last year a surgeon of the country was called in to an infant whose arm was broken in three places, and he never discovered the fracture”.

<sup>156</sup> Id., 1797, p. 5. “In the following letters I have related what I have seen. Of the anecdotes with which they abound, there are none of which I myself doubt the authenticity. There are no disquisitions on commerce and politics; I have given facts, and the reader may comment for himself”.

<sup>157</sup> Id., 1797, p. 5-6.

<sup>158</sup> Id., 1797, p. 269.

antinaturais, pois “Deus sabiamente deu-nos paixões e foi a sociedade que tem feito a indulgência delas um vício”.<sup>159</sup> Dessa forma, por manterem homens e mulheres em reclusão celibatária, os conventos e mosteiros foram hostilizados através de sátiras por subtraírem o potencial do progresso produtivo e populacional do Reino. Logo, para Southey, era um absurdo que na idade de quinze anos os jovens fizessem

[...] votos que os isolam para sempre dos deveres e virtudes humanas, não das paixões e fragilidades da humanidade. Nesta situação, toda energia da mente é destruída, ou “como a árvore cujo crescimento é obstruído, os galhos deformam”.<sup>160</sup>

A compreensão da história como sendo movida por paixões naturais dadas por Deus possibilitou ao jovem letrado empregar metáforas orgânicas para descrever as ações humanas. Nesse sentido, o crescimento deformado da árvore seria análogo à deformação do corpo pelo rigor da reclusão ascética.<sup>161</sup>

Southey utilizou vários gêneros como o relato de viagens em forma de cartas, a poesia, a prosa, a tradução e o ensaio histórico-literário como provas verossímeis, vestígios do atraso e da decadência das nações ibéricas. Assim, se o objetivo inicial de Southey foi situar a narrativa no presente, o retorno ao passado foi utilizado para demonstrar o entrelaçamento entre a corrupção pretérita e a constituição do devir, percurso histórico envolvido em uma compreensão da natureza humana como decadente:

As fortificações de Extremos não podem ser reparadas e toda a cidade trazem as marcas da decadência. A contemplação de um país decaído é muito melancólica: são raras as vezes que tanto os indivíduos quanto as nações tornam-se sábios a partir da desgraça. A dor de cabeça da manhã não previne o bêbado de se intoxicar à noite: a experiência das épocas não tem ainda prevenido os governos da humanidade de buscarem sua usual carreira de loucura e culpa.<sup>162</sup>

---

<sup>159</sup> Id., 1797, p. 262.

<sup>160</sup> Id., 1797, p. 274. “At the age of fifteen the child is allowed to take those vows that seclude him forever from human duties and human virtues, not from the passions and frailties of humanity. In this situation all the energy of the mind is destroyed, or ‘like a tree whose upward growth is obstructed, branches into deformity’”

<sup>161</sup> Para um aprofundamento teórico sobre a importância das metáforas e do não conceitual para a dinamização contemporânea da História dos Conceitos (*Begriffsgeschichte*) Cf. PALTÍ, Elías José. “From Ideas to Concepts to Metaphors: The German Tradition of Intellectual History and the Complex Fabric of Language”. **History and Theory** 49 (May 2010), pp. 194-211. Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Pirâmides do Espírito. Sobre a rápida ascensão, as dimensões invisíveis e o súbito esmorecimento da história dos conceitos”. In **Graciosidade e Estagnação**. Contraponto/ Puc-Rio, 2012, pp. 15-60.

<sup>162</sup> SOUTHEY, Robert. Op. Cit., 1797, p. 250. “The fortifications of Extremos are out repair, and the whole town bears the marks of decay. The contemplation of a fallen country is very melancholy: it is seldom that either individuals or nations become wiser from misfortune. The headache of the morning does not prevent the drunkard from intoxicating himself at night: the experience of ages has not yet prevented the governors of mankind from pursuing their usual career of folly and guilt”. [Grifo nosso]

Para Southey, uma pedagogia universal podia ser apreendida da experiência da história de Portugal. O auge e a decadência da história desta nação, segundo Southey, aconteceram em uma época na qual a Europa estava imersa na barbárie feudal e na superstição religiosa, o que dificultava a instrumentalização do passado em proveito dos homens do presente. Contudo, a experiência da história de Portugal possibilitava a conjectura sobre os vícios nos quais a natureza humana estava enredada. Através da metáfora “a dor de cabeça da manhã não previne o bêbado de se intoxicar à noite”, criticava não somente Portugal, pois, os vícios deste bêbado constituíam a natureza dos próprios britânicos, visto que estes não aprenderam com os excessos de violência do passado. Assim, o espírito de facção desencadeador de grande violência nos tempos da Reforma ainda vigorava no presente, o que levava Southey a enunciar sua indignação:

A intolerância me deixa doente! Todo homem que conheço é um Procustes, que mede o valor de todos além dos limites das suas próprias opiniões. Do ateu ao frei franciscano, através dos elos dos deístas, o humanista, o sociniano, o baixo ariano, o alto ariano, os ortodoxos dissidentes, e os elevados homens da igreja – tudo é intolerância! Posso persuadir ninguém que estas opiniões opostas podem existir sem afetar o caráter moral.<sup>163</sup>

A imagem da intolerância é personificada em Procustes, um personagem da mitologia grega que vivia na serra de Elêusis, conhecido por ter em sua casa uma cama de ferro exatamente do seu tamanho, a qual era oferecida para os viajantes se deitarem. Os viajantes nunca se ajustavam à medida de cama de Procustes e eram penalizados fisicamente por isto, pois o mesmo cortava as partes dos corpos daqueles maiores que o leito, ou esticava aqueles que tinham pequena estatura. Esta imagem da intolerância na mitologia grega era análoga aos conflitos religiosos contemporâneos na Grã-Bretanha. Se em princípio Southey reivindica a polidez das maneiras britânicas em vigor como superior a tudo existente na sociedade portuguesa, a partir da experiência da história de Portugal o letrado abstraía uma pedagogia universal que condenava os vícios naturais à humanidade, estando dentre eles a intolerância.<sup>164</sup>

Contudo, apesar do ceticismo com relação ao presente, o passado europeu e suas permanências em vigor na Península manifestam-se como mais ameaçadoras. O medo do passado e dos seus vestígios se fundamentava na possibilidade do seu retorno

---

<sup>163</sup> Id., 1797, p. 310. “I am sick of intolerance! Every man I meet is a Procustes, who measures the worth of all besides by the standard of his own opinions. From the Atheist to the Franciscan Friar, thro the links of the Deist, the Humanist, the Socinian, the low Arian, the high Arian, the orthodox Dissenter, and the high Churchman – all is intolerance! And I can persuade no one that these opposite opinions may exist without affecting the moral character”.

<sup>164</sup> Id., 1797, p. 276.

efetivo, visto que a natureza humana estava dada aos vícios como um bêbado incapacitado de evitar a embriaguez. Para alcançar este diagnóstico que evidencia a possibilidade da decadência na história a partir de um caso particular, o jovem letrado não se restringiu à utilização de um único gênero. Uma miscelânea de traduções poéticas, ensaios histórico-literários, resumos de obras de letrados lusos e hispânicos contemporâneos, relatos de hábitos cotidianos, de anedotas, metáforas, ironias e sátiras constituíam um todo que, apesar de aparentemente fragmentado, transmitia uma atmosfera histórica capaz de provocar a repulsa e o riso no público leitor britânico.

Envolvido neste complexo universo discursivo e estético, tendo à disposição uma multiplicidade de gêneros, Southey pode ultrapassar a fronteira das ironias e sátiras, que reivindicavam a superioridade britânica e empregar as metáforas, especificamente a do “bêbado”, que deflagravam comparativamente a decadência de toda a natureza humana. Dessa forma, a partir das narrativas relativas às nações ibéricas, formulava uma pedagogia universal ao empregar uma metodologia semelhante à utilizada em suas palestras históricas, tendo em vista a síntese dada ao irmão, Thomas Southey, em 1795: “Estou dando um curso de palestras históricas, em Bristol, ensinando o que é certo através da exposição do que é errado”.<sup>165</sup>

Portanto, mesmo se posicionando criticamente à historiografia filosófica do século XVIII, Southey estava envolvido em elementos discursivos e estéticos que vigoraram nas obras dos historiadores que o precederam, o que foi decisivo para a composição das *Letters*. Na próxima seção, discute-se a recepção das *Letters* nos periódicos britânicos, explorando como a escrita desta obra foi direcionada para um público leitor crítico, familiarizado com relatos de viagens sobre as nações peninsulares. Explora-se como a autoridade dos relatos de viagens se fundamentava na certificação da polidez do observador, o que foi decisivo para a recepção positiva de William Costigan e Southey.

### **1.3 NOS HORIZONTES DA LINGUAGEM DA POLIDEZ: A RECEPÇÃO DE SOUTHEY E WILLIAM COSTIGAN**

A dualidade moral nos escritos de Southey ultrapassa seu curso sobre leituras históricas e as *Letters*, estando presente em múltiplos gêneros literários do século XVIII

---

<sup>165</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. II, London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 235 [1795].

como as histórias filosóficas, os relatos de viagens, as biografias e os romances. Estes gêneros não podem ser compreendidos como autocontidos, pois se as histórias filosóficas exploravam as interconexões entre o passado e o presente enfatizando a comparação entre épocas com o intuito de derivar um juízo moral, os romances e os relatos de viagens ao narrarem eventos contemporâneos podiam situar a imaginação dos leitores em lugares geograficamente distantes, que se diferenciavam pelo avanço singular da história nas respectivas localidades. Logo, tanto o tempo quanto o espaço tornaram-se decisivos para a caracterização do avanço ou retardo da história enquanto um processo vivo, que podia ser apreendido através da descrição das experiências sociais.<sup>166</sup>

Na Grã-Bretanha, em meados do XVIII, as experiências sociais em vigor tanto no passado quanto no presente tornaram-se uma temática privilegiada nos múltiplos gêneros, pois eram as artes, as ciências, a literatura e o comércio os fatores considerados decisivos para o progresso na história. A dualidade antiga entre o público e o privado que sustentava a autoridade da virtude republicana clássica redefinía-se em face à expansão das demandas sociais, que aglutinava aos interesses do Estado questões relativas à domesticidade.<sup>167</sup> Assim, o bem-estar cotidiano de homens e mulheres tornou-se uma questão política de suma importância, pois a sociedade civil foi investida do direito ao acesso a objetos e informações, que circulavam através do comércio e da imprensa.<sup>168</sup> Segundo J. G. A. Pocock, “a psicologia da época afirmava que encontros com coisas e pessoas evocavam paixões e as refinavam, transformando-as em maneiras”, sendo a “preeminente função do comércio refinar as paixões e polir as maneiras”.<sup>169</sup> Nesse sentido, “[...] um direito às coisas se tornava um caminho para a

---

<sup>166</sup> KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madrid: Editorial Trotta, 2004, *passim*.

<sup>167</sup> Nesse sentido, segue-se Hannah Arendt, que define: “[...] a ascendência da esfera social, que não era nem privada nem pública no sentido restrito do termo, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com o surgimento da era moderna e que encontrou sua forma política no Estado nacional”. ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1983, p. 37.

<sup>168</sup> Pocock diferencia a imutável “virtude republicana clássica”, por ser inscrita na ordem natural, da cambiável “virtude moderna”, em face à disseminação do comércio e possibilidade de expansão do foro íntimo: “Montesquieu y otros teóricos sociales deberán concluir que la virtud espartana, romana o gótica, fundada en la posesión de la tierra por individuos austeramente independientes, era de una dureza inhumana y que solo con la expansión del comercio y las artes los hombres se socializaron y llegaron a adquirir la capacidad necesaria para poder albergar sentimientos como la confianza, la amistad y el amor Cristiano”. POCOCK, J. G. A. **El Momento Maquiavélico**: el pensamiento político florentino y la tradición republicana Atlántica. Madrid: Editorial Tecnos, 2002, p.532.

<sup>169</sup> POCOCK, J. G. A. “Virtudes, Direitos e Maneiras”. In \_\_: **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003, pp. 83-99, p. 97.



prática da virtude, já que a ‘virtude’ podia ser definida como a prática e o refinamento das maneiras”.<sup>170</sup>

Segundo Mark Phillips em *Society and Sentiment*, as histórias filosóficas, os relatos de viagens, os romances e as biografias enriqueceram-se mutuamente ao compartilharem um “discurso do social” que incorporou à dimensão pública os costumes domésticos e a intimidade dos indivíduos. Os termos “costumes e maneiras” difundia-se entre os gêneros, constituindo uma linguagem capaz de “relacionar as mais individuais questões de conduta e os mais remotos costumes dos povos”.<sup>171</sup> Sendo assim, a intimidade dos indivíduos e os interesses sociais se enredavam de forma a constituírem uma sensibilidade epocal capaz de cindir a experiência histórica. O presente não podia se identificar com o passado, pois o avanço da literatura, do comércio e das artes havia possibilitado o refinamento das paixões individuais e a transformação destas em maneiras socializáveis, o que definia a singularidade do século XVIII. Nesse sentido, Philips explora a interpenetração entre as paixões íntimas e as maneiras socializáveis a partir de uma pluralidade de gêneros que se comunicavam através do que o autor denomina de “discurso do social” ou “linguagem das maneiras”.<sup>172</sup>

Paul Goring em *Rethoric of Sensibility in Eighteenth-Century Culture* analisa como as performances públicas dos oradores foram de fundamental importância para a consolidação de um ideal de refinamento da sociedade, colocando em destaque como a civilidade foi “incorporada”, ou seja, como os corpos dos indivíduos tornaram-se “atos de civilidade”. Para o autor, esta pedagogia da polidez obscurecia a tênue linha da domesticidade e da publicidade, estando intimamente relacionada às atividades de entretenimento difundidas socialmente nas obras de ficção, nos teatros, nos clubes de leituras, nos cafés, nos salões e nos periódicos. Nesse sentido, Goring analisa como práticas de refinamento social representadas corporalmente tornaram-se pregnantas através da disseminação da linguagem da polidez:

Esta linguagem da polidez – operando em muitos níveis, incluindo o somático, emergiu como uma forma de intercâmbio para suavizar as relações e integrá-las em um desenvolvimento em comunidade de indivíduos engajados social e publicamente. A polidez, definida na metade do século por Smollett como “a arte de fazer as pessoas agradáveis... uma arte que necessariamente implica um senso de decoro e uma delicadeza de sentimentos”, permitiu os membros da

---

<sup>170</sup> Id., 2003, p. 98.

<sup>171</sup> PHILIPS, Mark. **Society and Sentiment**: genres of historical writing in Britain, 1740-1820. Princeton University Press, 1997, p. 19.

<sup>172</sup> Idem.

classe média apresentarem uma imagem pública gentilmente civilizada. A polidez tornou-se um ideal de conduta social – um marco de comportamento civilizado que podia ser invocado em diferentes situações ou atividades. Foi esta qualidade que validou o engajamento dos indivíduos em “companhias polidas”, “aprendizados polidos”, “cartas polidas”, “artes polidas”, daí por diante.<sup>173</sup>

A ampla circulação de obras e resenhas críticas em periódicos foi fundamental para a standardização desta linguagem. A dinâmica da circulação periódica na Grã-Bretanha do século XVIII possibilitou que autores e leitores constituíssem comunidades interpretativas, envolvidas em sensibilidades históricas, estéticas, epistêmicas e políticas comuns. Segundo Michael Mckeon, a autoridade do conhecimento moderno se constituiu no trânsito das sensibilidades tecidas no âmbito da intimidade à sua ampla circulação social<sup>174</sup>, visto que “[...] o poder do conhecimento publicado esta aliado ao conhecimento empírico, [sendo que] a autoridade impessoal da objetividade deriva-se do fato dela ser drenada da subjetividade pessoal”.<sup>175</sup> Assim, foi perante a dinâmica circulação social e interação entre a “personalização” doméstica e a “despersonalização” pública que se consolidou a figura do autor e a autoridade do conhecimento moderno.<sup>176</sup> A partir do surgimento da imprensa, Mckeon explora como a literatura afastou-se de instâncias normativas, pois as expectativas de um amplo público social tornaram-se constitutivas dos horizontes discursivos.

Com a proliferação da impressão, os textos respondiam a outros textos, comparados e cruzados ainda com outros textos, textos endereçados já que eles representavam comunidades de enunciação textual ou foram em si mesmos incorporação de discursos, criando uma virtual, mas intrincada rede de atos de fala, ‘um imanente estilo crítico’, que ampliava a confiança no intercâmbio do discurso terreno, fomentando o sentido espacial de uma mundanidade determinada pelos desejos.<sup>177</sup>

---

<sup>173</sup> GORING, Paul. **Rethoric of Sensibility in Eighteenth Century Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 22. “This language of politeness – operating on many levels, including the somatic – emerged as a form of social currency to smooth the relations of a developing community of socially and publicly engaged individuals. Politeness, defined in the midcentury by Smollett as ‘the art of making one’s self agreeable ...an art that necessarily implies a sense of decorum, and a delicacy of sentiment’, allowed members of the middling classes to present a public image of civilised gentility. Politeness became an ideal of sociable conduct – a touchstone of civilised behavior that could be invoked within many different situations or activities. It was the quality that validated an individual’s engagement in ‘polite company’, ‘polite learning’, ‘polite letters’, ‘the polite arts’, and so on”.

<sup>174</sup> McKEON, Michael. **The Secret History of Domesticity: public, private, and the division of knowledge**. Baltimore: John Hopkins University press, 2005, p. 49.

<sup>175</sup> Id., 2005, p. 84.

<sup>176</sup> Id., 2005, p. 88.

<sup>177</sup> Id., 2005, p. 68. “As print proliferated, texts responded to other texts, compared and cross-referenced still other texts, addressed texts as though they represented communities of textual utterance or were themselves embodied speakers, creating a virtual but intricately realized network of speech acts, “an immanent style of criticism” whose increasingly confident negotiation of the discursive terrain fostered the spatial sense of a terrain, a determinate place one might enter and depart from at will”.

Esta interpenetração entre domesticidade e publicidade foi decisiva para a composição das *Letters*, tendo em vista que Southey ao escrevê-la a direcionava para um público leitor familiarizado com relatos de viagens que abordavam a Península Ibérica.<sup>178</sup> Em 1797, imediatamente após a publicação das *Letters*, esta obra foi comentada no periódico *Monthly Review*. A partir do comentário do resenhista pode-se perceber que os relatos de viagens multiplicavam-se na imprensa britânica, informando e entretendo o público leitor. Uma pluralidade de objetos era passível de ser abordada pelos viajantes, que podiam se dedicar à apreciação dos monumentos da antiguidade, ao estado presente das nações, à história natural e aos avanços das artes e da literatura.

Poucos tipos de publicações têm crescido mais nos últimos anos que as narrativas de viagens: seu número manifesta a geral estima em que eles são considerados pelo público. As diferenças na visão dos diferentes viajantes mostram a multiplicidade de objetos que eles oferecem para o industrioso e inteligente inquiridor. Um homem, no curso de sua jornada, confinará sua principal atenção aos monumentos da antiguidade que se apresentam a sua observação. Outro notará principalmente o presente estado do país. O pupilo de Linneu ou Gipin fará excursões através das trilhas e lugares mais frequentados. Outros irão à busca dos objetos da história natural. Outros em procura das belezas das montanhas solitárias, das florestas fechadas, das poderosas cataratas e dos lagos tranquilos. Enquanto o admirador das finas artes, os amantes da literatura e da sociedade, visitarão as cidades populosas, as esplendidas mansões, os lugares de aprendizado, em busca dos seus favoritos objetos.<sup>179</sup>

O resenhista aponta que o “engenhoso” autor das *Letters* pertencia à última classe de viajantes mencionada, sendo seu grande mérito trazer ao lar “uma rica colheita de frutos parnasianos” de lugares “agrestes às Musas, nos quais a imundícia esqualida, a indolente indiferença, a idiótica superstição, teria cedido ao fervor do trabalho e à altivez da independência”.<sup>180</sup> Segundo o resenhista, se o “zelo católico” desaprovava a obra, o mais “imparcial dos advogados dos justos direitos da humanidade aplaudiria o

---

<sup>178</sup> Para a análise contextual da recepção de obras em periódicos britânicos em resenhas na virada do século XVIII para o XIX e a compreensão da prévia educação literária dos leitores moldando o mercado editorial Cf. BUTLER, Marilyn. “Culture’s Medium: the role of the review”. In\_: CURRAN, Stuart. **British Romanticism**. Cambridge: Universty Press, 2010, pp. 127-152.

<sup>179</sup> **The Monthly Review** or Literary Journal, Enlarged: from May to August, inclusive M, DCC, XCVII. Vol. XXIII. London: Printed for Griffiths, 1797, pp. 302-306, p. 302. Few kinds of publications have increased more of late years than accounts of voyages and travel: their number manifests the general esteem in which they are held by the public; and the difference in the views of different travellers shows the multitude of objects that offer themselves to the industrious and intelligent inquirer. One man, in the course of his journey, will confine his chief attention to the monuments of antiquity that present themselves to his observation; another will principally notice the present state of the country; the pupil of Linné or Gilpin will make excursions from the beaten track and the most frequent spots, the one in pursuit of the objects of natural history, the other in search of the wild beauties of the lonely mountain, the deep forest, the thundering cataract, and the placid lake; while the admirer of the fine arts, and the lover of literature and society, will visit the crowded town, the splendid mansion, and the seats of learning, in quest of his favorite objects”.

<sup>180</sup> Idem.

calor e o interesse a respeito do que ele considera o geral bem-estar e verdadeira felicidade”.<sup>181</sup> Ora, mesmo fazendo menção a símbolos como o Parnaso e as Musas, o resenhista não julgou a obra do jovem letrado em face às normas de composição clássicas de pureza formal, equilíbrio e rigor. A mistura de gêneros e a narrativa anedótica agradavam o autor da resenha, pois Southey predicava a “verdadeira felicidade” e rejeitava a “idiótica superstição” de forma “agradável e viva” ao narrar os costumes ibéricos.

O Senhor Southey, no entanto, não se conteve na história da poesia espanhola. Com relação a Portugal, ele enriqueceu seu livro com um resumo de um muito curioso e valioso manuscrito, escrito por um português secretário de estado, contendo planos para o melhoramento de seu país natal. O autor ainda narra muitas anedotas e outros interessantes casos particulares a respeito das maneiras e modos de vida dos habitantes. No geral, suas cartas contem uma larga porção de informação, comunicadas em uma forma muito agradável e viva.<sup>182</sup>

De forma semelhante, para o resenhista da *Critical Review*, o gênio de viajante do jovem letrado “misturava-se” com o de poeta, o que deu o caráter “vivo”, “divertido” e “informativo” à sua obra. Southey é elogiado por sua “sensível e acurada mente” e por seu “gosto e amor pela literatura [que] deram uma variedade de caminhos não encontrados em trabalhos desta natureza”. A sujeira e o desconforto eram objetos de “muitas sátiras vivas”, pois Espanha e Portugal estavam “ainda mergulhadas na deplorável ignorância, distantes das delícias dos comuns confortos da vida civilizada”.<sup>183</sup> De fato, as apreciações dos resenhistas não surpreenderam o jovem poeta, pois ao produzir a obra nutria expectativas positivas com relação à sua recepção. Southey demonstra conhecer outros relatos de viagens sobre Portugal, em especial a série de cartas intituladas *Sketches of Society and Manners in Portugal*, do autor que escrevia sob o pseudônimo de William Costigan. Southey menciona nas *Letters* esta obra ao escrever que “as cartas de Costigan constituem um livro aparentemente tão romântico, embora realmente tão verdadeiro”.<sup>184</sup> Ao mencionar a obra de Costigan, amplamente divulgada nos periódicos britânicos, Southey reivindicou a verossimilhança

---

<sup>181</sup> Idem.

<sup>182</sup> Id., 1797, p. 306. “Mr. Southey, however, has by no means confined himself to the poetical History of Spain. With respect to Portugal, he has enriched his book with an abridgment of a very curious and valuable manuscript, written by a Portuguese secretary of state, containing plans for the improvement of his native country; and he has given several anecdotes, and other interesting particulars, concerning the manners and modes of life of the inhabitants. On the Whole, these letters contain a large portion of information, communicated in a very agreeable and lively manner”.

<sup>183</sup> **The Critical Review**; or, Annals of Literature; Extended and Improved. By a Society of Gentleman. Vol. XX. London: Printed for Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1797, pp. 378-384, p. 384.

<sup>184</sup> SOUTHEY, Robert. **Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal: with some account of Spanish and Portuguese poetry**. Bristol: Printed by Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, Bristol and G. G. and J. Robinson, and Cadell, and Davies, London, 1797, p. 396.

do seu relato, pois, assim como nos *Sketches*, o jovem letrado teceu duras críticas aos costumes e às instituições de Portugal, valendo-se sobremaneira de narrativas satíricas e utilizando elementos de uma miscelânea de gêneros que constituíram um conjunto de cartas.<sup>185</sup>

As cartas de William Costigan, ficcionalmente endereçadas ao irmão Charles Costigan, foram escritas pelo coronel irlandês James Ferrier, que serviu até 1776 no exército português. Castelo Branco Chaves expõe que o relato pejorativo de Ferrier são reflexos do “seu mau caráter, das opiniões heréticas, de ter sido expulso do exército”, o que “azedou-lhe o ânimo em relação a Portugal, ficando o livro vinculado a todos os seus despeitos”.<sup>186</sup> Entretanto, o autor não deixou de destacar a dimensão contextual que envolvia o relato de Costigan e de outros viajantes, pois estes confiados em letrados como Voltaire e Montesquieu, “que nunca haviam passado os Pirineus, confirmavam que para cá desses montes governava a inquisição e um clero ignaro dominava os reis e mantinha o fanatismo dos povos”, sendo a Península Ibérica pré-concebida como “duas nações supersticiosas, fanáticas, atrasadas, bárbaras e ridiculamente ignorantes”. Segundo Castelo Branco Chaves, “esse manancial de exotismo” em vigor nas nações peninsulares era sintetizado em uma palavra, pois estes povos “[e]ram como então se dizia de tudo o que era obsoleto e rude: góticos”.<sup>187</sup> No livro *Lisboa Setecentista Vista por Viajantes* as autoras Piedade Santos, Teresa Rodrigues e Margarida Nogueira, chegam a conclusões semelhantes ao lançarem a tese de que a “*Nova do Achamento* se diluiu na expansão de outros colonialismos alimentadores na firme crença na superioridade europeia”, pois

[r]etoma-se no séc. XVIII o sentido de uma Europa una, de uma civilização comum a todas as nações, filtradas numa cultura universal. Esquecendo a nostalgia de uma idade do ouro, que fora componente essencial do humanismo renascentista, os viandantes encaram-na antes como presente atuante, passível de transformação, melhoria e progresso.<sup>188</sup>

Este horizonte conceitual apontado pelos autores se constituiu em meio aos interesses literários de um exigente público leitor. Foi visando agradar este público que

---

<sup>185</sup> Para um aprofundamento sobre a importância das cartas na tecitura de redes cosmopolitas de conhecimento e como este gênero esteve sujeito a críticas a respeito da sua veracidade fundada no relato de testemunhas auditivas e oculares Cf. WITHERS, Charles. **Placing the Enlightening**: Thinking geographically about the Age of Reason: Chicago: The University of Chicago Press, 2007, p. 44.

<sup>186</sup> CHAVES, Castelo Branco. **Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projeção europeia**. Lisboa: Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, 1987, p. 20.

<sup>187</sup> Id., 1987, p. 11-12.

<sup>188</sup> SANTOS, Piedade; RODRIGUES, Teresa, NOGUEIRA, Margarida. **Lisboa Setecentista Vista por Viajantes**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987, p. 7.

Ferrier se transformou em Costigan e criou a trama principal das suas cartas, o romance entre o “polido” Lord Freeman, militar irlandês a serviço em Portugal e a “doce” senhorita Lucrécia, filha do Marquês de Pancorvo. Através do romance, Costigan, amigo do casal e testemunha das suas aventuras, situa o leitor das cartas em um cenário de barbaridade e superstição religiosa que formariam o cotidiano da sociedade portuguesa. O sucesso do romance ao longo da narrativa é obstado pela ignorância e superstição religiosa dos pais da senhorita Lucrécia, que não admitem o casamento da jovem com Lord Freeman, devido a sua profissão à religião presbiteriana. Costigan transcreve uma suposta carta de Lucrécia endereçada à Freeman, na qual a jovem senhorita expõe os empecilhos à união de ambos, após o término de seus estudos na Inglaterra. Segundo a jovem, os motivos seriam a “religião” e o “interesse”, pois seus pais, tendo o objetivo de manter as extravagâncias da fidalguia, tinham à disposição muitos serviçais indolentes e não poupavam esforços em atender as vontades do desregrado filho homem. A educação do filho, assim como as ações dos pais, estaria sobre a influência sem limites do confessor, chamado por Lucrécia de “patife”, o frade Domingos de São Nicolau. A má administração das propriedades, que nada produziam, levou o Marquês de Pancorvo a contrair empréstimos com o mercador estabelecido no Brasil, Bernardo Soares Mendes da Costa. Diante da impossibilidade de pagar as hipotecas, o Marquês resolveu casar Lucrécia com este fidalgo, um “plebeu rico”, suspeito de ter sangue judaico. Na suposta carta endereçada à Freeman narrada por Costigan, Lucrécia julga toda esta trama ridícula e risível, fazendo-a lembrar da leitura de um velho romance espanhol, Dom Quixote. Para Lucrécia, a dificuldade das circunstâncias tornava necessário que o seu pretendente retomasse a valentia cavalheiresca dos velhos tempos diante das dificuldades e perigos que obstavam a conquista da sua Dulcinéia.<sup>189</sup>

As cartas de Costigan foram bem recebidas nos periódicos, mas não ficaram isentas de reparos. Para um resenhista da *Critical Review*, o excesso de descrição pictórica dos costumes e maneiras, embora estranhamente narrados em forma de romance, não colocavam em questão a veracidade do relato: “não temos a menor dúvida que a narrativa nas cartas é perfeitamente genuína, não existe nada no todo que pareça em qualquer nível romântico, embora o livro seja conduzido na forma de um

---

<sup>189</sup> COSTIGAN, Arthur William. **Sketches of Society and Manners in Portugal**. In a series of Letters from Arthur William Costigan, Esq; late a captain of irish brigate, in the service of Spain, to his brother in London. Vol. II., 1787, p. 20-23.

romance”.<sup>190</sup> O resenhista da *Monthly Review* agravou esta suave crítica, pois Costigan “[...] frequentemente respira em excesso o espírito do romance e do disfarce ficcional, que um leitor suspeito seria apto a questionar a autenticidade”.<sup>191</sup> No entanto, apesar das recensões, os resenhistas de ambos periódicos aprovaram a obra. O resenhista da *Monthly Review* expõe que o relato aborda questões tão importantes, sendo os “liberais sentimentos” do autor “interessantes para todos os leitores e cidadãos de qualquer país, seja Cristão, Maometano ou Hindu”.<sup>192</sup> A “entremistura de estórias românticas, aventuras amorosas, mesmo dando ao livro de viagens um exagerado ar de romance, continha uma muito considerável porção de informação”.<sup>193</sup> Com efeito, a validade moral do relato estava assegurada por repreender as maneiras dos portugueses, que tinham “manifesta a tendência de arruinar a liberdade de imprensa e levar o mundo letrado de volta ao barbarismo”.<sup>194</sup>

Com o intuito de reivindicar a autoridade moral das crônicas clássicas de eventos contemporâneos narrados por testemunhas dignas de confiança, Costigan toma como epígrafe às cartas uma citação da obra *Histórias*, de Tácito, na qual o historiador romano escreve, “Rara é a felicidade dos tempos em que é permitido sentir o que se quer e dizer o que se sente”. A citação de Tácito no frontispício do livro, de fato, não se deu por acaso. J. G. A. Pocock na série *Barbarism and Religion* explora como Gibbon e seus contemporâneos tinham o historiador romano como o mais filosófico e sentimental dentre os historiadores antigos. Para Gibbon, Tácito não se limitou a narrar a exemplaridade da virtude republicana clássica, pois ousou explicar os mistérios/ razões (*arcana*) da sua decadência. Para tanto, ultrapassou as fronteiras da cidade de Roma e foi ao encontro dos romanos com os povos bárbaros nos limites do Império. Ao narrar a decadência do Império e relacioná-la à tirania e monopólio da força militar pelos governantes, o historiador romano foi lido pelos letrados de meados do século XVIII como a autoconsciência antiga do esgotamento da virtude republicana clássica. Dessa forma, Pocock expõe como as obras de Tácito traziam a concepção paradoxal de que o

---

<sup>190</sup> **The Critical Review** or, annals of Literature: Extend and Improved by a Society of Gentlemen. London: printed for A. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1788, pp. 370-374, p.370. “[...] we have not the smallest doubt that the narrative in the letters is perfectly genuine, and there is nothing in the whole that appears any degree romantic, yet it is conducted more in manner of a novel”.

<sup>191</sup> **The Montly Review** or Literay Journal. Vol. LXXX Printed for R. Griffiths, 1789, pp. 8-13, p.8.

<sup>192</sup> Id., 1789, p. 13.

<sup>193</sup> Id., 1789, p.9. “[...] intermixture of romantic stories and love-adventures, which give to a book of travels too much of the air of a novel, they contain a very considerable portion of useful and pleasing information”.

<sup>194</sup> Idem.

seu momento de escrita imerso na tirania diferenciava-se de outras ocasiões mais favoráveis para a composição historiográfica: “Ambas as obras, as *Histórias* e os *Anais* estão abertas para a afirmativa de que os historiadores anteriormente escreviam com liberdade e imparcialidade, mas desde então sucumbiram ao medo e à bajulação”.<sup>195</sup> Explorando o tacitismo na literatura britânica de meados do século XVIII, Mark Philips analisa através das *Letters on Rethoric and Belles Letters* como o filósofo escocês Adam Smith cultivou o ideal estético classicista ao conceber o historiador romano como uma grande inspiração, tendo em vista sua habilidade em excitar os sentimentos do leitor como nenhum outro autor. Para Smith, Tácito explicava os mistérios do coração ao relacionar as íntimas paixões dos indivíduos às mais importantes questões públicas, sendo a eventual impossibilidade desta compreensão fruto das equivocadas traduções de Trajano Boccalini (1556-1613) a Thomas Gordon (169?-1750).<sup>196</sup>

Assim como Gibbon e Smith, Costigan reivindicou a autoridade do historiador romano de forma que a estética classicista fosse adaptada às demandas da intercambiável virtude moderna, fundada no cultivo dos sentimentos íntimos e sua socialização. Assim, o potencial filosófico das narrativas de Tácito e a sua dignidade de testemunha contemporânea dos eventos fundia-se à polidez de Costigan, que se prestou a desmascarar os aspectos tirânicos da sociedade portuguesa. Segundo o resenhista da *Critical Review*:

Costigan foi um homem de sensibilidade, familiarizado com o mundo, que tinha todas as qualificações de uma companhia agradável. Portanto, se a narrativa de sua viagem não transmite-nos o prazer como antecipamos, somos inclinados a atribuir o defeito mais à estéril matéria do que qualquer erro particular do autor. Após ler a totalidade dos dois volumes, confirmamos a favorável opinião que originalmente formamos do Senhor Costigan, a respeito da sua capacidade para a observação e o sentimento.<sup>197</sup>

---

<sup>195</sup> POCOCK, J. G. A. “Alibi quam Romae: the Tacitean narrative”. In \_\_: **Barbarism and Religion: the first decline and fall**. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, p. 17-31, p.23-24.

<sup>196</sup> PHILIPS, Mark Salber. “Tensions and Accommodations: Varieties of Structure in Eighteenth-Century Narrative”. In \_\_: **Society and Sentiment**. New Jersey: Princeton University Press, 1997, p. 81-102, p. 85, 86, 87. Para um aprofundamento dos usos da linguagem tacitista e seu vigor no mundo luso-brasileiro Cf. ARAUJO, Valdei Lopes de. “A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos Anais”. In \_\_: **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 343-365, jul./dez. 2010. ARAUJO, Valdei Lopes de; VARELLA, Flávia Florentino. “As traduções do tacitismo no Correio Braziliense (1808-1822): contribuição ao estudo das linguagens historiográficas”. In \_\_: Maria Clara VersianiGalery; Elzira Divina Perpétua; Irene Hirsch. (Org.). **Tradução, vanguarda e modernismos**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 239-259

<sup>197</sup> **The Critical Review** or, annals of Literature: Extend and Improved by a Society of Gentlemen. London: printed for A. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1788, p. 370-374, p. 370. “Costigan was a man of sense, that he was acquainted with the world, and had all the qualifications of an agreeable companion; so that if his travel should not afford us such pleasure as we had anticipated, we were inclined to ascribe the defect rather to the barrenness of the subject than to any particular fault in the author. After



As paixões incontroláveis dos personagens lusos são colocadas em oposição à polidez dos personagens britânicos e irlandeses, o que demandou a Costigan a utilização de técnicas narrativas comuns aos romances de meados do século XVIII. Segundo Ian Watt, em *A Ascensão do Romance*, o realismo em vigor nos romances surge em oposição à “fabulosa” literatura clássica humanista, com o intuito de explorar a singularidade das “experiências individuais cotidianas” e “presentificar detalhadamente o ambiente”, sem seguir o “decoro” dos “modelos literários” tradicionais.<sup>198</sup> Para Watt, “a função da linguagem é muito mais largamente referencial nos romances que em outras formas literárias”, sendo que a presentificação do ambiente reflete a “moderna sensibilidade do tempo que começava a permear muitas áreas do pensamento”. Assim, “o final do século XVIII testemunhou o surgimento de um estudo da história mais objetivo e, portanto, de um profundo senso de diferença entre presente e passado”.<sup>199</sup> Realizando uma reflexão semelhante que postula o rompimento da literatura de meados do século XVIII com os ideais de composição clássicos, Castelo Branco Chaves afirma:

O tempo e o espaço, que quase haviam sido suprimidos pelo ideal clássico, passavam a assumir aspectos maravilhosos que alimentavam a imaginação e desvendavam a diversidade humana. Os livros de viagens passaram desde então, gradualmente, a rivalizar com as novelas, acentuando-se em breve a preferência por eles.<sup>200</sup>

Esta cisão com o ideal clássico não significou o abandono desse legado cultural, pois apesar de Costigan conceber o distanciamento entre presente e passado, suas cartas são situadas na contemporaneidade, o que lhe permitiu reivindicar a autoridade de testemunha visual assim como Tácito. Dessa forma, Costigan teve a intenção de reivindicar a autoridade das histórias contemporâneas da antiguidade e vazá-las através da linguagem da polidez cara aos modernos. No entanto, o valor cognitivo das suas observações era constantemente enriquecido e comprovado a partir do diálogo com outros gêneros. Assim, através da utilização dos conhecimentos assimilados nas histórias filosóficas de autores britânicos, Costigan identificava comparativamente o estágio de desenvolvimento da sociedade portuguesa:

---

reading the whole of the two volumes, we are confirmed in the favorable opinion which we originally formed of Mr. Costigan, which respect of his capacity both for observation and sentiment”. [Grifo nosso]

<sup>198</sup> WATT, Ian. **The Rise of the Novel**. Studies in Defoe, Richardson and Fielding. Penguin Books, 1957, p. 13.

<sup>199</sup> Id., 1957, p. 26.

<sup>200</sup> CHAVES, Castelo Branco. **Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua Projeção Europeia**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987, p. 9.

Se existe qualquer relação a ser estabelecida entre o que tenho observado neste país e qualquer verdade que li em todas histórias da Inglaterra, quando gemia sobre o jugo da tirania papal e opressão, é que Portugal exhibe proximamente a mesma aparência agora, pela qual a Inglaterra deve ter passado.<sup>201</sup>

Tendo o objetivo de evitar que semelhante estado de atraso e decadência assolasse a Irlanda, Costigan argumenta pela união política desta nação com a Grã-Bretanha mobilizando exemplos históricos com o intuito de justificar os benefícios que adviriam a propósito desta união. A opressão contemporânea imposta pelo parlamento britânico à Irlanda seria análoga à exercida pela Inglaterra sobre a Escócia antes do ato de união de 1707, assim, trilhar o mesmo caminho dos escoceses apresentava-se como a possibilidade mais razoável, devendo os irlandeses serem “unânimes e permanecerem na linguagem respeitosa” e “insistirem na participação equânime das vantagens do comércio britânico, com uma absoluta independência de legislatura”.<sup>202</sup> Portanto, ao desfrutar do livre comércio e união com a Grã-Bretanha a Irlanda poderia emancipar-se das barbaridades e opressões vividas no passado e no presente:

[...] testemunho as dificuldades que a Escócia laborou, até a Inglaterra ter sido obrigada a admitir esta nação sobre o pé de igualdade em todas as coisas. Considere quanto esta circunstância tem sido boa para os escoceses, que, da pobreza, preguiça e miséria, tornaram-se industriosos, ricos e felizes. Deixai nossos patriotas arrazoar como eles quiserem, estou fixo em minha opinião, que nosso país nunca chegará ao nível da indústria e riqueza de que é susceptível, até uma união similar tomar lugar com a Inglaterra. Todos os argumentos que tenho ouvido contra isto são mais especiosos que sólidos. Se alguns homens ricos e bem alimentados sofrerem com isto, a grande massa do povo progredirá muito rápido nesse sentido, o valor da terra rapidamente duplicará, a nação será livre de inúteis despesas, tanto quanto da maldição de uma Corte, que, seja do jeito que existir, é a morada da enganação e encenamento, loucura e inutilidade. Todos os homens serão felizes, industriosos e no mínimo livres na procura de profissões, e, acima de tudo, a saúde, a liberdade e a alegria iluminariam o semblante dos desalentados camponeses irlandeses, que no presente estão em seu casebre miserável, em uma mais deplorável situação que os oprimidos camponeses polacos.<sup>203</sup>

---

<sup>201</sup> COSTIGAN, William. Op. Cit., p. 307-8. “If there be any dependence to be placed on what I have observed in this country, and any truth in any of all the histories I have read of England, when groaning under the yoke of papa tyranny and oppression, this nation exhibits nearly the same appearance now, which England must have done then”.

<sup>202</sup> Id., 1787, p. 37.

<sup>203</sup> Id., 1787, p. 38-9. [...] witness the hardships Scotland was made to labor under, till England was obliged to admit that nation, upon the footing of union and equality in everything; and consider what a fortunate circumstance this has been for the Scots, who, from poverty, idleness and misery, have become industrious, rich and happy: And yet let you patriots reason as they please, I am long fixed in my opinion, that our country will never arrive at that degree of industry and wealth, she is so susceptible of, till a similar union takes place between her and England; and all the arguments I have ever heard or read against it, are much more specious than solid. If some rich and pampered individuals suffer by it, the great body of people would improve in every sense, the value of land would very soon double, the nation would be delivered from the useless expense, as well as from the curse of a Court, which, wherever it exists, is the abode of deceit and grimace, folly and worthlessness: every man would be happy,

Para Costigan, a união com a Grã-Bretanha seria a salvação para a Irlanda emancipar-se da “escravidão e servidão por força do qual gemeu por tantos séculos”, no entanto, nenhuma generosidade poderia ser esperada do parlamento britânico, o que é demonstrado suficientemente pelas “experiências das eras passadas”. Assim, ao passo que a união com o Império se apresentava como a emancipação do passado, simultaneamente, esta ordem política, mesmo que inédita, não era passível de idealização, pois a natureza humana corruptível dos indivíduos, imersa nos mesmos equívocos do passado, trazia constantemente a possibilidade da decadência.

[...] enquanto os inteligentes de todas as nações estão compelidos a aprovar e aplaudir a equânime e nobre forma de seu Governo, que não encontra exemplo tanto entre os tempos antigos e modernos, eles devem ao mesmo tempo deplorar a fragilidade da natureza humana e lamentar que um tão fino sistema está rapidamente aproximando-se da dissolução através da inescrupulosa, corrupta e venal disposição de grande parte de seus membros.<sup>204</sup>

A sobrecarga de impostos à qual estava sujeita os britânicos manifestava-se como uma prova das contradições que o sistema de governo parlamentar e o livre comércio produziam<sup>205</sup>, contudo, para Costigan não havia nada mais deplorável que a barbaridade e ignorância vigente em Portugal. O atraso e a decadência manifestavam-se tão evidentes que para ele não era necessário a escrita de uma história filosófica desta nação, assim como Hume, Gibbon e Robertson realizaram em relação à Grã-Bretanha, com o intuito de demonstrar o afastamento entre a barbaridade feudal e a polida sociedade comercial contemporânea. Em uma das cartas enviadas ao irmão constitutivas do seu relato, afirma que seria oportuna a escrita da história exata da Inquisição, um resumo da história do reino, desde que se tornou independente, das possessões coloniais nas Índias, na África e na América. Este desafio também deveria abarcar o progresso nas ciências, a história dos milagres, dos santos, dos mártires, dos judeus, dos mouros e dos livros místicos e teológicos, que, sem dúvida, causariam “espanto ao leitor”. No

---

industrious, and at least at his ease, in the prosecution of this profession; and, above all things, health, freedom and hilarity, would light up the countenance of the abject desponding Irish peasant, who, at present, in his wretched hovel, is in a more deplorable situation than the most oppressed of Polish villains”.

<sup>204</sup> COSTIGAN, Arthur William. **Sketches of Society and Manners in Portugal**. In a series of Letters from Arthur William Costigan, Esq; late a captain of Irish brigade, in the service of Spain, to his brother in London. Vol. I., 1787, p. 4. “[...] while the intelligent of every nation are compelled to approve and applaud the equitable and noble form of their Government, unexampled either in ancient or modern times, they must at the same time deplore the frailty of human nature, and lament that so fine a system is fast approaching to dissolution, through the unprincipled, corrupt and venal disposition of the far greater part of its members”.

<sup>205</sup> POCOCK, J. G. A. **El Momento Maquiavélico: el pensamiento político florentino y la tradición republicana Atlántica**. Madrid: Editorial Tecnos, 2002, p. 536.

entanto, Costigan justifica que o seu conjunto de cartas serviria como um esboço capaz de resumir o essencial, tendo o tamanho conveniente tanto para recrear o leitor quanto para substituir os volumes de numerosos livros de linguagem “vazia” e “bombástica”, cheios de “milagres”, “vacuidade” e “hipérboles”.<sup>206</sup>

A fusão de elementos de diversos gêneros efetivada por Costigan nas cartas está perpassado por tensões entre presente e passado. Assim, mesmo apontando os horizontes históricos mais adequados para o cultivo das boas maneiras, estas necessariamente não garantiriam o progresso da sociedade, pois ainda que “os costumes neste mundo são tudo e geralmente nosso único guia no cotidiano, ou mesmo essencial em todas as resoluções humanas, poderia ser mais honroso ou vantajoso seguir os ditames da razão e bom senso, que estão geralmente em oposição aos primeiros”<sup>207</sup>. Contudo, se, em última instância, a razão poderia superar a polidez das maneiras, era a providência que teria possibilitado o desfecho feliz para o casal lord Freeman e Lucrécia. Em meio a duelos, conspirações e crimes que cercaram os personagens do romance atuou a “intervenção divina”, uma “mão invisível” que “dirigiu as nossas vidas e nos preservou dos perigos”. Em meio à atmosfera de velozes acontecimentos e acaso produzida pela narrativa minuciosa responsável por descrever as aventuras envolvendo o casal, Costigan não deixa o leitor à mercê da fortuna, assegurando que “existe uma particular e influente Providência, que regula e dirige as ações dos homens e qualquer que seja os destinos dos medíocres, perversos e inescrupulosos no outro mundo, não lhes será permitido prosperar neste”<sup>208</sup>.

Costigan em várias ocasiões procurou evidenciar a diferença da sua concepção de providência daquela que acreditava em vigor na sociedade portuguesa<sup>209</sup>, já que o

---

<sup>206</sup> COSTIGAN, Arthur William. **Sketches of Society and Manners in Portugal**. In a series of Letters from Arthur William Costigan, Esq; late a captain of Irish brigade, in the service of Spain, to his brother in London. Vol. II., 1787, p. 292-3.

<sup>207</sup> Id., 1787, p. 40. “[...] customs in this world is everything, and is often our only guide in many of the daily, or even essential transactions of life, when it would be more to our honor our advantage to follow the dictates of reason and good sense, which are so often in opposition to it”.

<sup>208</sup> Id., 1787, p. 164. “[...] there is a particular and over-ruling Providence, which regulates and directs the actions of men; and that at least, some of the worthless, the wicked and unprincipled, whatever their fate may be in another world, are not even permitted to prosper in this”.

<sup>209</sup> Giorgio Rosa explora como a linguagem providencialista se modernizou simultaneamente à experiência da história, sendo que “a providência não limitaria a autonomia das ações individuais, e com isso ela poderia coexistir com a vida humana sem interferir, arbitrariamente, no mudo, considerando sempre a peculiaridade de cada momento histórico da humanidade”. O autor analisa a vigência desta linguagem especificamente na cultura histórica luso-brasileira, demonstrando sua inter-relação dinâmica com os debates político-historiográficos tecidos na Europa, o que poderia ser mobilizado para desmascarar as caracterizações de Costigan, o que não é o objetivo deste trabalho. ROSA, Giorgio de Lacerda. **A Suprema Causa Motora: o providencialismo e a escrita da História no Brasil (1808-1825)**.

povo concebia a “Divindade como um cruel e caprichoso tirano” e por não serem capazes de “sustentar sua própria causa” se humilhavam para evitar a vingança, a “ira de um Déspota”.<sup>210</sup> Naturalmente, para Costigan, o que se via no cotidiano podia ser lido “nos mais clássicos dos historiadores portugueses”, que narram como

[...] o primeiro rei Afonso Henriques, assim como o cruel e perverso Imperador Constantino o Grande, destruiu muitos mouros na Batalha de Ourique, teve também o Lábaro da Cruz mostrado a ele nas nuvens, com o *In hoc signo vinces* anexado, o que eles sangrentamente comprovam pela irrefutável prova, tirada das Sagradas Escrituras. Estas comprovam que antes dos finais dos tempos, a nação portuguesa conquistará e reunirá todas as nações.<sup>211</sup>

Costigan ridiculariza os cronistas portugueses e tranquiliza os leitores que não desejavam “uma rápida dissolução do presente estado de coisas”, pois “nenhuma nação da Europa estaria tão distante de estar em condição de realizar tal previsão, sendo isto, como em todos os casos, exatamente o que fazia o povo mais vigoroso nesta crença”.<sup>212</sup> O diagnóstico final de Costigan era extremamente desfavorável a Portugal, pois, segundo o autor, a decadência desta nação justificava sua anexação pela Espanha. Costigan expõe que a dinastia de Bragança havia sido restaurada, possibilitando a separação de Portugal da Espanha, devido ao fato da corajosa mulher espanhola de Dom João IV tê-lo induzido a aceitar a coroa que o povo lhe oferecia. No entanto, o superior “estado presente do progresso do espírito do conhecimento na Espanha” era um nítido “prenúncio de vitória” sobre Portugal, nação que mantinha sua soberania devido aos socorros de ingleses, franceses e holandeses.<sup>213</sup>

A solução desastrosa para Portugal e o favorecimento da Espanha apontado por Costigan foi refutado pelo resenhista da *Monthly Review*, que apesar de certificar a verossimilhança e a validade moral do relato a respeito dos atrasados e decadentes portugueses, considerava as antigas relações comerciais e políticas entre a Grã-Bretanha e “nossos amigos lusitanos”:

Estes males, tão destrutivos à felicidade humana, a desgraça de toda a sociedade em que eles prevalecem, são verdadeiramente e justamente apresentados para nosso aborrecimento; embora o remédio aqui apontado, a propósito da efetivação de um *código de leis*, ou pela *redução do reino de Portugal a uma*

---

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011, p. 37.

<sup>210</sup> COSTIGAN, William. Op. Cit., p. 268.

<sup>211</sup> Id., 1787, p. 311. “Like the cruel and wicked Emperor Constantine the Great, their first King Affonso Henriques, at the battle of Ourique, where he destroyed so many myriads of Moors, had also the Labarum or the cross displayed to him in the clouds, with the *In hoc signo vinces* annexed to it; and they boldly assert, by irrefragable proofs, taken from Holy Writ, that before the end of time, the Portuguese nation is swallow up all others in itself”.

<sup>212</sup> Id., 1787, p. 311-12.

<sup>213</sup> Id., 1787, p. 300-1.

*província da Espanha*, são muito inadequados; - sendo a última certamente pior que uma praga.<sup>214</sup>

A frase de Southey nas *Letters* de que “As cartas de Costigan constituem um livro aparentemente tão romântico, embora realmente tão verdadeiro” demonstram que o jovem letrado tinha o conhecimento tanto da obra quanto dos debates desencadeados a propósito da sua recepção. Ao explorar as rivalidades cotidianas entre portugueses e espanhóis, Southey destacava o ódio existente entre as respectivas nações, sem demonstrar mais apreço por uma em relação à outra, pois ambas estavam envoltas nas barbaridades desencadeadas pelo despotismo e na superstição fomentada pelas restrições impostas pela Inquisição. Nesse sentido, a rivalidade entre as nações era matéria para as anedotas de Southey. Após cruzar por terra a fronteira entre Espanha e Portugal, narra o encontro com um frade português, que demonstra seu apreço por ingleses e franceses, mas sua resignação com relação aos espanhóis ao ouvir a apresentação de Manuel, o serviçal acompanhante do jovem letrado e seu tio Herbert Hill.

Em Venda da Ponte encontramos um frade de dezoito anos de idade, um dos mais finos jovens que vi. Ele inquiriu se éramos franceses e após nossa resposta disse, “Ah! Eu gosto dos ingleses”. “Você teria dito a mesma coisa se fôssemos franceses?”, perguntou meu tio. “Sim”, ele respondeu, “Gosto muito dos franceses, mas odeio os espanhóis, e ao virar para Manuel, ele perguntou de que país ele veio: Manuel começou a responder, mas o frade interrompeu-lhe: “É o suficiente! Pelo som da guitarra reconhecemos de qual instrumento se trata”.<sup>215</sup>

Efetivamente, um posicionamento político sobre as rivalidades entre Portugal e Espanha foi dado por Southey através da tradução e edição de um manuscrito de um secretário de estado português, que segundo ele foi escrito por volta de 1740 e como era “fácil imaginar tal documento não poderia ter sido impresso neste país”.<sup>216</sup> Somente na reedição de 1808, na qual o manuscrito foi anexado como apêndice, Southey afirmou que o secretário de estado compositor do documento foi Dom Luis da Cunha. No entanto, já na primeira edição, certificava que o manuscrito fora composto por uma

---

<sup>214</sup>**The Montly Review** or Literay Journal. Vol. LXXX Printed for R. Griffits, 1789, p. 8-13, p. 10. “These Evils, so destructive to human happiness, the bane of every society in which they prevail, are truly and justly presented to our abhorrence; though the remedy here pointed out, by a code of laws, or by the reduction of the kingdom of Portugal to a Spanish province, might prove very inadequate; - and the latter would be certainly worse than the disease”.

<sup>215</sup> SOUTHEY, Robert . Op. Cit., 1797, p. 247. “At the Venta de Ponte was a friar about eighteen years of age, one of the finest Young men I ever saw. He enquired if we were Frenchmen, and on our answer said, ‘Ah! I like the English’. ‘Would you not have said the same if we had been French?’ said my uncle. ‘Yes’, he replied, ‘I like the French very well, but I hate the Spaniards, and turning round to Manuel, he asked him what countrymen he was: Manuel began to answer, but the friar stopped him ‘Enough! By the sound of guitar we know what instrument it is’”.

<sup>216</sup> Id., 1797, p. 407.

testemunha confiável, podendo este ser lido como um “Memorial sobre o estado de Portugal”, título dado à sua compilação. O texto começa apontando as vantagens da Espanha sobre Portugal, que eram fruto: 1º) da conexão europeia dos Bourbons; 2º) da maior extensão do território espanhol; 3º) da sua superioridade numérica; 4º) das vantagens militares navais e terrestres e 5º) da maior riqueza estrangeira e doméstica proporcionada pelos produtivos estabelecimentos ultramarinos espanhóis.<sup>217</sup>

Frente à decadência do reino e o ímpeto da Espanha “o melhor plano possível deveria ser a remoção do Rei para o Brasil e a fixação de sua Corte no Rio de Janeiro”, tendo em vista que o “solo é rico, o clima é agradável e a cidade rapidamente floresceria mais que Lisboa”. Ao se estabelecer no Brasil, “Portugal poderia estender seu comércio, fazer descobertas no interior e se elevar ao título de Império do Oeste”. Se em princípio poderia parecer uma ideia absurda uma colônia tornar-se o centro de um Império, Southey expõe os argumentos do secretário de estado que evidenciam como a decadência de Portugal e as potencialidades do Brasil estavam inscritas na natureza:

O que é Portugal? Um canto de terra dividida em três partes, uma é árida, outra pertencente à igreja e a remanescente não produz grão suficiente para os habitantes. Olhe agora para o Brasil e veja o que ele carece. Sal poderia ser encontrado em Pernambuco, o país poderia produzir vinho e o óleo poderia ser extraído de baleias.<sup>218</sup>

Mais do que possibilitar a manutenção da soberania de Portugal ao ser estabelecido o “Império do Oeste”, “o Brasil devia tornar-se o porto do mundo”.<sup>219</sup> Os europeus poderiam comercializar “ouro, prata, joias e quaisquer produtos e nem quando os portos estivessem abertos eles pensariam em conquistar o país”. O reino de Portugal poderia ser governado por um vice-rei e a Espanha não ousaria invadir a nação, pois “os poderes da Europa garantirão a majestade de Portugal e o farão pelo seu próprio interesse”.<sup>220</sup> A circulação comercial global superaria o espírito de conquista, porém, caso a “Espanha ataque Portugal, deixe-a esperar as ofensivas no Paraguai e no Rio da Prata”.<sup>221</sup> Assim, a formação do “Império do Oeste” estaria de acordo com os designios da providência, tendo em vista que o intercâmbio entre as nações fazia parte do plano

---

<sup>217</sup> Id., 1797, p. 408.

<sup>218</sup> Id., 1797, p. 461. “What is Portugal? It is a corner of land divided into three parts; the one barren, one belonging to the church, and the remaining part not even producing grain enough for the inhabitants. Look now at Brazil, and see what is wanting. Salt may be found at Pernambuco, the country will produce wine, and oil may be from the whale fishery”.

<sup>219</sup> Id., 1797, p. 462.

<sup>220</sup> Idem.

<sup>221</sup> Id., 1797, p. 462-63.

Divino, o que, era de grande benefício para a Europa, pois o velho mundo carecia mais das riquezas da América do que o contrário:

Se a América tem a necessidade de algumas coisas que são produzidas na Europa, a Europa necessita mais das produções da América: qualquer coisa que a América necessita a indústria pode suprir, mas isto não acontece no caso da Europa. A Divina Providência permite esta mútua necessidade, para que todas as nações possam comunicar e formar entre si uma República Universal.<sup>222</sup>

Conforme a compilação de Southey, o secretário de estado assegurava a veracidade do manuscrito ao afirmar “ter dado seus sentimentos”, sendo que seu relato poderia ser compreendido como “impraticável, romântico e pouco ortodoxo” somente por homens “ignorantes” que não “raciocinam” praticamente.<sup>223</sup> A idoneidade dos sentimentos do autor do manuscrito foi atestada por Southey, pois o jovem letrado escreveu que os leitores ficariam “atônitos com a ousadia e liberalidade dos seus sentimentos, algumas vezes divertidos pelo seu modo de suavizá-los”.<sup>224</sup> A liberalidade e suavidade dos sentimentos do secretário de estado fundiam-se com a do tradutor/editor, que possibilitou tanto o acesso do público leitor ao desconhecido manuscrito, favorecendo o desenvolvimento do gosto, quanto a certificação da veracidade das anedotas detratadoras do estado de Portugal expostas ao longo da *Letters*. Dessa forma, suprida com este manuscrito como apêndice, a obra de Southey tornava-se mais confiável, podendo entreter e instruir os leitores, sendo reconhecida nos periódicos *Monthly Review* e *Critical Review* como as observações de uma testemunha polida, de sentimentos refinados, que mesmo condenando, não ousou prescrever um “remédio” “pior que uma praga” para “nossos amigos lusitanos”.

Apesar de Costigan e Southey valerem-se da linguagem da polidez para compor suas obras, pode-se considerar que os excessos do primeiro foram evitados pelo segundo. Southey evitou interferir diretamente nas questões políticas que envolviam Espanha e Portugal, pois as polêmicas suscitadas pela obra de Costigan possivelmente ampliaram seus horizontes de escolhas. Mais do que o romance narrado nas cartas, cujo cenário de fundo era a degradante sociedade portuguesa, o destino político predicado por Costigan para o reino de Portugal colocava toda a validade do seu relato em questão. Para garantir tanto a veracidade moral do relato quanto seu caráter cômico,

---

<sup>222</sup> Id., 1797, p. 462. “If America is in want of some things which Europe produces, Europe wants more of the productions of America: whatever America is in need of, industry can there supply; but it is not thus in Europe. The Divine Providence permits these mutual wants, that all nations may communicate with each other, and form themselves into an universal Republic”.

<sup>223</sup> Id., 1797, p. 463.

<sup>224</sup> Id., 1797, p. 407.



Southey evitou aprofundar nas questões políticas concernentes à Península Ibérica, limitando-se a apresentar para o leitor outras perspectivas, neste caso, destaca-se a tradução do manuscrito de Dom Luis da Cunha.

Na próxima seção, pretende-se discutir como Southey reformulou suas perspectivas sobre Portugal, explorando as diferenças entre sua primeira apreciação nas *Letters* e posteriores escritos sobre esta nação. Confere-se destaque à reedição das *Letters*, em 1799, e a constante publicação por Southey de resenhas e ensaios histórico-literários em periódicos entre 1796 e 1798. Argumenta-se como tanto a ampliação da erudição de Southey após seu retorno de Portugal, quanto a expansão de um público leitor interessado em temas literários góticos foi decisivo para as reformulações de Southey concernentes à história, literatura, arquitetura e sociedade lusitana. Estes fatores foram fundamentais para que o letrado retornasse a Portugal entre 1800-01 e projetasse a composição de uma História erudita e filosófica desta nação.

#### **1.4 ENTRE A LINGUAGEM DA POLIDEZ E A DIGNIDADE GÓTICA: A RECEPÇÃO DE JAMES CAVANAH MURPHY E A SEGUNDA VIAGEM DE SOUTHEY**

Southey publicou a segunda edição das *Letters* em 1799, no entanto, a obra foi editada com um título abreviado, *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*. O suplemento do título da edição de 1797, *with some account of Spanish and portuguese poetry*, foi retirado, refletindo as transformações no texto. Além da edição de trechos e suavização de muitas sátiras, Southey retirou o *Essay on the Poetry of Spain and Portugal*.<sup>225</sup> Como analisado na primeira seção, no *Ensaio* o jovem letrado teceu duras críticas ao desenvolvimento histórico-literário ibérico, destacando a rápida decadência do “gênio” e o fato destas nações não terem alcançado a “era do gosto”.<sup>226</sup>

Muitos fatores podem ser destacados como fundamentais para Southey reeditar as *Letters*. Após o retorno da estadia em Portugal, Southey começou escrever sobre literatura Peninsular em periódicos britânicos, compondo ensaios, resenhando traduções

---

<sup>225</sup> Cf. SOUTHEY, Robert. **Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal**. 2<sup>o</sup> Edition. Bristol: Printed by Biggs and Cottle, for T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, London, 1799.

<sup>226</sup> Segundo Cabral, as “excrescências” das *Letters* não destruíram completamente sua unidade, mas nas seguintes edições Southey teve bom senso de extirpá-las, especialmente o *Ensaio*, no qual o letrado demonstrou não possuir conhecimentos suficientes e amadurecidos. CABRAL, Adolfo. **Southey e Portugal**: aspectos de uma biografia literária (1774-1810). Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959, p. 220.

e comentando relato de viagens. Em 1796, pela *Monthly Magazine*, publicou duas pequenas resenhas sobre a literatura de Espanha e Portugal, uma sobre o poeta Félix Lope de Vega (1562-1635) e uma sobre a tradução de Camões para o inglês pelo poeta escocês William Julius Mickle (1735-88). Publicou pequenas resenhas sobre os poetas espanhóis Estebán Manuel de Villegas (1589-1669) e Bartolomé Leonardo de Argensola (1562-1631) e outra resenha sobre a tradução de Mickle à obra de Camões em 1797. No ano seguinte resenhou o relato de viagem do arquiteto irlandês James Cavanah Murphy (1760-1814), *General View of Portugal* e uma tragédia anônima sobre Inês de Castro.<sup>227</sup>

Juntamente com outros fatores, a atuação de Southey como resenhista dedicado a questões relacionadas à história e literatura ibérica impulsionou seu retorno a Portugal em 1800. Em 1799, o letrado planejou retornar a Portugal para cuidar dos problemas de saúde que o atormentavam<sup>228</sup> e aproveitar esta estadia tanto para projetar uma inédita história filosófica e erudita sobre esta nação, quanto para se inspirar no palco de guerras épicas objetivando reconstruir cenários para seus poemas.<sup>229</sup> Sendo assim, se a primeira excursão pela Península foi motivada pelo tio como uma forma de distanciá-lo das polêmicas nas quais o sobrinho se envolvia devido a seus ardores revolucionários, a segunda estadia em Portugal, por sua vez, se deu em um contexto distinto<sup>230</sup>, pois a intenção do letrado era se estabelecer profissionalmente como homem de letras e se afastar dos estudos jurídicos iniciados em Bristol, em 1797.

Southey retornou a Portugal focado em construir uma carreira. Assim como a utopia de fundar uma sociedade comunal com Coleridge na Pensilvânia desvaneceu-se um ano após a sua formulação, em 1796, os seus ardores revolucionários atenuavam-se com a sucessão de eventos na França. William Speck expõe como os posicionamentos

---

<sup>227</sup> Para o acesso a uma lista das colaborações de Southey em periódicos Cf. CABRAL, Adolfo. Op. Cit., 1959, p. 501-22.

<sup>228</sup> Portugal tinha a reputação no século XVIII na Europa de ser uma nação que possuía o clima ideal para a recuperação de pessoas convalescentes. Com relação à doença de Southey, um diagnóstico preciso não foi dado pelos médicos, sendo seus sintomas gerais a “[f]alta de apetite, insônias, palpitações, debilidade mental e física, inaptidão para o trabalho”. CABRAL, A. Op. Cit., 1959, p. 318.

<sup>229</sup> Speck expõe que em 1799 Southey planejou sua ida para Portugal visando finalizar o poema *Thalaba*, polir o poema *Madoc* e iniciar a História desta nação. SPECK, W. A. **Robert Southey: entre man of letters**. Yale University Press Publications, 2006, p. 81.

<sup>230</sup> CASTANHEIRA, Maria Zulmira. “Speaking in Portuguese and Writing in English”. Representações de Portugal na obra de Robert Southey. In\_\_ SARMENTO, Carla (org.). **Diálogos Interculturais**. Porto: Vida Económica, 2011, p. 143-151, p. 144. “O primeiro encontro de Southey com Portugal foi involuntário. Apenas por insistência da família, preocupada com o fato do jovem não conseguir se decidir-se por uma carreira profissional e apostada em afastá-lo de Inglaterra para arrefecer seus ardores revolucionários e também a sua relação amorosa com uma rapariga de condição humilde, Edith Fricker (1774-1837), aceitou Southey a passar uma temporada com um seu tio materno”.

políticos de Southey oscilaram durante o curso da Revolução, destacando tanto o seu repúdio à violência disseminada, quanto uma apreciação positiva da personalidade do jacobino Robespierre (1758-94) e do girondino Brissot (1754-93), o que o levou a lamentar as mortes de ambos.<sup>231</sup> Em meio à desorientação que a Revolução trazia, seu ceticismo com relação ao presente se expandia e se o passado podia ser um refúgio para imaginação do poeta, a sua idealização estava igualmente vetada, tendo em vista as barbáries pretéritas.<sup>232</sup> Diante desta complexa sensibilidade à temporalidade e oscilação de ajustamentos políticos, a ascensão de Napoleão foi o golpe fatal responsável por afastar Southey dos ideais revolucionários.<sup>233</sup> Nesse sentido, o biógrafo expõe:

O golpe de 18 Brumário em novembro daquele ano, o que levou Napoleão ao poder, abalou sua fé na França. “O corso me ofendeu”, escreveu ele em janeiro de 1800. “Uma vez eu tive esperanças - os Jacobinos poderiam ter feito muito - mas a base da moralidade esteve ausente... Bonaparte tem me feito antigaulês”.<sup>234</sup>

Simultaneamente às transformações no pensamento político, a sensibilidade à experiência da história do jovem letrado foi reformulada. Pode-se verificar nas cartas de Southey a propósito da segunda viagem a Portugal que a importância formativa conferida ao passado expandiu-se diante da centralidade conferida anteriormente ao presente no *Essay on the Poetry of Spain and Portugal*. Após o retorno de sua primeira viagem, Southey ampliou seu conhecimento sobre a literatura portuguesa. Decididamente, demonstrava-se disposto a afastar-se da “era do gosto” e aproximar-se da “era do gênio”, compreendendo a literatura deste período através de uma perspectiva cosmopolita. Ironizou as habilidades literárias de Mickle, que ao traduzir *Os Lusíadas* adaptou a linguagem do poeta à sensibilidade do leitor contemporâneo. As atividades como resenhista da *Monthly Magazine* e da *Critical Review* potencialmente foram importantes para que Southey nutrisse expectativas quanto a possibilidade de viver da própria pena, já que o jovem letrado não se encantava com os estudos jurídicos. Dessa forma, em sua segunda estadia em Portugal planejou a composição de uma história

---

<sup>231</sup> SPECK, W. A. Op. Cit., p. 37, 46, 64.

<sup>232</sup> Id., 2006, p. 73.

<sup>233</sup> E. P. Thompson destaca que entre os anos de 1797 e 1798 aumentou-se a vigilância e pressão na Grã-Bretanha aos partidários da Revolução. Como a rebelião na Irlanda gerou um momento favorável para uma possível invasão da França à Grã-Bretanha, o autor enfatiza como a repressão do Estado foi fundamental para que letrados como Coleridge e Wordsworth, amigos de Southey, se isolassem e se desencantassem com os ideais Revolucionários. THOMPSON, E. P. “Desencanto ou Apostasia?” In **Os Românticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 49-102.

<sup>234</sup> SPECK, W. A. Op. Cit., p. 81. “The coup of 18 Brumaire that Movenber, which brought Napoleon to power, shook his faith in France. ‘The Corsican has offended me’, he wrote in January 1800. ‘Once I had hopes – the Jacobines might have done much – but the base of morality was wanting... Buonaparte has made me anti-Gallican’”.

desta nação visando estabelecer-se como um completo homem de letras. Naturalmente, em face da expansão da sua erudição no tocante à literatura e história de Portugal e a possibilidade de garantir um mercado para seus escritos, Southey reformulou suas perspectivas sobre esta nação.

Anteriormente à sua segunda viagem a Portugal, Southey tomou conhecimento das obras de James Cavanah Murphy. Adolfo Cabral atribuiu a autoria da resenha publicada no periódico *The Critical Review*, em 1798, sobre a obra *General View of State of Portugal* de Murphy à Southey. No entanto, Adolfo Cabral não ratificou com plena certeza que a resenha anônima foi escrita pelo jovem letrado.<sup>235</sup> Todavia, são notáveis os comentários elogiosos de Southey às gravuras de Murphy em seu relato de viagem e cartas escritas a propósito da sua segunda estadia em Portugal, entre 1800 e 1801.<sup>236</sup> De qualquer maneira, a despeito das dúvidas de Cabral, Maria Zulmira Castanheira em texto recente afirma que a resenha foi escrita por Southey.<sup>237</sup> Ora, a partir da recepção positiva por parte de Southey dos escritos e gravuras de Murphy sobre Portugal, torna-se possível ampliar o entendimento sobre as reformulações empreendidas pelo letrado em suas enunciações sobre Portugal, pois Murphy, contrariamente ao fictício William Costigan, tinha por intenção demonstrar em seus escritos a grandiosidade da arquitetura gótica e das virtudes cavaleirescas lusitanas.<sup>238</sup>

Anteriormente à obra *General View of Portugal*, Murphy publicou as obras *Plans, elevations, sections, and views of Church of Batalha* e *Travels in Portugal* no ano de 1795. Na primeira, o arquiteto discorre teoricamente sobre a superioridade da arquitetura gótica em relação à grega e romana. Murphy fundamenta-se teoricamente citando a obra do arquiteto escocês William Chambers (1723-1796), compositor dos *Treatise on Civil Architecture* e do filósofo Edmund Burke, autor da *Inquiry into Origins of our Ideas of the Sublime and Beautiful*. A partir das reflexões destes autores, Murphy expõe que a grandiosidade desta arquitetura pode ser digna de atenção “se nós a consideramos como vestígios de arte ou monumentos da indústria e maneiras das eras

---

<sup>235</sup> CABRAL, Adolfo. **Southey e Portugal**: aspectos de uma biografia literária (1774-1810). Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959, p. 264.

<sup>236</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 23, 155, 160.

<sup>237</sup> CASTANHEIRA, Maria Zulmira. “Speaking in Portuguese and Writing in English”. Representações de Portugal na obra de Robert Southey. In: SARMENTO, Carla (org.). **Diálogos Interculturais**. Porto: Vida Económica, 2011, p. 143-151, p. 150.

<sup>238</sup> Para um aprofundamento na obra de Murphy Cf. PADEIRA, Ana Rita Soveral. “Uma Visão Artística sobre Portugal – James Murphy e a sua Obra”. In: **Revista de Estudos Anglo-Portugueses**, n. 16, LISBOA: UNL, 2007, pp. 23-84.

anteriores”. Sendo assim, o gótico podia “excitar as terríveis sensações do sublime, pois se nós admiramos os templos pagãos dos antigos Gregos e Romanos, porque eles despertam estas emoções em nós, devemos estimar estes templos cristãos, já que eles certamente produzirão este efeito em um nível mais elevado”.<sup>239</sup> Logo, a dignidade gótica devia ser restituída, pois muitos estudos foram empreendidos sobre a cultura clássica, enquanto as origens dos fundadores da Europa permaneciam desconhecidas:

Esta negligência pode, em grande medida, ser atribuída ao preconceito derivado de um erro de ter sido originado por uma tribo de bárbaros, dos quais nada excelente poderia ser esperado. Mas não existe nenhuma razão para supor que eles não têm qualquer direito à invenção destas elegantes espécies exibidas no trabalho a seguir. Estas espécies, é confirmado pelos mais competentes juízes, foram originadas com os Normandos, próximo do fim do século doze, e são geralmente conhecidas pelo nome de Gótico Normando Moderno.<sup>240</sup>

A obra de Murphy foi financiada e dedicada a William Burton Conyngham (1733-96), comissário do erário público irlandês, tesoureiro da Academia Real Irlandesa e amigo da Sociedade Antiquaria de Londres, que custeou a estadia do arquiteto em Portugal entre os anos de 1788 e 1790.<sup>241</sup> Na obra, Murphy apresenta detalhadamente as minúcias arquitetônicas do Monastério de Batalha, os arcos, as cúpulas, os pináculos, as portas, as janelas, os pilares e as proporções gerais das igrejas góticas. A seguir à exposição narrativa, Murphy apresenta várias ilustrações, explorando e detalhando através de vários ângulos internos e externos ao Monastério o seu plano arquitetônico e os detalhes dos mausoléus reais. O objetivo do letrado era guiar a visão do observador em direção às perspectivas mais adequadas para se analisar a grandiosidade da arquitetura gótica [Figs. 1, 2 e 3].

Visando a contextualização da origem e fundação do monastério, traduz uma memória do Frei Luis de Souza (1555-1632), como também apresenta ilustrações de fragmentos da arquitetura gótica e de objetos que remontam aos costumes religiosos do

---

<sup>239</sup> MURPHY, James Cavannah. **Plans, elevations, Sections and Views of the Church of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luis de Souza; with remarks. To which is prefixed an Introductory Discourse on the Principles of Gothic Architecture. Illustrated with 27 Plates.** London: Printed for I & J. Taylor, 1795, p. 1. “[...] excite sublime and awful sensations; and if we admire the heathen temples of ancient Greece and Rome, because they awaken these emotions in us, we must esteem these Christian temples, as they certainly produce that effect in a superior degree”.

<sup>240</sup> Idem. “This neglect may, in a great measure, be attributed to a prejudice arising from a mistaken of its having originated with a tribe of barbarians, from whom nothing excellent could be expected; but there is no reason to suppose, that they have any claim to the invention of that elegant species of it which is exhibited in the following work. This species is allowed by the most competent judges, to have originated with the Normans, towards the conclusion of the twelfth century, and is generally known by the name of the Modern Norman Gothic”.

<sup>241</sup> SANTOS, Piedade; RODRIGUES, Teresa, NOGUEIRA, Margarida. **Lisboa Setecentista Vista por Viajantes.** Lisboa: Livros Horizonte, 1987, p. 81.

século XIII. A tradução é acompanhada de uma observação na qual expõe que “[d]esta História seleccionei os fatos essenciais para meu propósito e nada mais”, sendo que “mesmo as passagens seleccionadas nem sempre traduzi palavra por palavra do original”, pois nos trechos em que “o autor errou ou não compreendeu os termos da arquitetura, o que é perdoável em um historiador, autorizei-me em dar os nomes corretos”.<sup>242</sup>

A obra do cronista Frei Luis de Souza foi tomada como fonte histórica e adaptada às demandas contextuais de Murphy, que visava desobscurecer o passado gótico da Europa. Diante desta ampla análise fundada na observação e na pesquisa histórica e através da comparação do gótico com outros estilos de construção, Murphy argumenta sobre a impossibilidade de se estabelecer regras que normatizem as formas dos monumentos fundadas nos ideais clássicos:

Se regras existem para determinar, com precisão, quais monumentos antigos são do verdadeiro princípio padrão de correção, elas grandemente contribuiriam para acelerar o progresso da arquitetura. Mas, para estabelecer tais regras, requerer-se-iam as qualificações do filósofo, unidas com aquelas do artista. Ele, cuja mente é esclarecida pelos poderes da razão, sabe como estampar um justo valor sobre trabalhos de real mérito e rejeitar qualquer excrescência que o “Tempo Antigo”, como Milton diz, “com sua grande e pesada rede de arrastar tem transmitido até nós ao longo do fluxo das eras”.<sup>243</sup>

Estas reflexões foram prosseguidas na obra *Travels in Portugal*. Murphy expõe que a arquitetura “Modern Gothic German” do monastério de Batalha se equiparava à do antigo Halicarnasso, sendo o efeito produzido no expectador “grande e sublime”.<sup>244</sup> Frente a tanta grandiosidade, Murphy encontrava dificuldades de descrever o que via:

As formas destas molduras e ornamentos são também diferentes daquelas que qualquer construção gótica que tenho visto. A diferença principal consiste em suas extremidades imprevisíveis, cortes afiados e profundos, com algumas outras peculiaridades que não podem ser bem explicadas através da escrita.<sup>245</sup>

Perante a impossibilidade de descrever plenamente a grandiosidade do monastério, Murphy apresenta uma gravura para o leitor/observador [Fig.4]. De forma

---

<sup>242</sup> MURPHY, James Cavannah. Op. Cit., 1795, p. 61.

<sup>243</sup> Id., 1795, p. 7. “If rules laid down for determining, with precision, what ancient monuments are of the true standard principle of correctness, they would great contribute to accelerate the progress of architecture. But, to ascertain such rules, would require the qualifications of philosopher, united with those of the artist. He, whose mind is enlightened by these reasoning powers, knows how to stamp a just value upon works of real merit, and to reject any excrescence that “Old Time”, as Milton says, “With his huge drag-net, has conveyed down to us along the stream of ages”.

<sup>244</sup> MURPHY, James. **Travels in Portugal through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo, in the Years of 1789 and 1790 consisting of observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities etc. of that Kingdom.** London: Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies (Sucessor to Mr. Cadell in Strand)., 1795, p. 44.

<sup>245</sup> Idem. “The forms of its mouldings and ornaments are also different from those of any other Gothic building that I have seem. The difference chiefly consists in their being turned very quickly, cut sharp and deep, with some other peculiarities which cannot be well explained in writing”.

semelhante, uma narrativa detalhada é apresentada sobre o monastério de Alcobaça, um dos primeiros monumentos góticos do século XII, fundado por Afonso Henriques. Murphy lamenta o fato de modificações terem sido adicionados por um arquiteto inglês, William Elsdem, que contemporaneamente, a pedido das freiras, adicionou ornamentos clássicos ao monumento. Para Murphy, “nada pode ser mais repugnante para os admiradores da antiguidade, ou homens com o mínimo de gosto, que esta confusão do trabalho grego, remendado na parte mais marcante da estrutura, executada na simples maneira gótica”.<sup>246</sup>

No entanto, nesta obra, Murphy não se restringiu a explorar a grandiosidade da arquitetura gótica europeia em Portugal. Acompanhada de uma descrição detalhada dos monastérios, publicou os diários de sua viagem, no qual narra a tragédia de Dom Pedro e Inês de Castro, as origens e o progresso presente de Lisboa, as características das instituições de caridade, as qualidades e efetividade das leis, os avanços do comércio e as maneiras e costumes cavalheirescos do povo. Descrições das cidades de Cintra, Mafra, Setúbal, Beja e Évora, também constituem a obra, sendo acompanhadas de ilustrações dos monumentos góticos existentes em Portugal. De forma geral, a obra de Murphy apresentou um amplo quadro positivo sobre o reino, o que levou o autor a relativizar a tão aceita “barbaridade” dos costumes em vigor nesta nação, já que muitos eram análogos e praticados em outras partes da Europa. Assim, a respeito das touradas, Murphy expõe:

O local das touradas é pouco distante da parte de cima dos teatros. Esta diversão esta declinando muito rápido na capital. A performance que vi aqui foi inferior à de Leiria, mas não tão cruel. Após tudo, talvez, a maneira de rasgar os bois com mastiffs como na Inglaterra e outras partes da Europa, não seja menos bárbara que a maneira de atormentá-los na Espanha e em Portugal. Estamos aptos a ver defeitos em nossos vizinhos, enquanto estamos cegos aos nossos, como as bruxas de Lamia, que de acordo com o burlesco Rabelais, em países estrangeiros enxergavam como um Lince, mas em casa tiravam seus olhos fora e os colocavam em chinelos de madeira.<sup>247</sup>

---

<sup>246</sup> Id., 1795, p. 92. “[n]othing can be more disgusting to every admirer of antiquity, or indeed any man of the least taste, than this jumble of Grecian work, patched up in the most striking part of a structure, executed in the simple Gothic manner”.

<sup>247</sup> Id., 1795, p. 159. “The Circus for the bull-fests is but a short distance from the above Theatres. This amusement is declining very fast in the capital. The performances I witnessed here were inferior to what I saw at Leiria, but not quite so cruel. And after all, perhaps the manner of tearing the bulls with mastiffs, as in England and other parts of Europe, is not less barbarous than the manner of tormenting them in Spain and Portugal; but we are apt to see defects in our neighbours, whilst we are blind to our own, like the Lamian Witches, who, according to the facetious Rabelais, in foreign places had the penetration of a Lynx, but at home they took out their eyes and laid them up in wooden slippers”.



**Figura 1:** Elevação Norte do Monastério de Batalha, com o inacabado Mausoléu do Rei Dom Manuel.



**Figura 2:** Elevação Oeste do Monastério de Batalha





INTERIOR VIEW OF THE CHURCH OF BATALHA.

**Figura 3:** Vista interior do Monastério de Batalha



**Figura 4:** Uma vista do Monastério de Batalha

A anedota empregada por Murphy foi utilizada para ironizar as outras nações da Europa, pretensamente mais avançadas, com o intuito de desvelar as semelhanças que estas tinham em relação a Portugal. Diante deste amplo quadro, o resenhista da *British Critic* escreveu que “a performance de Murphy em geral é instrutiva e divertida” e superou os relatos de viagens depreciativos sobre esta honrosa nação:

Nossas narrativas de Portugal não são muito numerosas ou satisfatórias. Este reino não tem sido um objeto de grande curiosidade dos viajantes modernos, nem mesmo possuímos qualquer narrativa importante ou interessante da sua história, antiguidades ou maneiras. Fazemos uma honrável exceção em favor da história memorável da revolução de Vertot, um trabalho que combina todas as várias e belas cores do romance, com o dignificado charme da energia e da verdade. É difícil explicar porque um país distinto como Portugal, por tudo que pode cativar o naturalista e excitar e satisfazer a curiosidade do antiquário, pode ter sido colocado a parte como foi das outras porções da Europa. Nem podemos decidir se é esta a causa ou a consequência desta negligência, que os portugueses estão tão atrasados em relação aos seus vizinhos em refinamento, sendo eles comparativamente tão ignorantes das artes e letras, tão supersticiosos em religião, e tão ligados aos seus preconceitos políticos.<sup>248</sup>

O autor da resenha conjectura sobre a possibilidade da falta de estudos da envergadura do de Murphy, que explora a história, as antiguidades e as maneiras, ser a causa da ignorância e superstição em Portugal, apontando para o comprometimento cosmopolita que os escritores deveriam ter para com o desenvolvimento de todas as nações. No entanto, na *Critical Review*, outro resenhista assume uma posição oposta ao julgar que Murphy ultrapassou a competência memorialista dos viajantes ao se propor compilar detalhes históricos. Para o autor, os “diários de viajantes inteligentes, embora meros memorandos, são mais valiosos que os volumosos sistemas de compiladores: e de acordo com que pensamos os detalhes históricos neste volume são verdadeiramente a parte menos importante”.<sup>249</sup> Ora, o autor da resenha não argumentava sobre a maior

---

<sup>248</sup> **The British Critic**, a New Review for July, August, September, October, November, and December. Vol. VI. London: Printed for F. and C. Rivington, n.º. 62. St. Paul’s Church-Yard, 1795, pp. 509-513, p. 509. “What our accounts of Portugal are neither very numerous, nor very satisfactory. That kingdom has neither been an object of great curiosity with modern travellers, nor do we possess any important or interesting account of its history, antiquities, or manners. We make an honourable exception in favour of Vertot’s history of its memorable revolution, a work which combines all the various and beautiful colours of romance, with the dignified charms of energy and truth. It is difficult to explain why a country distinguished as Portugal is, by all that can captivate the naturalist, and excite and satisfy the curiosity of antiquarian, should be thus set apart as it were from the other portions of Europe; nor can we at all decide whether it is the cause or the consequence of this neglect, that the Portuguese are so much behind all their neighbours in refinement, that they are comparatively so ignorant of arts and letters, so superstitious in religion, and so attached to their political prejudices”.

<sup>249</sup> **The Critical Review**; or, Annals of Literature; extended and improved by a society of gentleman. Vol. 15. London: Printed for A. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1796, pp.364-376, p. 364. “[...] diaries of intelligent travellers, though mere memorandums, are more valuable than the voluminous systems of compiles: and according we think that the historical details in this volume are more by far the least important part of it”.

relevância das memórias em relação às obras de eruditos e sim questionava a confiabilidade do material apresentado por Murphy. Assim, a propósito da narrativa sobre o monastério de Batalha, o resenhista escreve que “[t]ais materiais pertencem ao historiador geográfico: mas duvidamos se eles podem ser a legítima propriedade do viajante descritivo, do homem que coleta fatos e faz observações para contar-nos alguma coisa que até então não conhecíamos ou não sabíamos onde encontrar”.<sup>250</sup>

O excesso de informações históricas não eram somente concebidas como inúteis, sendo até mesmo desagradáveis, pois a “narrativa do monastério de Batalha teria sido mais divertida, ou menos tediosa, se tivessem sido omitidos as notícias históricas dos vários reis lá enterrados”.<sup>251</sup> Sendo assim, para o resenhista, se Murphy com o seu “sofisticado” trabalho pretendia superar as narrativas dos viajantes que apresentam Portugal como uma nação estéril e inóspita, indigna das reflexões dos artistas, dos antiquários e dos filósofos, em última instância, sua obra viria somente a ratificar este conhecido diagnóstico. Logo, para o resenhista, a obra de Murphy era fruto de uma “alegre e confortável hospitalidade”, que possibilitou a “elegante gratificação da sua curiosidade”, devendo o arquiteto irlandês após o retorno “[...] refletir sobre as misérias de um povo cuja religião é a superstição lutando contra a natureza, cujo governo é despotismo se revoltando contra a razão”.<sup>252</sup>

O arquiteto irlandês não se limitou a satirizar os portugueses, pois as anedotas sobre esta nação já eram familiares ao público leitor de língua inglesa. Apresentava-se como mais importante ressaltar os costumes que ela compartilhava com as demais da Europa, sendo a arquitetura gótica os vestígios de um passado em comum. Para Murphy, sua obra podia “fornecer uma inumerável série de objetos para a consideração do Historiador, do Naturalista e do Estadista”, pois seu objetivo foi “obter algum conhecimento sobre as maneiras e costumes, o antigo e o presente estado de Portugal”. O método adotado foi “investigar a verdade por um número de evidências colaterais”<sup>253</sup>, de forma que as traduções, as pinturas, as análises arquitetônicas e as narrativas a respeito do que viu e ouviu, constituíssem um quadro sobre o desenvolvimento histórico

---

<sup>250</sup> Id., 1796, p. 366. “[s]uch materials belong to the geographical historian: but we doubt whether they be the legitimate property of the descriptive traveller, - of the man who goes to collect facts, and make observations, - to tell us something we knew not before, or something we know not where else to find”.

<sup>251</sup> Idem.

<sup>252</sup> Id., 1796, p. 377.

<sup>253</sup> MURPHY, James. **Travels in Portugal through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo, in the Years of 1789 and 1790 consisting of observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities etc. of that Kingdom.** London: Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies (Sucessor to Mr. Cadell in Strand)., 1795, p. 6.

da nação. Com relação ao estado presente de Portugal, o arquiteto irlandês julgava que os letrados nacionais eram os mais competentes para realizarem esta investigação, devendo o estrangeiro ser apenas “o humilde órgão através dos quais eles são transmitidos”.<sup>254</sup>

Como o tradutor do manuscrito inédito de Dom Luis da Cunha, Southey poderia reivindicar a mesma humildade, porém, sabia que as *Letters* estavam mais comprometidas em detratar e, assim, entreter o público britânico do que favorecer o desenvolvimento de Portugal. Se Adolfo Cabral e Maria Zulmira Castanheira estiverem corretos quanto à atribuição da autoria da resenha da obra de Murphy *General View of Portugal* à Southey, pode-se verificar que este último através dos escritos do arquiteto irlandês refletiu de forma autocrítica sobre as *Letters*:

Não obstante a longa e íntima conexão, tanto política quanto comercial, entre as nações britânica e portuguesa, o estado de Portugal é imperfeitamente conhecido para os homens de nosso país. Muitos volumes têm, de fato, sido publicados sobre a matéria por diferentes viajantes, mas as narrativas dadas por estes autores são superficiais e imprecisas. Mesmo os nativos não têm explorado a questão como poderia ser esperado. Mas os seus estudos são mais dignos de autenticidade que as narrativas de ocasionais visitantes de uma parte da nação, ou as imitações dos geógrafos. Estamos, portanto, agraciados com o surgimento de um trabalho como este, devido a sua calculada capacidade de estender nosso conhecimento sobre este interessante país, através da utilização das melhores fontes de informação.<sup>255</sup>

O resenhista escreveu que a obra “abundava de informações, que supririam as deficiências e retificariam os erros de narrativas anteriores sobre o reino de Portugal”.<sup>256</sup> Um ano após, em 1799, Southey reeditaria as *Letters*, e a retirada do *Ensaio* e de muitas sátiras indicam que reformulava suas perspectivas sobre Portugal.<sup>257</sup> Entre 1800 e 1801 Southey se estabeleceu por um ano em Portugal juntamente com a esposa Edith Flicker e pode verificar que muitos dos relatos e pinturas de Murphy não

---

<sup>254</sup> Id., 1795, p. 7.

<sup>255</sup> **The Critical Review** or, Annals of Literature. A Society of Gentleman. Volume XXIV. London: Printed for Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1798, pp. 25-33, p. 25. “Notwithstanding the long and intimate connexion, both political and commercial, between the British and Portuguese nations, the state of Portugal is very imperfectly known to our countrymen. Many volumes have indeed, been published upon the subject by different travellers; but the accounts given by these writers are superficial and inaccurate. Even the natives have not been so studious of complete exploration as they might be expected to have been; but their statements are more to be authentic than the reports of occasional visitants of a part of their country, or the intimations of general geographers. We are therefore pleased with the appearance of such a work as the present; for it is calculated to extend our knowledge of an interesting country, by a reference to the best sources of information”.

<sup>256</sup> Id., 1798, p. 33.

<sup>257</sup> Nesse sentido, segue-se Adolfo Cabral ao ressaltar que as *Letters* foram reeditadas tendo em vista as exigências eruditas de “precisão e rigor” que Southey se submeteu, o que refletia a expansão do seu conhecimento sobre as línguas ibéricas, o seu maior conhecimento sobre a literatura e a história destas nações e o seu geral amadurecimento como escritor público. CABRAL, Adolfo. Op. Cit., p. 207-315.

eram exagerados. Ao chegar em Batalha, descreve a cena que cercava o monastério: “em um rico vale, em meio aos olivais, - altas e cultivadas colinas anteriores aglutinam-se à base das montanhas posteriores, constituindo este nobre templo de devoção”.<sup>258</sup> Esta apreciação positiva do monastério estendia-se aos frades que lá habitavam: “Murphy foi justo. Ele fez os frades dignos de sua morada e eles mostram isto com a atenta civilidade do orgulho”.<sup>259</sup>

Se as pinturas de Murphy não retratavam perfeitamente o que podia ser visto, não era por sua falta, e sim porque a grandiosidade do monastério excedia as habilidades de qualquer pintor: “Seus desenhos não podem transmitir as belezas irretratáveis da construção, as finas partes diminuídas com a escala de proporção que não podem ser vistas são maravilhosas e todo miraculoso trabalho na pedra oca foi perdido. A parte oca super-cinzelada com folhagens tornava-se apenas sombra em uma pintura”.<sup>260</sup> Em carta enviada à mãe, Margaret Southey, em 1801, o jovem letrado escreve novamente sobre a impossibilidade de se retratar o monastério de Batalha, aludindo à obra de Murphy. Para Southey, mesmo que o pintor tivesse à disposição os mais excelentes materiais e técnicas, era impossível reproduzir tal cenário “miraculosamente belo”:

Também vimos Batalha, a maravilha de Portugal e, de fato, da Europa, por tão magnificente estrutura. O maravilhoso trabalho com a pedra não existe em outro lugar, somente nesta isolada vila. Você acreditará em mim quando digo que a frente dos pilares de pedra são cortados por uma rica folhagem e o pilar em si escavado atrás das folhas. A pintura não pode retratar as largas folhas verdadeiramente disposta com fino gosto. Ora, algum trabalhador com sofisticados materiais poderia exceder a delicadeza e a agudeza que o cinzel do cortador de pedra produziu? Tenho visto pinturas acuradas e ainda permaneço perdido inteiramente em maravilha e admiração.<sup>261</sup>

Para Southey, Batalha não era a maravilha somente de Portugal, mas de toda a Europa. O gênio europeu dos séculos XV e XVI manifestava-se através da rica arquitetura gótica, que para ele teria sido projetada por um inglês. Esta era uma questão

---

<sup>258</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 23 [1800].

<sup>259</sup> Idem.

<sup>260</sup> Idem. “His drawings cannot display the unpicturable beauties of the building, the finer parts in the scale of proportion shrunk so as not to be seen and the wonderful – the all but miraculous hollow stone work is lost, the hollow part over-fretted with foliage becoming only shade in a print”.

<sup>261</sup> Id., 1960, p. 155 [1801]. “We also saw Batalha, the wonder of Portugal, and indeed of Europe, for so magnificent a structure, or stonework so miraculous beautiful, exists nowhere but in this seclude village. Will you believe me when I tell you that the front of stone pillars is cut into a rich foliage, and the pillar itself hollowed behind the leaves, - that painting could not trace the large leaves more truly or disposed them with finer taste, - and that no workmanship in the softest materials could possibly exceed the delicacy and sharpness which the stone-cutter’s chisel has produced? I had seen accurate prints, and yet stood lost entirely in wonder and admiration”.

controversa, pois, segundo Murphy na obra *Plans, elevations, sections and Views of the Chhurch of Batalha*, o arquiteto da obra teria sido o irlandês David Hacket. Murphy se fundamentava em uma informação fornecida por um dos signatários da obra, o capelão inglês em Lisboa Herbert Hill. Segundo Murphy, esta informação fornecida por Herbert Hill, tio de Southey, foi recolhida do cronista José Soares da Silva (1672-1739), o que é apresentado em uma nota de rodapé no início do livro.<sup>262</sup> No entanto, em *Travels in Portugal*, Murphy expõe que pessoas familiarizadas com os arquivos reais o informaram que o arquiteto da obra foi o inglês Stephen Stephenson. Esta informação parecia plausível para Murphy, que escreveu “[...] como a arquitetura Gótica floresceu naquele tempo na Inglaterra, não é improvável que algum dos seus artistas poderia ter aceitado o convite de um príncipe tão liberal”.<sup>263</sup> O monarca mencionado por Murphy é D. João I (1357 –1433), que após vencer a Batalha de Aljubarrota contra Castela iniciou a construção do monastério.<sup>264</sup> Segundo Southey, Batalha “foi trabalho de um inglês, mas os portugueses reivindicam para si”.<sup>265</sup> No entanto, a polêmica sobre o arquiteto que projetou a obra era de menor importância, pois ao contemplar o monastério o jovem letrado deparava-se com o gênio gótico de toda a Europa, manifesto plenamente em Portugal no reinado de Dom Manuel I (1469-1521). Na carta ao amigo Charles Watkin Williams Wynn, enviada em 1801, escreve:

Você viu as gravuras de Batalha feitas por Murphy. Elas são muito exatas e acredito que tão boas quanto uma gravura pode ser – mas apenas através da visão pode se ter uma competente ideia da mais miraculosa construção. Aludo muito à inacabada capela de Manuel, que parece guardar o completo saque do Leste ao coletar para Portugal todo o gênio da Europa. As maiores escalas nas

---

<sup>262</sup> MURPHY, James Cavanah. **Plans, elevations, Sections and Views of the Church of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luis de Souza; with remarks. To which is prefixed an Introductory Discourse on the Principles of Gothic Architecture. Illustrated with 27 Plates.** London: Printed for I & J. Taylor, 1795, p. 2. “Since the former sheets of this work were printed, the author has been favoured by the Rev. Hebert Hill, chaplain to the British Factory at Lisbon, with an Extract from a Portuguese Historian; wherein are ascertain, apparently from good authority, the name and country of the Architect of Batalha. The following is a translation of the passage: ‘Fr. Luis de Souza, in the History of Dominican order, part I. and D. Fernandes de Menezes, Conde de Ereiceira, at the end of the life of King John I. have both described the Royal Monastery of Batalha with all the exactness and elegance which it merits. To these authors refer the reader for an account of that noble edifice; and left my unpolished language should fully renown, I shall only observe, that the architect of it was an Irishman, named David Hacket, who then lived in Vianna da Caminha, as may be seen in one of the Memmoirs of Fr. Antonio da Madureira, a Dominican Friar, and a celebrated genealogist’. Jozé Soares da Sylva Mem. Del Rey D. João 1º. Tom. 2. P. 533”.

<sup>263</sup> MURPHY, James. **Travels in Portugal through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo, in the Years of 1789 and 1790 consisting of observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities etc. of that Kingdom.** London: Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies (Sucessor to Mr. Cadell in Strand)., 1795, p. 44.

<sup>264</sup> Id., 1795, p. 54.

<sup>265</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838.** Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 156 [1801].

gravuras podem ser tomadas a custo da perda dos menores ornamentos. Todo ornamento é feito pela perfeita delicadeza do artesanato, com um gosto tão harmonioso que não pode ser omitido sem destruir o todo. Em todas outras construções Góticas (florescente Gótico como este é) tenho visto ornamentos amontoados conjuntamente, nunca separados ou agrupados – o grotesco é usualmente prevalecente – mas aqui como tudo no reinado de Manuel é como se Rafael tivesse desenhado os ornamentos Góticos com perfeita elegância.<sup>266</sup>

Segundo Southey, a mais fina parte do monastério nunca foi coberta, pois após a morte de Manuel I as obras cessaram. A “ vaidade infantil ” dos portugueses era a causa deles “ nunca completarem o que os antecessores haviam iniciado ”. Este aspecto fazia nítida a decadência da nação, sempre “ repleta de novas ruínas ”, pois as “ bestas bárbaras deixaram o nobre trabalho da arquitetura que nenhum país ostentava exposto ao tempo por 400 anos ”.<sup>267</sup> Mesmo assim, as “ inacabadas capelas de Manuel eram certamente de excelência singular ”, superiores às “ grandes construções na Inglaterra ”.<sup>268</sup> Southey se espantava de como “ o tempo tinha poupado o grande trabalho do gênio – nenhum musgo, nenhum líquen, tinha ultrajado qualquer lugar; enquanto a mesma pedra usada em construções modernas decaía em meio século ”.<sup>269</sup> O “ frescor da pedra ” o deixava “ atônito ”, “ parecia que o Tempo havia respeitado o nobre trabalho ”.<sup>270</sup> Apreciação semelhante era feita de Alcobaça, que até mesmo “ era de maior interesse histórico que Batalha ”. Contudo, a “ antiga magnificência se misturava à moderna mesquinharía ”<sup>271</sup>, pois os supersticiosos e exploradores monges Bernardinos exerciam o “ absoluto domínio ” sobre o “ Império de Alcobaça ”, “ compelindo o povo a enviar seu milho aos moinhos do convento, assim como as uvas e as olivas às suas prensas ”, extorquindo um quarto da produção.<sup>272</sup> Entretanto, Alcobaça “ continha os túmulos dos primeiros reis e de Inez de Castro, tão lindos, um maravilhoso acabamento, tão finamente preservado e

---

<sup>266</sup> Id., 1960, p. 160 [1801]. “ You have seen Murphy’s prints of Batalha. They are very exact, and I believe as good as prints can be – but it is only eye-sight that can give a competent idea of that most miraculous building. I allude most to the unfinished chapel of Emanuel, who seems to have bestowed the whole plunder of the East in collecting to Portugal the whole genius of Europe. The largest possible scale upon which a view could be taken would necessarily lose all the smaller ornaments – and every ornament is of that perfect workmanship and delicacy, and in a taste so harmonious to the whole, that it cannot be omitted with[out] destroying the effect of the whole. In every other Gothic building (florid Gothic as this is) I have seen ornaments crowded together neither separately nor grouped – the grotesque is usually prevalent – but here like everything in Emauel’s reign it is as if Raffaele had designed Gothic ornaments, - there is that perfect elegance ”.

<sup>267</sup> Id., 1960, p. 156 [1801].

<sup>268</sup> Id., 1960, p. 161 [1801].

<sup>269</sup> Id., 1960, p. 156 [1801].

<sup>270</sup> Id., 1960, p. 23 [1800].

<sup>271</sup> Id., 1960, p. 161 [1801].

<sup>272</sup> Id., 1960, p. 155 [1801].



tão encantador para todas associações históricas e poéticas, que a ampla visão pagava a longa e mais laboriosa peregrinação”.<sup>273</sup>

Alcobaça era uma “monstruosa mistura” entre “o mais fino trabalho do antigo Portugal e o mais execrável show de fantoches do moderno papismo”<sup>274</sup>, manifestando-se como uma metonímia da nação, pois, para o jovem letrado: “O que foi antigo em Portugal foi de fato bom – como o antigo Portugal. O que é moderno é pobre e miserável – digno do show dos viajantes – a perfeita pintura do presente estado do reino”.<sup>275</sup> De fato, a partir desta sentença conclusiva, percebe-se que Southey reformulou suas perspectivas sobre a história, a literatura, a sociedade e a arquitetura de Portugal, tendo em vista a grandiosidade do passado desta nação. Naturalmente, a reformulação da importância conferida a Portugal no cenário europeu levou em conta tanto as perspectivas de Murphy quanto as de Costigan, pois se o passado de Portugal era de fato grandioso, o seu presente estava envolto no atraso e na decadência, já que “[m]uito é moderno e conseqüentemente feio”.<sup>276</sup>

À medida que a erudição de Southey expandia-se, especificamente sobre Portugal, um mercado literário receptivo à literatura gótica abria a possibilidade do jovem se estabelecer como um homem de letras profissional. Muitos fatores de sua vida pessoal foram decisivos para sua aproximação com Portugal, como a insatisfação com os excessos de impostos e violência urbana na Grã-Bretanha e o desencantamento com a Revolução Francesa após a ascensão de Napoleão. Este quadro cético agravou-se e os entediantes estudos jurídicos e sua abalada saúde contribuíram para tanto. Em Sintra, sentindo sua saúde restabelecida, Southey não tinha dúvidas de que poderia ficar o resto da vida “falando português e escrevendo em inglês”.<sup>277</sup> Maria Zulmira Castanheira afirma que a “construção discursiva da alteridade” por Southey foi “um misto ambivalente de atração e repulsa”.<sup>278</sup> Assim, Sintra podia ser vista como o lugar mais agradável para se viver, mas a ganância dos ambiciosos comerciantes portugueses o levaram a afirmar que estes homens contemporâneos corrompidos eram indignos deste lugar, sendo “Sintra um lugar tão bom para os portugueses”, porém, “somente adequado

---

<sup>273</sup> Idem.

<sup>274</sup> Idem.

<sup>275</sup> Id., 1960, p. 21 [1800]. “What was old indeed fine – it was like old Portugal. The modern is poor and paltry – fit for a travelling show – the perfect picture of the kingdom’s present state”.

<sup>276</sup> Id., 1960, p. 31 [1800].

<sup>277</sup> CASTANHEIRA, Maria Zulmira. “Speaking in Portuguese and Writing in English”. Representações de Portugal na obra de Robert Southey. In\_\_ SARMENTO, Carla (org.). **Diálogos Interculturais**. Porto: Vida Económica, 2011, p. 143-151, p. 143.

<sup>278</sup> Id., 2011, p. 151.

para nós góticos, germânicos e ingleses”.<sup>279</sup> Dessa forma, tendo em vista as contradições desencadeadas na “era do gosto”, Southey buscou refúgio no passado grandioso da Europa, manifestado em sua plenitude em Portugal. Entretanto, o legado desta nação, devido ao seu deplorável estado presente, não podia ser tomado como um exemplo, sendo somente uma fonte de inspiração capaz de excitar a imaginação dos homens contemporâneos, que cegos pelo atual, repetiam os equívocos de outrora.

Até aqui nosso objetivo foi acompanhar as reformulações de Southey sobre a história, literatura, arquitetura e sociedade lusitana a partir da análise dos seus textos posteriores à primeira edição das *Letters*. A intenção foi explorar como estas reformulações ultrapassaram sua subjetividade e inscreveram-se nos horizontes discursivos em vigor na Grã-Bretanha. Conferiu-se destaque à nova dignidade dada por Southey às origens góticas de Portugal, explorando como o letrado as associou analogamente ao passado de toda Europa. Chegou-se à conclusão que a utilização de uma linguagem gótica por Southey não implicou na idealização acrítica de Portugal, tendo em vista que o letrado colocava em destaque a decadência e o atraso presente do reino.

---

<sup>279</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838.** Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 99 [1800].

## **CAPÍTULO 2**

### **METANARRATIVA, ERUDIÇÃO E AMBIVALÊNCIA**

## 2.1 PERSPECTIVAS COSMOPOLITAS DE ESCRITA DA HISTÓRIA

O percurso da segunda excursão de Southey por Portugal foi completamente diferente da primeira, pois agora a Espanha estava fora da rota. Se na primeira excursão desembarcou em La Coruña no dia treze de dezembro de 1795, viajou para Madri e desta cidade seguiu em direção ao território lusitano em Elvas, cruzando a fronteira no dia 21 de janeiro de 1796, percurso realizado em trinta e nove dias antes de seguir para Lisboa; na segunda excursão a capital de Portugal foi o ponto de chegada. Southey e a esposa Edith desembarcaram no Tejo dia trinta de abril de 1800 e a permanência em Portugal durou até o final do mês de junho de 1801. O letrado britânico realizou duas excursões durante este período, sendo que a primeira abrangeu em seu percurso Batalha, Alcobaça e Coimbra e a segunda os territórios de Évora, Beja, Ourique e as cidades da costa do Algarve.

Anteriormente a estas excursões, dedicou-se, durante o outono e o inverno de 1800, à coleta de materiais e estudos para a composição da *História de Portugal* estabelecendo-se em Lisboa, após ter passado o verão em Sintra. Em Lisboa, valendo-se das recomendações do tio, Herbert Hill, e do letrado britânico John Bell, teceu uma ampla rede de contatos fundamentais para a viabilização do acesso à documentação. Dentre os letrados renomados aos quais foi apresentado, Southey destacou o censor de livros e membro da Academia Real de Ciências João Guilherme Cristiano Müller, mostrando-se grato por este “[...] ter procurado para mim acesso aos manuscritos depositados na biblioteca, e eu espero através dele uma introdução ao desembargador [António Ribeiro dos Santos], meu vizinho, bibliotecário chefe, um curioso da poesia da nação, e cuja coleção é rica com transcrições das bibliotecas jesuítas”.<sup>280</sup> Tal gratidão é estendida ao sub-bibliotecário José Agostinho de Macedo, que surpreendeu o letrado britânico ao se mostrar um “homem inteligente, - mais ansioso a falar livremente do que eu estava em encorajar o fluxo. Ele não se alarmaria ao ver-me empenhado sobre os anais que ele abomina religiosamente tanto quanto eu”.<sup>281</sup>

---

<sup>280</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960., p. 144 [1801]. “Müller has procured me access to the library MSS., and I expect, through him, daily, and introduction to the *disembargador*, my opposite neighbor, chief librarian, a *curioso* in the poetry of the country, and whose collection is rich with the duplicates among the Jesuit libraries”.

<sup>281</sup> Id., 1960, p. 145-146 [1801]. “The sub-librarian is an intelligent man, - more eager to talk freely than I was to encourage the strain. He will not be alarmed to see me employed upon records which he abominates as religiously as myself”.

Southey realizou excursões que possibilitaram a ampliação das suas redes de contatos. Em Coimbra foi recebido por letrados renomados: “Nossas cartas foram para Francisco Soares Franco – um médico – e para o Professor de Botânica Felix Avelar Brotero, dos quais tivemos toda atenção e útil civilidade. Eles guiaram-nos ao Jardim Botânico, ao Museu e à Prensa da Universidade [...]”.<sup>282</sup> Em Beja, foi recebido pelo afamado Manoel do Cenáculo Vilas-Boas, Bispo desta cidade, um homem “pequeno, alegre, de olhos grandes – um santinho com um cajado eles o chamam – amado e reconhecido evidentemente por todos em sua volta”.<sup>283</sup> Ainda afirmou ter “comprado dois livros” e se demonstrou grato à hospitalidade do Bispo, que além de servir-lhe “queijo e incomparável vinho”, o recomendou através de uma carta ao padre João de Palma, responsável por sua recepção em Castro.<sup>284</sup> Posteriormente à sua passagem por Beja, Southey enviou uma carta para o Bispo, escrita em português, o que comprova tanto sua fluência na língua portuguesa quanto a falta de acuidade ortográfica e gramatical.<sup>285</sup>

Southey procurou valer-se do auxílio dos letrados que podiam lhe fornecer acesso à documentação e bibliografia a ser empregada na composição da *História de Portugal*. A boa recepção destes letrados indica o interesse dos mesmos com relação à composição de uma história erudita e filosófica do reino. No âmbito da Academia Real de Ciências de Lisboa, fundada em 1779, esforços eram realizados na Classe de Literatura Portuguesa visando à composição de uma história erudita e filosófica da nação.<sup>286</sup> Para Southey, as demandas historiográficas dos acadêmicos em grande medida

---

<sup>282</sup> Id., 1960, p. 26 [1800]. “Our letters were to Dr. Francisco Soares Franco – a physician – and the Botanical Professor Luiz Feliz Brotellar, from both of whom we experienced all alternative and useful civility. They led us to the Botanic Garden and the Museum, to the University Press [...]”

<sup>283</sup> Id., 1960, p. 38-39 [1801]. “The Bishop, a little, cheerful, larged-eyed man – a Santinho with a stick they called him – learned and beloved evidently by all about him”.

<sup>284</sup> Id., 1960, p. 165 [1801].

<sup>285</sup> Id., 1960, p. 163 [1801]. “Muito excelente Senhor, Não podemos certamente deixar passar esta ocasião; para exprimir à sua Excelência, quanto sentemos os favores recebidos em Beja, tambem a grande vantagem, que achamos da sua recomendação, tendo sido muito bem servido hoje; e o Snr João da Palma nós tem procurado bestas, e nós mostrado as curiosidades deste sítio. Outra mérce ainda pedimos, isto he, que os erros na forma, e na linguagem sejam escusados, esperando que Vossa Excelencia goze por muitos anos todas as felicidades possibeis: Eu e meu amigo ficando sempre Seus criados obrigadíssimos. R. Southey”.

<sup>286</sup> Para um maior detalhamento dos projetos de escrita da história de Portugal gestados no âmbito da Academia Real de Ciências de Lisboa, especialmente, em relação às contribuições de Antonio Caetano do Amaral, do Abade José Correia da Serra e João Pedro Ribeiro Cf. SILVA, Taise Tatiana Quadros da. **Maquinações da Razão Discreta**: Operação historiográfica e experiência do tempo na Classe de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa(1779-1814). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

se aproximavam do seu projeto, o que o levou a reconhecer: “A Academia facilitou muito meu trabalho ao publicar muitas das suas antigas crônicas em um preço passível de compra, como também as leis de Portugal”.<sup>287</sup> Estes elogios foram estendidos à Universidade de Coimbra, que também “agiu muito sabiamente” ao editar as “Ordenações de Afonso 5º”.<sup>288</sup> A Academia Real de Ciências de Lisboa reeditava as crônicas, pois tinha em vista a composição de uma história erudita e filosófica da nação. Um projeto já havia sido lançado pelo acadêmico Antonio Caetano do Amaral, em 1780, porém, o mesmo não fora executado. O letrado responsável pela reedição das antigas crônicas de Portugal era o Abade José Correia da Serra, sendo que seus escritos sintetizam as expectativas da Academia com relação à composição de uma História da nação.

O estudo da literatura nacional parecerá por ventura a alguns menos próprio que os precedentes, para o aumento da agricultura, das artes e indústria. Se essa observação é justa pelo que toca ao estudo da língua e da poesia, longe esta se verificar-se pelo que respeita à História da Nação. A história de cada povo parece com a dos indivíduos por serem uma e outra série de ações motivadas por modos de ver, discorrer e desejar, que lhes tem sido próprios e habituais. Os erros em ambas produzem erros e os acertos seguem-se aos acertos. Mas um homem pode examinar toda a sua vida e aproveitar-se do que lhe aconteceu para concluir-se melhor e regular suas ações. Nas nações, pelo contrário, cada nação conhece tão somente a si mesma, sem que os erros das que lhe passaram lhe sirvam ordinariamente de proveito. Toca aos que aprofundam aos antigos sucessos fazer este exame e dar a conhecer o que já nos serviu de proveito, ou de ruína e as causas por que crescemos ou diminuimos em número, em forças, em luzes, em riquezas. O conhecimento de que a nação é e do que pode ser, pelo que já tem sido, é dos mais úteis para a sua felicidade, e só pode esperar-se dos esforços unidos de um corpo tal, como a Academia.<sup>289</sup>

Através do prefácio às *Memórias Econômicas*, o Abade enuncia o pragmatismo que envolvia a produção historiográfica, estudo concebido como superior ao da língua e da poesia. A história dos povos é comparada à dos indivíduos, pois ambas possuem “modos de ver, discorrer e desejar que lhes tem sido habituais”, ou seja, singulares. A diferença fundamental era que “um homem pode examinar toda a sua vida e aproveitar-se do que lhe aconteceu para concluir-se melhor e regular suas ações”, pois a memória lhe permitia o exame e o juízo sobre seus atos garantindo o aprendizado. Em contra partida, no caso das nações, o esquecimento fazia-se presente, pois “cada nação conhece

---

<sup>287</sup> Id., 1960, p. 138 [1801]. “The Academy, however, have much facilitated my labour by publishing many of their old chronicles in a buyable shape; and also the laws of Portugal”.

<sup>288</sup> Id., 1960, p. 119 [1801].

<sup>289</sup> SERRA, José Correa. “Discurso Preliminar”. In **Memórias Econômicas da Academia Real de Sciencias de Lisboa, para o adiantamento da agricultura, das artes e da indústria em Portugal e suas conquistas** (Tomo I). Lisboa: Oficina da Academia, 1789, p. 9-10.

tão somente a si mesma, sem que os erros das que lhe passaram lhe sirvam ordinariamente de proveito”. No entanto, a expressão *ordinariamente* permite a compreensão de que algum proveito podia-se tirar do passado, desde que os responsáveis por aprofundarem os “antigos sucessos” façam o correto exame e desvelem o conhecimento daquilo que “já nos serviu de proveito, ou de ruína e as causas por que crescemos ou diminuímos em número, em forças, em luzes, em riqueza”. Logo, tal exame é impossível de ser feito *ordinariamente*, pois a memória não pode abarcar esta totalidade que é a nação, já que tanto o presente quanto o futuro se revelam somente mediante ao esclarecimento do passado.<sup>290</sup>

Segundo o Abade, este conhecimento útil que é o da História apresenta-se digno dos “esforços unidos de um corpo tal, como a Academia”, sendo o trabalho em grupo fundamental para este labor. No prefácio ao primeiro volume da *Coleção de Livros Inéditos de História Portuguesa*, nos quais a Academia reeditou inúmeras crônicas, o Abade José Correa da Serra menciona a existência de uma comissão dedicada ao labor historiográfico, que era constituída por Joaquim de Fóyos, João de Souza, Antonio Caetano do Amaral, João Pedro Ribeiro, Joaquim José Ferreira, João de Magalhães Avelar, Fr. Joaquim Forjaz, Fr. Joaquim de Santo Agostinho, Fr. Joaquim de Santa Rosa, Fr. Joaquim de Santa Clara, Joaquim Anastásio de Figueiredo e José Veríssimo Alves da Silva. Perante o promissor trabalho a ser realizado por esta comissão, o Abade escreve que “Portugal poderá, em breve, gozar de mais vasto, e claro horizonte que

---

<sup>290</sup> Valdei Araujo, em diálogo com os escritos de Reinhart Koselleck sobre a modernização do conceito de História, expõe como as filosofias da história foram decisivas para a erosão do conceito ciceroniano da história como *mestra da vida*. Este *topos*, fundado na exemplaridade do passado e na compreensão de uma natureza humana imutável, permitia que a leitura dos feitos políticos e militares de príncipes e monarcas possibilitassem a orientação dos homens no presente. Segundo Araujo, em meados do século XVIII, esta concepção antiga da história como *mestra da vida* entrou em crise na cultura histórica luso-brasileira. Com efeito, o aprendizado com o passado se daria de forma distinta, mesmo com a permanência do uso deste *topos* na cultura histórica luso-brasileira ao longo do XIX: “Com as filosofias da história do século XIX, cujo marco qualitativo foi Hegel, a modernidade tornou-se singular e o homem já não possuía uma natureza humana intemporal, logo, o passado não pode dar **exemplos**. Ao mesmo tempo, o etapismo das filosofias da história permitiu tirar **lições** do passado, já que pela sua análise é possível vislumbrar o futuro, mesmo que esse já não fosse concebido em termos de repetição do passado. Assim, o *topos* pode ser adaptado a esse novo tipo de lição histórica: é possível aprender com o passado, mas não imitá-lo, como é fundamental na concepção ciceroniana. Em resumo, o simples uso retórico dos *topoi* ciceronianos não qualifica uma concepção de história como pré-moderna, pois o fundamental seria entender quais os procedimentos necessários para aprender com a história”. ARAUJO, Valdei Lopes de. “História dos Conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade ibérica”. **Almanack Brasileiro**. Nº 7, 2008, maio, pp. 47-55, p. 55. Para um maio aprofundamento sobre esta questão especificamente para o caso brasileiro no século XIX Cf. ARAUJO, Valdei Lopes de. Sobre a permanência da expressão *historia magistral vitae* no século XIX brasileiro. In: NICOLAZZI, Fernando; MOLLO, Helena Miranda; ARAUJO, Valdei Lopes de. **Aprender com a história?: o passado e o presente de uma questão**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2011, p. 131-147.

pertence à sua História”.<sup>291</sup> Este entusiasmo não se fundava em “mera curiosidade”, sendo uma “instrução necessária”, pois o presente era fruto das “consequências de sucessos passados, e neles somente podemos achar o conhecimento da sua origem, e a explicação da sua natureza”. Recuperar causalmente esta conexão com o passado, obscurecida pelas transformações ao longo do tempo, não se fundamentava no desejo de idealizar os grandes feitos de outrora, tendo em vista que “[s]e a glória não nos movesse a estudá-los, a necessidade nos obrigara”.<sup>292</sup>

Para o Abade, a evidência na História não se “alcança do mesmo modo que em outras ciências, cujos objetos existem sempre, e uniformemente”.<sup>293</sup> Tal “facilidade de observar os fenômenos” torna-se uma tarefa árdua no âmbito historiográfico, pois “as pessoas, as ações, e as ideias de que a nossa História deve informar-nos, passaram com o tempo que as viu existir, e nunca mais tornaram a ver-se”, restando somente “[o]s vestígios que de si deixaram nos monumentos, e a narração dos contemporâneos”.<sup>294</sup> A passagem do tempo impossibilitava que a escrita da História filosófica, que conectasse presente, passado e futuro, se confundisse com as crônicas dos feitos contemporâneos. Sendo assim, era necessário examinar as crônicas não como modelos para a escrita da História e sim como fontes, com a “justa severidade que a matéria requer”. Entretanto, tornava-se necessário contextualizá-las em seus respectivos momentos de escrita, pois ao ser tomada a “conta da verdade” aos cronistas suas “faltas” devem ser perdoadas devido ao “amor da Pátria que os moveu a escrever”.<sup>295</sup>

Segundo o Abade, a intenção da Academia com relação às crônicas era “supri-las, e não patenteá-las”, pois eram “estas narrações a base única da certeza da nossa História, e os únicos materiais que a constituem para a gente sisuda, que nela busca instrução, e não desenfado”.<sup>296</sup> Com efeito, para o Abade, as crônicas não podiam instruir os homens do presente, visto que eram vestígios de épocas afastadas no tempo, sendo somente a matéria-prima, as fontes, para a composição de uma macronarrativa capaz de conectar toda a história. Assim, a partir do prefácio do Abade, pode-se compreender como a prática de crítica erudita das crônicas tomadas como fontes era processada em conexão com a necessidade de produção de uma macronarrativa de

---

<sup>291</sup> SERRA, José Correa. **Coleção de livros Inéditos da História Portuguesa** (Tomo I). Lisboa: Oficina da Academia, 1790, p. 10.

<sup>292</sup> Id., 1790, p. 7.

<sup>293</sup> Id., 1790, p. 7-8.

<sup>294</sup> Id., 1790, p. 8.

<sup>295</sup> Id., 1790, p. 9.

<sup>296</sup> Id., 1790, p. 8.



amplo escopo diacrônico capaz de explicar as venturas e desventuras de Portugal ao longo do tempo.

Quando saírem do pó estas testemunhas, e um grande número de fatos incógnitos vir a luz do dia, quando o trabalho, a paciência, o espírito de crítica e de discurso tiverem combinado estes materiais, e deduzido a exata notícia dos pontos que nos importa conhecer, (porque nem tudo o que aconteceu é digno de ser História, ainda que tudo pode servir para ilustra-la) então é que poderemos sem jactância persuadirnos de saber o que Portugal tem sido. Então, e só então uma pena guiada pela razão, e pelo bom gosto, poderá expor à nossa vista, a complicada série das ações passadas, e explicar-nos com clareza, as causas que as motivaram, e os efeitos que delas se seguiram, de modo que a nós sejam de proveito, e à posteridade de ensino.<sup>297</sup>

O “espírito de crítica e de discurso” de um letrado que possuísse uma “pena guiada pela razão, e pelo bom gosto” poderia questionar de forma erudita as crônicas como “testemunhas” e expor em uma macronarrativa “a complicada série das ações passadas, e explicar-nos com clareza, as causas que as motivaram, e os efeitos que delas se seguiram”. Este distanciamento temporal das crônicas também foi enunciado por Antônio Caetano do Amaral, um dos membros da comissão da Academia ocupada com o labor historiográfico. Caetano do Amaral editou a obra intitulada *Soldado Prático*, escrita por Diogo de Couto (1542-1616), na qual este cronista dos eventos contemporâneos narra as causas da decadência dos portugueses na Ásia. Na introdução à obra, Caetano do Amaral procurou enfatizar o quanto a concepção de virtude de Diogo Couto afastava-se dos ideais em vigor na Europa do século XVIII. Portanto, para ser possível a compreensão da reflexão do cronista, tornava-se necessário demonstrar a distância que separava o presente do passado, pois, “para justamente avaliarmos o merecimento desta Obra, e entrarmos no seu espírito, é preciso que nos ponhamos no ponto de vista do qual Diogo de Couto olhava para a nossa Conquista, e para o estado dela”.<sup>298</sup> Dessa forma, apesar de Diogo de Couto apontar as causas da decadência do empreendimento português na Ásia, Caetano do Amaral enfatiza que sua reflexão não podia ser confundida com a dos filósofos do presente, muitos destes críticos ao estabelecimento das colônias: “Não consentia o tempo, em que Couto vivia, semelhantes ideias”, sendo assim, “[n]ão o figuremos um filósofo”.<sup>299</sup>

---

<sup>297</sup> Id., 1790, p. 9-10.

<sup>298</sup> AMARAL, Antonio Caetano do. **Observações sobre as principais causas da decadência dos Portugueses na Ásia, escritas por Diogo do Couto, em forma de diálogo, com o título de Soldado Prático.** Publicadas de Ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa. Lisboa: Oficina da Academia, 1790, p. 6.

<sup>299</sup> Idem.

Diogo de Couto não podia ser confundido com um filósofo do século XVIII capaz de fazer “o exame político dos bens e males que ao sistema da Monarquia Europeia fariam aquelas colônias”, já que este cronista foi educado para ser um conquistador. Sendo assim, Caetano do Amaral contextualiza a formação de Diogo de Couto perante a tradição militar de Portugal:

Foram os portugueses desde o seu nascimento homens de guerra: dela fizeram o seu aturado exercício; e dela se lhes formou por consequência a sua particular natureza. Apenas se acham pacíficos possuidores do terreno, que de princípio demarcaram para assento da Monarquia, impacientes do ócio, vão além dos mares buscar novo terreno, em cuja aquisição servem a sua fome de guerra. A navegação, meio necessário para esta nova Conquista, dá ocasião a se descobrirem terras, e gentes até aí desconhecidas; e acresce logo ao entusiasmo de conquistar ou de fazer novas descobertas. A barbaridade, e os erros em que vivem essas gentes, que vão descobrindo, lhes dá no seu entender, o direito de os matar, ou cativar; e parecem leões raivosos, que não conhecem nesse homens os seus semelhantes.

Formado nesta escola o nosso Couto, não só bebeu desde os primeiro anos aquelas ideias, más até nutriu em si a inclinação, e espírito guerreiro, ao qual satisfez logo que a morte de seu pai, e de seu amo o Infante D. Luiz, desmanchou outros projetos, que a favor dele tinham: alistou-se na milícia Indiana, que então era o alvo de todo português que queria pelas armas ganhar nome glorioso.<sup>300</sup>

A partir da inserção de Diogo de Couto na tradição militar, envolta na “barbaridade” e “erros”, Caetano do Amaral julgou ser possível compreender o seu “ponto de vista”. Segundo o acadêmico, o cronista tinha por uma “empresa justa e legítima” o fato dos portugueses tirarem das produções da Ásia riquezas “à força de armas”. Sendo assim, esta “violência” não podia ser considerada “vício”, pois sustentava a conquista. Segundo Amaral, para Diogo de Couto, se os projetos militares fossem conduzidos com temeridade pouco importava, “com tanto que fosse bem sucedido, passa por despejo e valentia, se no calor da ação houve sobeja crueza, não se representa tal aos olhos de um guerreiro”.<sup>301</sup> Logo, Caetano do Amaral tentou demonstrar como a narrativa do cronista fundamentou-se na compreensão de que a virtude militar impulsionou o florescimento do Império português por possibilitar a sujeição de povos insurretos às armas. Sendo esta a perspectiva do cronista, as causas da decadência dos portugueses na Ásia foram atribuídas ao quebrantamento do espírito marcial dos soldados, que após a guerra não visaram a sustentação dos benefícios públicos e sim suas ambições particulares:

---

<sup>300</sup> Id., 1790, p. 6-7. [Grifo nosso]

<sup>301</sup> Id., 1790, p. 7.

Sim leva o autor [Diogo de Couto] sempre diante dos olhos o fim último da conquista que era o aumento da riqueza do Reino; e por isso principalmente intenta nesta obra notar o vício, que mais diametralmente se lhe opõe; isto é, o de preferir cada particular o seu interesse ao público. Mas como assenta que o meio indispensável de conseguir aquele fim é o da guerra; a imediata, e mais prejudicial consequência, que se lhe apresenta, da ambição dos particulares, é o enervar-se-lhes o esforço, e quebrantar-se-lhes o espírito marcial, de cujo quebrantamento tem por efeito certo a ruína do comércio naquela conquista.<sup>302</sup>

Para Caetano do Amaral, a concepção de virtude militar narrada por Diogo de Couto afastava-se das demandas pacíficas contemporâneas. Esta concepção de virtude manifestava-se diametralmente oposta à secundada pelo acadêmico, sendo assim, julga filosoficamente o objetivo último da obra do cronista: “Ora bem se vê quanto era mais difícil sustentar o interesse do Patrimônio público pelo meio das armas, que pelos meios naturais de estabelecer e aumentar o comércio”.<sup>303</sup> Para Caetano do Amaral, a guerra era “um estado violento à humanidade”, que apesar de gerar nos portugueses uma “índole brava e ferina” arrefeceu-se por negar a natureza do homem, capaz de socializar e intercambiar pacificamente.<sup>304</sup> Dessa forma, para Caetano do Amaral, tanto a concepção de virtude de Diogo de Couto, quanto a sua forma de representá-la narrativamente, estavam afastadas dos desafios historiográficos do presente.

Esta perspectiva sobre a superioridade das virtudes pacíficas do presente em oposição à barbaridade bélica de épocas passadas havia sido enunciada anteriormente por Caetano do Amaral no seu projeto de escrita da história de Portugal, apresentado na Academia em 1780. Neste projeto, o autor argumenta sobre a importância de se aprender com a “História” através da qual se pode “cobrar aborrecimento ao vício, e amor à virtude, representando uma e outra coisa como vivas, e em ação nos exemplos que as praticaram”, sendo mais eficaz tal pedagogia “se esses exemplos são dos nossos Nacionais”.<sup>305</sup> Para o acadêmico, a função de exemplaridade clássica da História permanecia, porém, este aprendizado não poderia se fundar na imitação das narrativas escritas para a adulação das virtudes militares de príncipes e monarcas. O desafio contemporâneo exigia que o historiador ultrapassasse o panegirista ao incorporar à narrativa histórica as virtudes civis do povo, sendo assim, Caetano do Amaral expõe as dificuldades de empreender a escrita de uma *História Civil da Monarquia Portuguesa*:

---

<sup>302</sup> Id., 1790, p. 8.

<sup>303</sup> Idem. [Grifo nosso]

<sup>304</sup> Id., 1790, p. 9.

<sup>305</sup> AMARAL, Caetano do. “Projeto de uma História Civil da Monarquia Portuguesa, apresentado na Academia das Ciências na Assembleia de 19 de Julho de 1780”. In\_\_ RAMOS, Luís A. de Oliveira. **António Caetano do Amaral e a história portuguesa**. Revista da Universidade de Coimbra, Coimbra, v. XXX, p. 497-512, 1983. p. 506.

Mas a austeridade Portuguesa, tão escassa em publicar o próprio louvor, como ambiciosa em o merecer, tem feito mais rara, do que o devera ser esta instrução utilíssima. Passaram os primeiros séculos dos nossos ilustres feitos sem quase ficar monumentos deles; e depois que algum ócio nos deixou pegar na pena, bem se conhece que é a mesma mão afeita à espada a que ainda escreve: não se ocupa a História mais, que em obras de sangue, e de morte, e sem fazer caso de virtudes menos equívocas, só transmite à posteridade as que brotando muitas vezes de uma raiz viciada de ambição, ou de fereza, não são capazes de granjear sólida glória a seus autores: apenas faz ver os portugueses, pelo lado de intrépidos, e fortes, já ganhando o terreno, em que tem de levantar o soberbo edifício do seu Império, já defendendo a posse dele, já estendendo largamente os seus domínios. Mas toda a arte do governo interior desta Monarquia, os louvados costumes deste povo honrado, e grande; os úteis, e acertados estabelecimentos, as Leis sábias, e providentes; tudo isto como se perde, e some por entre o tumulto das armas, e se furta inteiramente ao nosso conhecimento.<sup>306</sup>

Caetano do Amaral expõe a ausência de uma História Civil, “geralmente esquecida”, como uma “notável falta”, por sua vez, vislumbrada pelo “seu cego amor da Pátria”. Assim, tornava-se necessário empreender uma História que abarcasse “tudo ao que toca ao interior da Monarquia Portuguesa”, o que não significava escrever “uma simples História do Direito português, cingida às nossas leis escritas”, pois “na vida Civil tem outras leis não escritas, que naturalmente manam dos gênios dos Povos, quero dizer, os costumes e os usos”. Dessa forma, leis escritas e costumes se influem “reciprocamente”, concorrendo “para o sistema da Sociedade Civil, que serve de objeto a esta História”.<sup>307</sup> Portanto, a obra de Caetano do Amaral lançava-se como um projeto de ruptura tanto com relação à virtude militar, quanto à sua exposição narrativa:

Assaz conhecidas, e admiradas são já em toda a Terra as nossas virtudes guerreiras, e terríveis, assaz as tem apregoado nas quatro partes do Mundo as nossas Conquistas prodigiosas: é preciso que conheçam também as nossas virtudes pacíficas, e amáveis; que conheçam quais ficamos ainda depois de largar a espada, e nos assentarmos à sombra da paz neste último recanto da Europa, donde a nossa grandeza bem pode suprir a distância para sermos vistos no mundo: é preciso em fim, que nós mesmos nos conheçamos, e deste conhecimento tiremos preciosos documentos para vivermos felizes.<sup>308</sup>

O povo português precisava de orientação e esta não podia ser depreendida das virtudes militares dos antigos príncipes e monarcas. Esta orientação poderia ser derivada do conhecimento do “gênio e índole do seu Povo, as paixões que o tem dominado” ao longo do tempo. O conhecimento do gênio que forma os elementos da Sociedade Civil permitiria que os portugueses vislumbrassem “diante dos passos a estrada, porque deve caminhar”. Com efeito, podia-se aprender com o passado a partir do seu julgamento

---

<sup>306</sup> Id., 1780, p. 507.

<sup>307</sup> Idem.

<sup>308</sup> Idem.

crítico, pois do exame da História Civil depreendia-se tanto os “modos” para se “consequir” o “crescimento”, quanto “os embaraços, que em cada idade se tem impedido ou retardado”. Dessa forma, podia se aprender com a história, tendo em vista um amplo horizonte de probabilidades. Porém, o acadêmico não deixou de predicar como o distanciamento dos tempos de “barbaridade” e “ignorância” se tornou possível pela organização do Estado, pelo desenvolvimento da “cultura das letras” e da “polidez dos costumes”, o que era passível de ser constatado pelos leitores:

O outro verá tão bem como o estado da nossa fortuna caminhou sempre de par com o da nossa polícia; verá os tristes males, que a barbaridade e a ignorância semearam entre nós nos tempos de trevas; e verá como a cultura das letras, e a polidez dos costumes, que se lhe seguiu, os foi arrancando, e substituindo-lhe viçosas plantas de bens, que felicitaram a Monarquia.<sup>309</sup>

Ora, a partir da estrutura macronarrativa em vigor no projeto de Caetano do Amaral, torna-se possível compreender a relação de Southey com os escritos produzidos pelos membros Academia. Assim como Caetano do Amaral, Southey não pretendia escrever uma história dos sucessos militares da monarquia portuguesa e sim inserir em uma macronarrativa os costumes e as maneiras dos povos que viveram em diferentes épocas em Portugal.<sup>310</sup> Dessa forma, o letrado britânico não se demonstrou grato à Academia apenas por esta instituição publicar as crônicas e os códigos civis em vigor em diferentes momentos da monarquia, mas também por realizar os trabalhos de crítica historiográfica em suas memórias literárias, que vinham ao encontro do seu trabalho. Nesse sentido, em 1809, em um artigo publicado na *Quartely Review*, o letrado britânico, ao realizar um balanço sobre a literatura portuguesa, escreve que a Academia

---

<sup>309</sup> Idem.

<sup>310</sup> Tanto Southey quanto Caetano do Amaral estavam enredados em uma macronarrativa de formação da Europa em vigor nas obras de inúmeros historiadores e filósofos do século XVIII. Com efeito, a recepção dos escritos dos letrados portugueses contemporâneos comprometidos com um projeto de escrita de uma história erudita e filosófica de Portugal por Southey era análoga à recepção dos historiadores britânicos que o precederam. A questão é que tanto os acadêmicos portugueses quanto os letrados britânicos do século XVIII estavam enredados em uma consciência histórica cosmopolita, que ao perspectivar o processo de formação da Europa, predicava a superioridade do presente com relação ao passado. Assim, para Southey, ler os escritos de Caetano do Amaral ou o Abade José Correia da Serra era uma experiência análoga à leitura de um historiador como David Hume. Com relação às expectativas almeçadas com relação à leitura da história filosófica, Hume escreve: “[...] what more agreeable entertainment to the mind, than to be transported into the remotest ages of the world, and to observe human society in its infancy, making the first faint essays towards the arts and sciences: To see the Policy of Government, and the civility of conversation refining by degrees, and everything that is ornamental to human life advancing towards its perfection. To remark the rise, progress, declension and final extinction of the most flourishing empires: The virtues, which contributed to their greatness; and the vices, which drew on their ruin. In short, to see all human race, from the beginning of time, pass, as it were, in Review before us, appearing in their true colors, without any of those disguises, which, during their life-time, so much perplexed the judgments of the beholders”. HUME, David. “Of the Study of History”. In **Essays Moral and Political**. Edinburgh: Printed by R. Fleming and A. Alison, for A. Kincaid Bookseller, and Sold at his Shop above the Cross, 1741, pp, 69-78, p. 72-73.

“conferiu grande benefício sobre a literatura da nação como nenhuma outra instituição similar”, sendo impossível fazer “justiça aos labores desta meritosa instituição, pois estenderia um grande volume de páginas que ultrapassam um artigo já extenso”.<sup>311</sup>

Com efeito, as conexões entre as demandas historiográficas da Academia e de Southey tornam-se ainda mais próximas ao se perfilarem os métodos e estratégias narrativas projetadas por Caetano do Amaral e o letrado britânico. Caetano do Amaral afirma não ter o interesse de entrar “na Tenda do general, nem no lugar do Gabinete, que com ele se comunica”, mas narrar todos os aspectos que “influa na vida Civil dos Povos”. Dessa forma, questões como a política externa, religião, comércio, artes, atividades militares, ganham importância à medida que influenciaram na formação das leis e delineamento do gênio do povo. Para a tessitura deste amplo escopo, a definição de épocas apresentava-se como fundamental:

[A] boa ordem desta História pede que as haja. E aqui me torno a servir de regra, o fim, que nela tenho. Não é uma relação de fatos despegados, em que se possa seguir miúda e escrupulosamente a ordem Cronológica, fazendo divisões pelos anos, ou ainda pelos Reinados: é uma obra que deve dar a conhecer o sistema da Legislação e de toda a direção doméstica da Monarquia. Só grandes revoluções, que envolvem consigo novas necessidades, mas que não sucedem a cada passo, é que fazem como crise, que requeira mudança de remédio Civil: estas são as naturais divisões, que farão outras tantas épocas da nossa História.<sup>312</sup>

Para Caetano do Amaral, a *História de Portugal* não poderia se limitar a seguir a cronologia dos feitos dos monarcas, sendo necessária a definição de épocas que se singularizaram com as “revoluções” e “crises” provocadas pelas mudanças dos costumes domésticos, o que tornava necessária a alteração das legislações. Embora o acadêmico tivesse a intenção de superar os cronistas dos eventos contemporâneos políticos e militares das monarquias ao realizar uma história filosófica de amplo escopo diacrônico, dividida em épocas, capaz de abarcar os costumes e as maneiras dos povos, pretendia realizar este projeto vazando sua obra a partir de uma linguagem adequada ao decoro clássico predicado pelos autores da antiguidade. Nesse sentido, Luís A. de Oliveira Ramos aponta as referências de autores clássicos presentes no projeto de Caetano do Amaral, citadas pelo próprio acadêmico em notas:

O que resvalasse para ‘credulidade’ e para o ‘capricho’, tudo o que fosse ditado pela simples imaginação ou então o que trouxesse a marca do ‘desnecessário’ e do ‘fastidioso’, revelando-se não só ‘supérfluo’ como inexacto, tinha de ser

<sup>311</sup> SOUTHEY, Robert. “Extratos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente acentuadas, para facilitar o estudo d’aquella Lingoa”. In\_\_: **The Quartely Review**. New York: Reprinted for Erza Sargeant, 1809, No II, p. 235-256, p. 256.

<sup>312</sup> AMARAL, Atonio Caetano do. Op. Cit.,. 1780, p. 17. [Grifo nosso]

eliminado. A isto o aconselhavam os clássicos como Séneca, Cícero e Cúrcio. Em matéria de retórica estes e outros clássicos, tais como Cúrcio, Cícero e Bénio, exigiam ao historiógrafo, a par da imparcial veracidade, o recurso a uma ‘linguagem candida’, assumida com ‘nobreza de espírito’, mas que não desaguasse na ‘tumidez’ ou ‘afetação’, nem ainda conduzisse à ‘secura’ ou ‘monotonia’. De fato, urgia combinar o ‘caráter sisudo da disciplina com o culto da ‘simplicidade e da clareza’, que aliada às ‘belezas’ da escrita, faziam a história ‘interessante e gostosa’.<sup>313</sup>

Ora, Southey pretendia realizar algo semelhante, ou seja, o que “nunca havia sido feito” em termos de escrita da história de Portugal, “introduzir na narrativa as maneiras dos povos e das épocas”<sup>314</sup>, entretanto, assim como Caetano do Amaral, pretendia preservar o decoro clássico.<sup>315</sup> Em princípio, Southey teve a intenção de trazer as maneiras dos povos e a definição das épocas junto à narrativa seguindo a cronologia dos reinados. Nesse sentido, em 26 de março de 1800 escreve para William Taylor:

Minha intenção é seriamente realizar a História de Portugal e qualificar-me para a tarefa viajando por todo o pequeno Reino, para compreender bem todos os lugares dos quais pode ser meu ofício escrever. Nenhum país possui uma melhor série de crônicas. Visitarei as várias livrarias dos conventos e caçarei todos os documentos escassos. Doze meses bem empregados serão suficientes para a coleção de material – e, de todo modo – não estou com o tempo limitado. Uma coisa eu especialmente tentarei ao escrever a história, tecer as maneiras dos tempos, tanto quanto propriamente puder ser feito, na narrativa – ao contrário de sobrecarregar os volumes com capítulos em apêndices, preferencialmente neste ponto parecerei mais os antigos cronistas que os modernos historiadores.<sup>316</sup>

<sup>313</sup> RAMOS, Luís A. de Oliveira. “António Caetano do Amaral e a História Portuguesa”. In\_ **Revista da Universidade de Coimbra**, Coimbra, v. XXX, 1983, p. 497-505, p. 503.

<sup>314</sup> SOUTHEY, Robert. **The Collected Letters of Robert Southey**. In\_ A Romantic Circles Electronic Edition. Part I 1798-1803. Linda Pratt (Ed.), 1800, Letter 500. [http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Two/HTML/letterEEd.26.500.html](http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Two/HTML/letterEEd.26.500.html)

<sup>315</sup> Koselleck expõe a centralidade do decoro clássico para a cultura histórica europeia no século XVIII, remontando sua pregnância a partir das formulações de Aristóteles na *Poética*. Nesta obra o filósofo antigo traçou as distinções entre poesia e história. Para Aristóteles, a poesia era superior à história, pois abordava os horizontes de possibilidades dos acontecimentos, enquanto a história se limitava a narrar o que aconteceu. Esta compreensão estanque da relação entre história e poesia seria abalada no século XVIII, no qual Koselleck aponta para uma fusão entre as duas, já que a poesia se beneficiou da verossimilhança da história e a história das abstrações gerais da filosofia. No entanto, apesar deste intercâmbio, a compreensão da separação estanque entre ambas enunciada por Aristóteles foi decisiva para a permanência da compreensão de que a narrativa histórica não deveria ser adornada. Nesse sentido, Koselleck expõe a permanência do decoro clássico na Europa a partir do francês Fénelon: “La Historia tiene una ‘nudité si noble et si majestueuse’, escribía Fénelon em 1714, que no necessita de ningún adorno poético’. ‘Decir la verdade desnuda es narrar sin afeites de ninguna clase los eventos que han ocurrido’; así confirmaba Gottsched que está era tarea de los historiadores” KOSELLECK, Reinhart. **história/ Historia**. Madri: Editorial Trotta, 2004, p. 48.

<sup>316</sup> SOUTHEY, Robert. **The Collected Letters of Robert Southey**. In\_ A Romantic Circles Electronic Edition. Part I 1798-1803. Linda Pratt (Ed.), 1800, Letter 502. [http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey\\_letters/Part\\_Two/HTML/letterEEd.26.500.html](http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey_letters/Part_Two/HTML/letterEEd.26.500.html). “My intention is seriously to undertake the History of Portugal, & to qualify myself for the task by travelling over the whole of the little Kingdom, & well understanding the site of every place whereof it may be my office to write. no country possesses a better series of chronicles. I shall visit the various Convent Libraries & hunt out all scarcer documents. Twelve months well employed will suffice for the collection of materials – & if otherwise – I am not limited to time. One thing I shall especially attempt in writing history, to weave the manners of the times, as far as can properly be done into the narrative – instead of

Southey não pretendia subverter o decoro clássico com a incorporação de capítulos em apêndice, inexistentes nas obras dos cronistas antigos. Para o letrado britânico, tornava-se fundamental incorporar ao texto principal da obra tudo o que fosse importante ser narrado. Sendo assim, por mais que o conteúdo subverta o decoro clássico com a inserção das maneiras domésticas dos povos, esteticamente a obra se “pareceria mais com as antigas crônicas do que com os historiadores modernos”. No entanto, posteriormente, Southey reconsiderou a possibilidade de inserir as narrativas das maneiras e costumes na narrativa principal, expondo a importância dos capítulos em apêndice e notas de rodapé para drenar o que era excessivo. Dessa forma, em contrapartida ao posicionamento inicial, o conteúdo do texto principal manteria o decoro clássico ao seguir rigorosamente os eventos políticos das monarquias, sendo as anedotas e as narrativas das maneiras e costumes, assim como a diferenciação das épocas alocadas nas notas de rodapé e capítulos em apêndice.

Com efeito, o letrado britânico escreve em carta enviada no dia 16 de dezembro de 1800 para John May:

Manoel de Faria é o meu guia, ele eu corrigirei ou ampliarei. As crônicas portuguesas e os historiadores espanhóis já li todos. Muitos destes é necessário comprar. Muitos meu tio possui. Ainda existe um grande gasto a fazer com livros indispensáveis. Mas o mais caro nunca perderá seu valor, pois eu não tenho nenhuma ambição de encher minhas estantes com livros que já extraí o essencial. Eu poderia vendê-los depois com pouco ou nenhuma perda. A “Monarquia Lusitana” de Brito e Brandão é um grande manual de informação. Os oito volumes o livreiro está procurando para mim – Bertrand, o único civil e razoável homem no comércio. A “História Genealógica” meu tio comprará e não é desejável confrontar e examinar todas as crônicas anteriores que possuem muitas passagens obscurecidas e perplexas. Milagres conectados com a história eu retirei porque eu não vou retirar o ornamento de uma tela vazia e Afonso Henrique tem merecimento de ter tantos milagres reconhecidos quanto Rômulo. As características insulares particulares das épocas e das pessoas devem ser arranjadas em capítulos suplementares e muitas questões podem descer para o fim das páginas em notas, aonde pode ser servido todo heterogêneo material de feliz miscelânea literária.<sup>317</sup>

---

crowding the volumes with appendix chapters, rather in this point to resemble the old chroniclers than the modern historians”. [Grifo nosso]

<sup>317</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p.145 [1800]. “Manoel de Faria is my text-book; him I correct or amplify. The Portuguese chronicles, and the Spanish historians, of whom I shall peruse every one. Many of these it is needless purchase. Many my uncle possesses. Still there is a heavy expense in indispensable books. But the most costly will never lose their value; and as I have no ambition to crowd my shelves with books that have been distilled, I may afterwards sell them with little or no loss. The ‘Monarquia Lusitana’ of Brito and Brandão, is the great magazine of information. These eight folios the bookseller is now procuring for me – Bertrand, the only civil and reasonable man in the trade. The ‘Genealogical History’ my uncle means to buy; and it is not desirable to collate all the accounts at once – so many channels puzzle and perplex. Miracles connected with the history I retain, because I will not strip



As dúvidas de Southey com relação à inserção das maneiras e costumes no corpo do texto principal e a utilização ou não de capítulos em apêndice e notas de rodapé eram comuns em meio aos letrados do século XVIII que o precederam. Mark Philips expõe através dos escritos do filósofo escocês Dugald Stewart (1753-1828) como Adam Smith se opunha a quaisquer elementos textuais que quebrassem a continuidade da narrativa, considerando, assim, as notas supérfluas. Para Smith, o rigor classicista impunha que tudo o que fosse necessário dizer deveria estar no corpo da narrativa. Em contraposição, Stewart expunha como Robertson procurava se adequar ao decoro clássico ao não quebrar a sequência narrativa das suas obras com inquirições filosóficas, utilizando as notas para drenar o que era excessivo. Dessa forma, pode-se perceber como posicionamentos opostos foram reivindicados como soluções para a manutenção do decoro clássico em diferentes gêneros que se abriam para a narrativa dos costumes e maneiras dos povos.<sup>318</sup>

Todavia, apesar de Southey ter a intenção de seguir o decoro clássico, não pretendia imitar os cronistas. A narrativa dos feitos políticos e militares dos reinados seria construída a partir do confronto de inúmeras crônicas. Nesse sentido, apesar de Manoel de Faria ser um guia, suas narrativas deviam ser corrigidas a partir do confronto erudito com outras obras, como a *Monarquia Lusitana* (1597-1632), iniciada pelo monge da Ordem de Cister Frei Bernardo de Brito (1569-1617) e continuada pelo também monge desta ordem Frei António Brandão (1584-1637) e a *História Genealógica da Casa Real Portuguesa* (1735-1749), composta por António Caetano de Souza (1674 -1759). Southey levava em consideração que pouco se havia escrito sobre a história de Portugal na perspectiva da historiografia moderna, segundo o letrado, “não existia nada, somente o que fora escrito na História Universal”.<sup>319</sup>

Southey faz menção à obra *A Universal history, from the earliest account of time*, que teve seus 65 volumes publicados entre 1736 e 1768. A versão da *História de*

---

off the embroidery from a bare canvas, and because Affonso Henrique has as much claim to have his miracles regarded as Romulus. Insulated traits of the character of the age and people must be arranged in supplementary chapters, and much matter will descend to the botton of the page in notes – that happy *olla podrida* dish of literature, in which all heterogeneous materials may be served up”. [Grifo nosso]

<sup>318</sup> PHILIPS, Mark. **Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740 – 1820**. Princeton University Press, 1997, p. 88-89.

<sup>319</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 108 [1800].

*Portugal* presente nesta coletânea foi publicada no volume 23, em 1760.<sup>320</sup> Tanto imitações simplificadas desta obra foram feitas em língua inglesa, quanto traduções para diversos idiomas, podendo-se destacar, dentre muitas, duas edições em francês, duas em alemão e uma em italiano.<sup>321</sup> A partir da seção dedicada à *História de Portugal*, Antônio de Moraes Silva produziu a *História de Portugal composta em inglês por uma sociedade de literatos*, publicada pela Academia Real de Ciências de Lisboa, em 1788. Moraes Silva utilizou a segunda tradução para o francês desta obra, iniciada em 1779. Esta edição da *Histoire Universelle* supria as faltas da primeira edição em língua francesa realizada por editores holandeses, iniciada em 1742, que se restringiu aos volumes da parte antiga, não abarcando a história moderna.<sup>322</sup> Nesta segunda edição iniciada em 1779, um capítulo introdutório foi acrescentado à história de Portugal, intitulado *Description du Royaume de Portugal: origine, splendeur e décadence de cette Monarchie*.<sup>323</sup> A ampla circulação desta obra foi decisiva para que Southey a levasse em consideração.

Em suas versões em língua inglesa, francesa e portuguesa, a obra seguiu os feitos políticos e militares realizados pelos reis de Portugal. Na narrativa principal não foi realizada a delineação de épocas históricas ou a inserção excessiva de costumes e maneiras domésticas dos povos. Contudo, a versão em francês e em português desta obra trouxe um capítulo introdutório no qual foram feitas uma síntese filosófica sobre os progressos e decadência do reino de Portugal ao longo do tempo, sendo abordado um amplo leque de questões na narrativa, como as leis, os costumes dos povos, o caráter das instituições e a economia em dimensões Imperiais. Dessa forma, nesta obra em suas versões em língua francesa e portuguesa, o decoro clássico foi mantido, porém, o

---

<sup>320</sup> SALE, George; PSALMANAZAR, George; BOWER, Archibald, SHEVOLCKE, George; CAMPBELL, John; SWINTON, John. **An Universal history, from the earliest account of time**. Compiled from original authors; and illustrated with maps, cuts, notes, &c. With a general index to the whole. London, Printed for T. Osborne [etc.] 1736-1768. [65 volumes]

<sup>321</sup> Para um estudo pioneiro que abarca o processo de subscrição, composição e circulação desta obra monumental Cf. ABBATISTA, Guido. *The Business of Paternoster Row: towards a Publishing History of the "Universal History" (1736-65)*. **Publishing History**. Nº 17, pp. 5-50, 1985.

<sup>322</sup> Com relação à polêmica desencadeada com relação às duas edições desta obra em língua francesa Cf. MANN, M. L' Abbé. **Dissertation sur L'Histoire Universelle, depuis le commencement du monde jusqu'a présent, composée d'après les auteurs originaux, par une société de Gens de Letters d' Angleterre ; et sur Les Diverses Éditions et traductions. Qu'on en a faites, avec ce qui reste à faire pour en avoir une Edition complete en François**. A Bruxelles : Chez Mathieu Lemaire, Imprimeur-Librairie, Rue de la Magdelaine, près l' Hotel d' Anglaterre, 1780.

<sup>323</sup> "L' Histoire du Royaume de Portugal". In **Histoire Universelle, depuis le commencement du Monde jusqu'a presente**. Composer en anglois par une société de gens de lettres; Nouvellement traduite en François par une société de gens de lettres; Nerichie de Figures et de Cartes. Histoire Moderne. Tome Trente-Troisieme. Paris: Chez Moutard, Imprimeur-Librairie de la Reine, de Madame, & de Madame Comtesse D' Artois, rue des Mathurins, Hôtel de Cluni, 1785.

capítulo introdutório trouxe uma multiplicidade de questões de ampla relevância social que ultrapassavam a narrativa dos feitos políticos e militares dos monarcas.<sup>324</sup>

Com efeito, Southey teve a intenção de seguir uma estratégia semelhante ao reservar as notas e os capítulos em apêndice para os debates filosóficos e a caracterização das maneiras dos povos ao longo das épocas, preservando o corpo do texto principal para a exposição dos feitos políticos e militares dos monarcas. Sendo assim, Southey informa para John May, em maio de 1801, o que até então havia sido realizado:

Metade do trabalho de um primeiro volume está feito, as madeiras já estão prontas e as pedras estão cortadas, embora metade do edifício apareça acima do solo. Para o final do reinado de Fernando o primeiro esboço está feito, o segundo esboço será sobre Diniz e a terceira e modesta cópia é sobre Sancho II. Meus guias tem sido Faria, Duarte, Galvão, Ruy de Pina, Duarte Nunes, Mariana, As Rainhas de Barbosa e Zurita, passo por passo. As provas da história genealógica tem sido indispensavelmente úteis. A “Monarquia Lusitana” eu ainda não estive apto a procurar e, de fato, os livros já citados, mais outros colateralmente consultados, são o bastante para prosseguir em princípio.<sup>325</sup>

Assim, Southey pretendia imortalizar sua obra, mantendo-a fiel à tradição clássica do discurso histórico, por sua vez, voltado para a instrução política do público masculino, interessado na leitura das virtudes dos soberanos. Todavia, a presença das notas e dos capítulos em apêndice nos quais seriam realizadas as reflexões filosóficas sobre as maneiras que vigoraram ao longo das épocas, apontam para a expansão do público leitor de história no século XVIII, em especial das mulheres, acostumadas com a leitura de romances, relatos de viagens e biografias. O público destes gêneros buscava entretenimento através da leitura das narrativas dos costumes e das maneiras em vigor

---

<sup>324</sup> Deve-se destacar que esta obra não significou apenas um ponto de confluência da historiografia europeia, pois Antonio de Moraes Silva em inúmeras notas se posicionou contrariamente aos autores franceses e ingleses. O principal motivo da oposição foram as críticas feitas ao Tribunal da Inquisição, considerado no capítulo introdutório como uma permanência do barbarismo medieval nesta nação. Moraes Silva se opõe em nota e no prefácio afirmando que esta instituição se adequou à tolerância dos tempos modernos no século XVIII ao se submeter à legislação de Dom José I. **História de Portugal composta em inglês por uma sociedade de literatos**. Traduzida em vulgar com as adições da versão francesa e notas do tradutor português, Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. IV Volumes. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1788, p.36-37.

<sup>325</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 169-170 [1801]. “Half of the labour of a first volume is done, that is, the timbers are ready and the Stones are hewn, though little of the edifice appears above ground. To the end of Fernando’s reign the first sketch is done; the second draught to that of Diniz, The third and decent copy is now finishing the second Sancho. My guides have been Faria, Duarte, Galvão and Ruy de Pina, Duarte Nunes, Mariana, The Rainhas of Barbosa, - Zurita step by step. The Provas of genealogical history have been indispensably useful; the Monarquia Lusitana I have not yet been able to procure; and, indeed, the books already named, with the number of other collaterally consulted, were enough to carry on at first”.

nas diversas sociedades tanto contemporaneamente quanto em épocas distantes. Este gosto pela narrativa das maneiras deste público leitor, que também se interessava por história, foi decisivo para que Southey buscasse equilibrar as funções clássicas de instrução com as demandas modernas por entretenimento.<sup>326</sup> Nesse sentido, Southey escreve para Charles Watkin Williams Wynn, em abril de 1801:

A História ocupa-me muito – meu coração e espírito esta no trabalho. Espero que você goste do estilo pleno, conciso e não ornamentado, em que eu procuro unir força e clareza. Talvez, um pouco de maneirismo não é objetável, no fim, a linguagem de todo escritor clássico é peculiarmente sua.<sup>327</sup>

A intenção do letrado britânico era equilibrar as exigências clássicas de completude da narrativa, concisão e clareza, com as demandas modernas de descrição das maneiras e estilo individual. Com efeito, a universalidade herdada da tradição clássica permitia que forma e conteúdo se complementassem, possibilitando que seu “estilo” fosse “pleno, conciso e condensado em sentido”. Esta plenitude remetia à antiguidade, pois seu “estilo” deveria ser “pleno como uma construção Dórica”, na qual o letrado “acredit[ava] em sua durabilidade eterna”.<sup>328</sup> Para a construção desta “grande Pirâmide” ou “poderosa Pirâmide” - expressões utilizadas pelo letrado para caracterizar a monumentalidade da obra - tornava-se necessário drenar os excessos de crítica filosófica e descrição dos costumes, maneiras e anedotas, para que a grandiosidade de cada uma das partes em sua relativa autonomia não tornasse a totalidade caótica.

Em grande medida, Southey sabia que o equilíbrio pleno era impossível de ser alcançado. Sua expectativa era que a multiplicidade de narrativas reunidas na obra constituísse uma macronarrativa de formação da história de Portugal, capaz de recuperar a complexidade do processo histórico em si. Para o letrado britânico, a plenitude Dórica poderia dar lugar às irregularidades de uma catedral gótica, o mais importante seria a obra em sua totalidade expressar o movimento da história em si. Contudo, no tocante ao

---

<sup>326</sup> Para uma análise mais aprofundada que relaciona a expansão do público leitor de história e a permeabilidade entre os gêneros faço menção às reflexões de Mark Philips, que analisa como a herança antiga do discurso histórico centrado na crônica dos eventos políticos incorporou as demandas literárias de uma classe média em expansão, interessada nas narrativas dos costumes e maneiras em vigor em romances e relatos de viagens. PHILIPS, Mark. **Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740 – 1820**. Princeton University Press, 1997.

<sup>327</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 166 [1801]. “The History occupies me more – my heart and soul are in the work. I hope you will like the plain, compressed, unornamented style, in which I endeavour to unite strength and perspicuity. A little manneirism is not, perhaps, objectionable, - at least, the language of every classical author is peculiary his own”.

<sup>328</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 149 [1801]. “You will find my style plain and short, and of condensed meaning, - plain as a doric Building, and, I trust, of eternal durability. The notes will drain off all quaintness”.

corpo da narrativa principal, a opção de Southey foi seguir a cronologia dinástica e a narrativa dos feitos político-militares, assim como nas crônicas antigas.<sup>329</sup>

Nesta seção, a intenção foi demonstrar como a modernização da experiência da história possibilitou a formulação dos projetos de escrita de uma história erudita e filosófica de Portugal tanto por Southey quanto pelos membros da Academia Real de Ciências de Lisboa. Pretendeu-se demonstrar a partir dos escritos dos acadêmicos como a compreensão metanarrativa do progresso na história e os procedimentos de crítica das crônicas vinham ao encontro dos desafios de Southey. Essa proximidade entre os horizontes discursivos de enunciação historiográfica possibilitou que Southey levasse os escritos e publicações dos acadêmicos em consideração, mesmo que seja difícil mensurar esta contribuição, como o mesmo letrado afirma no artigo de 1809 publicado na *Quartely Review*. Com efeito, para além da confluência das perspectivas no tocante à metanarrativa e a erudição, o confronto dos projetos de escrita da história de Caetano do Amaral e Southey permitem a compreensão de que a modernização da experiência da história e a expansão dos temas a serem narrados não significou um abandono completo da estética clássica. Sendo assim, ambos os letrados se depararam com a necessidade de preservar o decoro clássico em partes da obra, o que pressupunha a clareza, a concisão e a não ornamentação estilística. Na próxima seção, explora-se como Southey conferiu dignidade à experiência da história de Portugal por considerar o quanto o passado desta nação era semelhante ao britânico, o que demandava por parte do letrado o equilíbrio entre a crítica filosófica e a retomada erudita dos costumes e maneiras em vigor em épocas afastadas temporalmente.

---

<sup>329</sup> O editor dos manuscritos da *História de Portugal* Alexandre Dias Pinto expôs que os volumes referentes à parte europeia da história de Portugal à sua disposição seguem a cronologia dos eventos político-militares. Após dar um sumário dos manuscritos que teve acesso através da *Historical Spanic Society* de New York, Alexandre Dias Pinto escreve sobre a parte europeia da obra: “From this very brief summary, it is possible to identify sections of arranged material. The first unit, which the author entitled “The Moors”, is a twenty-four-page clean copy located in notebook four. The second relevant textual unit covers the reign of “Alonso 6 th of Castile and León” (the early draft is in volume III, the revised draft in volume X). The third deals with the History of the Portuguese territory from the administration of Count Henrique up to the end of the first dynasty (the second version of this text is in volume XI and the first in volume X). Since we may find a chronological sequence that confers an internal organisation on these three textual units and since they deal primarily with political and military events that took place in the Portuguese territory, we may regard them as parts of a sequence devised by Southey that corresponds to a portion of the “European part” of the History of Portugal of the 1804 plan described to his brother Thomas”. DIAS PINTO, Alexandre. “The Elusive Manuscript of Robert Southey’s *History of Portugal*”. In: **Novos Caminhos da História e da Cultura: Actas do xxvii Encontro da APEAA** (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos), Carcavelos, Abril de 2006, ed. Carlos Ceia and Isabel Lousada, Lisboa, Minerva, pp. 61-75, 2007.

## 2.2 DA TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DE UM PASSADO EM COMUM

Simultaneamente à leitura das obras e comunicação com os acadêmicos portugueses, Southey avaliava seu empreendimento em face às realizações historiográficas e literárias de Gibbon, Hume, Robertson, Roscoe e Samuel Johnson, pois a intenção era compor a obra em língua inglesa. Dessa forma, o letrado tinha a expectativa tanto de auferir lucros quanto de se tornar um sucesso de crítica com as vendas da obra na Grã-Bretanha.<sup>330</sup> Para alcançar tais objetivos, Southey não deixou de consultar William Taylor (1765-1836), que atuou como resenhista em periódicos como *Monthly Review*, *Critical Review* e *Annual Review*. Taylor ratificou a importância do empreendimento historiográfico do amigo ao escrever em carta:

A História de Portugal é um assunto ótimo, pois envolve a educação comercial das Nações modernas, assim como a dinastia Médiciana a tem na sua educação literária. O sistema colonial e, tudo que consiste a política externa da Grã-Bretanha, é senão um refinamento da empresa portuguesa, tal como toda escola da moderna poesia e arte teve em Florença e Roma modelos. A relação entre o que cada país fornece para o progresso da civilização universal, constitui as causas e medidas de seu interesse para a história Universal. Para trazer em sua história local os fatos e homens e ondas de eventos e tendências gerais que influencia o todo, constitui a grande arte do historiador. Individualidades não são estimadas pelo seu positivo, mas sim por seu relativo valor; e nós requeremos muito e por muito tempo dos que, como os *aeons numa pleroma*, não só participaram, mas ainda influenciam a condição da humanidade.<sup>331</sup>

William Taylor não teve dúvida em ratificar que a *História de Portugal* do amigo era um assunto de interesse para toda a Europa. Como Adam Smith havia abordado em *Wealth of the Nations* (1776), “a educação comercial das Nações modernas” relacionava-se com a expansão marítima portuguesa nos séculos XV e XVI,

---

<sup>330</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, 149, 166. Em carta enviada a Charles Waktin Willians Wynn, em fevereiro de 1801, Southey escreve: “Of profit I must not be sanguine; yet, if it attains the reputation of Robertson, than whom it will not be worse, or of Roscoe and Gibbon, it will procure me something more substantial than fame”. No dia 30 de abril de 1801, uma nova carta é enviada a este amigo, abordando a mesma questão: “If the work have but half the sucess of Gibbon, or of Roscoe, its profit will be importante. I know that it shall be of more reputation”.

<sup>331</sup> TAYLOR, William. **A Memoir on the Life and Writings of William Taylor of the Later William Taylor Of Norwich**. Bobberds, J. W. (Ed.). Vol. I. London: John Murray, Albermale Street, 1843, 347 [1800]. “The History of Portugal is a neat subject, it involves the commercial education of modern nation, as that of the Medicean dynasty does their literary education. The colonial system, and all that constitutes the exterior policy of Great Britain, is but a refinement of Portuguese undertaking, just as all the modern schools of poetry and art have run for models to Florence and to Rome. The relation which each country bears to the progress of universal civilization, constitutes the causes and measure of its interestingness in Universal history. To bring out in local history the facts and men and sweeps of event and general tendencies which influence the whole, constitutes the grand art of historian. Individuals are not estimate by their positive but their relative value; and we enquire much and long about those who, like the aeons in the plerona, not only partook but still influence the condition of humanity”.

sendo o “sistema colonial” e “toda política externa da Grã-Bretanha” um “refinamento” do modelo lusitano. Com o termo “refinamento”, Taylor expõe o descompasso entre o desenvolvimento socioeconômico alcançado pela Grã-Bretanha no século XVIII em relação a Portugal, o que não deslegitimava a narrativa da história desta nação, tendo em vista a sua contribuição para “o progresso da civilização universal”. Dessa forma, o desafio da “grande arte do historiador” era avaliar o “relativo valor” de Portugal, tendo em vista a sua importância tanto em épocas passadas quanto no presente. Para Taylor, uma pedagogia universal podia ser apreendida da narrativa da história de Portugal, portanto, ele empregou a expressão grega “aeons numa pleroma”, que remete ao tempo eterno dos deuses gregos, como uma metáfora, com o intuito de enfatizar o quanto o destino desta nação estava ligado à “condição da humanidade”.

Para o letrado, a história de Portugal era uma parte importante da história universal e compreender ambas dentro de um mesmo horizonte teleológico e racional era uma tarefa moral. Dessa forma, a história é compreendida como a execução de um plano secreto inscrito na natureza, por sua vez, passível de ser conhecido racionalmente pelo homem. Sendo assim, mesmo que o conceito de natureza atua-se como um pano de fundo determinante, eram as reflexões filosóficas gerais e as suas interconexões com os fatos históricos comprovados a partir de evidências empíricas, os fatores decisivos para a composição de uma história com pretensões morais universais. Familiarizado com a literatura alemã, Taylor, tradutor de Goethe e Lessing, possivelmente tinha em mente a leitura do ensaio de Kant *Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita*, de 1784, ao aconselhar o amigo no tocante à composição histórica. Kant conclui este ensaio atestando o caráter racional do progresso teleológico da história, processado segundo “um plano oculto da Natureza”, responsável por ratificar os fins pragmáticos e morais da existência humana, a “perfeita união política” e o equilíbrio cosmopolita entre os Estados.<sup>332</sup> Contudo, este processo se daria envolto em “tensão de forças” entre os “impulsos naturais” que conduzem à “insociabilidade” e a sua contraparte necessária, a “natureza racional” promotora do progresso humano. A contraparte negativa, “que provoca a emulação invejosa, pela insaciável ânsia de resistência e poder” era fundamental para o progresso humano, pois sem ela “as excelentes disposições naturais da humanidade permaneceriam eternamente adormecidas e atrofiadas”. Dessa forma, a narrativa do progresso da história universal

---

<sup>332</sup> KANT, Immanuel. “Ideia de uma História Universal de um Ponto de Vista Cosmopolita”. In: \_\_ GARDINER, Patrick. **Teorias da História**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004, p. 39-41 [1784].

demandava a articulação das tensões entre as propensões naturais positivas e negativas da humanidade, conflito fundamental para o avanço “do barbarismo para a cultura”, ou seja, para “o estabelecimento duma sociedade civil”.<sup>333</sup>

Em seu projeto, Southey enuncia a intenção de depreender uma pedagogia universal da história de Portugal, sendo seu objetivo demonstrar tanto as potencialidades positivas, quanto as negativas desta nação para o progresso civilizacional. Em carta enviada para o irmão Thomas, em 23 de março de 1800, ele escreveu:

Minha intenção é, quando estiver em Lisboa, realizar a História de Portugal, um longo, árduo, interessante e importante empreendimento, que posso fazer como dever ser feito. As pequenas conexões que Portugal tem tido com a política internacional dão uma inteireza e unidade à narrativa: e nenhum país em sua ascensão já forneceu ações mais esplêndidas, ou exibiu uma maior importante lição em sua queda. Será necessário conhecer bem o país do qual eu escrevo e familiarizar-me com a situação das cidades famosas por cercos e todos os campos famosos por batalhas. Também desejo realizar na história o que nunca foi feito, introduzir na narrativa as maneiras das eras e dos povos.<sup>334</sup>

A expectativa do letrado era que a partir da escrita da *História de Portugal* fosse possível pregar uma pedagogia universal sobre o desenvolvimento das nações. Portanto, Southey estava envolvido no duplo desafio de tanto restituir a importância do passado desta nação para a Europa, tendo em vista os preconceitos dos letrados do século XVIII com relação às raízes medievais, quanto problematizar as ações históricas passíveis de causar a decadência. Dessa forma, o passado tanto era a fonte de feitos grandiosos a serem restituídos como monumentos da herança cultural da Europa, quanto a origem dos equívocos que provocaram a decadência da nação no século XVI com a “miserável expedição de [Dom] Sebastião” para África.<sup>335</sup> Segundo Taylor, o público

---

<sup>333</sup> Id., 2004, p. 32-33 [1784].

<sup>334</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 68 [1800]. “My intention is, when at Lisbon, to undertake the History of Portugal, a long, and arduous, and interesting, and important undertaking, which I think I can do as it ought to be done. The little connection which Portugal has had with general politics gives a wholeness and unity to story: and no country in her rise ever displayed more splendid actions, or exhibited a more important lesson in her fall. It will be necessary to know well the country of which I write, and to be familiar with the situation of every town famous for a siege, and every field famous for a battle”. [Grifo nosso]

<sup>335</sup> Id., 1960, p. 146 [1801]. Para um aprofundamento sobre o conceito de história em Southey a partir dos seus escritos sobre literatura britânica Cf. FAIRIER, David. Southey’s Literary History. In: PRATT, Linda. **Robert Southey and Contexts of English Romanticism**. Burlington: Ashgate, 2006, 1-17, p.1. “Again and again Southey felt compelled to return to the same story. Over a span of thirty years at each telling it retained the same narrative line of achievement, decline, triumph, corruption, tyranny, and eventual re-emergence and recovery. It was a version of his nation’s literary history, but also, given Southey’s lifelong pull towards retrospect, was a favourite personal tale. It seems that the story remained lodged in his mind during most of his writing life, and whenever he sensed an opportunity he was happy to revisit it, with minor variations, for another set of readers”.



leitor britânico desconhecia o valor da história de Portugal, que estava envolvida em ondas de progresso e decadência. A situação contemporânea de Portugal, ameaçado de perder sua soberania para a Espanha e França, tornava indispensável a restituição do seu valor histórico, tendo em vista a necessidade de manutenção do equilíbrio europeu. Dessa forma, mediante a possibilidade da anexação de Portugal por outras nações, Taylor escreve em 1803 para Southey:

[...] mas quem se preocupa ou sabe qualquer coisa sobre os valores de Portugal para além de estudantes peculiares? Sua história poderá, de fato, servir para popularizá-la, e certamente para preparar a oração fúnebre de uma nação que provavelmente será brevemente sepultada.<sup>336</sup>

A possibilidade da completa ruína e extinção de Portugal constituiu os horizontes metanarrativos do projeto de composição historiográfica de Southey, que durante os anos de 1800 e 1801 presenciou o começo das hostilidades militares contra esta nação por parte da Espanha.<sup>337</sup> A previsão desta completa ruína possibilitou a William Costigan afirmar que a composição de uma história filosófica desta nação não era necessária, tendo em vista que o estado de decadência em vigor no reino era atemporal, ou seja, repetia todo o passado.<sup>338</sup> No entanto, para Taylor, a exposição das grandezas da história de Portugal e sua popularização poderia evitar este destino de ruína. Antes mesmo da afirmação do amigo, Southey assumiu o desafio de evitar que Portugal viesse a ser “uma nação que será brevemente sepultada”. Para tanto, nas cartas a propósito da segunda estadia, o letrado britânico, ao criticar a decadência do reino, não deixou de enfatizar sua constituição histórica, pois assim como nas demais nações europeias o “gênio” demonstrava-se em vigor, podendo seu encorajamento acordar os portugueses para ação:

Não é o gênio que falta em Portugal, gênio existe em todos os lugares, mas encorajamento, ou esperança de encorajamento, isto deveria acordá-los para ação. Aqui nenhuma ambição pode existir, exceto o desejo de posição e ostentação na corte: aqui um homem de letras, um filósofo, morreria de fome.<sup>339</sup>

---

<sup>336</sup> TAYLOR, William. **A Memoir on the Life and Writings of William Taylor of the Later William Taylor Of Norwich**. Bobberds, J, W. (Ed.). Vol. I. London: John Murray, Albermale Street, 1843, p. 433 [1803]. “[...] but who else cares or knows anything about the worthies of Portugal but such peculiar students? Your history may indeed serve to popularize them, and it is right to prepare the funeral oration of a nation so likely to be soon emtombd”. [Grifo nosso]

<sup>337</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Claredon Press, 1960, p. 45 [1801].

<sup>338</sup> Remeto à discussão realizada no Capítulo 1 desta dissertação.

<sup>339</sup> SOUTHEY, Robert. Op. Cit., 1960, p. 138 [1800]. “It is not genius that is wanted in Portugal, genius exist everywhere; but encouragement, or the hope of encouragement, must it waken to action; and here no ambition can exist, except the desire of place and court pageantry: a man of letters, a philosopher, would starve here”.

Em oposição ao enunciado na edição de 1797 das *Letters*,<sup>340</sup> Southey ratificou a vigência cosmopolita do gênio e sua manifestação em Portugal, sendo esta constatação fundamental para acordar os nacionais para a ação. No entanto, a certificação da existência do “gênio” por Southey deu-se simultaneamente à expansão do seu ceticismo com relação ao progresso na história, tendo em vista a experiência britânica. Em princípio, Southey ostentava o privilégio de poder viver sobre as leis de uma sociedade não submetida ao despotismo e que desfrutava da liberdade de imprensa, tecendo, assim, críticas às barbaridades em vigor em Portugal, como a brutalidade diária de roubos e os crimes motivados por rivalidades. Estes crimes, segundo Southey, não eram punidos, situação não menos deplorável que a impossibilidade de se criticar a Igreja e o Estado. No entanto, à medida que o letrado afirmava a superioridade da Grã-Bretanha ao narrar o cotidiano da sociedade portuguesa, ela foi ironicamente negada, desvelando o ceticismo de Southey com relação aos “avanços” e à “civilidade”:

Para todos os úteis propósitos da sociedade [em Lisboa] isto é uma anarquia completa. Um homem não pode, de fato, escrever contra a igreja ou o estado, mas pode roubar e matar com impunidade. Nós tivemos um assassinato cometido a treze jardas de nossa porta – ouvi isto por acidente dois dias após. Um método de vingança usado no país é desgraçadamente ingênuo, os avanços são tão lentos em Portugal que isto ainda não chegou à Metrópole. Eles batem nos homens com sacos de areia. Isto não infligi muita dor no momento como um cano faria, mas eles ferem interiormente todo o corpo, sendo a morte lenta e certa, ao menos que o paciente seja imediatamente sacrificado [...]. Das fraudes, as propriedades estão salvas o bastante, pois o reino não é civilizado o suficiente ainda para produzir engenhosos vagabundos.<sup>341</sup>

As ironias de Southey ao empregar termos como “avanços” e “civilizado” são sintomas da sua desconfiança com relação ao estado presente da Grã-Bretanha. O ceticismo do letrado possibilitou-o a expandir suas analogias e comparar não somente a brutalidade do cotidiano de Portugal com as violências da “civilizada” Grã-Bretanha, como também relacionar a intolerância religiosa em vigor em ambas as nações:

Não existe dúvida que eles [os portugueses] pensariam ser um bom feito queimar uns poucos judeus e que as turbas achariam isto divertido. As turbas

---

<sup>340</sup> Remeto à discussão realizada no Capítulo 1 desta dissertação.

<sup>341</sup> Id., 1960, p. 94 [1800]. “For all useful purposes of society this is a complete anarchy. A man cannot indeed write against the church or the state, but he may rob and murder with impunity. We had a murder committed within thirty yards of our door – and heard of it by accident two days afterwards. One method of revenge used in the country is damanably ingenious, improvement are so slow in Portugal that has it not yet reached the Metropolis. They beat a man with sand-bags. These do not inflict so much present pain as a cane would do, but they bruise all the fine vessels, so that a slow and certain death ensues, unless the patient be immediately sacrificed [...]. From fraud, property is safe enough, for the kingdom is not yet civilized enough to produce ingenious rogues. An attempt at coining has been made – but the English soldiers were the supposed artificers”. [grifos nossos]

são sempre intolerantes. Queime um sociniano na Inglaterra e teria um feriado no reino e todas as igrejas tocariam os sinos.<sup>342</sup>

O agravamento do ceticismo de Southey possibilitou a expansão das comparações a respeito do estado presente de Portugal e Grã-Bretanha, sendo estes horizontes de analogias estendidos para o passado. Assim, tendo em vista esta reação cética à contemporaneidade, a história de Portugal se abriu para o letrado britânico potencialmente para além da carga negativa que conceitos como “progresso” e “civilização” usualmente atribuíam ao passado de toda Europa e ao presente de Portugal. Dessa forma, ampliaram-se os horizontes de possibilidades para a recuperação do passado a partir de um juízo filosófico mais empático com relação às suas particularidades e autonomia estética com relação à contemporaneidade. Uma preocupação de Southey era transpor para o inglês o vigor da linguagem memorialista presente nas obras dos cronistas portugueses, que segundo o letrado britânico eram os melhores da Europa.<sup>343</sup> Para Southey, a linguagem refinada presente nas obras dos letrados dos séculos XVIII era inapropriada para se resgatar a rusticidade das enunciações dos cronistas. A este respeito, expõe qual era o estilo mais adequado para se narrar a *História de Portugal*.

A História. – Tenho testado minha força e posso puxar o arco. Provavelmente meu estilo não será afetado pelo maneirismo de qualquer escritor inglês, porque minhas leituras são exclusivamente estrangeiras. Prefiro a sobriedade das linhas de Lord Bacon e a poderosa força de Milton e Jeremy Taylor que nossos últimos escritores. Eles cortam suas sentenças em epigramas. As obras de Johnson desaprovo totalmente. Nele eu teria um bom manancial de inglês imaculado, sua narrativa pormenorizada é compreendida até por um leitor inculto. Gibbon é francês e Deus sabe que não tenho nada contra a França, mas os princípios que ele professa são abusivos. Hume carece um pouco de estilo, pois deveria existir um pouco de individualidade.<sup>344</sup>

Segundo Southey, a linguagem descritiva e refinada de Johnson era insuficiente para narrar os grandiosos feitos militares dos portugueses na Idade Média. De forma semelhante, as linguagens empregadas por Gibbon e Hume também não eram as mais

---

<sup>342</sup> Id., 1960, p. 135 [1800]. “There is no doubt that he would think it a good deed to burn a few Jews, and that the mob would think it a good fun. Mobs are never tolerant. Were you to roast a Socinian in England there would be a holiday over the kingdom and all the church bells would ring”. [Grifos nossos]

<sup>343</sup> SOUTHEY, Robert. Op. Cit., 1960, p. 69 [1800].

<sup>344</sup> SOUTHEY, Robert. Op. Cit., 1960, p. 162 [1800]. “The History – I have tried my strength and can Bend the bow. My style is not likely to be infected by the mannerism of any English writer – because my reading is exclusively foreign. I prefer the sober state lines of Lord Bacon and the mighty strength of Milton and Jeremy Taylor to our late writers. They cut their sentences into epigrams. Johnson’s utterly disapprove – and would have mine a well of English undefiled – understandable even to a minuteness of meaning by an unlearned reader. Gibbon’s is French and God knows I hold nothing with France but the principles with she professes and abuses. Hume I think wants a character of style. A little individuality there should be”. [Grifo nosso]

adequadas, pois estes letrados estiveram enredados excessivamente no decoro clássico, o que não os permitiam cultivar a individualidade. Em contrapartida, a linguagem em vigor nas obras de letrados como Lord Bacon (1561-1626), John Milton (1608-1674) e Jeremy Taylor (1613-1667) era análoga em rusticidade, simplicidade e clareza às enunciações empregadas pelos cronistas portugueses. Southey considerava estes letrados como clássicos, superiores aos antigos e aos modernos, pois não foram contaminados pelo “gosto metafísico” que vigorou no século XVII. Em suas obras ainda vigorava a rusticidade dos escritos dos séculos XIV, XV e XVI.<sup>345</sup>

Ora, utilizar a linguagem adequada para a composição da obra em língua inglesa apresentava-se como fundamental, pois os feitos narrados de um passado remoto não podiam ser confundidos com o refinamento do tempo presente. A brutalidade medieval Peninsular devia ser recuperada em seus próprios termos, sendo digna a restituição da sua particularidade. No entanto, a sua particularidade tornava-se interessante para o público letrado de língua inglesa devido ao seu caráter análogo com a história da Grã-Bretanha, cujas origens estavam envolvidas em fantasias e mitos populares semelhantes. Nesse sentido, Southey expõe como o caráter fabuloso da história de Portugal era de interesse para o público britânico, em carta enviada a John May, em dezembro de 1800:

A história fabulosa de Tubal será brevemente narrada. Como Milton fez com nossas fábulas britânicas; - pois as vans ficções de um país tem tanto direito de serem preservadas como as dos outros. Tudo que é conhecido das nações pode ser coletado dos autores clássicos. A revolução Romana que ocorreu foi irrelevante: o objetivo é o retrato das maneiras prevaletentes. Do período Gótico, os Mouros, e os vários estados Cristãos que cresceram sobre as ruínas – [será feito] um tipo de capítulo semelhante ao de St. Palaye. Os anais bárbaros são, assim, melhores tratados, e as características morais dos povos mais acuradamente rememoráveis e pintadas. Um capítulo eclesiástico completará os preliminares; e assim uma completa narrativa será apresentada sobre os princípios fermentadores que estagnaram nos dois miseráveis reinos. Você sabe que, até a época do Conde Afonso Henriques, tudo que diz respeito a Espanha

---

<sup>345</sup> Southey realizara estas comparações com mais vagar em um artigo sobre literatura portuguesa publicado na *Quartely Review*, em 1809. Cf. SOUTHEY, Robert. Extratos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente acentuadas, para facilitar o estudo d'aquella Lingoa. In: **The Quartely Review**. New York: Reprinted for Erza Sargeant, 1809, No II, p. 235-256. Cf. FAIRIER, David. Southey's Literary History. In: PRATT, Linda. **Robert Southey and Contexts of English Romanticism**. Burlington: Ashgate, 2006, 1-17, p. 6 “Given this conviction of the dangers of over-refinement, it is no surprise that Southey consistently challenges the eighteenth-century ‘Progress of Refinement’ narrative of literary history. This received its classic statement in Samuel Johnson’s Lives of the English Poets(1779–81), in which Waller and Denham play the crucial role of ‘refining’ the poetic language and thus pave the way for the crowning achievement of Dryden and Pope. Johnson’s trajectory of poetry’s rise to perfection in Pope’s *Homeris* repeatedly and indignantly contradicted by Southey: ‘Never indeed did ignorance more impudently expose itself than when it awarded to Waller the praise of having first refined our verse, and to Pope that of having perfected it! Spenser is the great master of English versification’ (1814:72)”.

diz respeito a Portugal; e, de fato, a descrição de um povo agora necessita pouca alteração para parecer com a do outro.<sup>346</sup>

Para Southey, era fundamental narrar as antigas fábulas lusitanas, pois estas faziam parte das tradições do reino e refletiam o caráter do povo. Estas fábulas podiam ser encontradas nos cronistas portugueses, já que o imaginário coletivo do povo estava sintetizado nestes anais memorialistas. Iniciando pela narrativa da história fabulosa, Southey pretendia dar início ao seu projeto de caracterização das maneiras dos portugueses ao longo do tempo. Tal empreendimento exigia a composição de capítulos sobre as maneiras e costumes que seriam dispostos separados do corpo principal da obra, por sua vez, organizados de forma semelhante às obras do antiquário medievalista francês Jean-Baptiste de La Curne de Sainte Palaye (1697-1781). No corpo da “história principal”, o letrado britânico pretendia narrar “as características dos costumes”, mas não excessivamente, ou seja, “tão pouco quanto pode ser feito”.<sup>347</sup> Southey pretendia preservar o decoro clássico ao não narrar em excesso os costumes e as maneiras no corpo do texto principal, no entanto, o letrado pretendia incorporar os milagres creditados pelos cronistas, pois eliminá-los era o mesmo que “retirar o ornamento de uma tela vazia”.<sup>348</sup> Dessa forma, tinha a intenção de investir o passado de uma relativa autonomia estética ao resgatar a rusticidade e as fantasias em vigor nas obras dos cronistas, mas não pretendia fazer isto de forma idealizada, tendo em vista a necessidade de reprovar moral e filosoficamente a credulidade.

O editor dos manuscritos da *História de Portugal*, Alexandre Dias Pinto, expõe que na *História Fabulosa* Southey narra as origens bíblicas e mitológicas do surgimento da Península Ibérica. Segundo o autor, Southey sumarizou os episódios fabulosos presentes nas obras dos cronistas portugueses e espanhóis como a *Monarchia Lusitana* (1597), de Bernardo de Brito a *Europa Portuguesa* (1678-1680) de Faria e Souza, a

---

<sup>346</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838.** Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 144-145. [1800]. “You will not think the paper ill employed that communicates my plan – now, I think, maturely considered. The fabulous history from Tubal to be briefly given. So Milton did with our British fables; - and the vain fictions of one country have as much right to be preserved as those of another. All that is know of the nations to be collected from the classical writers. The Roman revolutions that occurred are irrelevant: the object is a picture of prevailing manners. Of the Gothic period, the Moors, and the various Christian states that grew upon their ruins – a sort of St. Palaye chapter. Their barbarous annals are thus best treated, and the moral features of the people more accurately and *rememberably* painted. An ecclesiastical chapter will complete the preliminaries; and thus a full account be presented of those fermenting principles that have stagnated into the two miserable kingdoms. You know that, till Count Henrique’ s time, all regards Spain equally regards Portugal; and, indeed, a description of one people now needs little alteration to resemble the other”. [Grifos nosso]

<sup>347</sup> Id., 1960, p. 141 [1800].

<sup>348</sup> Id., 1960, p. 145 [1800].

*Coronia General de España* (1541) de Florián de Ocampo's, e o *Compendio Historial de las Chronicas y Universal Historia de todos los Reynos de España* (1628), do cronista basco Estebán de Garibay y Zamalloa:

Ele resumiu a tradição historiográfica ibérica e, em um estilo suscito, narrou o que teria sido os primeiros dias dos reinos de Espanha e Portugal, juntamente com a suposta presença bíblica ou pagã de personagens míticos na Península Ibérica ou a conexão entre estas figuras e o povo português. Iniciando com Tubal e seu avo, Noé, que teria visitado seu neto em 2070 antes de Cristo, passando por figuras como Ibero, Osiris, Hercules, Lusus, Ulisses e Nabucodonosor. Seus feitos heroicos ou seus atos fundadores são narrados no texto. De suas ações, são dadas explicações sobre os nomes dos lugares e rios, sabemos como a cidade foi fundada ou compreendemos certas características do povo português.<sup>349</sup>

Dias Pinto explora com propriedade como Southey “fingia confiar” em um primeiro momento no que narrava ao utilizar uma “perspectiva aparentemente neutra e um tom imparcial” para logo após nas notas de erudição e comentários “desmantelar a função legitimadora que estes fatos tinham exercido no original”. Segundo o autor, a utilização desta estratégia se justifica pelo fato do letrado acreditar que nestas narrativas estavam sintetizadas “características transhistóricas da identidade nacional portuguesa”.<sup>350</sup> À interpretação de Dias Pinto pode-se acrescentar que Southey conferiu uma relativa autonomia a estas narrativas por elas expressarem não somente o caráter nacional de Portugal, mas sintetizarem a credulidade comum ao passado Europeu.

Southey considerava as fábulas dos cronistas lusitanos semelhantes àquelas em vigor na tradição britânica narradas por Milton, o que era uma prova cabal de que em Portugal existia “grandes mentirosos como na Gália”.<sup>351</sup> Com efeito, o passado de Portugal e, analogamente, o da Grã-Bretanha eram resgatados a partir de um distanciamento ambivalente, pois eram simultaneamente investidos de dignidade e negados. Esta reprovação moral seria feita de forma discreta na obra, pois Southey

---

<sup>349</sup> DIAS PINTO, Alexandre. “Rewriting the origins of the national master narrative in Robert Southey’s ‘Fabulous History [of Portugal]’”. GASKILL, Gerald Bär Howard (Eds.). **Ossian and National Epic**. Berlin: Peter Lang, 2012, p. 3-4. [Foi citada uma versão do autor] “He resumes the Iberian historiographical tradition and, in succinct fashion, writes an account of what would have been the early days of the kingdoms of Portugal and Spain, together with the supposed presence of Biblical or pagan mythical characters in the Iberian Peninsula or the connection between these figures and the Portuguese people. Beginning his account with Tubal and his grandfather, Noah, who would have visited his grandson in 2070 B.C, through the pages come figures such as Ibero, Osiris, Hercules, Lusus, Ulysses and Nebuchadnezzar. Their heroic deeds or their founding acts are recounted in the text. From their actions, we are given explanations for the names of places and rivers, we learn how a city was founded or understand certain character traits of the Portuguese people”.

<sup>350</sup> Id., 2012, p. 8, 10.

<sup>351</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 141 [1800].

pretendia narrar os milagres de forma literal, seguindo estritamente o que fora narrado pelos cronistas, porém, a ironia se realizaria nos leitores britânicos, capazes de reconhecer a supersticiosidade em vigor no passado de Portugal. Southey projetou asseverações filosóficas mais alentadas para o capítulo de história eclesiástica, no qual “os princípios fermentadores que estagnaram nos dois miseráveis reinos” peninsulares seriam analisados.<sup>352</sup>

Portanto, pretendia-se equilibrar o juízo filosófico com a recuperação empática do passado, pois seu objetivo era demonstrar para o público britânico o quanto a experiência da história de Portugal era simultaneamente reprovável e instrutiva por ser semelhante ao passado britânico. Na próxima seção, analisa-se como Southey empreendia a escrita da *História de Portugal* simultaneamente à edição de romances de cavalaria ibéricos. Analisa-se como o letrado procurou contextualizar o passado Peninsular através da recuperação dos costumes e maneiras retratados nas *Crônicas de Cid*.

### **2.3 O ENTRELAÇAMENTO ENTRE PASSADOS ÉPICOS: DAS CRÔNICAS DE CID À HISTÓRIA DE PORTUGAL**

Desde a primeira publicação das *Letters*, em 1797, Southey enfatizou as semelhanças entre a experiência da história de Portugal e Espanha ao longo das épocas. Para ele, poucas eram as diferenças entre os costumes e maneiras definidores do caráter nacional de ambas, cuja belicosidade característica emergiu frente às guerras contra os Mouros. Para familiarizar o público britânico com as peculiaridades das épocas passadas da Península Ibérica, Southey reeditou os romances de cavalaria *Amadis o Gaules*, em 1803, *O Palmerin da Inglaterra*, em 1807 e as *Crônicas de Cid*, em 1808. O projeto de edição destes romances de cavalaria estava associado às expectativas de publicar a *História de Portugal*, pois o letrado pretendia tanto tornar-se um erudito especialista nos costumes e maneiras peninsulares, quanto familiarizar o público leitor com a história e a literatura de Portugal e Espanha. Em carta enviada a William Taylor, expõe como as narrativas das *Crônicas de Cid* eram fundamentais para a compreensão dos costumes e maneiras dos tempos da fundação de Portugal.

Você achará o ‘Cid’ muito, muito curioso. A era da crônica não é conhecida; a totalidade disto, com poucas alterações, podem ser encontradas na ‘Cronica Geral’, compilada pela ordem de Afonso décimo (El Calbio) por volta do ano

---

<sup>352</sup> Id., 1960, p. 144 [1800].

de 1250. Não é certo quem é o cronista. As ficções devem ter sido escritas no mínimo um século antes à incorporação na história. Existe uma história métrica do Cid, cuja data é incerta. Mas é o poema mais antigo na língua, certamente um século anterior à Crônica. Tudo no que concerne a esboços de costumes que nela contém e a crônica não, eu incorporo, e tudo também pode ser encontrado sobre a matéria em outras obras de igual antiguidade. Ao final de todas as seções dou as referências completas. Na introdução dou um sumário da história da Espanha no tempo da conquista gótica, e o todo formará um esboço completo da idade heroica, sendo a mais curiosa espécie de história de cavalaria em existência, tanto quanto a mais antiga: isto suprirá o lugar de muita matéria introdutória da minha 'História de Portugal', pois mostra o estado da península no tempo quando esta história inicia, sendo o Cid um contemporâneo do Conde Afonso Henrique, o pai dos reis de Portugal.<sup>353</sup>

A edição inglesa das *Crônicas de Cid* efetuada por Southey foi realizada a partir de uma multiplicidade de manuscritos antigos que narravam as aventuras do herói hispânico. Neste ponto, os interesses políticos e historiográficos estão enredados, pois o objetivo de Southey ao editar o romance era resgatar as origens da liberdade das instituições góticas em vigor na Península Ibérica, por sua vez, fundamental para as vitórias de portugueses e espanhóis contra os Mouros. Para o letrado britânico, estas virtudes antigas eram passíveis de serem reatualizadas e, assim, desempenharem importante função na luta contra os bárbaros do século XIX, ou seja, o exército de Napoleão.<sup>354</sup> O conteúdo desta obra se tornava de grande importância para toda Europa, tendo em vista a pedagogia universal passível de ser apreendida. Nesse sentido, William Taylor agradece em carta à Southey pela edição:

Agradeço pelo 'Cid' individualmente. Agradeço pela obra em nome do povo inglês, em nome do povo hispânico e em nome da literatura em geral. Isto acrescenta ao nosso estoque doméstico de livros mais um excelente e duradouro, que fortalecerá as simpatias nacionais na presença de elevados valores para a liberdade da humanidade. Isto aumenta a massa da experiência registrada, crítica e benevolmente comentada. Isto é história filosófica na

---

<sup>353</sup> SOUTHEY, Robert. **A Memoir on the Life and Writings of William Taylor of the Later William Taylor Of Norwich**. Bobberds, J. W. (Ed.). Vol. II. London: John Murray, Albermale Street, 1843, p. 201-2 [1807]. “‘Cid’, which you will find, very, very curious. The age of the chronicle is not known; the whole of it, with few alterations, is to be found in the ‘General Chronicle’, compiled by order of Alfonso the Tenth (El Calbio) about the year 1250. Which is the transcript, is uncertain. What is fiction must have been at least a century old before it would thus be incorporated into history. There is a metrical history of the ‘Cid’, of which the date also is unascertained; but is the old poem in the language, an certainly one century anterior to the Chronicle. Whatever of picture and of costume this contains and the chronicle does not, I weave in, and also whatever is to be found upon the subject in other works of equal antiquity; and the end of every section I give full references. The introduction I will give a summary of the history of Spain from Gothic conquest, and the whole will form a complete picture of heroic age, and the most curious specimen of Chivalrous history in existence, as well as the oldest: it will supply the place of much introductory matter to my ‘History of Portugal’, as showing the state of peninsula at the time when that history commences, the Cid having been a contemporary with Count Henrique, the father of the kings of Portugal”. [Grifo nosso]

<sup>354</sup> Para um aprofundamento desta questão da mobilização do passado Peninsular no contexto das Guerras Peninsulares Cf. DUGGET, Tom. “‘By Gothic Virtue Won’: Romantic Poets Fighting the Peninsular War” **Gothic Romanticism: Architecture, politics, and literary form**. New York: Palgrave, 2010, pp. 97-142.



forma de história contemporânea e une o interesse dos coevos com a instrução de um analismo contemplado.<sup>355</sup>

Taylor ressalta como Southey foi capaz de contextualizar as *Crônicas de Cid* com seu aparato de crítica erudita e filosófica. Para Taylor, a liberdade expressa nas leis góticas e nos costumes dos povos deveria ser restaurada para a superação da barbaridade contemporânea exercida por Napoleão. No entanto, somente era possível tirar proveito da individualidade deste passado à medida que o mesmo fosse contextualizado de forma erudita e julgado moral e filosoficamente, devido a sua imersão nas superstições e fanatismo de um povo gótico. Com efeito, ao comparar os costumes dos espanhóis com os dos mouros no século XII, Southey expõe que a virtude dos primeiros não era passível de ser idealizada, mesmo que em muitos aspectos se demonstrasse superior à barbaridade árabe:

Os espanhóis, entretanto, eram livres; eles eram inferiores em número, eram menos civilizados que seus inimigos, e suas histórias eram manchadas pelos atos da pior barbaridade; mas eles eram cristãos e um povo livre. As instituições morais do cristianismo deram a eles uma decidida e crescente vantagem. Até mesmo suas corrupções estavam em seu favor.<sup>356</sup>

A ambivalência através da qual Southey retoma este passado está expressa na sentença de que “[a]té mesmo suas corrupções estavam a seu favor”. Ora, os costumes góticos eram reprováveis devido ao fanatismo religioso no qual estes estavam imersos, porém, as “instituições morais do Cristianismo” lançaram os germes para a formação política dos estados europeus na Península. O letrado britânico explora esta ambivalência na narrativa e prossegue expondo que a “coragem” dos espanhóis motivou o povo a realizar “fraudes grosseiras”, pois as pessoas criam nas hipotéticas aparições de crucifixos no céu que guiavam os cristãos nas batalhas, assim como nas promessas de vitórias por São Tiago aos cavaleiros ou mesmo na intervenção física dos anjos nos conflitos armados.<sup>357</sup> Southey caracteriza estas “fraudes pias” como “o recurso do gênio

---

<sup>355</sup> TAYLOR, William. **A Memoir on the Life and Writings of William Taylor of the Later William Taylor Of Norwich**. Bobberds, J, W. (Ed.). Vol. I. London: John Murray, Albermale Street, 1843, p. 222. “I thank you for the ‘Cid’ individually; I thank you for it in the name of the English people, in the name of the Spanish people; and in the name of literature in general. It adds to our domestic stock of books another good and lasting one; it will strengthen national sympathies at present of height value to the liberties of mankind; it augments the mass of recorded experience, critically and benevolent commented; it is philosophic history in the form of contemporary history, and unites the interest of coeval with the instruction of annalism”.

<sup>356</sup> SOUTHEY, Robert. “Preface”. In **Chronicle of the Cid**. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Drme, Paternoster-row, 1808, pp. 3-61, p. 28. “The Spaniards meantime were free; they were inferior in numbers, they were less civilized than their enemies, and their history is sullied by acts of worse barbarity; .. but they were a Christian and a free people. The moral institutions of Christianity gave them a decided and increasing advantage. Even its corruption were in their favour.”

<sup>357</sup> Id., 1808, p. 37-38.

na angústia”<sup>358</sup>, que, por sua vez, foram decisivas para a expulsão dos mouros. Com efeito, o letrado utiliza o termo “fraudes pias” de forma irônica, com o intuito de ressaltar como a formação dos estados europeus na Península Ibérica foi marcada por ambivalências.

A devoção a São Tiago foi fundamental para Compostela tornar-se um grande centro de peregrinações na Europa, o que possibilitou o surgimento de cidades ao longo das rotas seguidas pelos fiéis. As peregrinações viabilizaram uma maior circulação de recursos financeiros em meio aos cristãos, favorecendo também a articulação de forças militares dedicada à segurança dos fiéis nas rotas ameaçadas pelos mouros.<sup>359</sup> Para Southey, o culto às relíquias era um “regular sistema de fraude praticado pelos padres para seu próprio interesse”, porém, “continuamente renovou e revigorou o entusiasmo do povo”, pois “quando as capelas foram assim fundadas, as cidades as vezes cresciam”.<sup>360</sup> Os fundamentos do reino de Navarra jaziam em tais devoções, visto que o mesmo fora criado após às peregrinações surgidas com a morte de um ermitão. Sessenta fidalgos estiveram presentes no funeral, “eles viram o número e a força do país; o sentimento que tinha unido e excitado todos, elegeram um líder e fundaram o reino de Navarra”.<sup>361</sup> Assim, tendo em vista os progressos alcançados pelas instituições católicas, Southey não teve dúvidas em asseverar comparativamente a superioridade dos hispânicos em relação aos mouros:

O zelo com que estes santos patronos foram adorados foi apropriado ao benéfico poder que eles possuíam. Eles poderiam preservar seu próprio distrito da pestilência, mesmo que pelos pecados do povo eles as vezes sofriam com a violação dos arredores dos santuários. Eles nunca falharam em punir a violação. Em sua beatitude foram ainda influenciados pelos sentimentos humanos, pela gratidão e pela local e nacional afeição. Um santo era o representante de uma cidade no céu, onde ele recebia supostamente suas orações, e exercia toda sua influência em seu nome.<sup>362</sup>

Em contrapartida:

Enquanto isto, o fervor religioso dos mouros, estava abatido. Fanatismo em poucas gerações torna-se intolerância. A crença que os primeiros maometanos

---

<sup>358</sup> Id., 1808, p. 33.

<sup>359</sup> Idem.

<sup>360</sup> Id., 1808, p. 34.

<sup>361</sup> Id., 1808, p. 35.

<sup>362</sup> Id., 1808, p. 36-37. “The Zeal with which these patron Saints were worshipped was proportionate to the beneficial power which they possessed. They could preserve their own district from pestilence, and if for the sins of the people they sometimes suffered the Infields to violate their sanctuaries. They never failed to punish the violation. In their beatitude they were still influenced by human feelings, by gratitude, and by national and local affection. A Saint was the representative of his townsmen in Heaven, where he was supposed to receive their prayers, and exert all his influence in their behalf”.

tinham escolhido foi herdada pelos seus filhos; nos pais isto tinha a vida e ardor de uma nova paixão; nos filhos isto se tornou hábito, inveterado, de fato, mas sem vida. Este processo tem sido identificado em todas as épocas, e em todas as seitas. Os Dominicanos e Franciscanos atuais professam os mesmo princípios que os seus predecessores no massacre do auto da fé. Existem analogias na natureza; o lobo tem sido adestrado e se transformado em cachorro: e o suíno foi outrora formidável na floresta.<sup>363</sup>

Para Southey, a civilização moura na península tinha chegado ao auge do seu desenvolvimento, já que este povo “trouxe consigo para a Espanha as causas da sua destruição”, ou seja, “o despotismo e a poligamia”. Estes “princípios destrutivos”, que mesmo em sofrimento permitiram o “amadurecimento do corpo”, provocaram a decadência após o cessar da “energia do crescimento”, dando lugar “imediatamente” à sua “mórbida e mortal ação”. Assim, estas “causas produziram seu efeito inevitável, a guerra de irmão contra irmão, a revolta das cidades e províncias e a fragmentação dos reinos”.<sup>364</sup> Segundo Southey, as “instituições morais do Cristianismo” foram fundamentais para a vitória dos espanhóis na Península, porém, as corrupções nas quais estas estavam envolvidas tornava possível que semelhante decadência acontecesse com os ibéricos. Ora, o letrado britânico expõe que o “[f]anatismo em poucas gerações se torna intolerância”, conclusão passível de ser “identificada em todas as épocas”. No presente, o germe desta intolerância se manifestava nas atuações de franciscanos e dominicanos, que ainda professavam “os mesmos princípios que os seus predecessores no massacre do auto da fé”. Dessa forma, estas permanências se remetem à existência de leis que regulam a existência humana, por sua vez, imersa em ciclos ininterruptos de aperfeiçoamento e decadência, expressos até mesmo no reino animal. Para o letrado britânico, “[e]xistem analogias na natureza”, capazes de esclarecer as oscilações ambivalentes entre progresso e decadência no processo histórico, sendo estas passíveis de compreensão através de metáforas. A eternidade e universalidade deste ciclo se manifestam tanto na domesticação do lobo, que após ser adestrado transformou-se em

---

<sup>363</sup> Id., 1808, p. 37. “The religious fervor of the Moors meanwhile was abating. Fanaticism in a few generations becomes bigotry. The belief which the first Mahommedans had chosen was inherited by their children; in the fathers it had the life and ardor of a new passion; in the sons it was become habit, inveterate indeed, but could. This process has been identified in every age, and by every sect. The Dominicans and Franciscans of the present day profess the same tenets which their predecessors practiced at the massacre and the auto da fé. There are analogies in nature; the wolf has been tamed into dog: and swine were once formidable in the forest.” [Grifo nosso]

<sup>364</sup> Idem.

cachorro, no entanto, ainda guarda os germes da ferocidade, quanto no suíno, que apesar de estar imerso na sujeira, “foi outrora formidável na floresta”.<sup>365</sup>

Contudo, esta compreensão da atemporalidade cíclica da história expressa metaforicamente não impossibilitava que Southey tivesse a intenção de interferir na configuração dos processos destas oscilações ambivalentes entre progresso e decadência. Logo, o emprego de ironias na estética narrativa possibilitava que o letrado amalgamasse em suas enunciações tanto as potencialidades benéficas e formativas da religiosidade gótica para a formação das nações Peninsulares, quanto rechaçasse com temeridade o tétrico fanatismo, pois este era passível de ser retomado com vigor no presente. Portanto, a ambivalência do processo histórico expressa ironicamente possibilitava a confluência dos elementos dispersivos e formativos da história em uma totalidade simultaneamente coerente, tensa e movediça, capaz de potencializar as ações dos homens do presente, tendo em vista a necessidade de se orientar pelo caminho menos perigoso.

Nesse sentido, Southey narra a devoção aos santos pelos hispânicos caracterizando-a de forma irônica ao expor como verídicos os milagres atribuídos à Virgem Maria. Seu intuito era contextualizar a credulidade dos hispânicos no século XII através da fusão da forma realista e da ironia, sendo que esta última se tornaria evidente para o leitor, já que em outros momentos do texto os milagres são descritos como fraudes produzidas pelo fanatismo. Para concretizar a contextualização deste passado, recorre às figurações tétricas na narrativa com o intuito de demonstrar para o leitor que mesmo o presente estando temporalmente afastada deste passado, a força deste último era assustadora. Dessa forma, esta devoção à Virgem Maria pelos hispânicos no século XII era simultaneamente: 1) Louvável, por ter possibilitado a formação das monarquias na Península e expulsão dos Mouros; 2) Risível, por serem as expressões dos costumes e maneiras de um povo em estágio civilizacional inferior; 3) Temerária, por estar imersa no fanatismo religioso passível de retornar no tempo, o que demandou a tessitura narrativa de figurações tétricas:

As deidades locais as quais seus ancestrais pagãos adoravam eram menos numerosas que os Santos patronos das igrejas dos cristãos hispânicos. Toda

---

<sup>365</sup> Para o aprofundamento da análise contextual da interpenetração entre o tempo histórico linear e o tempo histórico cíclico e o vigor de metáforas que foram decisivas para a experiência de um tempo histórico em espiral Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Revolución como concepto e como metáfora. Sobre la semántica de una palabra en un tiempo enfática”. In: **Historia de Conceptos: Estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Trotta, 2012, pp. 161-170. Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Remarks on the Revolutionary Calendar and *Neue Zeit*”. **The Practice of Conceptual History: Timing History, Spacing Concepts**. California: Stanford University Press, 2002, pp. 148-153.

cidade, quase todas as vilas, tinham sido consagradas pelas mortes ou enterros dos Mártires, dos quais os prodigiosos corpos fiéis foram as vezes levados pelos sons dos anjos, mais frequentemente pelas luzes pairando sobre suas sagradas sepulturas. Sobre todos, a Mãe Virgem foi generosa em seus favores à Espanha. Uma vez, ela desceu em pessoa sobre um pilar de pedra, que ela deixou para trás, e que é tido até hoje em dia em alta veneração por milhares e dezenas de milhares de Católicos, como a pedra negra de Meca é para os Maometanos. As vezes ela enviava sua imagem diretamente do céu. As vezes uma Pomba guiou a descoberta da caverna escolhida onde ela tinha sido escondida; ou a besta caçada que correu para seu altar arruinado foi protegida por sua piedade ou ferida por sua intrusão. No número dos seus títulos a deificada Maria excedeu os muitos nomes de Diana, tanto quanto estendeu em efeito o seu culto. Ao examinar atentamente a atestada história de qualquer de suas imagens, o leitor pode pensar que ela compartilhou com todas seu poder, mas nem a Deusa do próximo grande santuário tem um catálogo de maravilhas igualmente esplêndido, igualmente atestado e igualmente autêntico. Estes milagres foram facilmente conduzidos em meio à escuridão, em meio às selvagerias e ruínas de um país desolado.<sup>366</sup>

Ao mencionar em carta a Taylor que as *Crônicas de Cid* supririam “muita matéria introdutória da minha ‘História de Portugal’, pois mostra o estado da península no tempo quando esta história inicia, sendo o Cid um contemporâneo do Conde Afonso Henrique, o pai dos reis de Portugal”, o letrado britânico expõe a amplitude do seu projeto historiográfico. A intenção de Southey era familiarizar o público leitor britânico tanto com a temática, quanto com seu estilo, ou seja, preparar o caminho para que a sua obra fosse sucesso de crítica e de vendas. Através da apreciação dos manuscritos da *História de Portugal*, pode-se constatar que no prefácio às *Crônicas de Cid* Southey enunciou os principais problemas metahistóricos que constituiriam sua obra e potencialmente a investiriam de notoriedade pública. Assim como enunciado nas cartas, Southey conferiu dignidade ao passado de Portugal e narrou a importância dos milagres para a história desta nação.

---

<sup>366</sup> SOUTHEY, Robert. “Preface”. In \_\_ *Chronicle of the Cid*. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Drme, Paternoster-row, 1808, pp. 3-61, p. 35. “The local deities whom their Pagan ancestors had worshipped were less numerous than the Saints who patronized the Church of the Spanish Christians. Every town, almost every village, have been hallowed by the death or burial of Martyrs, to whose wonder working bodies the faithful were led sometimes by the song of Angels, more frequently by lights hovering over their holy graves. Above all, the virgin Mother was lavish in her favour to Spain. Once, she descended in person upon a stone pillar, which she left behind her, and which is held at this day in as high veneration by thousands and tens ou thousands of Catholics, as the black stone of Meca is by the Mahommedans. Sometimes she sent her image down from Heaven. Sometimes a dove guided the chosen discover to the caver where she had been hidden, or the hunted beast who ran to heir ruined altar was protected by her pity, or struck dead for his intrusion. In the number of her titles the deified Mary exceeded the many-named Diana, as well as in the extent and effect of her whorship. In perusing the attest history of any one of her images, the reader might think she had imparted to it all her power, did not the Goddess of the next great shrine afford a catalogue of wonders, equally splendid, equally attested, and equal authentic. These miracles were easily managed in darkness, and amid the wilds and ruins of a desolated country”. [Grifo nosso]

Nesse sentido, não deixou de narrar o milagre que teria possibilitado a fundação da Monarquia portuguesa. Nos manuscritos da inacabada *História de Portugal*, narra integralmente o milagre de Ourique, após o qual Afonso Henriques teria sido aclamado rei e em sequência submetido os Mouros no campo de batalha. Com relação à batalha contra o Mouro Ismael Miramamolín, Southey menciona que esta foi “decorada com toda a invenção e exagero da vaidade nacional” pelos cronistas, pois as forças militares de Afonso Henriques são apresentadas em grande desvantagem para que sua vitória fosse engrandecida. Porém, a respeito do milagre que precedeu a vitória, o letrado não teceu críticas. Southey manteve o distanciamento emotivo da narrativa e empregou a “linguagem da hipérbole portuguesa” para narrar os milagrosos acontecimentos que antecederam a vitória no campo de batalha. Com efeito, seguiu o decoro clássico ao não misturar seus juízos morais e filosóficos na narrativa do milagre, compilado a partir de Faria e Souza, pois a sua intenção era demonstrar a credulidade da “época heroica ou bárbara” em Portugal. Para o letrado, a grandiosidade desta época estava entrelaçada à “invenção e exagero” previamente anunciados, que, por sua vez, apesar de serem reprováveis, não deslegitimavam as façanhas do fundador da Monarquia. Assim, “Afonso Henriques tinha tanto direito de ter seus milagres reconhecidos como Rômulo”<sup>367</sup>, portanto, Southey narra ininterruptamente no manuscrito o milagre de Ourique:

Na noite quando Afonso estava sozinho na sua tenda ele pegou a Bíblia e leu a história de Gideão até cair no sono sobre o livro. Então um ancião apareceu em seus sonhos e prometeu a ele vitória. No momento João Fernandes de Souza, seu camareiro, entrou no pavilhão e informou-o que tinha um ancião do lado de fora, importunando para ver o General. Ele foi admitido e Afonso reconheceu a figura de sua visão. ‘Sou um pecador, disse o ancião, que por setenta anos tenho feito penitência sobre estas montanhas. Deus me enviou agora para fazer uma oferta ao seu bom coração, pois ele olhou para você com os olhos da sua misericórdia. Quando você ouvir o sino do meu oratório, sairá adiante da sua tenda e receberá o favor do céu’.

A madrugada estava caindo quando o sino tocou e Afonso, armado como ele estava, saiu da tenda, havia uma luz à Leste, ela cresceu – e as nuvens radiantes a rodeavam, e se abriram, e deixou descoberto, entronizado em glória, elevado e cercado pelos Anjos, Cristo o crucificado. A Divindade ordenou-o vá e conquiste em seu nome. Ele ordenou-o também receber a coroa que deveria lhe ser dada. A recusa não lhe foi permitida, pois da sua linhagem uma raça de Reis deveria surgir, sendo estes predestinados a expandir o conhecimento salvador do evangelho aos confins do mundo. Então ele adornou o escudo de Afonso com as marcas da sua paixão, e seus ferimentos, e o preço pelo qual isso foi vendido, sendo daqui por diante as armas de Portugal favorecida.

A visão foi embora e amanheceu. Os portugueses ansiosos por vitória cercaram o seu Líder; eles bateram suas espadas e escudos, e com poderosa voz de toda multidão aclamaram-no Rei. Afonso corajosamente não desobedeceu ao

---

<sup>367</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p.145 [1800].

comando de Cristo: embora sua tímida ambição houvesse rejeitado a primeira aclamação, na segunda oferta ele hesitou, e após esta honesta luta aceitou a terceira. Em todas estas o impulso da Divindade foi manifesto. Apenas ele tinha visto a visão e ainda não tinha compartilhado com ninguém.<sup>368</sup>

Para Southey, era fundamental narrar o milagre de Ourique, pois a “linguagem da hipérbole portuguesa” através da qual os cronistas tradicionalmente o enunciavam, refletia os costumes e crenças religiosas lusitanas que vigoraram no século XII. Mesmo considerando a batalha contra Ismael Miramamolín adornada com “a invenção e exagero da vaidade nacional”, o letrado avaliava como a unidade da crença religiosa e dos costumes nesta época foi decisiva para a unificação dos fidalgos e elevação de Afonso Henriques a rei. Assim, a intenção de Southey foi demonstrar, através do milagre de Ourique, como a virtude militar dos portugueses estava enredada em crenças religiosas, que mesmo sendo reprováveis, foram capazes de fazer o reino progredir ao dar impulso à subjugação dos Mouros. Dessa forma, pode-se considerar o emprego da “linguagem da hipérbole portuguesa” na narrativa do milagre de Ourique como uma ironia, tendo em vista que nos capítulos em apêndice e notas de rodapé o letrado pretendia fazer análises filosóficas e descrições dos costumes e das maneiras dos povos, que negariam tal crença.

No entanto, o caráter épico da narrativa principal se apresentava como fundamental, visto a intenção do letrado de que sua obra fosse uma “grande Pirâmide”, ou seja, uma totalidade constituída por diferentes partes. A partir desta totalidade marcada por múltiplos significados, Southey pretendia tanto pregar uma pedagogia

---

<sup>368</sup> SOUTHEY, Robert. **Manuscript of the History of Portugal**. Transcrição do original por Alexandre Dias Pinto. s/d. “At night when Affonso was alone in his tent he took the Bible, & read the history of Gideon, till he fell asleep upon the book. an old man appeared to his dreams & promised him victory. At that moment João Fernandez de Sousa, his chamberlain, entered the pavilion, & informed him that there was an old man without, importunate to see the General. he was admitted, & Affonso recognized the figure of his vision. “I am a sinner, said the old man, who for seventy years have done penance upon these mountains. God has now sent me to bid you be of good heart, for he has turned upon you the eyes of his mercy. When you shall hear my oratory-bell, go forth from your tent & receive the favors of Heaven. The dawn was breaking when the bell struck, & Affonso, armed as he was, went forth. there was a light in the East, it grew – & clouds of radiance rolled on, & opened, & discovered, throned in glory, upborne by Angels & surrounded by Angels, Christ the crucified. The Deity bade him go & conquer in his name. he bade him also receive the crown which should be proffered him, & which he was not permitted to refuse, for from his loins a race of Kings should issue, who were predestined to extend the saving knowledge of the gospel to the uttermost ends of the † world. Then he blazoned upon Affonso’s shield the marks of his passion, & his wounds, & the price for which he was sold, thenceforward to be the arms of Portugal the favoured.

The vision was gone. the morning brake. the Portugueze eager for victory surrounded their Leader; they clashed their swords & bucklers, & with the mighty voice of the whole multitude acclaimed him King. Affonso durst not disobey the command of Christ: yet his coy ambition rejected the first acclamation, at the second offer he hesitated, & after that decent struggle accepted the third. In all this the impulse of the Divinity was manifest. Only himself had seen the vision, & as yet he had not imparted it”.

universal sobre o progresso e a decadência das nações, quanto intervir diretamente neste ambivalente processo de formação da experiência histórica, ao possibilitar através da sua obra que Portugal evitasse a completa ruína no início do século XIX. Tendo em vista as ambições do amigo, William Taylor escreve para Southey como o letrado podia encerrar a obra. Para Taylor, o “terremoto moral de Lisboa”, se apresentava como o evento ideal:

Este é o melhor final possível e catastrófico para sua história de Portugal, pois dará circularidade para sua narrativa, que o dramaturgo ou o poeta épico pode invejar. Isto também rejuvenescerá o povo. Existe algo nos eventos marcantes que expandem as mentes daqueles que estão envolvidos neles, e conversam sobre eles, preparando uma mais curiosa, ativa e menos entorpecida geração.<sup>369</sup>

Segundo Taylor, ao encerrar a obra com a descrição do terremoto, Southey poderia realizar suas ambições estéticas e filosóficas com a constituição de uma macronarrativa monumental, capaz de abarcar tanto a grandiosidade das ações épicas dos Monarcas e cavaleiros portugueses, quanto as causas morais que provocaram o surgimento de ondas de progresso e decadência na história de Portugal. Para Taylor, o terremoto era o símbolo do último ciclo de decadência, podendo o seu encerramento proporcionar um rejuvenescimento do povo, ao possibilitar o surgimento de uma geração mais “curiosa, ativa e menos entorpecida”. Esta geração não romperia completamente com os erros do passado, pois a possibilidade de erro estava inscrita na própria ordem histórica, o que dava o caráter ambivalente ao processo, compreendido em sua dinâmica oscilação entre as múltiplas potencialidades formativas e destrutivas do passado, passíveis de serem repetidas tanto em sua negatividade quanto em sua positividade no tempo presente.

Nesta seção, a intenção foi demonstrar através do projeto de escrita da *História de Portugal* de Southey como este letrado pretendia interagir com as demandas historiográficas, literárias e políticas disponíveis para os leitores britânicos, tendo em vista o seu objetivo de que a sua obra obtivesse um sucesso relativo nos âmbitos concernentes à crítica especializada e vendas para um público mais ampliado. Através da análise de algumas correspondências trocadas com William Taylor, pôde-se perceber que o projeto de escrita da história de Portugal ensejou a publicação do romance de

---

<sup>369</sup> TAYLOR, William. **A Memoir on the Life and Writings of William Taylor of the Later William Taylor Of Norwhich**. Bobberds, J. W. (Ed.). Vol. II. London: John Murray, Albermale Street, 1843, p. 210 [1807]. “[This] is the finest possible termination and catastrophe for your history of Portugal, and will give a rotundity to tour narrative, which the dramatist or the epic poet mighty envy. It will also rejuvenate the people. There is something in striking events which enlarges the minds of those who are involved in them, and who talk about them, and which prepares a more curious, a more active, a less torpid generation”.



cavalaria hispânica as *Crônicas de Cid*, o que demonstra as interpenetrações entre estes gêneros no contexto abordado, ambos comprometidos com a pesquisa empírica e abertos às narrativas dos costumes e maneiras de povos afastados no tempo. Através da análise de correspondências, do prefácio às *Crônicas de Cid* e de partes do manuscrito da *História de Portugal*, foi possível compreender mais profundamente a experiência metahistórica enredada ao interesse de Southey de se tornar um especialista em literatura ibérica. As intenções de Southey emergiam simultaneamente envoltas em um desejo ambivalente de tanto retomar um passado medieval heroico que se afastava do presente, impulso potencializado no contexto das Guerras Peninsulares, quanto de expurgá-lo, tendo em vista que tais ações grandiosas aconteceram em um período de fanatismo e barbaridade. Dessa forma, pode-se perceber que o ceticismo com relação ao presente que provocava o retorno ao passado era seguido da necessidade de contextualização e julgamento dos tempos pretéritos, pois as oscilações entre progresso e decadência poderiam provocar um retorno indesejável do tempo.

A partir da dedicação de Southey a propósito das pesquisas que tangenciavam a *História de Portugal*, pode-se perceber que o letrado conferia maior dignidade à escrita da história filosófica e erudita, em detrimento da narrativa dos fatos contemporâneos. Na próxima seção, pretende-se abordar como foi fundamentada epistemologicamente a demanda por se escrever a história contemporânea da Europa no periódico *Edinburgh Annual Register*, que contratou Southey, um especialista em história filosófica, para levar a cabo este empreendimento.

## **2.4 ENTRE A ESCRITA DA HISTÓRIA FILOSÓFICA E A ESCRITA DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA: OS HORIZONTES DA AMBIVALÊNCIA E OS LIMITES DA IMAGINAÇÃO**

Southey não concretizou seu projeto de composição de uma *História de Portugal* e um dos empecilhos foi a sua atuação intensa como colaborador em periódicos como o *Edinburgh Annual Register* e a *Quartely Review*. Contudo, nestes periódicos exerceu a sua autoridade de especialista em assuntos Peninsulares e abordou temas relativos à história de Espanha e Portugal. Nos textos apresentados nestes periódicos, o letrado britânico procurou utilizar o seu conhecimento de história filosófica para dar credibilidade à narrativa da história contemporânea. Especialmente nas páginas da *Edinburgh Annual Register*, Southey foi responsável por escrever a *The*

*History of Europe*, durante os anos de 1809 e 1813. Sua função era escrever a história contemporânea da Europa durante os anos das Guerras Peninsulares, pois o seu conhecimento dos costumes de portugueses e espanhóis e as suas viagens por estas nações o qualificavam para tanto.

O objetivo primeiro de Southey na *Edinburgh Annual Register* era combater a expansão Napoleônica, caracterizando-a como um retorno ao barbarismo, no entanto, o letrado não assumiu uma postura de defesa acrítica de Espanha e Portugal, nações aliadas da Grã-Bretanha na guerra contra a França. Não se posicionou como um mero compilador de notícias, pois a sua função estava imbuída do desafio de reprovar histórica e filosoficamente a atuação do exército Napoleônico e de criticar a decadência das instituições ibéricas, que favoreceram a ocupação da península. Dessa forma, o desafio de escrita da história contemporânea estava entrelaçado às prospecções historiográficas e filosóficas diacrônicas, que exigiam a retomada imaginativa do passado. Este entrelaçamento entre as dimensões temporais também se verifica nos artigos de história da *Quartely Review* que tomavam o passado como o objeto principal, pois estes se justificavam pelo uso pragmático do conhecimento veiculado no presente.<sup>370</sup>

No *Prospecto* do volume de 1810 do periódico *Edinburgh Annual Register* os limites e as potencialidades da história contemporânea e a sua relação com a história filosófica são explorados teoricamente, o que em alguma medida explica a contratação de Southey para a escrita da *The History of Europe*.<sup>371</sup> Em princípio, é explorado no

---

<sup>370</sup> Para esta análise, têm-se como referência as teorizações de Reinhart Koselleck sobre a modernização do conceito de História a partir de meados do século XVIII. Koselleck compreende o *Sattelzeit*, periodização delimitada entre 1750 e 1850, como um tempo caracterizado por tensões desencadeadas pela descoberta da possibilidade de se controlar o futuro, possibilidade esta compreendida em dinâmica relação com a descontínua erosão da normatividade do passado. Neste contexto, o presente passou a ser perspectivado como um tempo de transição, tendo em vista que os “horizontes de expectativas” se afastavam dos “espaços de experiências” previamente conhecidos. Este processo de modernização que possibilitou a laicização da escrita da história não se processou de forma linear. A compreensão clássica de que a natureza humana era um contínuo experiencial que continha os horizontes de possibilidades das histórias possíveis, inscritas previamente em experiências pretéritas, permaneceu enredada à compreensão de que a História em si, ou seja, o processo vivido e a sua representação narrativa, poderia produzir mudanças. Sendo assim, através do conhecimento desse processo, tornava-se possível acelerar ou desacelerar a História, concebida como um singular coletivo. Estas tensões entre a erosão da normatividade do passado e a abertura do futuro dimanadas no âmbito do *Sattelzeit* caracterizam um tempo de aceleradas transformações e indecisão, que exigia dos homens de letras respostas imediatas, pragmáticas, antes mesmo que fosse possível alguma teorização alentada sobre o sentido dos eventos em uma filosofia da história. Cf. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2006, *passim*.

<sup>371</sup> Após a defesa da dissertação, Flávia Varela me enviou uma carta na qual Southey afirma que o *Prospecto* não foi de sua autoria: “The Prospectus of the Register is not mine, and was written before I had any connection with the work, & bears with it no marks of my manufactory”. SOUTHEY, Robert.

texto como os “requisitos requeridos para a composição da história geral e da periódica, não possuem, talvez, grande diferença”. Neste primeiro momento, é exposto que ambas as formas de escrita da história levam em consideração uma “sagrada veneração pela verdade”, uma “pesquisa paciente através de autoridades dúbias e contraditórias”, um “lúcido arranjo dos materiais pacientemente coletados”, uma “judiciosa seleção” e “generalização de detalhes”, abstração balanceada pela contextualização das “circunstâncias características dos atores de cada época”.<sup>372</sup> As considerações sobre o método a ser empregado tanto na escrita da história contemporânea e da história filosófica são estendidas para a questão da estética, pois o estilo de ambas deveria ser “empático e digno na narrativa dos importantes eventos” e “conciso nas partes menos interessantes, mas natural, claro e sem afetação”.<sup>373</sup> Estes requisitos elencados eram requeridos tanto do compilador dos “anais do ano”, quanto do “historiador de centenas de séculos”.<sup>374</sup>

Todavia, as proximidades entre história contemporânea e história filosófica se diluíam em face às vantagens adquiridas com a distância temporal entre presente e passado. Tanto o historiador filosófico quanto o compositor dos anais de um ano sofreriam com as dificuldades de coletar materiais, com a escassez das fontes, com a dubiedade das autoridades, mas a distância temporal era um substituto para estas deficiências. Assim, o “tempo para coletar, para sistematizar, para confrontar e arranjar os materiais” estava à disposição do historiador filosófico e se todo o seu trabalho for um “insucesso”, ele ainda “possui, ou no mínimo geralmente reclama, o direito de exercer a capacidade de invenção e conjectura”.<sup>375</sup> Nesse sentido, mesmo na apresentação de uma obra que se propunha a oferecer a história contemporânea da Europa, os leitores foram advertidos no *Prospecto* sobre a fragilidade deste

---

**The Collected Letters of Robert Southey.** In: \_\_ A Romantic Circles Eletronic Edition. Part IV 1810-15. Linda Pratt (Ed.), Letter 1767. Em um primeiro momento, atribuí a autoria do *Prospecto* à Southey, devido ao fato do letrado britânico ter contribuído com o periódico *Edinburgh Annual Register* não somente com a escrita da seção dedicada à *The History of Europe*. Agradeço a Flávia Varela pela correção. De qualquer maneira, os argumentos apresentados no *Prospecto* são fundamentais para a compreensão dos desafios concernentes à escrita da história contemporânea que foram enfrentados por Southey na composição da *The History of Europe*, já que o texto apresenta uma síntese do que foi explorado ao longo das seções do periódico, tendo por objetivo orientar os leitores. Dessa forma, o fundamental nesta seção da dissertação foi compreender os horizontes de possibilidades da escrita da história contemporânea e os limites à imaginação em um contexto de crise e aceleração do tempo mediante a apresentação da performance de argumentos que envolveram o trabalho de Southey e também estavam disponíveis para outros autores.

<sup>372</sup> “Prospectus”. In \_\_ **The Edinburgh Annual Register for 1808.** Vol. First. Part First. Edinburgh: Printed by James Ballantayne and Co., 1810, pp. 6-12, p. 6.

<sup>373</sup> Idem.

<sup>374</sup> Id., 1810, p. 7.

<sup>375</sup> Idem.

empreendimento. Logo, o texto enfatiza como a maior possibilidade de tessitura de hipóteses pelo historiador filosófico o colocava acima do escritor de anais:

A escassez de fatos pode ser devidamente suprida por hipóteses, sendo estas providas o autor pode fazer aquilo que ele possui ficar unido, ou seja, cada parte subordinada a outra. Se um volume supriu-o com o começo de uma guerra, e mais uma autoridade com seu fim, o espaço entre elas pode ser seguramente preenchido com conjecturas, que não podem ser facilmente refutadas, se acomodadas aos eventos admitidos. O historiador pode assim lançar um arco sobre uma lacuna em suas autoridades, pois ele tem fatos em que encontrou as bases em cada extremidade. Mas o analista não tem tal licença. Suas conjecturas se assemelham sim à ponte na Visão de Mirza; um fim, de fato, fixado e visível, mas o outro perdido nas nuvens e na escuridão do futuro. Mesmo enquanto ele escreve, a hora passada pode fazer sua teoria por mentirosa antes que esteja seca sobre o papel; e, se ele se aventurar em profecia, faria melhor assegurar-se previamente da dádiva da inspiração.<sup>376</sup>

Segundo o *Prospecto*, o historiador dos eventos contemporâneos era incapaz de superar os partidarismos políticos da sua época, o que impossibilitava a composição de um relato neutro. Com o intuito de familiarizar o leitor com esta impossibilidade, é realizada uma analogia do ofício do historiador contemporâneo com a visão de Mirza, um personagem de Joseph Addison (1672-1719). O conto *The Vision of Mirza* narra o encontro de um árabe, chamado Mirza, e um guru nas colinas de Bagdá. O guru mostra para Mirza a visão de um vale, atravessado por uma corrente de água, sendo suas extremidades ligadas por uma ponte. A corrente de água é apenas uma parte de uma corrente maior, que leva à eternidade, enquanto a ponte é uma alegoria da fraqueza humana, ou seja, das suas paixões, como a inveja, a avareza, a superstição, o desespero e o amor. A ponte cujo fim está perdido em meio às neblinas, apesar de ser aparentemente firme, é abalada em alguns pontos pelas águas, demonstrando sua fraqueza perante os desígnios eternos. Como é apresentado no *Prospecto*, a narrativa da história contemporânea era análoga a esta alegoria de Addison, pois o juízo dos analistas, ou seja, a perspectiva humana, era fragilizada pelos muitos partidarismos políticos que a cercava, impossibilitando a descrição do presente e a previsão do futuro. No conto de Addison, a fragilidade da estreita perspectiva humana, que levou Mirza ao

---

<sup>376</sup> Id., 1810, p. 8. “The scantiness of facts may be lawfully supplied by hypotheses, provided the author can make those which he possesses hang together, and depend upon each other. If one volume supply him with the commencement of a war, and another authority with its termination, the space between may be safely filled with conjectures, which cannot be easily refuted, if accommodated to the admitted events. The historian may thus throw an arch over a gap in his authorities, for he has facts on which to found the abutments at each extremity. But the annalist has no such license. His conjectures rather resemble the bridge in the Vison of Mirza; one end, indeed, fixed and visible, but the other lost in the clouds and darkness of futurity. Even while he writes, the passing hour may give the lie to his theory ere it is dry upon the paper; and, should he venture at prophecy, he will do well previously to insure the gift of inspiration”.

desespero devido ao sofrimento que a existência terrena implicava, pode ser superada somente pela visão do guru, capaz de dissipar as neblinas e mostrar para o árabe os deleites da vida eterna em ilhas paradisíacas. Nesse sentido, o caos da contemporaneidade não possibilitava a visão da totalidade do sentido da vida terrena, que se realizava em outros mundos. Sendo assim, o guru conclui: “Não pense que o homem foi feito em vão, pois há uma eternidade esperando por ele”.<sup>377</sup>

Segundo o *Prospecto*, esta visão da totalidade, de um sentido mais amplo concebida por Addison como sendo dada pela teodiceia, poderia ser recuperada pela história filosófica.<sup>378</sup> A perspectiva do analista conduzia os homens contemporâneos a um ceticismo análogo ao de Mirza, pois as fontes de seu relato estavam corrompidas pela atmosfera de “falsidade” e “exageração popular”. A necessidade de produzir um relato instantâneo, em um “curto tempo”, impossibilitava o confronto das “autoridades contraditórias”.<sup>379</sup> No entanto, apesar do otimismo com relação ao olhar distanciado do historiador filosófico, é admitido no texto as fragilidades que a sedução pela teoria ou o preconceito podem conduzir. Mas ainda assim o analista estará propenso a estes equívocos em um nível mais elevado, pois os “preconceitos” do historiador filosófico são aqueles do “estudante solitário”, ou seja, “peculiares a si mesmo” e possível de serem superados pelos “conselhos dos amigos ou a voz de uma crítica cândida”.<sup>380</sup> No caso do analista, o “sentimento de facção” está “acima, sobre e em torno”, já que ele “respira em uma atmosfera afetada”, possibilitando o “fortalecimento” dos seus “erros”, menos devido ao “faccioso aplauso dos seus amigos” e sim pela “facciosa oposição de seus adversários”.<sup>381</sup>

No entanto, perante o desafio da escrita da história contemporânea, o *Prospecto* não poderia demonstrar ao leitor somente as fragilidades do empreendimento. Sendo assim, é afirmado no texto que tais “desvantagens” não eram “insuperáveis”, pois os

---

<sup>377</sup> ADDISON, Joseph. “The Vision of Mirza”. In \_\_ **selections from the Spectator, Tatler, Guardian, and Freeholder**: with a preliminary essay, by Anna Laetitia Barbauld. In Three Volumes. Vol. II. London: Printed for J. Johnson, St. Paul’s Churchyard, 1804, pp. 1-6, p. 6.

<sup>378</sup> Nesse sentido, destaco as reflexões de Reinhart Koselleck que relacionam a vigência de metáforas não modernas no processo de aceleração do tempo histórico nos séculos XVIII e XIX devido a relação das mesmas com a ideia de processo. Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Revolución como concepto e como metáfora. Sobre la semántica de una palabra en un tiempo enfática”. In: **Historia de Conceptos: Estudios sobre semántica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Trotta, 2012, pp. 161-170. Cf. KOSELLECK, Reinhart. “Remarks on the Revolutionary Calendar and *Neue Zeit*”. **The Practice of Conceptual History: Timing History, Spacing Concepts**. California: Stanford University Press, 2002, pp. 148-153.

<sup>379</sup> “Prospectus”. In \_\_ **The Edinburgh Annual Register for 1808**. Vol. First. Part First. Edinburgh: Printed by James Ballantyne and Co., 1810, pp. 6-12, p. 7.

<sup>380</sup> Idem.

<sup>381</sup> Id., 1810, p. 8.

editores da *Edinburgh Annual Register* tinham condições de se distanciar dos partidanismos das gazetas e jornais ao traçar as dependências entre os eventos da história da Europa do ano de 1808, recuperando suas transformações de forma causal. Assim, o *Prospecto* reivindica que um conhecimento prévio da história filosófica guiaria o empreendimento de escrita da história contemporânea, o que seria fundamental para reduzir a complexidade das velozes transformações do presente, ampliando as possibilidades do leitor se orientar em meio a um universo caótico.

Diligente atenção, e a assistência de judiciosos e bem informados amigos, podem permitir ao Analista examinar cuidadosamente seus materiais, e digerilos em ordem, que, embora possa dificilmente ser esperada a exibição da filosofia da história, torna-se possível apresentar em uma conectada e sistematizada narrativa, aqueles fatos, que tem sido dado ao público em uma isolada e individual regularidade. A vantagem de tal história contemporânea será prontamente apreciada, quando nós tentarmos, sem esta assistência, recordar à memória os eventos de nosso próprio tempo. Tal e tão rápido tem sido sua transição, e tão frequentemente tem as importantes notícias de ontem sido perdidas e mergulhadas na ainda momentânea inteligência do dia, que a confusa, negra e indistinta impressão é tão disforme quanto a nuvem que tem se arrastado na direção do vento após a descarga dos seus trovões. A isso pode ser acrescentado que do abrupto modo em que a inteligência é comunicada através das gazetas e jornais é sempre difícil, ou impossível, traçar as causas operantes dos eventos. A parte Histórica do Register terá por sua vez a vantagem de recordar os eventos do último ano à memória, e de traçar seus progressos, conexões e dependências.<sup>382</sup>

Compreender as transformações do processo histórico ao longo do tempo através de um esforço imaginativo retrospectivo favorecia a escrita da história contemporânea, pois o presente poderia ser memorável a partir da redução da sua complexidade e inserção em uma macronarrativa geral. No entanto, este conhecimento prévio sobre a história filosófica não seria o suficiente para que a *The History of Europe* fosse imune a erros. É afirmado no *Prospecto* que seria de “extrema presunção” acreditar que nesta obra fosse dada uma narrativa imparcial das querelas políticas contemporâneas de dimensões domésticas e estrangeiras. Mas a “crença política” dos editores não se

---

<sup>382</sup> Idem. “Sedulous attention, and the assistance of judicious and well-informed friends, may enable the Annalist to sift his materials, and to digest them in a order, which, though it can hardly be expected to exhibit the philosophy of history, may present, in a connected and systematizes narrative, those facts, which have been given to the public in a insulated and individual regularity. The advantage of such contemporaneous history will be readily appreciated, when we attempted, without its assistance, to recall to memory the events of our own time. Such and so rapid has been their transition, and so frequently have the important news of yesterday been lost and merged in the yet momentous intelligence of to-day, that the confused, dark, and indistinct impression is as shapeless as the cloud that has drifted to leeward after discharging its thunders. To this may be added, that from the abrupt mode in which intelligence is communicated through the channels of gazzetes and newspapers, it is often difficult, or impossible, to trace the events to their operating causes. The Historical part of The Register will at once have the advantage of recalling the events of the past year to the memory, and of tracing their progress, bearings, and dependencies”

ancorava em perspectivas facciosas e sim sobre “princípio”, já que o periódico não estava conectado com políticos em exercício ou da oposição, estando acima do medo, da lisonja e das ameaças.<sup>383</sup> Sendo assim, a história do tempo presente publicada pelo periódico poderia ser “útil material para a história futura”, ou no mínimo ensinar os “futuros escritores” sobre como os mesmos eventos pressionam de forma distinta os “escritores contemporâneos”.<sup>384</sup> Ora, o fundamental era que a história exercesse a função de juíza moral deste momento presente conectando-o com todo um processo geral que abarcava tanto o passado quanto o futuro.<sup>385</sup>

Esta colaboração mútua entre história contemporânea e história filosófica tornava-se possível tendo em vista o desafio assumido pelos editores do *Edinburgh Annual Register* de combater os males iminentes ao processo de formação da Europa. Dessa forma, ao ser contratado para escrever a *The History of Europe*, Southey comprometeu-se tanto a combater a expansão Napoleônica, conceituada como bárbara, quanto o governo absolutista das monarquias ibéricas, conceituados como despóticos e intolerantes. Mesmo sendo Espanha e Portugal nações aliadas na guerra contra Napoleão, estas foram duramente criticadas por estarem imersas na decadência. Esta perspectiva ambivalente, que visava simultaneamente derrotar o inimigo e corrigir os erros históricos dos aliados,<sup>386</sup> manifestou-se quando Southey procurou contextualizar o estado de Portugal no momento da invasão pelo exército Napoleônico nos volumes que se seguiram desta obra. Southey escreve que no passado Portugal era uma nação regida por “excelentes leis e uma constituição”, mas esta foi “suspensa há muito tempo por um estúpido despotismo”. A “restauração” desta constituição era necessária, pois o “nobre caráter do povo” ia se perdendo em meio ao “estúpido despotismo” e aos abusos entre as classes. O estado das instituições desta nação era tão deplorável que Portugal não deixou de ser ranqueado entre as “nações civilizadas” devido à “atividade que foi

---

<sup>383</sup> Idem.

<sup>384</sup> Id., 1810, p. 9.

<sup>385</sup> Nesse sentido, Koselleck expõe: “El juicio historico [historisch] se convertió en una expectativa historica de que se hiciesse justicia. Lo que contaba como paradigma no era ya una historia particular, sino que toda la historia se procesualizaba al reivindicarse para su ejecución una misión de fundación y administración de justicia”. Portanto, a história experimentada como um tribunal moral possibilitava que o historiador transpassasse os limites da subjetividade. KOSELLECK, Reinhart. **historia/Historia**. Madri: Editora Trotta, 2004, p. 63.

<sup>386</sup> Nesse sentido, sigo Tom Dugget, que predica o vigor simultâneo de uma linguagem gótica tanto congratulatória, quanto condenatória nas narrativas de Wordsworth, Southey e Coleridge a propósito das Guerras Peninsulares. DUGGETT, Tom. “By Gothic Virtue Won’: Romantic Poets Fighting the Peninsular War”. In: **Gothic Romanticism: Architecture, politics, and literary form**. New York: Palgrave, 2010, p. 97-142, *passim*. Para o aprofundamento nesta questão Cf. WATSON, J. R. **Romanticism and War: A Study of British Romantic Period Writers and the Napoleonic Wars**. New York: Palgrave, 2003.

guardada viva por suas relações comerciais”. Assim, somente “os efeitos do comércio” possibilitavam esta nação estar em “desenvolvimento”, a despeito do “do seu governo, idolatria, inquisição, degeneração das classes elevadas, decadência do aprendizado, e todos os outros males comuns à total perda da liberdade”.<sup>387</sup> No entanto, este discurso da decadência, que qualificava pejorativamente a permanência de instituições bárbaras, supersticiosas e intolerantes em Portugal, era seguido simultaneamente por uma linguagem da restauração de um passado constitucional positivo. Vestígios deste passado positivo ainda se faziam presentes e constituíam a herança cultural europeia, porém, a sua restauração tornava-se cada vez mais difícil com a ação devastadora de Napoleão. Com efeito, o letrado britânico não deixou de enfatizar a grandiosidade da herança gótica lusitana em contraposição às barbaridades contemporâneas realizadas pelo exército napoleônico.<sup>388</sup>

Dessa forma, a mútua colaboração entre a história filosófica e a história contemporânea possibilitava o ambivalente aprendizado com a história de Portugal, pois à medida que elementos do passado grandioso desta nação eram passíveis de restauração e contemplação, a decadência em vigor no presente e suas conexões pretéritas, deviam ser expurgadas. Esta perspectiva ambivalente enunciada a propósito da história de Portugal foi reiterada e aprofundada no artigo publicado na *Quartely Review*, em 1812, *Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions*. Southey destacou o estado de crise da Europa contemporânea, e analisou as possibilidades de superação desta a partir do estudo da experiência histórica peninsular, dando ênfase à possibilidade de se retirar uma pedagogia universal destas nações que possibilitasse a Grã-Bretanha nunca incorrer em semelhante estágio de decadência. Para ele, a Revolução Francesa significou o “começo de uma era” distinta de “qualquer outra nos anais do mundo”, pois “[n]enhuma linha de demarcação precisa podia ser traçada através das obscuras fronteiras entre antigos e modernos; mas o esboço que separa esta nova era das quais

---

<sup>387</sup> SOUTHEY, Robert. “The History of Europe, 1810”. In **Edinburgh Annual Register, for 1810**. Vol. Third – Part First. Edinburgh: John Ballantyne, 1812, p. 418. “Portugal had excellence laws, and a constitution, the restoration of which might satisfy the most enlightened of her patriots; but her laws and her constitution had long been suspended by a stupid despotism, and the noble character of the people seemed to be suspended with them. In every department, from the highest to the lowest, the rankest abuses prevailed; and had it not been for the activity which was kept alive by their commercial relations, the institutions of the realm were in such a state, that the Portuguese would soon have ceased to be ranked among civilized nations. Yet such are the effects of commerce, that it was as improving country, in spite of its government, its idolatry, its inquisitions, the degeneracy of the higher ranks, the decay of learning, and all the other evils attendant upon the total loss of liberty”.

<sup>388</sup> SOUTHEY, Robert. “The History of Europe, 1811”. In **Edinburgh Annual Register, for 1811**. Vol. Fourth – Part First. Edinburgh: John Ballantyne, 1813, 256.



tem findado nossa própria memória, é forte e visivelmente desenhada para eras futuras”.<sup>389</sup> Isso se verificava porque a Revolução Francesa abriu um “abismo” que podia ser contemplado com distanciamento da “arca da liberdade, que navega seguramente sobre as águas”, salva da perdição promovida pelo “dilúvio”.<sup>390</sup>

A posição privilegiada do distanciamento que não era somente espacial como também temporal possibilitava a análise da situação destas nações a partir das conexões causais entre passado e presente, sendo que do conhecimento desta totalidade era possível orientar os leitores britânicos. No entanto, este aprendizado com a história do outro justificava-se somente tendo em vista o reconhecimento da fragilidade deste distanciamento. Dessa forma, Southey enuncia a possibilidade de se aprender com as experiências de Portugal e Espanha a partir do controle filosófico das mesmas através de uma perspectiva que predicava estágios de desenvolvimento, pois a história era sujeita à repetição, podendo a intolerância em vigor nestas nações ameaçar a Grã-Bretanha.

Despotismo e intolerância têm subvertido os dois reinos da Península. Do primeiro destes males nós não estamos em perigo, já que o despotismo nunca tem partidários em qualquer país quando a maré assim o define; todavia, quão próximo uma nação pode estar ao seu jugo quando ela pensa a si mesma longe disto. Aprendemos da história de nossa própria nação, e vimos nesta hora no exemplo da França. Mas a constituição de nosso governo tem suas semelhanças com aquela da igreja de Roma, pois sua forma não pode existir sem em algum nível deixar este espírito vivo, tão sabiamente ambos tem sido construídos. Do outro mal não estamos completamente seguros. A intolerância está proximamente conectada com aquelas opiniões religiosas que nos últimos anos tem ganhado espaço em meio a nós com temerária progressão; e a perseguição seria a necessária e inevitável consequência da sua ascendência como isto tem sido em meio aos partidários da fé Romana, porque sobre cada sistema isto igualmente se torna um dever, - uma conclusão que (fosse este o lugar para provar isto) operaria como uma redução absurda contra ambos. Portanto, pode ser uma útil tarefa, e talvez interessante, traçar o surgimento, progresso e completude do grande experimento da intolerância que temos visto em sua totalidade; e fazemos isto com a maior disposição porque estamos na posse de muitos documentos raros e curiosos, manuscritos e impressos sobre a matéria.

<sup>391</sup>

---

<sup>389</sup> SOUTHEY, Robert. *The Quartely Review*. Vol. VI. London: Printed by D. & G. Bruce, 1812, October and November, 1811, p. 313-357, p. 313-314. “No precise line of demarcation can be traced through the twilight boundaries of ancient and modern history; but the outline which separates this new era has ended within our own remembrance, is strongly and conspicuously drawn for future ages”.

<sup>390</sup> Id., 1812, p. 314.

<sup>391</sup> Id., 1812, p. 314. “Despotism and intolerance have subverted the two kingdoms of the Peninsula. Of the first of these evil we are in no danger, though it has never wanted partisans in any country when the tide sets that way; and how near a nation may be to the yoke when it thinks itself farthest from it, we learn from the history of our own commonwealth, and see at this hour in the example of France. But the constitution of our government bears this resemblance to that of the Romish church, that it forms cannot exist without in some degree keeping its spirit alive, so wisely have both been constructed. From the other evil we are not altogether secure. Intolerance is closely connected with those religious opinions which of

A Europa havia se formado em meio à intolerância dos confrontos entre bárbaros de diversas raças, sendo a Igreja Romana fundamental para dar unidade aos diversos povos em conflito. Assim, Southey não deixou de destacar a importância histórica da Igreja Católica e das suas instituições. Aponta seu caráter sublime, por ser esta Igreja simultaneamente “monstruosa e maravilhosa”, um monumento tanto do “gênio”, quanto da “perversidade” e da “fraqueza” humana.<sup>392</sup> A importância desta instituição, cujos “bens que produziu confrontavam com os efeitos negativos”, jazia no fato de ter possibilitado o estabelecimento dos diversos povos aventureiros em reinos. Ora, mesmo que estes fossem de “diferentes raças”, falassem “diferentes línguas”, estivessem envolvidos em “chocantes interesses de famílias ambiciosas e nações hostis, os vários países ainda formavam um estado comum”, pois a “Cristandade foi nesta época mais que um nome”.<sup>393</sup> No entanto, a Europa havia avançado do estado de barbaridade e superstição no século XVIII com o fim das guerras de religião, sendo a intolerância das instituições da Igreja Católica em vigor na Península Ibérica concebidas como um anacronismo que impossibilitava o progresso em conjunto das nações. Dessa forma, através da colaboração mútua entre a história filosófica e a história contemporânea, Southey pretendia desvelar as distintas manifestações da intolerância ao longo do tempo na Europa, que eram equiparáveis por ser um erro inscrito na natureza humana.

Apesar de se dedicar à escrita da história nos periódicos, Southey estava ciente da impossibilidade de se conduzir tal empreendimento com imparcialidade. A multiplicação dos debates políticos com a aceleração dos eventos impossibilitava uma segura caracterização do presente e a previsão do futuro. Envolvido tanto nos debates que se opunham à expansão napoleônica quanto nos concernentes à Emancipação Católica, que versava sobre a possibilidade dos católicos adquirirem direitos a votos e elegibilidade no parlamento britânico, o letrado deparava-se com a ambivalente tarefa de simultaneamente defender e atacar o catolicismo. Tornava-se necessário defendê-lo

---

late years have been gaining ground among us with fearful progression; and persecution would be as necessary and inevitable a consequence of their ascendancy as it has been of the Romish faith, because upon either system it equally becomes a duty, - a conclusion which (were this the place for proving it) would operate as a reduction absurdum against both. It may not therefore be a useless task, and may perhaps be found a interesting one, to trace the rise, progress, and completion of that great experiment of intolerance which we have seen completed; and we do it the more willingly because we are in possession of many rare and curious documents, manuscripts, as well as printed, upon the subject”. [Grifo nosso]

<sup>392</sup> Id., 1812, p. 317.

<sup>393</sup> Id., 1812, p. 318.

para deslegitimar as investidas napoleônicas contra as monarquias ibéricas. Tornava-se necessário criticá-lo para evitar sua ascensão na Grã-Bretanha, o que poderia significar o retorno das guerras de religião.<sup>394</sup>

Southey não encontrava facilidades para narrar a história de forma que ela pudesse ser útil no presente, pois tanto o passado quanto o futuro não poderia orientá-lo inequivocamente. Como exposto no *Prospecto* publicado no *Edinburgh Annual Register*, as tensões políticas coevas limitavam a pretensão de parcialidade da história contemporânea, sendo necessária a mobilização da imaginação retrospectiva da história filosófica para se traçar conjecturalmente as causalidades que produziram os eventos presentes, reduzindo, assim, a complexidade dos mesmos, tornando possível a rememoração. Tendo em vista esta orientação, Southey disciplinava seu ceticismo nos periódicos, tendo em vista a utilização pragmática da história, de forma que esta pudesse servir de guia aos leitores. No entanto, as complexidades contemporâneas eram um convite para outras formas de sistematização narrativa do tempo presente. Seu ceticismo com relação à escrita da história contemporânea composta em colaboração com a história filosófica pode ser entendido em face da experimentação prévia de outra forma de escrita da história contemporânea.

Em 1807, o letrado publicou a obra *Letters from England*, um relato de viagens em forma de cartas editado originalmente em três volumes. Esta obra consiste de setenta e seis cartas supostamente escritas entre 21 de abril de 1802 e setembro de 1803, por um viajante hispânico, Manuel Alvares Espriela, inventado por Southey. Sua intenção era que esta obra fosse reconhecida como uma tradução de uma suposta versão original em espanhol, portanto, adicionou ao título a informação: “traduzido do espanhol”. O relato, segundo o letrado, consistia na descrição do “caráter doméstico e hábitos da Inglaterra e o seu real estado [...]”.<sup>395</sup> Entretanto, Southey era cético quanto à possibilidade desta narrativa ser de fato imparcial, portanto, ele se valeu do disfarce ficcional para que o livro assumisse uma perspectiva cosmopolita, sendo capaz de criticar simultaneamente tanto a Espanha e, por extensão, a supersticiosidade das nações católicas, quanto a pretensa superioridade civilizacional britânica.

---

<sup>394</sup> Para a relação entre os debates a propósito da Emancipação Católica e a possibilidade do retorno do tempo Cf. ANDREWS, Stuart. **Robert Southey: History, politics and religion**. New York: Palgrave, 2011, *passim*.

<sup>395</sup> SOUTHEY, Robert. **Letters from England by Dom Manuel Espriela**. Translated from the Spanish. In Two Volumes. New York. Publish by David Longworth, 1808, p. 6-7.

No prefácio foi enunciada a perspectiva crítica do tradutor fictício sobre os escritos do também fictício Dom Manuel Alvarez Espriela:

O autor desta obra parece ter desfrutado mais vantagens que a maioria dos seus predecessores, e aproveitou delas com notável diligência. Ele ostentou também da sua imparcialidade: para o seu prazer, em geral, ele tem o direito; mas existem algumas coisas que ele viu com olhares invejosos. É manifesto que ele é intolerante devido às deploráveis superstições do seu país; e poderíamos bem supor que aquelas partes da obra em que sua intolerância é mais aparente, devem-se ao fato de não terem sido melhoradas pela ajuda a qual ele agradece, o Padre Confessor. O tradutor raramente viu necessidade de oferecer quaisquer comentários sobre os erros palpáveis e distorções que este espírito algumas vezes cometeu: as poucas notas anexadas são distinguidas pelas letras Tr.<sup>396</sup>

As pretensões de “imparcialidade” de Espriela são ironizadas pelo tradutor, que expõe como as superstições em vigor na Inglaterra foram criticadas pelo também supersticioso hispânico, sendo seus equívocos tão evidentes, que não era necessário combatê-los em notas. Contudo, as críticas do tradutor a Espriela são relativizadas posteriormente no prefácio da obra composta pelo autor fictício. Espriela inicia o prefácio fazendo uma comparação entre o estado da literatura na Inglaterra e na Espanha, expondo que enquanto os relatos de viagens são abundantes naquela nação, são escassos ou inexistentes nesta. No entanto, em face da vulgaridade deste tipo de relato, Espriela questiona se de fato isso seria um sinal de inferioridade da literatura da Espanha: “Raramente viajamos; e aqueles em meio a nós que o faz, nunca publicam o seu diário para o público. Isto porque dificilmente pode se dizer que a literatura se tornou um comércio entre nós, ou porque a vaidade não é parte de nosso caráter nacional?”<sup>397</sup> O fato de hispânicos e portugueses não publicarem relatos de viagens era concebido por Southey como um sintoma do atraso civilizacional destas nações, cuja literatura era cerceada pela censura. Contudo, Southey coloca a questão para o público britânico: não seria conveniente censurar um relato de viagem de um católico fanático sobre a Inglaterra? Southey tinha suas restrições quanto à liberdade de imprensa, pois

---

<sup>396</sup> Id., 1808, p. 3-4. “The author of this work seems to have enjoyed more advantages than most of his predecessor, and to have availed himself of them with remarkable diligence. He boasts also of his impartiality: to his praise, in general, he is entitled; but there are some things which he has seen with a jaundiced eye. It is manifested that he is bigoted to the deplorable superstitions of his country; and we may well suppose that those parts of the work in which this bigotry is most apparent, have not been improved by the aid for which he thanks his Father Confessor. The translator has seldom thought it necessary to offer any comments upon the palpable errors and misstatements which this spirit has sometimes occasioned: the few notes which he has annexed are distinguished by the letters Tr.”

<sup>397</sup> Id., 1808, p. 3. “We seldom travel; and they among us who do, never give their journal to the public. Is it because literature can hardly be said to have become a trade among us, or because vanity is no part of our national character?”

temia que os partidários da Emancipação Católica e os revolucionários inflamadores das multidões descontentes ganhassem adeptos em meio ao público leitor.<sup>398</sup>

Segundo William Speck, esta obra foi a primeira publicação popular em prosa do letrado britânico e contém as “próprias visões e preconceitos de Southey” ao expressar sua “preocupação sobre o impacto social, econômico e político do sistema industrial; ele mesmo empregou a metáfora sobre o potencial revolucionário que se tornou quase um clichê Southeyano: ‘O Governo que encontra sua prosperidade sobre fábricas dorme sobre pólvora’”.<sup>399</sup> No entanto, o mais importante seria a questão religiosa:

Sobretudo, o visitante hispânico demonstrou uma notável curiosidade e conhecimento pelas várias manifestações do fanatismo religioso na Inglaterra. Southey informou para Grovesnor Bedford que na obra ele ‘veria mais da presente história do fanatismo neste país que qualquer um poderia suspeitar’ [...].<sup>400</sup>

Stuart Andrews expõe que Southey, após suas viagens por nações católicas como Espanha, Portugal e Irlanda, “não tinha ainda cristalizado um ataque organizado à Igreja Católica ou uma defesa coerente do Anglicanismo”.<sup>401</sup> Todavia, o livro teria um caráter de denúncia ao demonstrar a vertiginosa expansão do catolicismo na Inglaterra após a perseguição do clero na França com o desencadeamento da Revolução. Andrews expõe as diversas críticas de Espriela à violência e opressão da sociedade industrial inglesa, em especial do trabalho infantil, como as desvantagens da liberdade de imprensa e ostentações do clero anglicano. O autor ressalta “uma ambiguidade de intenção em Southey”, que “parecia se divertir ao arrancar humor do seu papel de advogado do diabo” ao demonstrar as vantagens de um país católico.<sup>402</sup> Dessa forma, ao submeter tanto o “nós” quanto os “outros” à reprovação, Southey desvela o caráter cético e ambivalente da concepção metahistórica enredada às suas enunciações.

---

<sup>398</sup> Nesse sentido, Southey escreve para John Rickman, em 1812: “This I am certain of, that nothing but an immediate suspension of the liberty of debate and the liberty of press can preserve us. Were I minister, I would instantly suspend the Habeas Corpus, and have every Jaconin journalist confined, so that it should not be possible for them to continue their treason vocation”. SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. III, London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 234. [1812]

<sup>399</sup> SPECK, W. A. **Robert Southey: entire man of letters**. Yale University Press Publications, 2006, p. 122. “[...] he even employed a metaphor about its potential to cause a revolution that became almost a Southeyan cliché: ‘Governments who found their prosperity upon manufactures sleep upon gun-powder’”.

<sup>400</sup> Idem. “Above all, the Spanish visitor displayed a remarkable curiosity for, and knowledge of, the various manifestations of religious enthusiasm in engalnd. Southey informed Grovesnor Bedford that in the letters he would ‘see more of the present history of enthusiasm in this country than any body could possibly suspect’ [...]”.

<sup>401</sup> ANDREWS, Stuart. **Robert Southey: History, politics and religion**. New York: Palgrave, 2011, p. 22.

<sup>402</sup> Id., 2011, p. 25.

A produção do humor emergia justamente de uma consciência parcial das ambivalências constitutivas do processo histórico e suas possibilidades de reversibilidade, que ao invés de instaurarem o progresso, denotavam o caráter errante da história europeia. Assim como a Espanha estava imersa no barbarismo e superstição religiosa, os germes destes males vigoravam na Grã-Bretanha, estavam adormecidos nas instituições de origem católica desta nação. O futuro tornava-se temerário perante a possibilidade da expansão da intolerância, que poderia ser produzida não somente pelo confronto entre fanáticos de diversas religiões, como havia acontecido nas guerras civis após a reforma nos séculos XVI e XVII, como também pela opressão trazida pelo industrialismo.

O ceticismo e a sensibilidade às transformações e retornos no tempo foi experienciado de forma tão intensa que o recurso à imaginação era concebido como indispensável para a formação de julgamentos sobre a própria época e o devir. Para compreender a própria época e realizar prognósticos, tornava-se necessário confrontar o presente com o outro no tempo, sendo fundamental a utilização da imaginação retrospectiva da história filosófica, pois a memória não podia abarcar as velozes transformações em vigor. A compreensão do presente também poderia ocorrer através da comparação com o outro no tempo/espço, sendo a imaginação fundamental para representar a perspectiva estrangeira de forma verossimilhante para o público leitor. Dessa forma, era possível aprender e reprovar simultaneamente tanto o “outro”, quanto o “nós” no tempo/espço, o que tornava possível a orientação enquanto um jogo de probabilidades em meio a um universo de tensões, tendo em vista que a revelação dada a Mirza não estava disponível no presente.

Sendo assim, o ceticismo de Southey não o conduziu a um uso indômito da imaginação, sendo esta controlada pelas demandas pragmáticas de orientação.<sup>403</sup> Este controle do imaginário manifestou-se no compromisso de autonegação enunciado nas *Letters From England*. Ora, pode-se compreender que a maior ironia desta obra se constituiu na compreensão de que a possibilidade da sua publicação era um erro moralmente reprovável. A sua publicação era um aviso sobre a multiplicação dos escritos dos polemistas católicos, que reivindicavam a possibilidade de voto e elegibilidade no parlamento. Assim, o fim último da obra era a negação do barbarismo e superstição religiosa não somente na Espanha, como em toda a Europa. Por mais que as

---

<sup>403</sup> LIMA, Luiz Costa. **O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989, *passim*.

vantagens da pretensa superioridade da civilização britânica pudessem ser relativizadas, era um exagero concebê-las como inferiores à intolerância católica. Nos textos de história publicados nos periódicos, a relativização dos valores não poderia chegar a este extremo. Por mais que Southey assumisse a dificuldade de se realizar um relato imparcial, o esforço era produzir uma narrativa histórica clara capaz de orientar o leitor. Logo, o que fica latente tanto nas *Letters from England* e na reflexão sobre a escrita da história contemporânea na *Edinburgh Annual Register* era a impossibilidade da linguagem representar especularmente o processo da história em sua complexidade. Portanto, recorrer à imaginação do “outro” no tempo/espaço era um recurso fundamental perante o desafio de se orientar em um universo de probabilidades e tensões temporais inesgotáveis.

Mark Salber Philips aponta na obra *Society and Sentiment* a importância de se compreender a porosidade entre os gêneros história, relatos de viagens, biografias e romances, com o intuito de se explorar o vigor de uma linguagem das maneiras em circulação nestas obras. Para Philips, a modernização do discurso historiográfico no século XVIII não se deu as expensas da tradição clássica comprometida com a instrução do homem público, e sim a partir da incorporação de novas demandas sociais, ou seja, da necessidade de explorar a narrativa pitoresca dos costumes e das maneiras dos povos nas obras de história, que passaram a ser lidas por um público doméstico em expansão, em especial as mulheres, por sua vez, familiarizadas com as obras de ficção.<sup>404</sup> Southey esteve envolto tanto nesta porosidade que permeava os gêneros, quanto na demanda pelo controle do imaginário, tendo em vista as exigências de decoro e orientação. Esta demanda por orientação simultaneamente se esgarçava perante a complexidade e aceleração dos eventos contemporâneos e se restituía frente aos desafios imediatos colocados pela expansão napoleônica e debates pela Emancipação Católica. Com efeito, para Southey, tornava-se necessário tanto recorrer à imaginação para se vazar a complexidade da história, quanto controlá-la para orientar o público leitor.

---

<sup>404</sup> PHILIPS, Mark. **Society and Sentiment**: genres of historical writing in Britain, 1740-1820. Princeton University Press, 1997, *passim*.

## **CAPÍTULO 3**

### **DOS USOS DA ESCRITA DA HISTÓRIA: A PROJEÇÃO DA UNIDADE DO IMPÉRIO PORTUGUÊS NA *HISTÓRIA DO BRASIL***



### 3.1 ENTRE A IMPOSSIBILIDADE DA EMPATIA E O VALOR DO LEGADO PORTUGUÊS

Apesar de trabalhar arduamente em seu projeto de composição da *História de Portugal*, Southey não finalizou esta que seria a sua grande obra, porém, iniciou tamanho empreendimento de dimensões imperiais ao compor a *História do Brasil*. Publicada em três volumes nos anos de 1810, 1817 e 1819, esta obra foi planejada para ser o último capítulo da *História de Portugal* em dimensões imperiais, no entanto, a crise gerada pelas incursões militares na Península Ibérica e a possibilidade da transferência da Corte portuguesa para o Brasil foram decisivas para que o tio de Southey, Herbert Hill, o aconselhasse a iniciar a *História de Portugal* com os tomos correspondentes à *História do Brasil*.<sup>405</sup>

Em princípio, iniciar esta obra pela composição da *História do Brasil* frustrou as expectativas de Southey, que afirmou em carta enviada no dia 27 de julho de 1804 para o irmão Thomas já ter escrito três volumes de “cerca de quinhentas páginas honestas” da *História de Portugal*.<sup>406</sup> A empolgação com o trabalho era tanta que planejou retornar à Lisboa no outono de 1805, e talvez ficar “um, dois, ou três anos, até minha História ser bem e efetivamente completada”.<sup>407</sup> Em 12 de setembro de 1804, Southey escreve para o irmão Thomas que seu plano consistia em compor três volumes relativos à parte europeia da História de Portugal; dois ou três volumes correspondentes à História do Império Português na Ásia; um volume para a História do Brasil, um volume para a História dos Jesuítas no Japão, dois volumes para a História Literária de Espanha e Portugal e um volume para a História do Monasticismo.<sup>408</sup> Apesar da história do reino

---

<sup>405</sup> A propósito da decisão de escrever a *História do Brasil*, Maria Odila da Silva Dias expõe: “Estimulado pela onda de interesse que suscitava o Brasil, então na moda, Southey sentiu-se inclinado a escrever a obra. A curiosidade do pesquisador e a vivência da obra colonizadora dos portugueses no Oriente, de que se vinha ocupando desde 1802, além do interesse despertado pela emigração da corte e pela política inglesa de abertura dos portos, levaram a empreender a *História do Brasil*”. DIAS, Maria Odila da Silva. **O Fardo do Homem Branco**: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São Paulo: CNN, 1974, p.46.

<sup>406</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. II. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 297 [1804].

<sup>407</sup> Id., 1850, p. 303 [1804].

<sup>408</sup> Id., 1850, p. 305-306 [1804]. “I have so far altered my original plan of the History, as to resolve upon not introducing the life of ST. Francisco, and the chapter therewith connected, but to reserve them for a separate history of monarchism, which will make a very interesting and amusing work; a good honest quarto may comprise it. My whole historical labours will them consist of three separate works. 1. Hist. of Portugal, - the European part, 3 vols. 2. Hist. of the Portuguese Empire in Asia, 2 or 3 vols. 3. Hist. of Brazil. 4. Hist. of the Jesuits in Japan. 5. Literary History of Spain and Portugal, 2 vols. 6. Hist. of Monachism. In all, ten, eleven, or twelve quarto volumes; and you cannot easily imagine with what pleasure I look at all the labour before me. God give me life, health, eyesight, and as much leisure as even now I have, and done it shall be”.

já estar adiantada, Southey não queria publicar esta parte da obra antes de consultar o tio, Herbert Hill, mais demoradamente em um encontro pessoal. Como o tio estava em Lisboa, era necessário que Southey voltasse novamente a Portugal ou que Hill fosse à Inglaterra. Esta impossibilidade do encontro foi decisiva para que Southey não publicasse imediatamente os primeiros tomos.<sup>409</sup> Nesse sentido, o letrado britânico lamenta em 5 de agosto de 1805 com John Rickman o fato da obra não ser impressa naquele ano:

Minha História iria ser impressa neste inverno se meu tio estivesse na Inglaterra e provavelmente não será até nos encontrarmos, seja naquele país ou neste. Acredite, é um ato de paciência reter o que tem me custado muitos anos de labor; o dia que receber a primeira folha impressa será o mais feliz da minha vida. O trabalho pode ou não ter êxito; isto poderia fazer-me confortavelmente independente, ou obter nenhum crédito, estando eu em um mundo onde isto seja de nenhum efeito, mas este será um bom livro, pois cedo ou tarde me justificará por ter escolhido literatura para minha vida profissional. Disso tenho certeza e fé.<sup>410</sup>

Se a distância de Herbert Hill foi fundamental para a não publicação da *História de Portugal*, seus conselhos foram ainda mais decisivos para a mudança na ordem da publicação dos volumes desta obra. Em dezembro de 1806 Southey afirma em carta para John Rickman que seu tio o aconselhou a iniciar a obra pela *História do Brasil*, devido à possibilidade de fornecer informações para o governo britânico sobre a América.

A América do Sul está uma loucura. Minha narrativa do Brasil, ao contrário de ser o último trabalho na série, será o primeiro [...]. [M]eu tio tem escrito para mim, pedindo-me para realizar com a máxima pressa esta parte do livro e recomendando-me oferecer estas informações ao Governo.<sup>411</sup>

---

<sup>409</sup> No dia 31 de Dezembro de 1811, Southey envia uma carta para o tio Herbert Hill com o seu projeto de composição do livro *Book of Church*, que foi publicado somente em 1824. Nesta carta, Southey deixa clara a importância conferida aos apontamentos do tio na correção e melhoramento das suas obras: “I will send the manuscript to you before it goes to the press, for it will require an inspecting eye. Meantime, if anything occur to you which would correct or improve the plan, such as you here see it, do not omit to communicate your advice and opinion”. SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. III. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 321 [1811].

<sup>410</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. II. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 341 [1805]. “My History would go to press this winter if my uncle were in England, and probably will not till he and I have met, either in that country or in this. Believe me it is an act of forbearance to keep back what has cost me so many hours of labor; the day when I receive the first proof-sheet will be one of the happiest of my life. The work may or may not succeed; it may make me comfortably independent, or obtain no credit till I am in a world where its credit will be of no effect: but that it will be a good book, and one which, sooner or later, shall justify me in having chosen literature for my life pursuit, I have sure and certain faith”.

<sup>411</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. III. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 55-56 [1806]. “The times being South American mad, my account of Brazil, instead of being the last work in the series, must be the first [...]. [M]y uncle has written to me, urging me to make all possible speed with this part of the book, and desiring me to offer the information to Government”.

Southey afirma ter os melhores documentos para a composição desta obra e que as informações trazidas pelo seu tio para a Inglaterra eram solicitadas em todos os cantos. No entanto, o letrado expõe que estranhamente ao oferta-las para o Governo ouviu de um homem de estado que tais informações eram do “lado errado da América do Sul”.<sup>412</sup> Este desinteresse não o abalou, já que o letrado nutria a expectativa de “reforçar boas opiniões em matérias que são da maior importância para a humanidade” com a publicação desta obra.<sup>413</sup> Porém, o letrado não estava feliz com o fato de ter de se familiarizar com as “maneiras selvagens”, que apesar de curiosas, são as “mais fora de caminho”, considerando, assim, “um pouco de falta de sorte que a menos interessante de todas as minhas histórias deveria ser publicada primeiro”.<sup>414</sup> Todavia, com o andamento do trabalho, não deixou de envolver-se com a composição da *História do Brasil*, afirmando para o irmão em setembro de 1809 que “[o] livro, como um todo, é mais divertido do que era esperado”.<sup>415</sup> Comparando a diversão e aprendizado que poderia ser depreendido das narrativas cavaleirescas do passado de Portugal, encontrava pouca distração na narrativa das maneiras dos selvagens. Nesse sentido, escreve para Walter Scott no dia 17 de setembro de 1810:

Gratifica-me muito ouvir que você esteja interessado em meu primeiro volume da História do Brasil. O segundo conterà mais matéria estimulante, mas é da História de Portugal que penso que você terá mais interesse, pois estará repleta de grandiosas matérias cavaleirescas e belos costumes.<sup>416</sup>

A advertência feita a Scott foi estendida aos demais leitores da sua obra, pois para Southey o encontro reprovável entre bárbaros e selvagens não poderia excitar a simpatia do público britânico. No prefácio ao primeiro volume publicado em 1810 o historiador escreve:

Tenho de falar de selvagens tão bárbaros que pouca simpatia pode-se sentir por qualquer sofrimento que eles suportaram e de colonizadores nos quais os triunfos nenhuma diversão pode-se depreender, porque eles adicionaram avareza à barbaridade; homens desprezíveis, continuando uma obscura guerra, sendo que as consequências destas tem sido maiores do que as produzidas pelas conquistas de Alexandre ou Constantinopla, e será muito mais duradoura. Mesmo os poucos grandes personagens que apareceram tem obtido nenhuma fama além dos limites de sua própria religião, escaçamente, além daqueles de

---

<sup>412</sup> Id., 1850, p. 130 [1808].

<sup>413</sup> Id., 1850, p. 235 [1809].

<sup>414</sup> Id., 1850, p. 190-191 [1808].

<sup>415</sup> Id., 1850, p. 252 [1809].

<sup>416</sup> Id., 1850, 293 [1810]. “It gratified much to hear that you had been interested with my first volume of Brazil. The second will contain more stimulating matter; but it is from the History of Portugal that I think you will derive must amusement, so full will it be of high chivalrous matter and beautiful costume”.

sua língua. Embora tenha a matéria suas vantagens: a descoberta de extensivas regiões; as maneiras e superstições de tribos não civilizadas; os esforços dos missionários, dos quais o zelo o mais fanático foi dirigido pela branda política; o surgimento e a destruição do extraordinário domínio que eles estabeleceram; e o progresso do Brasil do seu débil começo à importância que agora possui, estes são tópicos de um interesse não ordinário.<sup>417</sup>

As ações tanto dos colonizadores portugueses quanto dos nativos eram tidas como insultos à natureza humana, sendo impossível que os polidos leitores britânicos simpatizassem com os seus costumes. Especialmente com relação aos nativos indígenas, Southey não os considerava em estado natural. As maneiras conceituadas como selvagens era uma prova cabal de que o homem havia decaído de um estado natural superior.<sup>418</sup> No entanto, a obra tinha seus pontos positivos ao demonstrar o início do progresso civilizacional no Brasil, que se tornou uma importante nação no presente. O maior destaque foi dado à força civilizadora dos jesuítas, que ao estabelecerem os índios na terra e os ensinarem a ler, escrever e cultivar permitia que estes se humanizassem e, dessa forma, avançassem do estado de selvageria. A atuação dos jesuítas foi tão decisiva na América, que Southey considerava razoável a possibilidade desta ordem ou a dos Beneditinos se estabelecerem na Irlanda para civilizarem o povo.<sup>419</sup>

---

<sup>417</sup> SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**. Part First. London: Printed by Longman, Durst, Rees, and Orme, Paternoster-row, 1810, p. 1-2. “I have to speak of savages so barbarous that little sympathy can be felt for any sufferings which they endured, and of colonists in whose triumphs no joy will be taken, because they added avarice to barbarity; .. ignoble men, carrying on an obscure warfare, the consequences of which have been greater than were produced by the conquests of Alexander or Charlemagne, and will be far more lasting. Even the few higher characters which appear have obtained no fame beyond the limits of their own religion, scarcely beyond those of their language. Yet has the subject its advantages: the discovery of extensive regions; the manners and superstitions of uncivilized tribes; the efforts of missionaries, in whom zeal the most fanatical was directed by the coolest policy; the rise and overthrow of the extraordinary dominion which they established; and the progress of Brazil from its feeble beginnings to the importance which it now possesses, these are topics of no ordinary interest”.

<sup>418</sup> Baseado na leitura da obra *Historia Antiga de Mexico* (1780), escrita pelo jesuíta Francisco Javier Clavijero (1731-1787), Southey argumentava que os selvagens decaíram de um estado natural superior. Nesse sentido, Southey escreve: “Quanto a um estado de natureza, a frase, quando aplicada ao homem, é um absurdo cruamente gritante”, pois o “[h]omem é por natureza um animal religioso”, ou seja, “os elementos da religião” são “inatos”. Logo, “[...] a opinião mais razoável é que o primeiro homem tinha um conhecimento de linguagem e de religião; em suma, as narrativas de uma idade de ouro ou patriarcal são, em sua fundação, verdadeiras. Quão rápido os civilizados foram sendo degenerados sob circunstâncias não favoráveis, tem sido provado o bastante pela história”. SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. III. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 17, 18 [1806]. Deve-se destacar que além da leitura de Clavijero, Southey estava familiarizado com os escritos do jesuíta chileno Juan Ignacio Molina (1740-1829), naturalista, historiador, botânico e geógrafo, que escreveu o *Compendio della storia geografica, naturale e civile del regno del Chile* (1776), *Saggio sulla storia naturale del Chile* (1782) e o *Saggio della storia civile del Chile* (1787). Em 1809, Southey prefaciou e acrescentou notas e apêndices à obra de Molina traduzida do italiano *The Geographical, Natural, and Civil History of Chili*. SOUTHEY, Robert. **The Collected Letters of Robert Southey**. In: \_\_ A Romantic Circles Eletronic Edition. Part IV 1804-1809. Linda Pratt (Ed.), Letter 1589.

<sup>419</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. II. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 323 [1805]. “A Catholic establishment

Ora, Southey fez esta recensão no prefácio da obra advertindo o leitor sobre a impossibilidade de se nutrir simpatia pelo tema narrado, pois esta foi uma forma de se defender previamente das críticas dos resenhistas. Para o resenhista da *Ecletical Review*, nenhum ramo da história de Portugal poderia “ilustrar a história da sociedade na Europa”, pois não “apresentava qualquer ação curiosa da natureza humana em seus indivíduos”, sendo impossível servir de “lição para os outros”. Especialmente com relação à *História do Brasil*, a importância desta obra era difícil de ser calculada, pois pouco “entretenimento ou diversão” poderia ser excitado nos leitores, tendo em vista que as aventuras dos portugueses eram tão similares às conquistas dos espanhóis e às maneiras dos selvagens eram tão uniformes entre si. Assim, a “matéria não se equiparava aos talentos do autor” devido a sua “monotonia e pouca importância”.<sup>420</sup>

Os argumentos do resenhista, em grande medida, retomavam as reflexões de letrados britânicos e franceses do século XVIII sobre as injustiças perpetradas pelas nações ibéricas na América ao estabelecerem suas colônias. Na obra *An Account of the European Settlements in America*, de 1760, atribuída a Edmund Burke, é destacado que os séculos XV e XVI foram marcados por eventos importantes como a descoberta da América, a invenção da imprensa, a produção da pólvora, o desenvolvimento da navegação, o reavivamento dos estudos dos antigos e a Reforma, sendo que “todos eles conspiraram para mudar inteiramente a face da Europa”, tendo em vista que “as monarquias começaram a se unir e adquiriram a força e tomar a forma que elas têm hoje”. Todavia, apesar dos progressos pontuais, a Europa nesta época ainda estava enredada no barbarismo feudal.<sup>421</sup> Sendo assim, Cristóvão Colombo estendeu as fronteiras da ignorância para o resto do mundo, sendo movido por sentimentos como “inveja”, “ódio” e “ressentimento”.<sup>422</sup> O mesmo fizeram os portugueses, que estabeleceram no Brasil um “péssimo método” de colonização, iniciado por um “bando de criminosos”, “povo desordenado”, de “disposição ruim”, que ofendeu os “originais habitantes” e que nunca deveria ter sido “imitado”.<sup>423</sup>

---

would be the best, perhaps the only, means of civilising Ireland. Jesuits and Benedictines, though they would not enlighten the savages, would humanize them, and bring the country into cultivation”.

<sup>420</sup> *The Eclectic Review*. Vol. VI. Part II. From July to December. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-Row, 1810. pp. 788-800.

<sup>421</sup> *An Account of the European Settlements in America*: In Six Parts. Volume I. The Third Edition, with Improvements. London: Printed for R. and J. Dodsley in Pall-Mall, 1760, p. 4.

<sup>422</sup> *Id.*, 1760, p. 5-6.

<sup>423</sup> *Id.*, 1760, p. 301. Neste particular, o resenhista da *Ecletical Review* repete argumentos comuns em meio ao público letrado francês e britânico. J. G. A. Pocock expõe a partir da *História das Índias* (1776), composta sob a direção do Abade Raynal e Diderot, como a colonização na América empreendida pelos bárbaros portugueses e espanhóis foi prejudicial para toda a Europa: “The conquistadors inflict enormous

Seguindo estes argumentos, o resenhista da *Ecletical Review* podia ratificar que a polidez do autor era muito superior aos eventos passados em uma colônia imersa na barbaridade e selvageria. Segundo o resenhista, Southey possuía “importantes qualidades de um grande historiador”, mas as “muitas repetições de detalhes a respeito das inúmeras tribos” impossibilitava aos leitores “generalizar o fenômeno da vida selvagem”, oriundas de “circunstâncias desfavoráveis”, que são a causa deste “estado infeliz da sociedade” em meio aos “diferentes estágios de civilização”.<sup>424</sup> Com efeito, eram reprováveis as extensas narrativas sobre a “horrrível matéria do canibalismo”, que eram importantes por demonstrarem a gênese da “história da nossa natureza humana” e negar a “herética filosofia” da “virtude e bondade da raça humana”, mas tal “horrrível propensão” não deveria ter sido “tão autenticamente detalhada”, pois as “impressões deixadas na mente” eram “indesejáveis”.<sup>425</sup>

Ao repudiar o excesso de detalhes da obra, o resenhista qualificou a crítica de Southey na *História do Brasil* ao esquematismo filosófico atribuído à *História da América* de William Robertson no tocante à narrativa das maneiras dos selvagens como “severa” e “injusta”. Para o resenhista, tais generalizações eram necessárias, pois a deplorável matéria não “merecia tantos bons parágrafos”.<sup>426</sup> Digno de ser ressaltado era somente a atuação civilizatória dos jesuítas, pois “existiam poucas coisas na história da natureza humana mais admirável que seus sucessos”. Estes missionários com “beneficência e paciência submeteram as mais refratárias paixões humanas”.<sup>427</sup>

No entanto, o tom crítico da resenha, que enfatiza a desimportância da história de Portugal em dimensões continentais, negou o entusiasmo com o qual a *Ecletic*

---

damage on both America and Europe because they are interested only in gold and silver, and because the invaders of Peru – an even more criminal set of ruffians than the conquerors of Mexico – discover the mines of Potosi and set about exploiting them by slave labour. The appropriation of ore leads to the appropriation of labour, and land is appropriated in the first instance to command the labour of its inhabitants. There arises a wholly extractive economy which, because it does not render land productive for purposes of exchange, scarcely deserves the name of commerce at all; the Spanish establishments are the permanent bases of barbarians who have turned from raiding to conquest. And the silver they convert into bullion returns to Europe to be spent on the wars of religion; the Dutch, the English and belatedly the French learn to invest it as capital, but the Spaniards never master this economic skill, and from the destruction of the Indies and the leyenda negra the history of Spain is conducted through the sombre drama of international decline of which students of politics had been writing since the early seventeenth century. The burden of the Spanish, and in Brazil the Portuguese, extractive economies continues to weigh on Europe and retard its enlightenment, and the Histoire’s programme for analysing and remedying this great malfunction has only begun”. POCOCK, J. G. A. **Barbarisms and Religion**: Barbarians, Savages and Empires. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 277-8.

<sup>424</sup> *The Eclectic Review*. Vol. VI. Part II. From July to December. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-Row, 1810. p. 790.

<sup>425</sup> Id., 1810, p. 797.

<sup>426</sup> Id., 1810, 800.

<sup>427</sup> Id., 1810, 799.

*Review* anunciou os projetos historiográficos de Southey em 1808 na seção *Select Literary Information*:

O senhor Southey tem trabalhado oito anos em sua História de Portugal, organizada sobre três centros, Portugal, Ásia portuguesa e Brasil. Cada parte forma em si mesma uma totalidade completa e tem nenhuma outra conexão além daquela relativa ao mesmo povo. A História do Brasil é a última na ordem cronológica; mas como a curiosidade pública está agora particularmente direcionada em direção a este país, o autor intenciona publicá-la imediatamente. Uma História de Portugal, na língua portuguesa, aparecerá brevemente em três volumes.<sup>428</sup>

Em princípio, as expectativas relacionadas ao projeto de escrita da *História de Portugal* em dimensões imperiais eram apreciadas positivamente por ser o fruto de trabalho de anos de pesquisa. A *História do Brasil* tornava-se especialmente importante devido à inédita migração da Corte portuguesa. A parte europeia da *História de Portugal* também ganhou destaque ao ser anunciado que três pequenos volumes seriam publicados em língua portuguesa, o que até então não havia sido realizado por nenhum letrado britânico. Esses elementos apresentados pelo *Elcetic Review* são mais que suficientes para demonstrar que a perspectiva do resenhista abordada acima de forma alguma era um consenso.

Na *Quartely Review*, periódico no qual Southey colaborava, as perspectivas do periodista da *Ecletic Review* foram em parte rechaçadas. Novamente as comparações com a *História da América* de Robertson foram evocadas, no entanto, o resenhista aponta que os excessos de detalhes da *História do Brasil* são superiores ao esquematismo filosófico do historiador escocês. O resenhista colocou em destaque que Robertson deixou a história da América inacabada e ninguém melhor que Southey para “corrigir e suprir” este empreendimento. Com sua “superior minuciosidade, pesquisa zelosa e pinturas vivas da natureza e das maneiras”, Southey se opunha à “frieza e gerais esquematismos daquele sensível e agradável, mas certamente superficial escritor”.<sup>429</sup> Para o resenhista, a obra, de forma geral, era de grande ensinamento, pois demonstrava uma experiência bem sucedida de colonização. Assim, o resenhista escreve que “[m]uitos dos cânones da política colonial podem cair ou serem confirmados com

---

<sup>428</sup> **The Ecletic Review**. From July, to December, 1808, Inclusive. Volume 4. Parte II. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-Row, 1808, p. 665. “Mr. Southey has been employed eight years on a History of Portugal, arranged under three diferente heads, Portugal, portuguese, and Brazil. Each part in itself forms a complete whole, and has no other connection than that of relating to the same people. The History of Brazil is the last in chronological order; but as public curiosity is now particularly directed towards that country, the author intends put it to press immediately. A History of Portugal, in the Portuguese language, will shortly appear in three small volumes”.

<sup>429</sup> **The Quartely Review**. August & November 1810. Volume 4. London Printed, 1811, pp. 454-474, p. 454.

os fatos narrados”, sendo o mais relevante “a vantagem de se encorajar a mistura de raças”, por sua vez, decisiva para “identificar os mestiços com os colonizadores de puro sangue, com igualdade de *status* e admissão dos mesmos privilégios e empreendimentos”.<sup>430</sup> Todas as nações que estabeleceram colônias poderiam aprender com os sucessos de Portugal no tocante à mistura de raças, que possibilitou o melhoramento da “raça humana em todo seu poder animal”, já que a experiência provou que o “homem de cor pode ser o mais valeroso aliado, ou o mais perigoso inimigo”.<sup>431</sup> Uma política contrária foi “escrita com sangue nas costas do Haiti”, devendo estas “desgraças e perigos” ser evitadas em “nossos estabelecimentos de leste a oeste”.<sup>432</sup> Dessa forma, o resenhista ratifica como a *História do Brasil* não poderia deixar de ser instrutiva, pois por mais que os portugueses tivessem cometido equívocos na empresa colonial, os acertos se demonstravam superiores ao promover a unidade e pacificação em oposição ao desencadeamento de revoluções, como no Haiti.

Sendo assim, a Grã-Bretanha deveria avaliar de perto a experiência colonizadora empreendida nos domínios do Império português, tendo em vista que a superioridade britânica neste quesito não era incontestável. Portanto, o resenhista expõe de forma irônica:

Albuquerque encorajou seus soldados a casarem com mulheres nativas e se estabelecer na Índia com suas famílias. Lord Valentia recomendava seriamente que as crianças dos ingleses que trabalhavam na Companhia deveriam ser proibidas de permanecerem nos territórios coloniais. “Quem é mais sábio aqui, a Justiça ou a Iniquidade? – O cruel português ou o humano britânico?” – Mais um ponto em que antecipamos muita informação valerosa sobre o amadurecido esquema de instrução jesuíta e o presente estado dos índios. Nenhum dos colonizadores europeus atuou ainda com tanta misericórdia e clemência em suas relações com os selvagens.

Os ingleses na América do Norte não escravizaram os aborígenes, mas eles encorajaram seus hábitos ao realizarem o tráfico de couro: eles estimularam suas paixões ruins por emprega-los na guerra; e comunicaram a eles nenhuma outra tintura de civilização, mas doenças europeias, e espirituosos licores. Os espanhóis e portugueses foram de fato em princípio opressivos e inumanos; mas eles têm no mínimo tomado as dores para domesticar os remanescentes dos quais eles pouparam, e nós apreendemos que sua missão tem, desde então, pago a dívida de seus excessos originais.<sup>433</sup>

---

<sup>430</sup> Id., 1811, p. 470.

<sup>431</sup> Id., 1811, p. 471.

<sup>432</sup> Idem.

<sup>433</sup> Idem. “Albuquerque encouraged his soldiers to marry native women, and settle in India with their families. Lord Valentia seriously recommends that the children of the English servants of the Company should be forbidden to remain in their territories. ‘Which in the wiser here, Justice or Iniquity? - The cruel Portuguese, or the humane and enlightened Briton?’ –Another point on which we anticipate much valuable information, is, the maturing the Jesuit’s scheme of instruction and the present state of the Indies. No European settlers have yet been actuated either by mercy or wisdom in their dealings with savages. The English in North America did not enslave the Aborigines, but they encouraged their



Ao contestar de forma cética a pretensa superioridade da política colonial britânica empregada na América, o resenhista aponta ironicamente as possibilidades de aprendizado com a *História do Brasil*, já que os portugueses encorajavam a mistura de raças e favoreciam o desenvolvimento da colônia. Contudo, mesmo sendo o historiador um colaborador da revista, sua obra não ficou isenta de críticas. O resenhista aponta para a falta de uma “visão geral da sua matéria” e “recapitulações”, que possibilitariam a orientação do leitor. Ora, se os “historiadores modernos” erraram ao dar-nos “ensaios em matérias históricas ao invés de história autêntica e real”, Southey, por outro lado, “deu os fatos como os encontrou, não se preocupando em uni-los e conectá-los em uma lúcida organização”.<sup>434</sup> Ninguém poderia superar Southey com relação aos “detalhes ou a vida e espírito da representação”, no entanto, “estas cenas brilhantes passam pela mente isolada e desconexa como as sombras de uma lanterna mágica”.<sup>435</sup> O resenhista aponta que Robertson tornou-se popular por escrever “apenas por efeito, dando somente as somas sem seus itens”, sendo importante Southey ser um “pouco mais indulgente com as especulações gerais”.<sup>436</sup> No entanto, este equívoco era desculpável por ser proveniente do seu caráter moral mais elevado, pois, para Southey, os “homens não eram meros elos na cadeia de eventos”, pois eram “algo mais que atores em um grande balé político”. Estes eram “homens, homens narráveis, dos quais as virtudes são guardadas para nossa imitação, cujos vícios são ensinados para abominação”, possibilitando assim, que “o principal fim da história, o exemplo, seja aplicado em ampla escala e para todo bom propósito”.<sup>437</sup>

O fundamental para Southey era confrontar a contemporaneidade com a rusticidade das épocas passadas sintetizadas na crueza da linguagem dos cronistas, opondo-se à excessiva polidez, ou seja, aos “modernismos” em vigor nas narrativas dos filósofos, historiadores e moralistas do século XVIII. Nesse sentido, o resenhista da *Quartely Review* expõe uma diferença entre a *História do Brasil* de Southey e a *História da América* de Robertson:

---

wandering habits by the traffic in peltry: they stimulate their evil passions by employing them in war; and they communicated to them no other tincture of civilization but European diseases, and European spirituous liquor. The Spaniards and Portuguese were at first indeed oppressive and inhuman; but they have at least taken pains to domesticate the remnant whom they spared, and we apprehend their mission have since more than paid the debt of their original excess”.

<sup>434</sup> Id., 1811, p. 472.

<sup>435</sup> Id., 1811, p. 473.

<sup>436</sup> Idem.

<sup>437</sup> Idem.

Ao comparar, como todo mundo que lê esta obra do Senhor Southey naturalmente mais ou menos irá fazer, com a obra de Robertson, o mais óbvio, embora certamente não seja a mais importante diferença, é a ocasional excentricidade e afetação do estilo antigo, que nós concisamente notamos na presente resenha, em que são muito opostas de fato à infalível polidez, a doçura de dicção quase saturante, na ‘dulcia vitia’ do seu elegante predecessor. Um pouco de rusticidade, um pouco de arcaísmo, e um estilo fundado em sua maior parte naquela beleza da versão das Escrituras, possuem de fato, quando introduzidas com julgamento e moderação, uma dignidade de eloquência, que os períodos dos últimos dias são todos incapazes de igualar; e muitas passagens podem ser encontradas no presente volume, que não desgração em harmonia mesmo o melhor dos autores que tem sido escolhido como modelos. Mas se esta familiaridade com os antigos clássicos assumem a aparência de arte ou pedantismo, se sua negligência é evidentemente estudada, e sua obsoleta ou não usual linguagem é ostentadamente e não necessariamente recuperada, estamos aptos a avaliar isto com desprazer perante as páginas que quase requerem um glossário.<sup>438</sup>

O resenhista expõe que a estética narrativa não era a maior diferença entre as obras dos dois historiadores, contudo, a atenção que ele deu ao tema e a articulação posterior com a problemática decisiva, ou seja, o fato de Robertson ser mais filosófico e Southey mais detalhista; possibilita a reivindicação da importância deste debate para uma compreensão mais alargada do contexto de enunciação historiográfica em questão. Ao mencionar a “afetação do estilo antigo” de Southey, o resenhista refere o fato de este letrado tomar como modelos de linguagem para a composição das suas obras poetas como Chaucer, Spencer, Milton e Shakespeare. Entretanto, o resenhista é crítico às preferências estéticas do historiador e expõe que usar na “[...] poesia tais arcaísmos ou palavras em desuso era geralmente belo por razões óbvias”, o que não fazia o mesmo sentido “na prosa plena ou na narrativa ordinária”.<sup>439</sup> Southey utilizava os arcaísmos destes poetas britânicos, pois a sua intenção era traduzir a linguagem dos cronistas portugueses, jesuítas e viajantes dos séculos XVI e XVII a partir de um horizonte histórico mais aproximado, com o intuito de não reduzir a especificidade das obras

---

<sup>438</sup> **The Quartely Review**. August & November 1810. Volume 4. London Printed, 1811, pp. 454-474, p. 471-472. “In comparing, as every one who reads his work will naturally more or less compare, Mr. Southey with Robertson, the most obvious, though certainly not the most important difference, is the occasional quaintness, and affectation of the style of antiquity, which we shortly noticed in the beginning of the present strictures, and which are very opposite indeed to the unfailing polish, the sweetness of diction almost to satiety, and the other ‘dulcia vitia’ of his elegant predecessor. A little homeliness, a few archaism, and a style for the most part founded on that of our beautiful version of the Scriptures, possesses indeed, when introduced with judgment and moderation, a dignity of eloquence, which the periods of later days are altogether unable to equal; and many passages may be found in the present volume, which would not disgrace in harmony even the best of the authors that have been chosen as models. But if this familiarity with our elder classics assume the appearance of art or pedantry, if their negligence be evidently studied, and their obsolete or unusual language be ostentatiously and unnecessarily brought forward, we are apt to turn with some displeasure from pages which almost require a glossary [...]”.

<sup>439</sup> Id., 1811, p. 472.

destes autores à polidez da linguagem do século XVIII. A intenção de Southey era narrar a *História do Brasil* com uma linguagem adequada às respectivas épocas abordadas, o que oportunizava uma tradução pormenorizada dos cronistas tomados como fontes. No entanto, para o resenhista, esta descrição das “antigas crônicas” era “um real impedimento, não apenas à popularidade, mas ao uso geral da obra”.<sup>440</sup> Ou seja, o desejo de Southey de recuperar a especificidade da crueza da linguagem dos cronistas em seus mínimos detalhes determinava a “[...] carência de uma ampla e geral visão dos objetos, suprida pelo olhar distanciado do pássaro, que serve como lugar de descanso para atenção, ao trazer diante da observação do leitor uma relativa harmonia dos objetos que tem sido detalhado”.<sup>441</sup>

Com efeito, a questão estética de se recuperar a rusticidade da linguagem de poetas e cronistas afastados no tempo era uma demanda do interesse erudito pelas minúcias dos manuscritos antigos, o que possibilitava ao letrado uma descrição mais pormenorizada dos costumes e maneiras coevos às suas fontes. Isto pode ser constatado nas reedições dos romances de cavalaria ibéricos, especialmente na versão do *Amadis de Gaula*. Para reeditá-lo, Southey se empenhou em uma pesquisa erudita com o intuito de comprovar que a obra era de autoria do português Vasco de Lobeira (? - 1403), em oposição à reivindicação do francês Louis-Élisabeth de la Vergne, o Conde de Tressan (1705 - 1783), que afirmou em sua tradução ter sido esta obra escrita originalmente por Nicolas de Herberay des Essarts (? - 1557). Dentre as muitas provas arroladas, o letrado utilizou as afirmações do cronista Gomes Eanes de Zurara que atribuía a autoria do manuscrito original perdido a Vasco de Lobeira. Na ausência do manuscrito original, Southey utilizou a versão do escritor espanhol Garcí Rodríguez de Montalvo (1440 - 1504) para realizar sua edição. Em contraposição à edição do letrado francês, Southey escreve: “O Conde de Tressan na sua tradução livre, modernizou completamente e naturalizou o caráter do romance: seu livro é o que ele intencionou fazê-lo, uma obra elegante; mas as maneiras e sentimentos dos tempos da Cavalaria não são encontrados lá”.<sup>442</sup> Ora, para Southey, o Conde de Tressan adornou as maneiras medievais com o

---

<sup>440</sup> Idem.

<sup>441</sup> Idem. “The want of broad and general views of his subject, and of those bird’s-eye recapitulations, which serve as resting place to the attention, and bring at once before the reader’s observation the relative harmony of the objects he has gone through in detail”.

<sup>442</sup> SOUTHEY, Robert. “Preface”. In *Amadis of Gaul by Vasco Lobeira*. 4 Volumes. London: Printed By N. Biggs, Crane-court, Fleet-street, for T. N. Longman and O. Rees, Paternosters Row, 1803, p. 33. “The Conde de Tressan in his free translation, has completely modernized and naturalized the character of the Romance: his book is what he designed to make it, an elegant work; but the manners and feelings of the days of Chivalry are not to be found there [...]”.

“verniz do sentimentalismo francês”, com o qual ele “poliu o escudo antigo”, mas “o brilho que ele ganhou não poderia compensar a perda da sua aspereza [...]”<sup>443</sup>. Em oposição ao “ridículo anacronismo” de Tressan, Southey escreve sobre os princípios que nortearam a sua edição do *Amadis de Gaula*:

Mantive meus olhos sobre o procedimento no propósito de preservar a linguagem onde era possível. Um estilo moderno alteraria o caráter do livro; tanto quanto pude evitei este erro, não para misturar palavras obsoletas, mas para dar à estrutura original uma sentença tão literalmente quanto foi conveniente, e rejeitar a moderna fraseologia e formas de período. Não se pode supor que fui bem sucedido uniformemente nesta tentativa: o vinho velho deve provar o novo barril.<sup>444</sup>

O mesmo procedimento fora mobilizado para a escrita da *História de Portugal* em dimensões imperiais. Não se tratava de idealizar os escritos dos cronistas tomados como fontes e sim de atualizar a sua rusticidade perante a pretensa e titubeante superioridade civilizacional do presente. O ceticismo de Southey com relação ao presente era um convite à relativização da sua superioridade, contudo, o letrado perspectivava as maneiras em vigor no medievo ou no Brasil a partir do distanciamento proporcionado pela benéfica aceleração do tempo histórico no século XVIII. Com efeito, este distanciamento permitia Southey conceituar e julgar as maneiras dos portugueses “bárbaros” e indígenas “selvagens” no Brasil. Como afirma no prefácio desta obra, o leitor britânico não poderia ter simpatia pelo encontro entre portugueses supersticiosos e gananciosos com povos que praticavam o canibalismo e não conheciam a escrita. Dessa forma, a formação histórica do Brasil é perspectivada por Southey a partir dos conceitos standardizados nas macronarrativa ilustradas em vigor nas obras de Robertson, Raynal, Gibbon, Hume e Voltaire, que se prestaram tanto à exaltação da “polida” sociedade comercial europeia, quanto à conceituação da “decadência” da antiguidade, da “barbaridade” feudal e da “selvageria” dos nativos da América.<sup>445</sup>

Para Southey, o que se apresentava possível era demonstrar como mesmo enredada em equívocos reprováveis a empresa colonial levada a cabo pelos portugueses

---

<sup>443</sup> Idem.

<sup>444</sup> Id., 1803, p. 35. “I kept my eye upon it as I proceeded, for the purpose of preserving its language where it was possible. A modern style would have altered the character of the book; as far as was in power I have avoided that fault, not by intermixing obsolete words, but by rendering the original structure a sentence as literally as was convenient, and by rejecting modern phraseology and forms of period. It cannot be supposed that I have uniformly succeeded in this attempt: the old wine must taste of the new cask”. Para um aprofundamento nesta questão Cf. FAIRIER, David. Southey’s Literary History. In: PRATT, Linda. **Robert Southey and Contexts of English Romanticism**. Burlington: Ashgate, 2006, 1-17.

<sup>445</sup> Cf. POCOCK, J. G. A. **Barbarisms and Religion: Barbarians, Savages and Empires**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

no Brasil foi bem sucedida. Como apresentado pelo resenhista da *Quartely Review*, o sucesso de Portugal ao colonizar o Brasil superava em muitos aspectos as experiências de colonização empreendidas pelos britânicos na América do Norte. Dessa forma, a narrativa da *História do Brasil* de Southey mais do que entreter tinha a função de orientar o público leitor em um universo de probabilidades, pois se tornava possível predicar de forma ambivalente através desta obra, tanto a impossibilidade de ter empatia pelas ações de bárbaros e selvagens, quanto a possibilidade de se levar em consideração o sucesso dos portugueses em promover a benéfica miscigenação dos povos no Brasil. Na próxima seção, aborda-se como Southey no último capítulo da *História do Brasil* respondeu as críticas dos resenhistas ao dar uma síntese sobre o estado de desenvolvimento contemporâneo desta nação. Aborda-se como a tessitura desta síntese se processou enredada não somente às expectativas do público britânico, se relacionando também com os escritos dos letrados luso-brasileiros.

### **3.2 NOS HORIZONTES DE RECEPÇÕES TRANSATLÂNTICAS: A TESSITURA DA SÍNTESE DA UNIDADE ÉTNICA E POLÍTICA DO IMPÉRIO**

Foi somente no terceiro volume da *História do Brasil*, publicado em 1819, que Southey argumentou sistematicamente sobre o estado presente desta nação, ratificando o sucesso dos portugueses ao lançarem os fundamentos civilizacionais nesta parte do Império. A produção desta síntese no terceiro volume da obra demonstra como o letrado procurou dialogar com os críticos, que não se limitavam ao público britânico. Nesta síntese, também teve a intenção de dialogar com os leitores luso-brasileiros, que viriam ter acesso ao último volume. Este envolvimento com os escritos dos letrados luso-brasileiros era de fundamental importância para Southey, que tinha a intenção de eternizar seu livro entre letrados britânicos e luso-brasileiros ao mesmo tempo. Diante desta possibilidade, Southey se entusiasmou com a intenção do seu colaborador Henry Koster (1793-1820) de traduzir a *História do Brasil* para o português. Para tanto, o letrado deu orientações para que a tradução fosse um grande sucesso em meio aos letrados residentes no Brasil e em Portugal.

Não tenha dúvidas que deverei ser muito grato por ver minha História do Brasil em uma tradução portuguesa, e muito mais, então, por ser isto um trabalho seu que se fosse de um estranho: - mas sou completamente incompetente para julgar o que você tem feito, nunca tendo escrito em português. É claro que você está consciente que isto requer algo mais que a correção verbal de um nativo; um grande negócio seria expurgar como herético, e não somente um pouco, as

liberdades políticas da obra. Ainda que o tom geral do trabalho seja muito em favor dos portugueses, pela longa atenção que tenho dado a sua história, e a naturalização intelectual em meio a eles que tem me dado sua literatura; - e quando as necessárias castrações forem feitas, nem o Governo nem o povo teriam motivo de serem ofendidos com a disposição do escritor.<sup>446</sup>

Os conselhos dados a Koster refletia o conhecimento prévio do letrado sobre o que era permitido ser publicado pela censura em Portugal. Southey conheceu pessoalmente em sua segunda estadia no reino o censor régio João Guilherme Cristiano Müller (1752-1814) e se familiarizou com os pareceres do letrado às obras que eram impressas.<sup>447</sup> Talvez os conselhos dados a Koster já fosse uma reação do letrado britânico à recepção dos seus próprios escritos. Em 1814, o próprio Müller, então secretário da Academia Real de Ciências, tornou pública sua tradução do texto *Extratos em Português e em Inglês, com as palavras propriamente acentuadas para facilitar o estudo daquela língua*, que apesar do título em português foi escrito por Southey em língua inglesa e publicado na *Quarterly Review*, em 1809. Müller intitulou o texto de *Memória sobre Literatura Portuguesa*, acrescentou uma advertência preliminar e inúmeras notas de fim, nas quais criticou com veemência as enunciações do autor britânico que não fora identificado. Apesar da versão em português do texto ter sido publicada somente em 1814, já em 1810, Müller leu a tradução em seção da Academia. Na *Advertência Preliminar*, apesar de Müller reconhecer que o autor da memória teve a intenção de “inculcar melhor conceito em seus compatriotas sobre o merecimento da Literatura Portuguesa”, afirma que este realizou apenas um “resumo de livros”, tornando necessário que um “compilador de melhor gosto e de maiores conhecimentos” se ocupasse com a literatura de Portugal, sendo oportuno os acadêmicos “publicar[em]

---

<sup>446</sup> SOUTHEY, Robert. “Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster (Anos de 1804 a 1819)”. **RIHGB**. Volume 178. Janeiro e Março, 1943, pp. 33-90, p. 46 [1815]. “You need not doubt that I should be much gratified by seeing my Hist. of Brazil in a Portuguese translation, and much more so by its being your work than if it were that of a stranger: - but I am altogether incompetent to judge of what you have done, never having written in Portuguese. You are of course aware that it would require something more than verbal correction from a native; a great deal would be expunged as heretical, and not a little on the score of its political freedom. Still the general tone of the work is much in favour of the Portuguese, for the long attention which I have given to their history and the whole of their literature has given me a sort of intellectual naturalization among them; - and when the needful castrations were made, neither the Government nor the people would have cause to be offended with the disposition of the writer”.

<sup>447</sup> SOUTHEY, Robert. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838**. Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Clarendon Press, 1960, p. 139-140 [1800]. “I obtain access through one of the censors of books here, an ex-German divine, who enlisted in the Catholic service, professing the one faith with the same sincerity that preached the other, - a strong-headed, learned and laborious man, curious enough to preserve his authoritative reviews of all that is permitted to be printed or sold in Portugal. These reviews I have seen, and by this means become acquainted with what is not brought to light”.

suas próprias reflexões e parecer sobre o assunto”.<sup>448</sup> Críticas semelhantes foram enunciadas no periódico *Investigador Português*, impresso na Inglaterra, que em 1815 minimizou os méritos de Southey no tocante à composição da *História do Brasil*:

[...] não podemos ver sem desgosto, que depois do estabelecimento da sede da Monarquia Portuguesa no Brasil fosse Mawe, um estrangeiro, o primeiro que publicou as suas viagens no interior do Brasil; e Robert Southey a História do Brasil, formalizada sobre os escritos portugueses do Padre Anchieta, Vasconcelos, Almeida, e dos Jesuítas Muriel, Montoja, & etc. Não era mais glorioso aos portugueses, que aparecessem aqueles trabalhos e história compostos por um nacional? Aos portugueses pertence a glória de fazer conhecer no mundo as vastas capitanias, que compõe o extenso Império do Brasil.<sup>449</sup>

Tanto Müller quanto o *Investigador Português* reconheceram a familiaridade de Southey com a literatura portuguesa e a dignidade dos seus empreendimentos, no entanto, não deixaram de apontar a falta de gosto do letrado, concebido como um mero sistematizador de crônicas. Para além de questões concernentes aos âmbitos da estética e da erudição,<sup>450</sup> as recensões de Müller foram motivadas pelas críticas de Southey à atuação da Inquisição na censura de livros em Portugal. Em contraposição, Müller se esforçou para demonstrar em nota como a Inquisição não se opunha à tolerância em vigor nas nações civilizadas e como a censura, por sua vez contemporaneamente submetida à tutela do Estado, se comprometia em ilustrar a sociedade, pois ao invés de

---

<sup>448</sup> MÜLLER, João Guilherme Cristiano. “Advertência Preliminar”. In\_\_ SOUTHEY, Robert. **Memória sobre Literatura Portuguesa**. Traduzida do Inglês com notas ilustradoras do texto. MÜLLER, João Guilherme Cristiano (Ed.). 1814.

<sup>449</sup> **O Investigador Português em Inglaterra**, ou Jornal Literário, Político, &c. Vol. XII. Londres: Impresso e Publicado por T. C. Hansard, Na Oficina do Investigador Português, Peterboro-court, Fleet-street., 1815, p. 374. No *Correio Brasiliense* Hipólito da Costa foi ainda um pouco mais severo ao acusar os historiadores ingleses e franceses de “viciar pela ignorância da língua” os manuscritos. Provavelmente, Hipólito se remetia às obras de Southey e Beauchamp. COSTA, Hipólito da. “Mapa Geográfico, Histórico e Mercantil”. In.: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Vol. XX. Impresso por L. Thompson, Na Oficina do Correio Brasiliense, Great St. Helens, Bishopsgate Street, 1818, pp. 68-70, p. 70. Deve-se destacar que Hipólito da Costa enunciou em 1816 no periódico seu interesse de compor uma *História do Brasil*, o que o levou solicitar o auxílio do público leitor na coleta de manuscritos. COSTA, Hipólito da. “História do Brasil: Anúncio ao Público”. In.: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Vol. XVII. Londres: impresso por W. Lewis, na Oficina do Correio Brasiliense, St. John Square, Clerkenwell., Julho/ 1816, pp. 300-301.

<sup>450</sup> Deve-se ressaltar a relativa autonomia estética das críticas dos letrados portugueses à Southey, em especial, as empreendidas por Müller em nota, que se esforçou em demonstrar mais erudição e um gosto superior ao letrado britânico. Esta autonomia estética no âmbito da Academia é reiterada pelo comentário à tradução de Müller em seu elogio histórico feito por Francisco Manuel Trigozo de Aragão Morato: “Este Ensaio, que entre muitas reflexões assinadas sobre o merecimento dos nossos Clássicos, tanto Poetas como Prosadores, contém cousas muito pouco exatas, e algumas demasiadamente pueris, como é a preferencia que da entre os Poemas Portugueses ao do Vieira Lusitano, não merecia a honra de ser traduzido por um sábio, que bem estava capacitado da imperfeição daquela Obra [...]”. D’ ARAGÃO MORATO, Francisco Manoel Trigozo. “Elogio Histórico de João Guilherme Christiano Müller”. In\_\_ **História e Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa**. Tomo IV. Parte II. Lisboa. Tipografia da Academia, 1816, pp. 57-79, p. 74-75.

proibir os livros, apontavam para os leitores os equívocos dos mesmos.<sup>451</sup> Perante o conhecimento prévio a este tipo de crítica empreendida na cultura histórica lusófona, Southey não poderia deixar de aconselhar Koster a editar os excessos da obra, no entanto, o letrado se esmerou já na versão original em compor uma macronarrativa sobre a formação do Brasil favorável à atuação colonizadora dos portugueses. Ora, mesmo sendo impossível nutrir simpatia pelas ações bárbaras perpetradas pelos portugueses no passado, muitos foram os acertos que se faziam dignos de serem narrados para servirem de exemplos para as nações dedicadas às empresas colonizadoras. Dessa forma, tendo em vista o caráter favorável da obra, Southey esperava ser reconhecido contemporaneamente pelos letrados membros da Academia Real de Ciências de Lisboa, assim como fora pela Academia de Madri. Em carta para Walter Scott datada de 24 de dezembro de 1814, escreve: “Sou muito agradecido pelos cumprimentos que a Academia [de Madri] tem me dado e se a Academia de Lisboa seguisse este exemplo, eu não desejava outro marco de honra literária”.<sup>452</sup>

O reconhecimento alcançado pela elevação ao posto de poeta Laureado em 1813, conseguido a partir de uma indicação de Walter Scott, não era o suficiente para Southey, tendo em vista o seu desafio de eternizar o seu nome na literatura de outras nações. A importância do posto de poeta laureado residia fundamentalmente na necessidade pragmática de superar as dificuldades financeiras advindas do sustento de uma família numerosa, sendo a sua maior ambição ser eternamente lembrado pela composição da monumental *História de Portugal*.<sup>453</sup> Sendo assim, deve-se considerar

---

<sup>451</sup> SOUTHEY, Robert. **Memória sobre Literatura Portuguesa**. Traduzida do Inglês com notas ilustradoras do texto. MÜLLER, João Guilherme Cristiano (Ed.). 1814, p. 98-99. A mesma atitude teve Antonio de Moraes Silva na tradução da *História de Portugal composta em Inglês por uma Sociedade de Literatos*. No prefácio e em notas de rodapé o tradutor procurou demonstrar como a Inquisição após o reinado de Dom José com o estabelecimento do novo Regulamento não cometia as mesmas barbaridades do passado. Moraes Silva ainda enfatiza o fato de contemporaneamente a censura ser exercida pelo Tribunal da Mesa Censória. **História de Portugal composta em inglês por uma sociedade de literatos**. Traduzida em vulgar com as adições da versão francesa e notas do tradutor português, Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Vol. III. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1788, p.36-37. Para um aprofundamento na questão Cf. ABREU, Márcia. “O Controle à Publicação de Livros nos Séculos XVIII e XIX: uma outra visão da censura”. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 4, Ano IV, Nº 4, Out/ Nov/ Dez, 2007, pp. 1-12.

<sup>452</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. IV. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 97 [1814]. “I am much gratified by the compliment the Academy have paid me, and if the Lisbon Academy should follow the example, I should desire no other mark of literary honour”.

<sup>453</sup> Id., 1850, p. 111 [1815]. “As a poet I know where I have fallen short; and did I consult only my own feelings, it is probable that I should write poetry no more, - not as being contented with what I have done, but as knowing that I can hope to do nothing better. I might were my whole heart and mind given to it, as they were in youth; but they are no longer at my disposal. As an historian I shall come nearer my mark. For thorough research, indeed, and range of materials, I do not believe that the History of Portugal will



que a escrita da *História do Brasil* foi impulsionada pelo sua intenção de alcançar um reconhecimento literário cosmopolita, o que em grande medida explica o seu descontentamento com a atitude dos acadêmicos portugueses.

Southey não mediu esforços para demonstrar na *História do Brasil* o quanto a unidade do Império português era viável tanto em dimensões étnicas quanto políticas. No segundo volume da obra, publicado em 1817, demonstrou com vagar e detalhes como a unidade do Império português era viável etnicamente. Narrou como a formação de um povo mestiço, identificado com a herança étnica portuguesa, foi fundamental para que os holandeses no século XVII não se apoderassem de uma grande porção de território no nordeste do Brasil. Southey expõe que os holandeses fixados no Brasil eram razoavelmente tolerantes com relação à liberdade de culto dos colonos, no entanto, eles eram tidos como senhores cruéis pelos povos mestiços, que, por sua vez, não tinham fortes laços de pertencimento étnico com estes colonizadores.<sup>454</sup> Mesmo sendo a Holanda uma nação concebida como mais desenvolvida no tocante à administração dos engenhos e comercialização do açúcar, Southey expõe a incapacidade dos colonizadores holandeses de promover o desenvolvimento conjunto das suas províncias no nordeste, já que estes além de cruéis e avaros pouco se misturavam com as populações nativas. Assim, se o maior desenvolvimento do comércio possibilitou à Holanda tornar-se uma nação poderosa em meio às demais da Europa, da mesma forma, a avidez pelo lucro foi decisiva para que este povo sucumbisse à avareza e crueldade, impossibilitando a manutenção das colônias no Brasil.<sup>455</sup> Em contrapartida ao caso holandês, a condição bárbara e semibárbara dos portugueses e a miscigenação com as populações nativas foram valorizadas como elementos fundamentais para a manutenção do território e sucesso da empresa colonial.<sup>456</sup>

---

ever have been surpassed”. Nesse sentido, discordo de Dias, que afirma ter Southey se tornado historiador por ser um poeta frustrado. DIAS, Maria Odila da Silva. **O Fardo do Homem Branco**: Southey, historiador do Brasil (um estudo dos valores ideológicos do império do comércio livre). São Paulo: CNN, 1974, p. 32, 39.

<sup>454</sup> SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**. Part the Second. London: Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1817, p. 122, 123, 129 e 130.

<sup>455</sup> Id., 1817, p. 227.

<sup>456</sup> Southey encerra a narrativa da guerra entre os povos do Brasil e os holandeses atestando a possibilidade eminente de fragmentação do Império português. Contudo, o letrado britânico ratifica a importância do legado étnico de Portugal para a formação do Brasil: “[...] the recovery of Pernambuco has left Portugal in undisputed possession of one of the most extensive and highly-favoured regions of the globe; .. na empire which under every imaginable circumstance of misgovernment has continued to advance in population and in industry, which is now rapidly progressive, and which, whatever revolutions it may be destined to undergo, will remain the patrimony of a Portuguese people, speaking the language of Fernam Lopes, of Barros, of Camões, and Vieyra”. Id., 1817, p. 250. Dias expõe com propriedade como Southey relacionou o sucesso da empresa colonial portuguesa ao baixo nível civilizacional,

A tessitura de laços étnicos no passado era fundamental para que no presente a unidade política do Império fosse mantida. Este tomo da *História do Brasil* foi publicado no mesmo ano do desencadeamento da Revolução Pernambucana, de 1817. O letrado afirmou em carta para Koster, que assim como todas as colônias esta província tinha uma tendência ao republicanismo <sup>457</sup>, porém, via como necessário a pátria mãe restituir a unidade do Império e evitar as indesejáveis Revoluções.<sup>458</sup> A manutenção da unidade do Império fazia-se necessária para que no futuro a sua obra fosse eternizada como a de Heródoto fora em meio aos europeus.<sup>459</sup> Southey não esperava lucro ou fama imediata com a publicação desta obra, prevendo a propósito da publicação do último tomo que este se “moveria quietamente dos publicadores para certo número de bibliotecas privadas, o suficiente para pagar as despesas com a publicação”.<sup>460</sup> Em carta para o amigo Chauncey Townshend escreve que talvez umas vinte pessoas na Inglaterra e uma meia dúzia em Portugal e Brasil leriam a obra. No entanto, ela estava “destinada a não perecer”, pois seria reconhecida futuramente em uma “poderosa nação” situada no “coração da América do Sul” <sup>461</sup>, o que demandava o comprometimento em sua macronarrativa de formação de demonstrar como a unidade do Brasil e do Império português era viável tanto em suas dimensões étnicas quanto políticas.

Deve-se considerar que a *História do Brasil* foi escrita em estreita conexão com os debates políticos e historiográficos promovidos pelo reformismo luso-brasileiro. Frente à perda da naturalidade da unidade do Império com o desencadeamento da Independência das colônias na América do Norte, letrados e estadistas luso-brasileiros

---

explorando as cartas privadas do letrado. Nesse sentido: “Para Southey, nenhum povo europeu soubera adaptar-se tão bem ao meio ambiente dos trópicos e embora fosse elevado o preço que pagavam, o dinamismo e a atividade dos portugueses parecia incomparável: ‘Vejo males prodigiosos nas conquistas portuguesas e conseqüentemente um atraso bárbaro de civilização; mas talvez justamente por isso, é que se tornou possível a sobrevivência da sociedade nos primeiros tempos’” DIAS, Maria Odila da Silva. **O Fardo do Homem Branco**: Southey, historiador do Brasil. São Paulo: CEN, 1974, p. 200. Para um aprofundamento nesta questão Cf. HUMPREYS, R. A. **Robert Southey and His History Of Brazil**. London, 1978, p. 15.

<sup>457</sup> Neste particular, o letrado afirma para Koster: “The better I become acquainted with colonial history, the more clearly I perceive the natural tendency of all colonies toward Republicanism”. SOUTHEY, Robert. “Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster (Anos de 1804 a 1819)”. **RIHGB**. Volume 178. Janeiro e Março, 1943, pp. 33-90, p. 45 [1815].

<sup>458</sup> Id., 1943, p. 55-56 [s/d]. “That South America war is of such a nature, that we might wish it terminated in any way, but were I to choose the way, it would be by reestablish the authority of the Mother Country: we are sure that old evils would be mitigate, if not removed entirely, and God knows the world wants no more examples of successful Revolution. Let us keep things quiet, and more good will be done in the next half century than has ever been accomplished in an equal number of years”.

<sup>459</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. IV. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 353 [1819].

<sup>460</sup> Id., 1850, p. 353 [1819].

<sup>461</sup> Idem.

como José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821) predicavam em seus ensaios a necessidade do estabelecimento de relações de harmonia e complementariedade entre as partes do Império.<sup>462</sup> A obra *Ensaio económico sobre o comércio de Portugal e suas colónias* de Azeredo Coutinho, publicada em 1794, foi traduzida inúmeras vezes para a língua inglesa, especificamente nos anos de 1801, 1807 e 1808. Partindo do reconhecimento da fragilidade e da decadência do reino de Portugal e das ameaças de sua anexação pela Espanha, Azeredo Coutinho analisa como a força desta nação residia no desenvolvimento conjunto e harmônico do Império. Através desta perspectiva cara aos membros da Academia Real de Ciências de Lisboa, as colônias e seus habitantes não poderiam ser oprimidos pela metrópole. Nesse sentido, Azeredo Coutinho argumenta sobre a necessidade da civilização dos indígenas e desenvolvimento em conjunto das relações comerciais entre as partes do Império, o que viabilizava a colônia ser até mesmo credora da metrópole.<sup>463</sup> O próprio Southey resenhou uma destas traduções no periódico *Critical Review*, em 1803. Segundo ele, “o valor e importância dos Brasis é muito considerável; sendo que a mais ilustrada e liberal política dita todo o conselho do autor”.<sup>464</sup> O resenhista da *Monthly Magazine* também destacou a capacidade do letrado luso-brasileiro: “talvez crie alguma surpresa no leitor, encontrar um Bispo português, um residente dos Brasis, enunciar a inteligência e a filosofia manifestada neste volume”.<sup>465</sup>

Como um especialista nas questões concernentes a Portugal, Southey conferiu legitimidade à potencialidade dos estadistas e letrados contemporâneos luso-brasileiros predicarem o estabelecimento de relações harmônicas entre a metrópole e suas colônias e dessa forma promoverem o progresso conjunto do Império. No entanto, com a transferência da Corte em 1807, multiplicaram-se os escritos no âmbito do reformismo luso-brasileiro que argumentavam sobre a necessidade dos projetos de regeneração do Império partir do seu novo centro, o Brasil. Como Valdei Araujo e Bruno Silva demonstram através dos escritos de José Bonifácio e de José da Silva Lisboa, estes

---

<sup>462</sup> Para o aprofundamento desta questão Cf. SILVA, Ana Rosa Clochet. **Inventando a Nação: Intelectuais e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822)**. Hucitec: São Paulo, 2006.

<sup>463</sup> AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha. **Ensaio Económico sobre o Comércio de Portugal e suas Colónias**. Lisboa: Oficina da Academia, 1794, *passim*.

<sup>464</sup> SOUTHEY, Robert. “A political Essay of Commerce of Portugal and her colonies, particularly of Brazil in South America”. In: **The Critical Review, or annals of Literature; extended and improved**. London: Printed by and for S. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1803, p. 226.

<sup>465</sup> **The Monthly Review; or Literary Journal, Enlarged**: from May to August, inclusive. London: For R. Griffiths; and sold by T. Becket, in Pall Mall, 1803, p. 425.

projetos de regeneração centrados no Brasil contrapunham a superioridade do novo centro do Império à decadência histórica à qual o reino de Portugal estava submetido.<sup>466</sup> Como um leitor dos periódicos de emigração como o *Correio Brasiliense* e o *Investigador Português*, estes projetos de regeneração que conferiam centralidade ao Brasil não escaparam a Southey.<sup>467</sup>

Como já mencionado, em 1797, o letrado publicou em língua inglesa uma edição de um manuscrito inédito do ministro português Dom Luis da Cunha (1662-1749), no qual este estadista, ao apresentar a decadência de Portugal, expunha que a única solução para a manutenção da sua soberania frente aos anseios de conquista da Espanha era a fundação do “Império do Oeste” no Brasil. Em 1808, este texto foi publicado novamente como apêndice na terceira edição das *Letters Written During a Journey in Spain and a Short Residence Portugal*, devido a sua flagrante atualidade com a efetivação da transferência da Corte para o Brasil. A questão para Dom Luis da Cunha no manuscrito traduzido era clara: “Portugal necessita do Brasil, mas o Brasil não necessita de Portugal”. Logo, o Brasil deveria ser o centro do “Império do Oeste”, o “porto do mundo”.<sup>468</sup> Longos trechos desse manuscrito também foram citados no terceiro volume da *História do Brasil* em nota de rodapé.<sup>469</sup> Dessa forma, por mais que Southey não estivesse engajado diretamente nos projetos políticos e historiográficos do reformismo luso-brasileiro que predicavam a regeneração do Império a partir do Brasil, a sua obra tanto foi concebida enredada nestes debates como também os fomentou. Portanto, ao se inserir em um circuito de circulação dinâmica de textos de letrados luso-brasileiros contemporâneos, Southey não poderia deixar de expor para Koster que em grande medida a sua obra era “muito em favor dos portugueses, pela longa atenção que

---

<sup>466</sup> Cf. ARAUJO, Valdei Lopes. **A Experiência do Tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Hucitec, 2008. Cf. SILVA, Bruno Diniz. **Da Restauração à Regeneração: Linguagens políticas em José da Silva Lisboa (1808-1830)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.

<sup>467</sup> No catálogo da parte ibérica da biblioteca de Southey publicado pela RIHGB consta que o letrado tinha à disposição 29 volumes do *Correio Brasiliense* e 23 volumes do *Investigador Português*. “Catalogue of the Spanish and Portuguese portion of the library of the late Robert Southey, Esq., LL. D., Poet Laureate”. In: **RIHGB**. Rio de Janeiro: IHGB Referências: N. 178, pp. 91-154, jan./ mar. 1943.II.95, 113.

<sup>468</sup> SOUTHEY, Robert. “Appendix: On the State of Portugal”. In \_\_: **Letters Written During a Journey in Spain and a Short Residence Portugal**. London: Printed for Longman, Burst, Rees, And Orme, Paternoster-row, 1808, p. 236-300.

<sup>469</sup> SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**. Part the third. London: Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1819, p. 296-298. Para uma análise mais detida do conteúdo do manuscrito confira a seção *Nos horizontes da linguagem da polidez: a recepção de Southey e William Costigan* no capítulo 1.

tenho dado a sua história, e a naturalização intelectual em meio a eles que tem me dado sua literatura”.

Ora, tendo em vista esta familiaridade com as demandas político-historiográficas em vigor no campo discursivo luso-brasileiro, o segundo tomo da *História do Brasil* foi elogiado pelo *Investigador Português*, em 1818, em um artigo crítico às raízes históricas do despotismo exercido por Portugal no Brasil. Segundo este periódico, a superação do despotismo poderia se dar a partir da harmonização do poder absoluto do rei com as Cortes, que existiram no passado da nação.<sup>470</sup> O equilíbrio destas instâncias possibilitaria que a Monarquia, a partir do seu centro no Brasil, regenerasse todo o Império. Perante a decadência de Portugal e o potencial de progresso do Brasil, o periódico argumentava sobre a necessidade de o Monarca prover o desenvolvimento da então sede do Império para que fosse possível a manutenção da sua unidade. Para tanto, tornava-se necessário superar um passado de abusos e opressão colonial e restaurar antigos princípios legais que possibilitaram Portugal se tornar uma grande nação.<sup>471</sup>

Dentro deste projeto ambivalente de simultânea correção do passado colonial e restauração de boas leis antigas, a obra de Southey foi avaliada positivamente. No artigo intitulado *Reino do Brasil*, o *Investigador Português* aborda o estabelecimento do correio entre as cidades de São Paulo e a Vila de Porto Alegre, e destaca que isto “é uma nova prova do aumento progressivo de civilização e comodidades que vai tendo aquela extensa parte da Monarquia Portuguesa”.<sup>472</sup> Para o periódico, tornava-se

---

<sup>470</sup> Segundo Valdei Lopes de Araujo, o letrado português José Liberato Freire de Carvalho, um dos editores do *Investigador Português*, assim como seu rival Hipólito da Costa, se inspiravam no historiador romano Tácito para criticarem o despotismo ao qual o governo de Portugal sucumbiu. Segundo Araujo, ao empregarem a linguagem político-historiográfica tacitista, estes letrados não apontavam a impossibilidade da harmonia entre o poder monárquico absoluto e a existência de Cortes e Parlamentos: “O absolutismo do poder real não seria incompatível com a existência de Cortes e Parlamentos, a sua degeneração em despotismo aconteceria quando os aduladores e os ambiciosos insuflariam no monarca ideia de um poder ilimitado”. ARAUJO, Valdei Lopes. “A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos anais”. *Estudos Ibero-Americanos*, PUCRS, v. 36, n. 2, p. 343-365, jul./dez. 2010.

<sup>471</sup> Através da recepção da obra *Histoire du Brésil* do historiador francês Alphonse Beauchamp, publicada em 1815, em um artigo publicado no *Investigador Português* em dezembro do mesmo ano, Bruno Medeiros demonstra como os elogios a esta obra se fundamentavam no fato do Brasil passar “a ser considerado como um lugar privilegiado para os planos de uma regeneração e restauração do passado glorioso de Portugal: desde então passava a representar a sede da monarquia portuguesa ressuscitada”. Esta obra foi traduzida posteriormente e publicada em Portugal em 1817. Deve-se ressaltar que Southey acusou Beauchamp de plágio, o que atesta o enredamento destes letrados nos debates promovidos pelo reformismo luso-brasileiro. MEDEIROS, Bruno Franco. “Leituras do passado colonial americano na crise dos impérios ibéricos: do Império Português ao Império do Brasil”. In: **Plagiário à maneira de todos os historiadores**: Alphonse Beauchamp e a escrita da história na França nas primeiras décadas do século XIX. Dissertação de Mestrado: USP, 2011, p. 46-84, p. 56.

<sup>472</sup> **O Investigador Português em Inglaterra**, ou Jornal Literário, Político, &c. Volume XXI. London: Impresso por T.C. Hansard, Na Oficina Portuguesa, Peterborough-court, Fleet-street, 1818, p. 245.

fundamental destacar o quanto “tem ganhado os brasileiros com a elevação do trono dentro de seus territórios”, o que possibilitava que eles também “abençoem o Reinado e o Monarca de quem tem recebido e vão recebendo tamanhos dons, e tão proveitosos benefícios”.<sup>473</sup> A articulação da comunicação interna no Brasil seria benéfica para todo o Império ao possibilitar a integração de todas as províncias com a sede da Corte, pois “sem comunicações internas mui regulares e mui fáceis não há corpo político”, apenas “membros dispersos e truncados, quase estranhos ao centro comum para cuja vitalidade estão fisicamente impossibilitados de concorrer”.<sup>474</sup> Segundo o periódico, os povos no Brasil deviam ser “como nobres filhos e esteios do trono e da pátria, e ser governados com aquela doçura, retidão e justiça, que tem direito todo homem de bem, e todo o honrado cidadão”.<sup>475</sup> Isto se fazia necessário porque “até agora” poucas tinham sido as “atrocidades e injustiças” que não haviam sido cometidas por muitos dos Governadores Gerais no Brasil. Dessa forma, ao se propor a pregar soluções, o periódico realiza uma interlocução com a *História do Brasil* e com a *Quartely Review*:

Porém que se há de fazer dirá muita gente? Nem o Rei nem o governo aprova tais injustiças – É verdade; contudo elas existem e tem existido de fato. Todo o mal vem por conseguinte da não execução das leis, que arbitrariamente são violadas por todos os poderosos, e pela maior parte dos empregados públicos. Estes que unicamente deviam ser executores das leis, arvoram-se em Legisladores; e como ninguém lhes toma contas, ou quem lhes toma tem tão pouca responsabilidade como eles, tudo a final acaba em negócio de *compadres*, e as coisas vão de mal a pior. Lendo há poucos dias o Jornal Inglez – *the Quartely Review*, No. 35, publicado em fevereiro de 1818, achamos na parte em que ele faz a análise do 2º Vol. Da História do Brazil, ultimamente publicado por Mr. Southey, uma sentença que nos parece resolve completamente o problema que acabamos de propor. Mr. Southey, mencionando qual era o grau de liberdade de que gozava o povo Português quando depois da Revolução de 1640 batia os Espanhóis na Europa e os Holandeses no Brasil, conclui com a máxima seguinte, que resolve, como já dissemos, o nosso problema. – *Portugal e o Brasil, para obterem alívio das suas enfermidades públicas, só precisam tirar do pó e do entulho, por assim dizer, dos abusos as suas sábias leis, e antigas liberdades, que debaixo deles se acham sufocadas.*<sup>476</sup>

Dando sequência com a reflexão apresentada na *Quartely Review*, o *Investigador Português* cita um trecho no qual expressou a maior facilidade de se destruir uma “máquina enferrujada” do que concertá-la. Esta situação era perigosa, pois poderia levar a extremos exercidos por “duas classes de indivíduos”, isto é, “daqueles

---

<sup>473</sup> Id., 1818, p. 246.

<sup>474</sup> Id., 1818, p. 247.

<sup>475</sup> Id., 1818, p. 248.

<sup>476</sup> Id., 1818, p. 248-249.

que vivem e engordão a custa destes abusos, abrigados nos centros das ruínas, que eles causão”, ou daqueles “inovadores, que nunca gostam de remendos, e só de obra nova”.<sup>477</sup> Esta ocasião tornava oportuno que o Rei ou o seu Ministério, para o “bem do seu povo”, “restabelecesse e confirmasse o seu antigo poder legislativo, renovando-lhe simplesmente as antigas formas, e destruindo todos os modernos, e bem modernos, abusos”.<sup>478</sup> Esta reforma, apesar de desejada, era difícil de ser orquestrada com sucesso, no entanto, o mais importante para Portugal e o Brasil era evitar “a maior das desgraças”, isto é, “a renovação de revoluções, como as ultimamente principiadas”.<sup>479</sup> O *Investigador Português* deu total crédito ao resenhista da *Quartely Review* na esteira da sua apreciação da *História do Brasil*, pois as “instituições humanas envelhecem como os edifícios” e devem ser concertadas para “não caírem em ruína total”.<sup>480</sup> Estas verdades só poderiam ser negadas pelos homens que manejavam um “poder arbitrário”, visando “prosperarem à custa da miséria e servidão pública”, sendo assim, o periódico conclui a reflexão:

[...] se nossas instituições merecem reforma, não destruamos o edifício, mas reformemo-lo pelo modelo antigo, sim esse modelo com que nasceu a Monarquia, com que foi o terror d’ África e d’ Ásia, e se emancipou de sessenta anos de dura escravidão Espanhola! Pouco importam geralmente aos homens as abstratas ideias políticas, quando eles gozão de uma racional liberdade civil, isto é, de uma plena segurança de pessoas e bens. Mas esta segurança é necessária, particularmente no século presente, em que todo o mundo já sabe que nenhum homem tem direito sobre o outro homem senão em virtude de uma lei ou de uma Convenção. E quem nos dará esta segurança? Nossas antigas leis, como bem o ponderou Mr. Southey, e o seu comentador o *Quartely Review*.<sup>481</sup>

O que se evidencia com esta recepção do segundo tomo da *História do Brasil* no *Investigador Português* é que o despotismo que Portugal submeteu o Brasil, um efeito da decadência histórica do reino, não poderia ficar isento de críticas e correção. As revoluções acontecidas em outras partes da América descortinavam a possibilidade de fragmentação do Império. Assim, a permanência da unidade se condicionava à necessidade de se regenerar as boas leis que vigoraram no passado de Portugal a partir da nova sede do Império no Brasil. Os princípios negativos de um passado de opressão deveriam ser expurgados, porém, a herança positiva contida nas leis antigas que

---

<sup>477</sup> Id., 1818, p. 249.

<sup>478</sup> Idem.

<sup>479</sup> Id., 1818, p. 250.

<sup>480</sup> Idem.

<sup>481</sup> Id., 1818, p. 250-251.

possibilitaram o surgimento da Monarquia lusa era passível de regeneração a partir do Brasil.

Southey se valeu desta circulação dinâmica de escritos comprometidos com a tessitura de relações harmônicas entre as partes do Império e de sua regeneração a partir do Brasil para compor uma síntese sobre o estado presente desta nação no último capítulo da sua história. Esta síntese foi cobrada pelos periódicos britânicos desde o primeiro volume da *História do Brasil*, no entanto, somente em 1819 o letrado a publicaria, especificamente no último capítulo da obra *View of the State of Brazil*. Neste capítulo, demonstrou sua familiaridade com a bibliografia contemporânea produzida pelos letrados luso-brasileiros, sendo abundantes as referências às memórias dos membros da Academia Real de Ciências de Lisboa, à obra *Corografia Brasílica* do padre Ayres de Casal e periódicos como o *Jornal de Coimbra*, o *Investigador Português*, o *Correio Brasiliense* e o *Patriota*. Ele tinha a intenção de demonstrar como a unidade do Império era viável em suas dimensões étnicas e políticas. Apesar de reprovar a conduta dos portugueses no passado, avaliava positivamente a capacidade destes de promoverem a miscigenação dos povos e de, no presente, após a mudança da Corte para o Brasil, colocar um fim à opressão colonial.

A intenção de Southey foi demonstrar como o Brasil seria eternamente a herança de Portugal, nação que “realizou grandes feitos, em proporção dos seus meios”, levando em consideração ser o “menor Reino da Europa”. A pequenez de Portugal e a grandeza de seus domínios na América fazia Southey considerar que em “qualquer mudança que possa vir acontecer, o Brasil será sempre a herança de um povo português”. O horizonte de expectativas para a fragmentação do Império estava aberto, porém, a unidade se tornava viável e passível de ser projetada no futuro. Southey expõe que em 1808, com a chegada da Corte, as diferenças entre os costumes das inúmeras regiões eram muitas, no entanto, era incontestável que o “o povo era português em toda parte, na linguagem e nos sentimentos, sendo inexistentes as animosidades provinciais”. Estas enunciações constituem o primeiro parágrafo do último capítulo da *História do Brasil*, no qual a unidade do Império português foi assegurada com a certificação do grande “progresso geral” realizado no “século precedente”, apesar das “muitas causas contrárias”.<sup>482</sup>

As “causas contrárias” expressam a tonalidade da ambivalência em vigor em toda obra, pois, para Southey, mesmo sendo muitos os equívocos da bárbara política

---

<sup>482</sup> SOUTHEY, Robert. **History of Brazil**. Part the Third. London: Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1819, p. 696.



colonial portuguesa, o Brasil se encontrava pronto para se transformar em uma grande nação. Um grande equívoco do Governo português teria sido cometido por Pombal, que expulsou os jesuítas, responsáveis por humanizar os nativos com o ensino das letras e fixação destes a terra. O erro de Pombal foi acreditar que os indígenas estavam prontos para se tornarem “elegíveis para todos os ofícios e empreendimentos”. Segundo Southey, o Governo Português antecipou “os sentimentos de tempos melhores”, no entanto, os índios não estavam em condições de receberem este “benefício”. O “processo intermediário” precedente à emancipação previsto nas provisões de Pombal foi negligenciado, pois os índios “eram pouco competentes para agirem por si mesmos”. Foram abandonados à tutela de “Diretores tiranos”, que corromperam sua “moral” e seu “espírito”, tornando-os mais “ignorantes” e “degradados”. Isto tornava reprovável a medida de Pombal, pois “nenhuma mudança pode ser produzida por um mero ato de emancipação, ao menos que o Governo possa obrar milagres e realizar o fim desejável, dispensando os meios”.<sup>483</sup>

A crítica de Southey visava demonstrar que a expulsão dos jesuítas era uma causa contrária à civilização do Brasil, no entanto, a barbaridade e a selvageria em meio a sertanejos e indígenas era “confrontada pela civilizadora influência do comércio, que se estendia rapidamente por todas as partes”.<sup>484</sup> Esta força do comércio se opunha às dispersões provocadas por povos em “estágios curiosos”, que não possuíam “paralelos” na “história do Velho Mundo”, pois a tendência era em direção à “desagregação”, proveniente da “independência selvagem”, em contraposição às formações de clãs de guerreiros ligados à terra como acontecido no passado das nações europeias.<sup>485</sup> Todavia, os índios iam reduzindo por todas as partes do Sertão ao começarem a “entender a superioridade dos portugueses”.<sup>486</sup> Nesse sentido, Southey expõe:

Um tempo está rapidamente se aproximando quando todas as tribos do Brasil serão englobadas. Para qualquer lado que os índios olham, eles veem o português, não como um invasor e perseguidor, mas como um povo enraizado no país de uma época além da memória do homem selvagem, e já não mais os caçando como escravos, mas convidando-os a partilharem a terra como irmãos, e participarem nas vantagens e confortos de uma vida segura e estável. Abominável como a conduta dos portugueses foram em muitos aspectos no que tange aos nativos por aproximadamente dois séculos, as visões do Governo tem sido a muito tempo política e ilustrada, porque eles estão em estrita conformidade com a justiça, e tem um sentimento religioso para o princípio. Qualquer coisa poderia ser pensada da doação do Papa Alexandre, e do direto

---

<sup>483</sup> Id., 1819, p. 761-762.

<sup>484</sup> Id., 1819, p. 773.

<sup>485</sup> Idem.

<sup>486</sup> Id., 1819, p. 805.

da descoberta, mas o presente sistema dos portugueses em relação aos índios é certo e humano; não existe hipocrisia em seus negócios. Nenhuma afetação de tratar com eles sobre termos iguais; nenhuma relação de barganha e venda, em que o simples e humilde é seduzido a sacrificar seu perpétuo interesse por algumas insignificantes gratificações. Os portugueses, como um povo civilizado e cristão, afirmaram uma superioridade, que os índios sentem e reconhecem: eles afirmam isto, não como pertencendo à sua casta e cor, nem ao direito de conquista, mas ao seu estado de conhecimento; e eles chamam os índios para darem instruções e tornarem membros livres da mesma comunidade sobre termos iguais. Se as guerras revolucionárias na América Hispânica devem ser prolongadas uns poucos anos, existe um perigo, que em muitos lugares os índios possam exterminar ambos os partidos. Mas no Brasil, se os brasileiros (que Deus em sua graça garanta!) escaparem ao curso da revolução, e o Governo, perseguindo as certas intenções, efetuar aquelas reformas que são tão fáceis como são essenciais, no curso de poucas gerações, todos os índios remanescentes virão ao abrigo da civilização, receber a fé dos portugueses, adotar sua linguagem e seus usos, e ser incorporados como um único povo.<sup>487</sup>

Para Southey, os erros de Pombal e de toda política colonial foram superados com a instalação da Corte no Brasil, em 1808. A força do comércio à qual o letrado fazia menção se consolidaria definitivamente com a abertura dos portos, o que colocou um fim aos “anais coloniais do Brasil”.<sup>488</sup> Muitos erros do passado se faziam presentes, no entanto, o Brasil se encontrava com plenas possibilidades de se tornar uma nação brevemente civilizada, pois a dispersão selvagem, a violência bárbara e semibárbara, e outras manifestações de maneiras e costumes singulares eram confrontadas pela força unificadora e civilizadora do comércio, que favorecia a integração e mistura dos povos. Portanto, no último capítulo da *História do Brasil*, sua intenção foi responder aos críticos que o consideravam um simples compilador de crônicas, demonstrando sua

---

<sup>487</sup> Id., 1819, p. 844-845. “A time was fast approaching when all tribes of Brazil would be thus circumstanced. On whatever side the Indians looked, they saw the Portuguese, not as invaders and persecutors, but as a people rooted in the country from an age beyond the memory of savage man, and no longer hunting them down as slaves, but inviting them to partake the land with them as brethren, and participate in the advantages and comforts of a secure and settled life. Abominable as the conduct of the Portuguese was in many respects toward the natives for nearly two centuries, the views of Government had long been politic and enlightened, because they were in strict conformity to justice, and had a religious feeling for the principle. Whatever may be thought of Pope Alexander’s donations, and the right of discovery, the present system of the Portuguese toward the Indians is upright and humane; there is no hypocrisy in their dealings; no affectation of treating with them upon equal terms; no transactions of bargain and sale, in which the simpler party is gulled to sacrifice its perpetual interests for some paltry gratification. The Portuguese, as a civilized and Cristian people, assert a superiority, which the Indians feel and acknowledge: they assert it, not as belonging to their cast and colour, nor to the right of conquest, but to their state of knowledge; and they call upon the Indians to receive instructions, and to become free members of the same community upon equal terms. If the revolutionary wars in Spanish America should be protracted a few years longer, there is a danger, that in many places the Indians may exterminate the remnant of both parties. But in Brazil, if the Brazilians (which God in his mercy grant!) escape the curse of revolution, and the Government, pursuing it upright intentions, effect those reforms which are as easy as they are essential, in the course of very few generations, all the remaining Indians will come within the pale of civilization, receive the faith of the Portuguese, adopt their language and their usages, and be incorporated with than as one people”.

<sup>488</sup> Id., 1819, p. 695.

capacidade de tecer a unidade do Império português através de um juízo filosófico capaz de conectar passado, presente e futuro em uma totalidade étnica e política. Apenas mediante esta síntese a *História do Brasil* demonstrava-se útil, pois pouca simpatia poderia ser depreendida das ações de bárbaros e selvagens, mas muita instrução poderia ser retirada de uma experiência colonizadora que, mesmo marcada por ambivalências, apresentava-se no presente prenhe de sucesso.

A ambivalência na avaliação filosófica geral da obra na conclusão fazia-se necessária, pois os erros empreendidos pelos portugueses no passado colonial eram passíveis de correção, mas não de uma negação completa ou esquecimento, tendo em vista a atuação decisiva deste povo para a miscigenação das populações e unidade presente das províncias na mesma totalidade Imperial. Com efeito, o estabelecimento da Corte do Brasil simbolizava o fim de um passado de opressão e a abertura para um futuro glorioso. Este futuro só poderia ser alcançado dentro de horizontes metanarrativos ambivalentes, que unia a necessidade de crítica da opressão colonial, a valorização da herança étnica portuguesa e a manutenção da unidade Imperial:

A grande restrição, sobre a qual o Brasil laborou, foi o monopólio do seu comércio, que a Pátria Mãe reclamou e forçou rigidamente. Este mal necessariamente cessou após a remoção da Corte; e outros males cessaram também. A imprensa foi introduzida: alguns erros da antiga política tem permanecido, e outros não sobreviverão por muito tempo. As queixas do povo podem facilmente ser remediadas; a abolição da escravidão seguirá a abolição do tráfico de escravos; os selvagens remanescentes rapidamente serão civilizados; e índios, negros, e portugueses, gradualmente se uniram em um povo, tendo por sua herança uma das mais finas porções da terra. Justas e gloriosas perspectivas estão diante deles, se eles escaparem ao curso da Revolução, que destruirá a felicidade de toda uma existente geração, trazendo a anarquia da guerra civil e terminando por dividir o país em um número de insignificantes e hostis estados, que teriam idades de derramamento de sangue e miséria para se submeter antes que pudessem se recuperar do estado de barbarismo em que eles fossem mergulhados. O Governo deve ser de fato cego, se não buscar o generoso sistema de uma política verdadeira, que somente pela qual esta maldição pode ser evitada.<sup>489</sup>

---

<sup>489</sup> Id., 1819, p. 878. The greatest restriction, under which Brazil labored, was the monopoly of its trade, which the Mother Country claimed and enforced so rigidly. That evil necessarily ceased upon the removal of the Court; and other evils will cease also. The press had been introduced: some errors of the old policy have been perceived, and others will not long survive them. The grievances of the people may easily be remedied; the abolition of slavery will follow the abolition of the slave trade; the remaining savages will soon be civilized; and Indians, Negroes, and Portuguese, gradually blended into one people, having for their inheritance one of the finest portions of the earth. Fair prospects, and glorious ones, are before them, if they escape the curse of Revolution, which would destroy the happiness of the whole existing generation, bring on anarchy and civil war, and end dividing the country into a number of petty and hostile states, who would have ages of bloodshed and misery to undergo, before they could recover from the state of barbarism into which they would be plunged. The Government must be blind indeed, if it does not pursue that generous system of true policy, by which, and by which alone, this curse may surely be averted”.

O caminho para o progresso do Brasil estava conectado à necessidade presente de evitar as revoluções provinciais. As guerras civis poderiam fazê-lo retrogradar a um estado de barbarismo que vinha sendo superado. O fim do monopólio comercial com o estabelecimento da Corte, a civilização dos indígenas e as possibilidades de extinção do tráfico negreiro e da escravidão abriam um futuro próspero para o Brasil. A fusão de índios, negros e portugueses em um único povo e a efetivação de um “sistema generoso de verdadeira política”, possibilitariam que as revoluções fossem evitadas e o Brasil se estabelecesse como a nação mais próspera do futuro. Esta abertura para um futuro próspero era uma prova decisiva de que Portugal foi bem sucedido na civilização do Brasil ao favorecer a miscigenação e a unidade das províncias ao Império, pois as expectativas a respeito do futuro desta nação superavam até mesmo a experiência Anglo-Americana no norte do continente, tendo em vista as autonomias provinciais e a separação das colônias do Império britânico. Nesse sentido, o último capítulo consolidava a importância da *História do Brasil* por demonstrar o quanto esta nação era prenhe de progresso e como a empresa colonial portuguesa poderia ser instrutiva para os britânicos.

Estou imprimindo o último capítulo da História do Brasil, contendo uma visão do estado do país no tempo quando a obra se conclui; isto é, quando a Corte remove para lá. Dos novos estados que estão surgindo no mundo, penso que o Brasil é provavelmente o maior. Este é menos provável de cair em pedaços como a Yankeeland; e embora os brasileiros estejam lamentavelmente atrás dos Yankess em tudo, eles têm um senso de honra geralmente prevalecente que os Anglo-americanos parecem ter renunciado. Além disso, a tendência do Brasil neste tempo é em direção ao aperfeiçoamento em todas as coisas; a tendência na América é nivelar tudo a baixo da morta e monótona vulgar ignorância: eles não desejam outro Mestre de Artes do que uma “Hábil Calculadora” na ponta dos dedos.<sup>490</sup>

Apesar de identificar um maior progresso nas colônias da América do Norte, julgava “o senso de honra” em vigor no Brasil superior à “vulgar ignorância” dos anglo-americanos, já que a preocupação exclusiva destes era com a obtenção de avaros lucros com o comércio e a indústria. Ora, Southey confronta os diferentes modelos de

---

<sup>490</sup> SOUTHEY, Robert. **Selections from the Letters of Robert Southey**. Ed. John Wood Warter, Volume III. London: Longman, Brown, Green, Longmans, & Roberts, 1856, p. 134 [1819]. “I am printing the last chapter of ‘Brazil’, containing a view of the state of the country at the time when the history concludes; that is, when the Court removed thither. Of the new states which are rising in the world, I think Brazil is likely to be the greatest. It is less likely to fall asunder than Yankeeland; and though the Brazilians are woefully behind the Yankess in everything else, they have a sense of honour generally prevailing among them, which the Anglo-Americans seem to have renounced. Besides, the tendency of Brazil at this time is towards improvement in everything; the tendency in America is to level down everything to the dead flat of vulgar ignorance: they wish to have no other Master of Arts than he who has the ‘Ready Reckoner’ at his finger’s end”.

experiência colonizadora empreendidos pelos Impérios português e britânico e afirma a superioridade civilizacional em vigor na América do Norte, porém, simultaneamente a nega ao colocar a honra dos brasileiros, uma herança portuguesa, acima do lucro maquinal dos anglo-americanos. Dessa forma, para Southey era incontestável a possibilidade de se aprender com a história de Portugal em suas dimensões Imperiais, pois o próprio processo histórico estava enredado em ambivalências. As suas apreciações sobre o comércio enquanto um fator decisivo tanto para o progresso quanto para a decadência inscreve-se nestes horizontes metahistóricos ambivalentes, pois se a circulação de bens materiais, pessoas e obras literárias através da imprensa, eram fundamentais para a integração dos indígenas selvagens à civilização e para o refinamento das maneiras dos povos bárbaros e semi-bárbaros do interior; o mesmo não se podia dizer da economia de crédito especulativa da forma como praticada pelos comerciantes americanos do Norte, já que esta provocava a decadência moral ao valorizar a impessoalidade e a ratificação de um mundo no qual o encontro direto e a honra não eram fundamentais.

Sua síntese do estado presente do Brasil foi produzida em meio ao desejo de imortalizar o seu nome não somente entre os leitores britânicos, mas também entre os letrados luso-brasileiros. Com efeito, a eternidade desta obra dependia do uso pragmático que se poderia fazer dela no presente. Para tanto, tornava-se necessário demonstrar que a unidade do Brasil se tornou possível devido à herança étnica portuguesa transmitida em um errante processo colonizador, enredado tanto em elementos negativos, por serem opressivos e/ou supersticiosos, quanto positivos, por serem capazes de formar uma nova nação. Dessa forma, mesmo sendo a *História do Brasil* parte constitutiva dos horizontes de impossibilidades de finalização da composição da *História de Portugal* na Europa, devido ao árduo trabalho empreendido durante quase duas décadas, esta obra foi fundamental para o letrado demonstrar a importância desta nação em escala universal. Como abordado, esta importância estava longe de ser um consenso em meio aos letrados do início do século XIX, no entanto, a partir da experiência colonial realizada pelos bárbaros portugueses, Southey podia criticar com ceticismo e ironia modelos de desenvolvimento previamente concebidos como superiores.

## **CAPÍTULO 4**

# **DA NARRATIVA DA DECADÊNCIA À ESTETIZAÇÃO DO PASSADO**

#### **4. 1 CAUSALIDADES E CONJUNTURAS HISTÓRICAS DA DECADÊNCIA NO *POLITICAL AND MORAL STATE OF PORTUGAL***

Em sua correspondência privada nos anos que seguiram as tensões políticas que precederam a fragmentação do Império português, Southey continuou argumentar sobre a necessidade da manutenção da unidade entre Portugal e as províncias do Brasil. No entanto, no ano de 1821, o historiador apontava para a impossibilidade de se assegurar este futuro. No dia 4 de março de 1821, acreditava que somente um milagre como a ressuscitação do Marquês de Pombal poderia solucionar a questão: “Se o Grande Marquês pudesse ser levantado entre os mortos, ele teria coragem e capacidade para modelar ambos os países de acordo com as circunstâncias do tempo”.<sup>491</sup> Acreditava que o rei não precisava ser submetido a uma constituição como a Revolução do Porto desencadeada em 1820 trazia como demanda, pois a “doença no país estava menos na forma do governo do que nas corrupções e abusos das leis. Tivessem as leis sido regularmente administradas, eles não teriam ocasião para tentar lançar suas mãos a fazer uma constituição”.<sup>492</sup>

Southey acompanhou esta crise através da leitura dos “jornais portugueses impressos em Londres desde 1808”.<sup>493</sup> Segundo o letrado, os eventos que seguiram à Revolução do Porto faziam que o “Correio Brasiliense se tornasse agora uma interessante obra”.<sup>494</sup> A partir da leitura dos escritos periódicos de Hipólito da Costa no ano de 1821, Southey fazia suas conjecturas. Para o letrado, as Cortes levariam Portugal à ruína e o Brasil à fragmentação, sendo constantes suas analogias com os casos das colônias da América do Norte e da América Espanhola. A fragmentação se daria em meio a bárbaras guerras civis, passíveis de serem evitadas somente se os partidos

---

<sup>491</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. V. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 64 [1821]. “If O Grande Marquez could have been raised from the dead, he would have had courage and capacity to have modeled both countries according to the circumstances of the age”.

<sup>492</sup> SOUTHEY, Robert. **Selections from the Letters of Robert Southey**. Edited by His Son-In-Law John Wood Warter, B. D. In Four Volumes. Vol. III. London: Longman, Brown, Green, Longmans, & Roberts, 1856, p. 256 [1821]. “The Portuguese reformers appear to mistake the nature of the political disease in that country, which was less in the form of their government than in its corruptions and the abuse of the laws. Had the laws been regularly administered, they would not have had occasion to try their hands at making a constitution”.

<sup>493</sup> SOUTHEY, Robert. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, Vol. V. London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850, p. 82 [1821].

<sup>494</sup> SOUTHEY, Robert. **Selections from the Letters of Robert Southey**. Edited by His Son-In-Law John Wood Warter, B. D. In Four Volumes. Vol. III. London: Longman, Brown, Green, Longmans, & Roberts, 1856, p. 237, 253 [1821].

políticos se unissem em torno do “temor aos negros”, que poderiam repetir nas grandes cidades a “tragédia de São Domingos”.<sup>495</sup>

Em junho de 1821, o letrado enunciou sua intenção de escrever um artigo para a *Quartely Review* expondo a situação contemporânea de Portugal e Brasil, no entanto, provavelmente as incertezas da conjuntura o fizeram adiar este empreendimento. Para ele, ambas as nações poderiam ser acometidas por revoluções, pois o governo dos tirânicos irmãos Dom Miguel e Dom Pedro I eram um convite para este fim catastrófico. Em 1824, o letrado expõe as incertezas que cercavam o futuro: “O que se tornará Portugal com tal criatura como D. Miguel como seu herdeiro! Ele parece muito com Afonso IV, se existir qualquer verdade nas narrativas dos jornais. E seu irmão no Brasil é da mesma estampa”.<sup>496</sup> O letrado escrevia que os abusos da tirania de Dom Pedro chegavam ao ponto deste monarca se divertir “cavalgando os negros com esporas”. Perante tais atitudes, ficava apreensivo: “[...] temo que Júpiter possa destruí-los, ele certamente já retirou seus sentidos”.<sup>497</sup>

Em 1826, após a morte de Dom João VI, a situação parecia ainda menos promissora. Tornava-se impossível assegurar o futuro diante das “inconvenientes perplexidades” que poderiam vir em sequência. Em Portugal, o despótico “partido da Rainha” Carlota Joaquina estava “pronto para renovar um sistema tão ruim ao qual este faz apologia”, da mesma forma os “Revolucionários, que em sua parte, são apenas incorrigíveis pela experiência e impenetráveis pela razão”. O Brasil também poderia ser afetado pela morte do monarca, pois o “partido Republicano” via “nada mais favorável aos seus desejos que a morte do Rei, que traria a questão controversa da sucessão novamente”. O temor de Southey era que Dom Pedro I reivindicasse o trono de Portugal para sua linhagem de filhos, o que serviria de argumento para o “partido Republicano” opor-se mais radicalmente à Monarquia sobre o pretexto de o Imperador ter o projeto de reintegrar Portugal ao Império.<sup>498</sup>

Diante de tais incertezas, o artigo projetado em 1821 não foi publicado, mas em 1829 o letrado publicou na *Quartely Review* o texto *Political and Moral State of Portugal*. Possivelmente, o distanciamento temporal da fragmentação do Império

---

<sup>495</sup> Id., 1856, p. 253-256 [1821].

<sup>496</sup> SOUTHEY, Robert. **Selections from the Letters of Robert Southey**. Edited by His Son-In-Law John Wood Warter, B. D. In Four Volumes. Vol. III. London: Longman, Brown, Green, Longmans, & Roberts, 1856, p. 415-416, 1856 [1824]. “What will become of Portugal with such a creature as D. Miguel for heir-apparent! He seems very much to resemble Afonso VI., if there be any truth in such accounts as get into the news papers. And his brother in Brazil is of the same stamp”.

<sup>497</sup> Idem.

<sup>498</sup> Id., 1856, p. 536-7 [1826].



possibilitou uma análise mais segura sobre a crise que arrastou Portugal e Brasil após a instalação da Corte no Rio de Janeiro, em 1808. Para Southey, esta crise não poderia ser explicada somente pelos eventos que seguiram à Invasão Napoleônica, sendo necessário retomar as causalidades passadas que levaram Portugal à decadência, o que foi apenas agravado no contexto de crise. A argumentação deste artigo se diferencia do prognóstico lançado no último tomo da *História do Brasil*, em 1819, tendo em vista que o letrado projetou a unidade futura do Império diante das expectativas de fragmentação trazidas pelas independências das colônias hispânicas. Portanto, o esforço de Southey foi balancear os elementos conjunturais com prospecções causais de maior lastro temporal para demonstrar a inevitabilidade da decadência de Portugal e a fragmentação do Império, como também justificar o seu juízo equivocado quando projetou a unidade.

A transferência da Corte em 1807 teria possibilitado a abertura do Brasil para o comércio internacional, colocando fim ao monopólio estabelecido por Portugal. Isto teria sido de grande prejuízo para o reino, já que era impossível suprir esta falta, tendo em vista a histórica dependência de Portugal com relação aos suprimentos das suas colônias e a baixa produtividade interna. O monopólio do comércio do Brasil era mantido injustamente, o que possibilitou a grande prosperidade do reino, no entanto, este passado tinha chegado ao fim. Um futuro de prosperidade se abria para o Brasil em contraposição ao agravamento da decadência em Portugal.

Antes da remoção da corte, Lisboa tinha sido um dos mais florescentes portos na Europa; a mais bonita e prazerosa vista não poderia ser contemplada em outro lugar, que o Tejo presenteava de qualquer uma das cidades das sete colinas, quando as bandeiras de todas as nações estavam tremulando lá. Esta era uma prosperidade forçada, injustamente mantida às custas de uma colônia que já em sua população numérica excedia a pátria mãe. Os portos do Brasil tinham rapidamente sido abertos para navios estrangeiros, como necessário eles foram quando as cores Francesas foram levantadas na boca do Tejo. Era impossível que eles pudessem ser novamente fechados; e na perda desse monopólio, Portugal perdeu sua última fonte de riqueza, cujo suporte não poderia ser chamado à existência até o país ter passado por uma regeneração política. O governo tinha sido acostumado derivar suas principais taxas de outros movimentos que aqueles da indústria nacional, que é a única infalível. Primeiramente, teve o comércio na Índia; quando falhou, as minas brasileiras tornaram-se produtivas; e com os quintos de ouro diminuídos o comércio no Brasil aumentou – a grande razão porque minerar não foi buscado com o mesmo ardor, sendo que os brasileiros foram tornando-se mais comerciais e menos aventureiros; e além do mais descobriram que o governo tomava deles uma menor porção na forma de taxas que nos quintos. Mas quando o comércio foi desviado de Lisboa, nada existia para suprir a perda: a perda não tinha sido sentida durante a guerra, porque a guerra produziu um comércio próprio,

estrangeiro e interno. Mas quando a paz chegou, foi então visto que o Tejo não era mais tão avivado com a navegação, como nos dias de prosperidade [...].<sup>499</sup>

Para Southey, a transferência da Corte foi a “melhor prova de patriotismo”, já que a intenção foi evitar a submissão de todo o Império ao “jugo estrangeiro”.<sup>500</sup> No entanto, Portugal “foi deixado com todas as antigas crueldades e com a pesada adição para elas que a guerra e a mudança da corte para o Brasil tinha produzido”.<sup>501</sup> O estado de decadência do “pobre país” foi agravado com a “devastação” empreendida por “invasores atrozes”, que trouxeram consigo a “doença”, a “fome” e a “miséria”.<sup>502</sup> Enquanto isso, as “relações com o Brasil foram, conseqüentemente, tão alteradas, que por nenhum possível curso dos eventos poderia esta grande colônia ser trazida de volta ao seu prévio estado de absoluta dependência”.<sup>503</sup> Simultaneamente à hipertrofia da decadência de Portugal, os povos do Brasil tornavam-se mais devotados ao comércio e menos aventureiros com a abertura dos portos, em 1808. Assim, apesar da decadência de Portugal lançar suas raízes no passado, “o curso dos eventos durante a guerra tinham se acelerado, e outros eventos tinham sido causados”, produzindo um estado de “crise” inédito, que se radicalizava.

Segundo Southey, o povo e o governo em Portugal, os comerciantes no Brasil e os letrados radicados no exterior, estavam enredados nesta “crise” e se relacionavam com ela de formas distintas, no entanto, todos tinham em vista a necessidade da abertura de novos horizontes futuros para o Império. Com relação ao povo em Portugal, Southey

---

<sup>499</sup>SOUTHEY, Robert. “Political and Moral State of Portugal”. In: **The Quarterly Review**. London: John Murray, Albermale Street, 1829, No 41, p. 205-206. “Before the removal of the Court, Lisbon had been one of the most flourishing ports in Europe; a more beautiful or cheerful sight was nowhere to be seen, that the Tagus presented from any of that city’s seven hills, when the flags of all nations were flying there. This was a forced prosperity, unjustly maintained at the cost of a colony which already, in its numerical population, exceeded the mother-country. The ports of Brazil having once been opened to foreign vessels, as of necessity they were when the French colours were hoisted at the mouth of the Tagus, it was impossible that they could ever again be closed; and in losing this monopoly, Portugal lost its last remaining source of wealth, except what might be drawn from its own resources, which resources could never be called forth till the country had undergone a political regeneration. The government had been accustomed to derive its main revenue from other springs than that of national industry, which is the only unfailing one. First, it had the Indian trade. When that failed, the Brazilian mines became productive; and as the fifths of gold diminished, the commerce of Brazil increased – the great reason why mining was not pursued with the same ardour being, that the Brazilians were becoming more commercial and less adventurous; and moreover found that government took from them a smaller proportion in the shape of duties, than of fifths. But when that trade was diverted from Lisbon, there was nothing to supply the loss: to supply the loss had not been felt during the war, because the war produced a trade of its own, foreign and internal. But when peace was come, it was then seen that the Tagus was no longer alive with shipping, as in the former days of prosperity [...]”

<sup>500</sup> Idem.

<sup>501</sup> Id., 1829, p. 205.

<sup>502</sup> Idem.

<sup>503</sup> Id., 1829, p. 201.

expõe como suas virtudes entraram em decadência após a guerra, pois o senso de bem estar e satisfação ao longo de séculos “chegou ao fim” com as invasões francesas. O povo não sabia quais mudanças desejar, porém, qualquer “mudança” capaz de provocar “um progresso em seu estado” era uma esperança, pois não havia nada para se “perder”, o que os conduziu a “aquiiescer em qualquer revolução”.<sup>504</sup> Dessa forma, a guerra fez surgir uma “diferente classe de homem”, que se tornou “feroz devido às misérias que tinham sido trazidas sobre eles, à vingança na qual eles tinham sido indulgentes e aos hábitos predatórios a que eles tinham sido dirigidos”.<sup>505</sup> A guerra disseminou a barbaridade no reino, pois se anteriormente à invasão do exército francês a “corrupção” só existia em meio às “populosas sociedades”, que eram a “desgraça da civilização”, agora Portugal estava “infestado” de indivíduos perigosos. Estavam estes “miseráveis prontos para revolução” e “o mais confuso dos tempos seria o melhor para eles”.<sup>506</sup> Logo, as boas virtudes do povo em Portugal foram soterradas após as Guerras Napoleônicas, tendo em vista o estado de penúria ao qual o reino ficou submetido.

Por outro lado, os comerciantes e homens de letras relacionaram-se de forma diferente com a “crise”. Enquanto o tempo de incertezas agravou a decadência em Portugal, abriu um futuro mais próspero aos homens de comércio no Brasil, que não tinham mais que se submeter ao monopólio estabelecido pelo reino após a transferência da Corte. De forma semelhante, os homens de letras emanciparam-se de um passado no qual o estudo era cerceado pela censura e pelo ascetismo monástico. Concomitantemente, o surgimento de periódicos de emigração na Inglaterra como o *Correio Brasiliense* e o *Investigador Português* trouxe a oportunidade para que os letrados se engajassem com os problemas políticos do Império e acelerassem a crise.

A mudança não menos perigosa para a estabilidade do existente sistema tinha sido produzida também tanto nas classes comerciais quanto literárias. A primeira não poderia por muito tempo consolá-los com sua própria prosperidade para a decadência nacional: O Brasil, se permanecesse unido a Portugal ou não, estava perdido para ele; e eles sabiam o suficiente da Inglaterra para compreender que a riqueza e poder foram devidas as suas instituições livres. Os Homens de comércio, portanto, embora não dispostos a engajarem-se em movimentos revolucionários, viram que todas as coisas estavam tendendo para isto e desejavam por esta crise. Acontecida, eles conheceram isto bem; e numa rápida previsão o inevitável mal encontrou o melhor, especialmente quando existia uma esperança e possibilidade que isto pudesse trazer alívio após acontecer. Os Homens de letras foram ativamente empregados acelerando esta crise. Esta classe quieta, que buscava seus estudos calmamente, no

---

<sup>504</sup> Id., 1829, p. 208.

<sup>505</sup> Id., 1829, p. 209.

<sup>506</sup> Idem.

recolhimento, e amor pelo conhecimento por seu próprio bem, e pela alegria que eles encontravam em busca-lo, tinham grandemente diminuído. Nenhum homem estava agora crescendo nos claustros ou na vida privada. A presente geração foi treinada numa diferente escola e tinha tido um curso completamente diferente. O jornal de Hipólito tinha sido obviamente proibido, mas os homens de Portugal não poderiam ser prevenidos de corresponder com ele; e no jornal rival, para o qual a missão livre foi permitida, tão longe quanto isto continuavam, os homens foram às vezes expostos àquelas visões revolucionárias que iam além do jornal de Hipólito: - por isto deveria não ser escondido que em meio a todas as classes influentes naquele pobre país, a necessidade de princípio foi a endêmica e cancerosa doença. Dois outros jornais eram agora também publicados em Londres com um caráter mais democrático que qualquer outro que tinha aparecido antes na língua portuguesa: seu objetivo direto foi trazer a revolução e eles se tornaram menos comedidos em sua linguagem já que a crise parecia-se perto de seus desejos. Eles tinham colaboradores na França, objetivando este fim; e Hipólito mesmo não preservaria a moderação ou a equidade com que ele iniciara.<sup>507</sup>

Para Southey, tanto os comerciantes quanto os homens de letras viam a impossibilidade de o Brasil voltar a se submeter à opressão estabelecida por Portugal durante o período colonial. Os comerciantes que se enriqueciam com a abertura dos portos atuaram com moderação e não se engajaram em projetos revolucionários para acelerar este futuro. Tal moderação não foi seguida pelos inúmeros periódicos que surgiram e se posicionaram no agravamento desta crise, após 1820, frente às exigências das Cortes que reivindicavam o retorno do rei para Portugal. Até mesmo Hipólito da Costa, que no *Correio Brasiliense* argumentava moderadamente pela regeneração do Império a partir do seu centro, o Brasil, passou a adotar uma linguagem mais radical nesta conjuntura, já que este letrado não podia aquiescer com os projetos propositores da regeneração do Império a partir de um reino decadente. Outros periódicos surgiram com uma linguagem ainda mais severa e a “crise parecia perto dos seus desejos”. Com

---

<sup>507</sup> Id., 1829, p. 209-10. “A change not less dangerous to the stability of the existing system had been produced also both in the commercial and literate classes. The former could no longer console themselves with their own prosperity for the national decay: Brazil, whether it remained united to Portugal or not, was lost to them; and they knew enough of England to understand that its wealth and power were owing to its free institutions. Commercial men, therefore, though not disposed to engage in revolutionary movements, saw that all things were tending to them, and wished for such crisis. Come, they well knew it must; and the sooner a foreseen and inevitable evils is met the better, especially when there is hope and possibility that it may bring relief after it. Men of letter were actively employed in accelerating this crisis. That quiet class, who pursued their studies calmly, in retirement, and loved knowledge for its own sake, and for the contentment which they found in seeking it, had greatly diminished; and no such men were now growing up either in cloisters or in private life. The present generation were trained in a different school, and had taken a widely different course. Hippolyto’s Journal had of course been prohibited, but men in Portugal could not be prevented from corresponding with it; and in the rival journal, to which free admission was permitted, as long as it continued, men were sometimes employed whose revolutionary views went far beyond Hippolyto’s: - for it must not be dissembled that among all the influential classes in that poor country, want of principle is the endemic and cancerous disease. Two other journal were now also published in London of a far more democratic character than anything which had ever before appeared in the Portuguese tongue: their direct object was to bring about a revolution, and they became less measured in their language as the crisis seemed nearer to their wishes”.

efeito, o conceito de crise foi investido de uma autonomia tão grande que nenhuma outra possibilidade futura foi concebida para aquela conjuntura para além da fragmentação do Império.<sup>508</sup>

Pode-se perceber que o letrado britânico seguiu os argumentos enunciados no *Correio Brasiliense* em 1822, que apontavam para a inevitabilidade da fragmentação do Império e a emancipação do Brasil. Cristiane dos Santos expõe que assim como muitos periódicos luso-brasileiros, o *Correio Brasiliense* concebeu as Cortes reunidas em Lisboa como despóticas e denunciou a intenção dos seus deputados de recolonizarem o Brasil. Segundo a autora, com a pluralização e intensificação dos debates políticos na conjuntura de 1821 e 1822, muitos periódicos luso-brasileiros compreenderam a atuação das Cortes em relação de continuidade com os “300 anos de dominação”, *topos* que denunciava a opressão exercida por Portugal sobre o Brasil durante a colonização. Ora, se em meio à cultura periódica em vigor no Brasil e no *Correio Brasiliense* até 1821, a colonização, mesmo sendo passível de críticas, era entendida como civilizadora por tornar viável a manutenção da unidade entre as partes do Império, após a Revolução do Porto, muitos letrados luso-brasileiros politizaram a leitura do passado do Brasil em oposição a Portugal. À medida que o passado do Brasil era concebido como marcado pela opressão exercida por Portugal durante 300 anos, radicalizavam-se as tensões entre os grupos políticos, o que viabilizou a compreensão da inevitabilidade histórica da fragmentação do Império, já que as Cortes foram acusadas de intentarem reinstaurar os males do passado. Portanto, pode-se compreender que a reação de Hipólito da Costa no *Correio Brasiliense* à atuação das Cortes estava inscrita em uma releitura do passado, pois, se a potencialidade civilizadora da colonização foi a garantia da manutenção do Império luso-brasileiro, após 1821, este processo foi perspectivado através do *topos* dos “300 anos de dominação”.<sup>509</sup>

---

<sup>508</sup> Segundo Koselleck, “crise” apresenta transformações semelhantes aos conceitos de “evolução” e “progresso” ao se converter em um conceito temporal, cujos significados espaciais ou naturais começam e se erodir em meados do século XVIII: “‘Crisis’ se convitió en un concepto histórico-filosófico fundamental que reivindicaba la capacidad de interpretar todo el decurso de la historia a partir del diagnóstico de su própria época. Desde entonces es la própria época la que se experimenta como período de crisis. La reflexión sobre el propio contexto temporal permitia tanto el conocimiento del conjunto del pasado como la prognosis del futuro” KOSELLECK, Reinhart. “Algumas cuestiones sobre la Historia Conceptual de ‘Crisis’”. In: \_\_ **Historia de Conceptos: Estudios sobre semântica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Trotta, 2012, pp. 131-142, p 134.

<sup>509</sup> SANTOS, Cristiane Camacho. **Escrevendo a história do futuro**: A leitura do passado no processo de Independência do Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, *passim*.

Cristiane dos Santos explora essa releitura do passado no *Correio Brasiliense* a partir das enunciações favoráveis de Hipólito da Costa a propósito Revolução Pernambucana, de 1817, na edição de abril de 1822. Se durante as edições publicadas em 1817, o *Correio Brasiliense* adjetivava a Revolução como “criminosa” e “indolente”, tendo em vista a necessidade de manutenção da unidade Imperial, após “as transformações políticas ocorridas entre 1821 e 1822”, devido à intensificação dos debates que emergiram com a reunião das Cortes em Lisboa, “o mesmo evento [foi] resignificado como o marco da luta do Brasil pela liberdade [...]”.<sup>510</sup> Cristiane dos Santos explora como o *Correio Brasiliense* estava integrado aos debates em vigor nos periódicos impressos no Brasil e expõe que o texto de José Bonifácio *Manifesto do Príncipe Regente aos Governos e Nações Amigas*, um manifesto da independência do Brasil, que foi publicado no *Correio do Rio de Janeiro* no dia 17 de agosto de 1822 e na *Gazeta do Rio* no dia 20 deste mês, foi também publicado por Hipólito da Costa em novembro do mesmo ano. Desse modo, a autora expõe que a “[...] tônica do documento são os sacrifícios do Brasil em favor da Metrópole e da integridade da Monarquia, em contraste com os incansáveis ‘abusos’ de Portugal em relação ao Brasil”.<sup>511</sup>

O intuito de Southey ao instrumentalizar os argumentos em vigor no *Correio Brasiliense* não era expor a inevitabilidade da independência do Brasil para legitimar a emergência de um novo Império. Sua intenção era explorar a inevitabilidade da crise que provocou o agravamento da ruína de Portugal com a fragmentação do Império e a ascensão de Dom Miguel. Ora, para os periodistas luso-brasileiros as duas dimensões estavam entrelaçadas, ou seja, eles necessitavam justificar a decadência de Portugal e a opressão exercida por esta metrópole para legitimar o surgimento do Império do Brasil. Contudo, a intenção de Southey se limitava a explorar a decadência do reino de Portugal, já que o seu objetivo era demonstrar como a experiência da história desta nação, imersa nas permanências do barbarismo feudal e superstições religiosas, deveria ser evitada pela Grã-Bretanha. A mobilização desta argumentação fazia-se necessária, pois em abril de 1829 a carta que regulamentava a Emancipação Católica fora aprovada, ou seja, efetivou-se legalmente a possibilidade dos católicos serem eleitos ao parlamento. O artigo de Southey foi publicado em julho, sendo sua intenção comprovar

---

<sup>510</sup> Id., 2010, p. 123.

<sup>511</sup> Id., 2010, p. 129.

historicamente a decadência que poderia advir às nações que dessem abertura à imutável intolerância católica.<sup>512</sup>

Contudo, para além dos interesses políticos que separam as enunciações de Southey e dos letrados luso-brasileiros comprometidos com a formação do Império do Brasil, pode-se perceber que ambas as partes eram unânimes no tocante à enunciação da decadência de Portugal. Nesse sentido, no artigo publicado na *Quartely Review* em 1829, Southey não deixou de seguir os argumentos em vigor no *Correio Brasiliense*, tendo em vista seu intuito de narrar a inexorabilidade da fragmentação do Império português e o agravamento da decadência do reino, explorando simultaneamente suas dimensões conjunturais e causais.

Para Southey, a Revolução do Porto não foi fruto somente da crise conjuntural. A crise desencadeada após as Invasões Napoleônicas tão somente agravou um estado de decadência gestado durante séculos, que nem mesmo o Marques de Pombal fora capaz de superar. Segundo Southey, ao intentar modernizar o reino, Pombal lançou-o em meio ao despotismo. Dessa forma, a atuação dos burocratas portugueses no governo regencial ocupado com a administração do reino no período que Dom João VI esteve no Brasil refletia “o efeito natural das suas situações”, já que “eles agiam apenas como seus predecessores tinham feito antes deles – e como seus sucessores, até o fim do capítulo, fariam após eles”.<sup>513</sup> Os erros destes governantes eram inevitáveis, tendo em vista que

[...] a máquina e todo seus equipamentos estavam fora de reparo e eles sabiam – insana e quebrada, as juntas não fixadas, as peças de metal corroídas, a madeira decaída, os arreios rotos: necessariamente parada e destruída; sua única solicitude era guardar isto com as antigas ferrugens até o fim do seu estágio; isto se eles permanecessem unidos até desistirem dos arreios, o que aconteceria depois não seria culpa deles. Mas aqui residia a ausência de esperança do caso, que nenhuma mudança de governo poderia mudar o caráter daqueles que, sobre qualquer governo, seria empregado.<sup>514</sup>

---

<sup>512</sup> Southey compreendia que a Emancipação Católica poderia significar um retorno ao passado de barbárie e superstição religiosa experimentado em toda a Europa no medievo e nas guerras de religião dos séculos XVI e XVII. Para Southey, a intolerância católica era imutável e o fanatismo do seus sectários excitava as mais violentas paixões da natureza humana: “Southey’s historical perspective convinced him that there would be no change in the attitudes and teaching of the Catholic hierarchy until ‘the Ethiopian changes his skin, and the her spots’. So, like the most extreme Protestant propagandist of the day, Southey traced papal policy back to the Fourth Lateran Council of 1215 –summoned to suppress the Albigensian heretics of Languedoc. He claimed that the Council’s decrees showed how the Catholic Church behaved when it was able to deploy its persecuting power. The coincidence that 1215 is also the date of *Magna Carta* does nothing to blunt the force of Southey’s rhetoric”. ANDREWS, Stuart. **Robert Southey: History, politics and religion**. NY: Palgrave, 2011, p. x.

<sup>513</sup> SOUTHEY, Robert. “Political and Moral State of Portugal”. In: **The Quartely Review**. London: John Murray, Albermale Street, 1829, No 41, p. 219.

<sup>514</sup> Id., 1829, p. 220. “[...] the Machine and all its tackling was out of repair they knew, - crazy and creaking, the joints loose, the iron-work rusty, the timber decayed, the harness rotten: break down and overturn it must; their only solicitude was to keep it in the old ruts till the end of their stage; if it held

A atuação destes governantes em um sistema burocrático corrompido era análoga a um maquinário industrial obsoleto, sendo esta situação um impulso para o surgimento de uma daquelas “revoluções militares, que foram então o vírus dos tempos”, sucedida em Portugal, em 1820. O peso dos abusos do passado que se repetiam no presente era agravado diante da impossibilidade contemporânea de se “manter Portugal na dependência de um rei distante no Brasil, como também reduzir o Brasil novamente ao estado de dependência de Portugal”.<sup>515</sup> A única solução para reverter esse desastre era o retorno do rei e o suporte de um ministro vigoroso, que impulsionasse uma “reforma constitucional”. Sendo assim, “novas fundações não eram necessárias, pois profundamente e bem tinha o antigo sido enterrado”<sup>516</sup>, no entanto, o rei era “fraco por natureza, irresoluto por hábito, e tímido devido ao constante senso de sua fraqueza”. Ademais, “foi colocado em circunstâncias que poderia ter perplexado uma mente forte”, além de estar cercado pela “maldade dos conselheiros em um país e representado por uma miserável regência em outro”, situação decisiva para desencadear uma “crise revolucionária”.<sup>517</sup>

Todavia, a volta do rei para Portugal não poderia mais garantir a unidade do Império, pois a Revolução em Pernambuco foi um indício que a sua ausência do Brasil seria decisiva para a separação das províncias. Em meio a esta situação perplexa, desencadeou-se a revolução de 1820, que trouxe à existência a inevitável fragmentação do Império e o agravamento da decadência de Portugal:

Os partidos rapidamente se manifestaram; um foi a favor de uma união com a Espanha; outro por uma monarquia constitucional, sobre um seguimento da família dos Bragança; um terceiro, e este o mais numeroso, por fazer o pobre velho rei seu instrumento e escravo. Eles dispensaram os oficiais britânicos; proclamaram o perdão para todos ainda não perdoados traidores que tinham segurado armas contra sua terra nativa; provocaram a separação com o Brasil, e mesmo enviaram tropas para lá com a insana esperança de reter este grande império colonial pela força. Quando eles trouxeram seu rei do Brasil, trataram-no com estudada indignidade, e ao fazer isso, despertaram contra ele e todos seus procedimentos – não seu dócil espírito, mas o espírito de toda uma nação, em meio a qual o sentimento da lealdade pessoal ainda existia em força total. Eles agiram com insolência e injustiça contra a rainha, que, com toda a pior das qualidades da sua raça, tinha força de caráter o suficiente para ter feito suas conspirações nas épocas negras da história; e eles desenfreadamente insultaram Dom Miguel, que foi o único filho de sua mãe. Uns poucos membros das Cortes

---

together till they gave up the reins, what happened afterwards would be no concern of theirs. But here lay the hopelessness of the case, that no change of government could change the character of those who, under any government, would be employed”. [Grifo nosso]

<sup>515</sup> Idem.

<sup>516</sup> Idem.

<sup>517</sup> Idem.



queriam o bem, e teriam feito o bem se pudessem; e falaram liberalmente; e isto deve ser dito para a honra dos mesmos, eles não derramaram sangue; mas não objetaram em nenhum outro ato de tirania.<sup>518</sup>

A atuação tirana das Cortes foi responsável por acelerar a fragmentação do Império e agravar ainda mais o estado de decadência de Portugal. A tirania dos membros das Cortes foi tamanha que provocou tanto a emancipação do Brasil, quanto a revolta de Dom Miguel. Este, apoiado pelo fanatismo religioso de grande parte da população, instaurou um governo passível de ter “ocorrido em épocas bárbaras ou em um país Mouro, menos em um reino europeu cristão de nossos dias”.<sup>519</sup> Southey encerra o artigo narrando as ações reprováveis de Dom Miguel, sem realizar prognósticos para Portugal, pois o estado presente do reino não permitia tais projeções. Apesar do estado da crise deste reino ter produzido uma situação inédita que provocou a inevitável fragmentação do Império e a ascensão de Dom Miguel, esta decadência não pode ser compreendida apenas em face aos seus elementos conjunturais. A decadência presente se remete a um longo passado de despotismo, barbaridade e superstição religiosa. Assim, os eventos contemporâneos que seguiram as Invasões Napoleônicas tão somente produziram a radicalização dos males do passado.

Ao argumentar que a decadência do Reino fora provocada historicamente por elementos intrínsecos à sociedade portuguesa como o barbarismo, o despotismo, a superstição religiosa e a corrupção, enfatizando ter sido este estado agravado pelas Guerras Peninsulares, Southey negou qualquer possibilidade da Grã-Bretanha ter alguma influência neste processo. Em oposição às obras que apontavam a relação causal da decadência do Reino com a perda da soberania econômica, militar e administrativa para a Grã-Bretanha<sup>520</sup>, Southey afirmava com veemência a neutralidade desta nação.<sup>521</sup>

---

<sup>518</sup> Id., 1829, p. 221. “Parties soon manifested themselves; one was for a union with Spain; another for a constitutional monarchy, under another branch of the Braganza Family; a third, and this the most numerous, for making the poor old king their instrument and their slave. They dismissed the British officers; they proclaimed a pardon for all the yet-unpardoned traitors who had born arms against their native land; they provoked a separation with Brazil, and even sent troops thither with the insane hope of retaining that great colonial empire by force. When they had brought their king from Brazil, they treated him with studied indignity, and in so doing, they roused against him and their whole proceedings, - not his meek spirit, but the spirit of the nation at large, among who the feeling of personal loyalty still existed in full strength. They acted with insolence and injustice towards the queen, who, with all the worst qualities of her race, had strength of character enough to have made her conspicuous in the blackest ages of history; and they wantonly insulted the Infant Don Miguel, who was his mother’s own son. A few members of the Cortes there were who meant well, and would have done well if they could; all talk liberally; and this must be said to their honor, that they shed no blood; but they demurred at no other act of tyranny”.

<sup>519</sup> Id., 1829, p. 224.

<sup>520</sup> Esta perspectiva que enfatizava a relação causal da decadência de Portugal à interferência britânica possui uma grande fortuna crítica na cultura histórica portuguesa. Na introdução da *História de Portugal*

Para o letrado, a missão da Grã-Bretanha limitou-se à expulsão de Napoleão da Península Ibérica, o que tornou necessário a reforma do exército português. Argumentou que uma reforma civil que agisse sobre as instituições do Reino poderia ter ofendido o orgulho português ao “afetar a estabilidade do sistema da superstição”, destruindo, assim, “aquela cordial bondade com que a Inglaterra foi reconhecida pelo grande corpo da nação”.<sup>522</sup>

Portanto, ao eximir a Grã-Bretanha da culpa pelo estado de decadência de Portugal e explicar as causalidades históricas e conjunturais deste processo de degeneração, Southey procurou evidenciar a distância temporal entre um reino imerso na barbaridade e superstição religiosa e um Império que, apesar de civilizado, se via ameaçado contemporaneamente pela temerária Emancipação católica, concebida como capaz de fazer retornar do passado as temíveis guerras de religião.

Na próxima seção, explora-se como o *Political and Moral State of Portugal* escrito por Southey se posicionou perante o vigor de climas históricos em disputa, que se prestavam tanto ao toque material dos sentidos físicos dos leitores/ observadores com o intuito de os guiarem na rejeição do passado ou, em contrapartida, eram uma apelo para sua experimentação estética.

#### **4. 2 CLIMAS HISTÓRICOS EM CONFLITO: A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL ENTRE A RUPTURA E A HARMONIA**

Em trabalhos recentes, Hans Ulrich Gumbrecht tem apontado a importância de compreendermos como a linguagem, para além da função de representar as coisas, pode também produzir atmosferas ou climas, cuja interação com o ser humano esta para além da dualidade sujeito/objeto. Para Gumbrecht, mais do que interpretados, os climas e

---

*composta em Inglês por uma sociedade de Literatos* traduzida por Morais Silva em 1788 e reeditada nos anos de 1802, 1809, 1825 e 1828, é colocado em destaque os prejuízos econômicos trazidos pelos tratados comerciais com os ingleses. Cf. **História de Portugal composta em inglês por uma sociedade de literatos**. Transladada em vulgar com as adições da versão francesa e notas do tradutor português, Antonio Morais Silva, natural do Rio de Janeiro. Tomo I. Lisboa: Oficina da Academia Real das Ciências, 1788, p. 28-30. Os mesmos argumentos também foram mobilizados pelo membro da Academia Real de Ciências de Lisboa e deputado nas Cortes de Lisboa Francisco Soares Franco no contexto da Revolução do Porto. Cf. FRANCO, Francisco Soares. **Ensaio sobre os melhoramentos de Portugal e do Brasil**. Lisboa: Imprensa Régia, 1820, p. 31-34. A propósito da interferência militar e administrativa britânica após as Guerras Napoleônicas, o periodista José Liberato Freire de Carvalho enfatizou o quanto esta presença foi decisiva para o agravamento do estado de decadência de Portugal. Cf. CARVALHO, José Liberato Freire de. **Ensaio histórico-político sobre a construção e governo do Reino de Portugal**. Paris: Bossange, 1830, *passim*.

<sup>521</sup> SOUTHEY, Robert. “Political and Moral State of Portugal”. In \_\_: **The Quartely Review**. London: John Murray, Albermale Street, 1829, No 41, p. 204 - 205.

<sup>522</sup> Id., 1829, p. 205.

atmosferas são vivenciados fisicamente pelo ser humano, ou seja, se prestam a tocar o corpo humano, os seus sentidos, de forma objetiva. Gumbrecht aponta como no processo de modernização ocidental a relação do homem com as coisas do mundo foi interpretada a partir da dualidade “sujeito puro conhecimento” e “objeto pura materialidade”, o que foi intensificado na primeira modernidade com o surgimento do “observador de primeira ordem”. Com o advento do Renascimento, ou primeira modernidade, surgiu uma visão de mundo categorizada pelo autor de “campo hermenêutico”, sendo sua principal característica a ênfase por parte dos observadores de que o conhecimento produzido era o resultado da aplicação de faculdades exclusivamente cognitivas, ou seja, o ato de observar era compreendido como emancipado da própria corporalidade. Dessa forma, o “observador de primeira ordem” é definido como a “autorreferência que insiste em sua própria incorporeidade” ao produzir um “campo hermenêutico” que torna possível a produção de interpretações e sentidos subjacentes à superfície dos corpos e do mundo.<sup>523</sup>

Gumbrecht expõe que a subordinação empreendida pelo “observador de primeira ordem” de todas as coisas ao pensamento permaneceu de forma relativamente estável até o século XVIII, no entanto, foi justamente no contexto do Iluminismo que o conhecimento tornou-se mais centrífugo, o paradigma sujeito/objeto começou a ser contestado por autores como Kant e a materialidade das coisas adquiriu nova dignidade com a emergência da estética como subcampo da filosofia. Nesse sentido, “contrariamente às premissas do campo hermenêutico, a apropriação do mundo pelo corpo humano, ou seja, pelos sentidos, reaparecia agora como alternativa epistemológica”.<sup>524</sup> Gumbrecht expõe que por volta de 1800, com a radicalização da crise das representações, ou seja, do paradigma sujeito/objeto que sustentava a centralidade do “campo hermenêutico” no qual a produção de sentido tinha centralidade frente à materialidade do corpo humano e das coisas, surgiu a figura epistemológica de um “observador de segunda ordem”. Em contraposição ao “observador de primeira ordem” que devia encontrar tão somente a distância adequada para se produzir o conhecimento válido, o observador de segunda ordem estava condenado “a observar a si

---

<sup>523</sup> GUMBRECHT, Hans-Ulrich. **Produção de Presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2010, p. 46-47. Para um aprofundamento sobre a compreensão do autor sobre as cascatas sucessivas que produziram o processo de modernização Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

<sup>524</sup> Id., 2010, p. 60.

mesmo no ato da observação”.<sup>525</sup> As consequências disto expostas por Gumbrecht é que a crença na estabilidade das representações foi abalada pela intensificação da descoberta da dependência dos saberes ao “ângulo específico de observação”, assim, a proliferação das representações e do perspectivismo abalou a estabilidade dos “objetos de referência”. Dessa forma, o “observador de segunda ordem” redescobria os sentidos corpóreos como parte intrínseca de qualquer observação, suspendendo a neutralidade do “observador de primeira ordem”. Frente à impossibilidade da linguagem representar as coisas especularmente, Gumbrecht expõe as soluções restituidoras de sentido que emergiram no XIX:

A reposta aparece na ideia de que os discursos narrativos abrem um espaço no qual a multiplicidade de representações pode ser integrada e ganhar a forma de uma sequência. Juntamente com a filosofia da história e o evolucionismo, o ‘realismo’ literário do século XIX foi outro discurso que produziu uma pletera de reações aos desafios do multiperspectivismo na visão de mundo.<sup>526</sup>

Apesar desta solução que conferiu centralidade à possibilidade de interpretação do mundo e produção de sentido que orientam as ações humanas dando centralidade à consciência, a emergência do “observador de segunda ordem” evidenciou a impossibilidade do conhecimento emancipar-se de sua mundanidade e materialidade corpórea. Para o autor, a atribuição de sentido através da interpretação não consegue transmitir a complexidade espacial e física do ser homem e sua relação com as coisas. Por isso, para Gumbrecht, torna-se necessário contemporaneamente no âmbito das ciências humanas explorar o vínculo entre a linguagem e a materialidade das coisas do mundo, devido à improdutividade da polaridade produzida por correntes interpretativas opostas centradas no “paradigma da representação” como o “descontrutivismo”, que por um lado afirma a impossibilidade da linguagem se relacionar com realidades extra-linguísticas, sendo esta concebida como produtora de ilusões, e os “estudos culturais”, que enfatizam a partir de intensas pesquisas empíricas como a linguagem “representa” de forma especular estruturas sociais extra-linguísticas.<sup>527</sup> Ao se afastar desta dualidade cujo conceito de “representação” é central, a intenção de Gumbrecht é recuperar a

---

<sup>525</sup> Id., 2010, p. 62.

<sup>526</sup> Id., 2010, p. 63.

<sup>527</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosphere, Mood, Stimmung**: on a hidden potential of Literature. Califórnia: Stanford University Press, 2012, p. 5. Nesse sentido, o autor escreve: “[...] between Deconstruction and Cultural Studies, which I have mentioned, both sides make claims about the ontology of texts in terms of the paradigm of ‘representation’. Texts are supposed to ‘represent’ extra-linguistic reality (or, alternatively, they are supposed to ‘want’ do so, even though this is impossible). The main difference between Deconstruction and Cultural Studies concerns the rejection – or affirmation – of texts’ capacity to connect with something else”.

dimensão ontológica da linguagem, ou seja, questionar “como os textos literários – entendidos como fatos materiais e mundos de sentidos – se relacionam com realidades externas às próprias obras”.<sup>528</sup> Para Gumbrecht, as experiências estéticas desafiam nossos poderes de discernimento e descrição, no entanto, elas afetam objetivamente o corpo humano ao envolvê-lo, como o clima meteorológico. Gumbrecht argumenta sobre a possibilidade de acessarmos climas históricos, ou seja, o impacto de situações históricas sobre o corpo. Em alemão, o conceito utilizado é *Stimmung*. A intenção do autor é se lançar à possibilidade de se acessar como em determinados contextos existem climas que dão o contorno histórico a situações ao tocarem o corpo humano com o mais leve toque material.<sup>529</sup> Portanto, a abertura para as *Stimmungen*, ou seja, para os climas, as atmosferas, as tonalidades afetivas, enredadas por sua vez a textos literários, historiográficos, filosóficos, óperas, peças teatrais, exposições de arte, materializam-se mediante a possibilidade de tais performances tocarem o corpo humano.

Meu ponto, entretanto, é o fato que tais tonalidades, atmosferas, e *Stimmungen* nunca existem completamente independentes do componente material das obras – acima de tudo, da sua prosódia. Portanto, os textos afetam os “sentimentos interiores” dos leitores da mesma forma que o clima e a música fazem. Esta é a razão que acredito que a dimensão da *Stimmung* abre uma nova perspectiva – uma possibilidade para – uma “ontologia da literatura”.<sup>530</sup>

A intenção de Gumbrecht é demonstrar como a linguagem pode tocar os sentidos, envolver o corpo humano de forma objetiva, assim como as escalas musicais de um instrumento ou as variações do clima atmosférico. Para Gumbrecht, se a relação humana com a linguagem se desse apenas no nível da interpretação, seria impossível que a recitação de um texto lírico ou de um texto em prosa marcado por um ritmo acessasse e afetasse os sentidos de ouvintes que nem mesmo entendem a língua em questão.<sup>531</sup> O diálogo com Gumbrecht se torna importante neste trabalho perante a possibilidade de demonstrar como textos mobilizados por Southey para a composição do *Political and Moral State of Portugal* foram compostos envolvidos a climas históricos que para além de produzirem sentidos capazes de orientarem os leitores a

---

<sup>528</sup> Id., 2012, p. 2.

<sup>529</sup> Cf. GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Depois de ‘Depois de aprender com a história’, o que fazer com o passado agora?”. In: Fernando Nicolazzi, Helena Molo e Valdeci Araujo (Org.). **Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp. 25-42.

<sup>530</sup> GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Atmosphere, Mood, Stimmung**: on a hidden potential of Literature. Califórnia: Stanford University Press, 2012, p. 4. “My point, however, is the fact that such tones, atmospheres, and *Stimmungen* never exist wholly independent of the material component of Works – above all, their prosody. Therefore, texts affect the ‘inner feelings’ of readers in the way that weather and music do. This is the reason I believe that the dimension of *Stimmung* discloses a new perspective on – and possibility for – the ‘ontology of literature’”.

<sup>531</sup> Id., 2012, p. 5.

partir da interpretação, tocavam materialmente os sentidos físicos, os corpos dos mesmos.

Logo no início do artigo, Southey demonstra como se tornava necessário enfatizar o caráter negativo da experiência da história de Portugal. O letrado inicia o texto com a análise de dois relatos de viagens de letrados britânicos sobre Portugal, o primeiro anônimo, intitulado *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character*, obra publicada em 1826 e ornamentada com gravuras que retratam o cotidiano da sociedade. O segundo relato, intitulado *Portugal Illustrated*, foi composto por William Morgan Kinsey, cuja segunda edição comentada por Southey foi publicada em 1829. Esta obra aborda, em uma série de cartas, a história de Portugal desde sua fundação até o presente, sendo suprida por ilustrações de paisagens, monumentos e costumes dos povos. Segundo Southey, os *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character* representa anedoticamente o estado presente do Reino, sendo uma obra confiável por estar “tão bem de acordo com o relato daqueles viajantes que deram o lado negro da verdade”<sup>532</sup>, ao contrário da obra *Portugal Illustrated*, já que esta explora pouco as “piores características desta sociedade”.<sup>533</sup> O autor desta obra, Kinsey, ao escrevê-la estava envolvido no “prazer da novidade”, que ensejavam a “admiração que os monumentos de arte e magníficos cenários podem excitar”.<sup>534</sup> Muitas gravuras podem ser encontradas em ambas as obras, sendo que na primeira as imagens mostram para o leitor/observador uma sociedade imersa em costumes e maneiras bárbaras, promíscuas e indolentes, caracterizadoras do estágio decadente da nação. A segunda obra, por sua vez, traz tanto gravuras positivas sobre os costumes e maneiras dos povos do interior do reino, quanto belas paisagens e monumentos suntuosos.

Pode-se perceber que as obras atribuíam sentidos interpretativos opostos à experiência da história de Portugal. Contudo, o sentido era passível de ser acessado a partir da imersão em climas que tocavam sensorialmente o corpo dos leitores/observadores. O autor anônimo dos *Sketches of Portuguese Life* afirma que uma motivação para a composição da obra residia no fato de publicações contemporâneas como o relato *Lisbon in the Years 1821, 1822 and 1823* de Marianne Baillie ter se esquivado de divulgar toda a verdade sobre Portugal. Na perspectiva do autor, isto era

---

<sup>532</sup> SOUTHEY, Robert. “Political and Moral State of Portugal”. In: **The Quarterly Review**. London: John Murray, Albermale Street, 1829, No 41, p. 184-226, p. 185.

<sup>533</sup> Idem.

<sup>534</sup> Idem.

justificável, devido ao “sensitivo e delicados sentimentos que são a doçura do charme do seu sexo”.<sup>535</sup> Em contrapartida:

Mas sobre o observador masculino naquele país, uma obrigação semelhante de silêncio não pode ser imposta em igual grau. Ele *deve* testemunhar muitas cenas que a delicadeza de uma inglesa se privaria: ele *pode* assinalar muitas coisas, de que ela iria encolher com aversão e vergonha, e ele pode, sem impropriedade entrar em detalhes sobre os hábitos e circunstâncias, cuja modéstia não iria mesmo permitir a ela aludir. Dos costumes de um país como Portugal, nenhuma inglesa delicada pode dar informações completas e exatas; - e o autor confia que o leitor mais exigente não ficará ofendido com a delineação das maneiras, que são mais grossas que os esboços de uma mão feminina, apenas porque são, na verdade, mais fiéis.<sup>536</sup>

Os costumes e as maneiras que seriam descritos pelo autor não eram passíveis de serem narrados fielmente por uma mulher cujos sentimentos e expressões corporais delicadas foram produzidas no âmbito de uma sociedade civilizada, o que tornava vergonhoso mencionar tamanhas barbaridades. Para o autor, a impossibilidade de uma mulher inglesa acessar a verdade sobre a sociedade portuguesa estava para além de uma possível deficiência cognitiva, ou seja, residia na própria fragilidade do seu sexo, do seu corpo, das suas capacidades sensoriais. Com efeito, ao intentar convencer o leitor/observador de que a sociedade portuguesa caminhava na contramão da civilidade, o autor se demonstrou envolvido em uma atmosfera, em um clima de ruptura com a experiência da história de Portugal, que predicava simultaneamente sentidos passíveis de serem interpretados e perspectivas passíveis de serem assimiladas somente através do acesso à dimensão sentimental da linguagem e das ilustrações mobilizadas na obra.

A propósito da comemoração do Dia dos Mortos em Portugal no Convento de São João de Deus o autor expõe:

[...] Os frades de S. João de Deos perturbam os restos de um grande número, e enfileirando-os ao longo das paredes de uma sepultura com ramos de louro entre eles, exibem suas carcaças apodrecidas como santos incorruptíveis à vista de todos os curiosos. Tal visão não é calculada para tornar as sensações do dia mais alegre.<sup>537</sup>

---

<sup>535</sup> A. P. D. G. **Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character**. Illustrated by Twenty Coloured Plates. London: Printed for Geo. B. Whittaker, Ave-Maria Lane, 1826, p. 8.

<sup>536</sup> Id., 1826, p. 8-9, 1826, p. 8-9. “But upon the male observer in that country, a similar obligation of silence cannot in equal degree be imposed. He *must* witness many scenes with the delicacy of an Englishwoman will be spared: he *may* mark many things, from which she would shrink with aversion and shame; and he can without impropriety enter into details of habits and circumstances, to which modesty will not even permit her to allude. Of the customs of a country like Portugal, no delicate Englishwoman can be a full and exact reporter; - and the author trusts that the most fastidious reader will not be offended at delineations of manners, which are more gross than the sketches of a female hand, only because they are verily in the same degree more faithful”.

<sup>537</sup> Id., 1826, p. 108. “[...] the friars of S. João de Deos disturb the remains of a great number, and ranging them along the walls of a vault with braches of laurel betwix them, exhibit their mouldering carcasses as

O eufemismo que encerra a citação não pode expressar plenamente o desprazer do autor ao ter tido contato com o culto aos mortos, no entanto, o mesmo se viu na necessidade de conter seus sentimentos mais delicados perante tal cena de superstição religiosa para que fosse possível analisar, como um homem de ciência, o estado de degeneração da sociedade portuguesa, representado metaforicamente pelo estado de decomposição dos corpos em exposição [Fig. 5]. Uma mulher delicada não poderia ter a mesma objetividade perante o mesmo cenário. Logo, o autor expressou uma atmosfera de ruptura com relação à experiência da história de Portugal ao visar predicar os horizontes de sentido ideal para o desenvolvimento civilizacional do reino, valendo-se, por sua vez, da possibilidade de tocar materialmente as sensações corporais dos leitores/visualizadores mediante a veiculação de uma linguagem sentimental e de imagens.

Da mesma forma, outras imagens foram mobilizadas para enfatizar a atmosfera de ruptura, especialmente às de procissões, já que a linguagem não poderia transmitir plenamente a significação do estado emocional desencadeado frente a tais perspectivas [Figs. 6, 7 e 8]. As procissões desenhadas pelo próprio autor se lançam aos olhos dos leitores com o intuito de imergí-los no clima de ruptura e rejeição à experiência da história de Portugal. A propósito das procissões que não foram desenhadas, o autor deixou seu relato sobre as impressões físicas desencadeadas ao presenciá-las. O autor narra a experiência de testemunhar a procissão de menor monta denominada “Terço”, cujo objetivo era coletar dinheiro para a igreja. O autor descreve que os irmãos da Irmandade da Misericórdia encontravam-se a noite, por volta das oito horas, e seguiam em procissão cantando o hino de Nossa Senhora das Dores. Um homem seguia em frente levando o estandarte no qual era pintada a imagem de nossa senhora com sete espadas cravadas em seu coração. Em cada lado do apoio do estandarte um homem segurava uma lanterna, enquanto muitos outros, providos de cestas e tochas corriam de janela em janela para receber as doações. Diante deste cenário, o autor escreve:

O silêncio que, a esta hora da noite, geralmente reina por toda a cidade (particularmente no inverno), quando perturbado pelo canto do Terço de Nossa Senhora das Dores, produz um efeito lúgubre desagradável. Mas para as pessoas que retornam para casa por conta própria a pé, essas procissões proporcionam uma espécie de segurança, e as numerosas tochas que estão nestes momentos em movimento em todas as direções, não raro derrota o golpe meditado do assassino no momento de sua emergência de seu esconderijo.<sup>538</sup>

---

incorruptible saints to the gaze of all the curious. Such a sight is not calculated to render the sensations of the day more cheerful”. [Grifo nosso]

<sup>538</sup> Id., 1826, p. 150-151. “The silence which, at this hour of the night, usually reigns throughout the city (particularly in winter), when disturbed by the singing of the Terço of N. S. das Dores, produces an effect



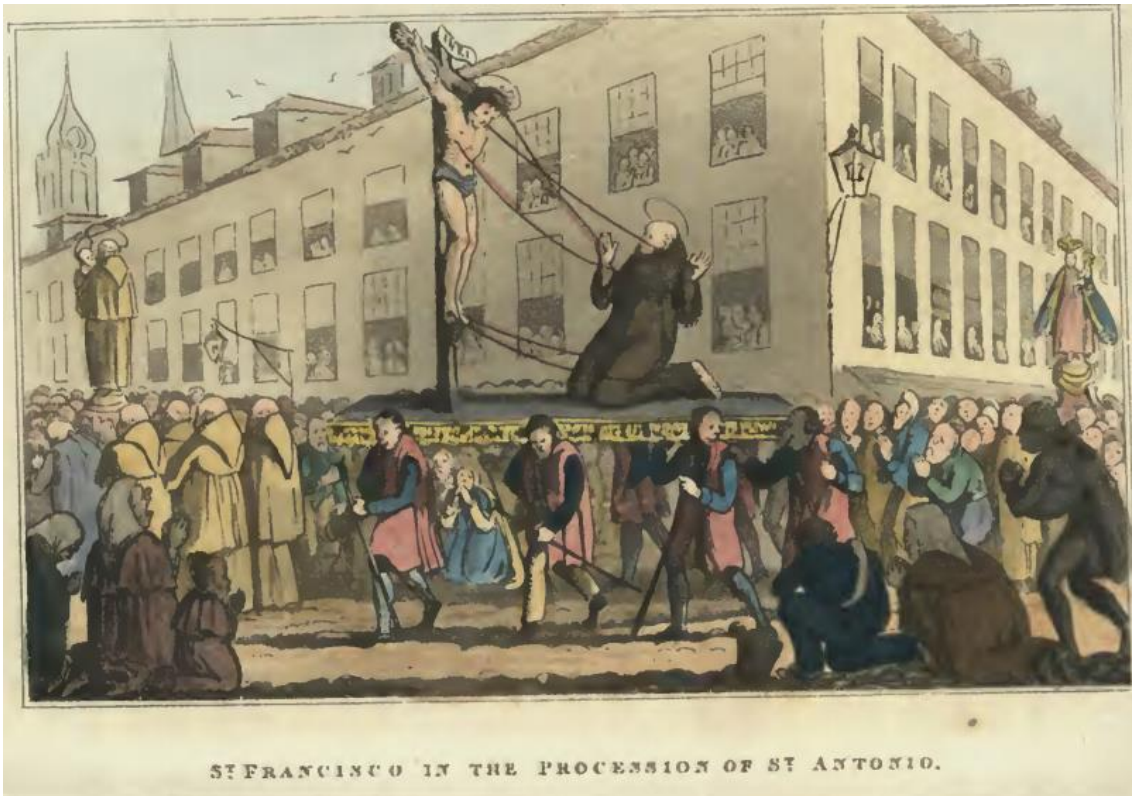


**Figura 5:** Dia de todas as almas no Convento de São João de Deus



**Figura 6:** Procissão do Senhor dos Passos da Graça

lugubriously disagreeable. But to persons returning home by themselves and on foot, these processions afford a species of security; and the numerous torches which are at these times in movement in all directions, have not unfrequently defeated the meditated blow of the assassin at the moment of his emerging from his hiding place". [Grifo nosso]



ST FRANCISCO IN THE PROCESSION OF ST ANTONIO.

**Figura 7: São Francisco na Procissão de Santo Antonio**



A SALOIA RETAILING FRUIT.

**Figura 8: Uma Saloia vendendo frutos**

As procissões evocavam um clima sombrio, frio, triste e fúnebre, que aterrorizava o espectador britânico, mas paradoxalmente, as tochas preveniam que as pessoas ao retornarem para suas casas não sucumbissem a outros males de uma sociedade degenerada, repleta de ladrões e assassinos que não se sentiam constrangidos pelas leis. Dessa forma, não somente as procissões aterrorizavam a testemunha civilizada em Portugal, mas um complexo social imerso em sua totalidade na “lúgubre” barbaridade e superstição religiosa, que deveria ser narrada com “cores caricaturais” capazes de tocar os olhos dos leitores/ observadores.<sup>539</sup>

Em contrapartida, por mais que a obra de Kinsey não estivesse destituída de elementos críticos à sociedade portuguesa, a mesma expressa uma atmosfera de integração harmônica capaz de recuperar a dignidade do cotidiano da vida lusa e seus costumes ancestrais integrados de forma orgânica com as belezas naturais do reino. A impossibilidade de comunicar plenamente para os leitores a grandiosidade dos cenários visitados foi um convite para a constante mobilização de poesias ao longo do corpo do texto. Dentre as obras citadas, destaca-se o *Childe Harold's Pilgrimage*, escrito por Lord Byron e publicado entre 1812 e 1818. O poema descreve as viagens e reflexões de um homem cansado do mundo que, desiludido com a vida de prazer e folia, procura distração em terras estrangeiras. Em um sentido mais amplo, é uma expressão da melancolia e desilusão sentida por uma geração cansada das guerras Napoleônicas. O termo Childe presente no título designa a aspiração de um jovem no medievo ao título de cavaleiro. O poema contém elementos autobiográficos da vida de Byron, que

---

<sup>539</sup> Com efeito, o horizonte de sentido que orientava a narrativa do autor dos *Sketches* é a rejeição do catolicismo, tendo em vista os debates na Grã-Bretanha a propósito da Emancipação Católica, no entanto, a imersão em um clima de ruptura com a experiência da história de Portugal só poderia ser bem sucedida a partir de uma narrativa e imagens que mobilizassem “cores caricaturais”, capazes de tocar os sentidos dos leitores/ observadores : “The author’s second point of explanation relates to a more serious theme. When the Protestant Christian visits Portugal, he is hourly shocked by witnessing the conversion of all the holiest associations of his Faith, into objects of gross and debasing superstition, senseless mumery, and atrocious fraud. Our reverence for sacred things revolts from their exhibition in ludicrous colours – still more in blasphemous distortion; and, unless justified by the object, even the relation of the fact repeats the offence. It is probably from some feeling of this kind formally interdicted herself from entering into any particulars of the state of religion in Portugal. But the author of the following pages has judged otherwise of the duties of *his* office. At a period like the present, when the militia of the Papal Church have dangerously renovated their activity, they must be encountered by exposure. The Roman Catholic citizens of these islands merit, perhaps, no reproach for the attempt to remove their civil disabilities; but when the champions of their cause endeavor to make light of the distinctions of the reformed faith, as a argument for the purity of their own, it is right that the Protestant should be improved to judge for himself of these differences”. Id., 1826, p. 9-10.

excursionou por Portugal.<sup>540</sup> Nesse sentido, perante a impossibilidade de descrever plenamente Cintra para os leitores, Kinsey cita *Childe Harold*:

Lo! Cintra's glorious Eden intervenes  
In variegated maze of mount and glen.  
Ah me! What hand can pencil guide, or pen,  
To follow half on which the eye dilates, Through views more dazzling unto  
mortal ken  
Than those whereof such things the bard relates, Who to the awe-struck world  
unlock'd Elysium's gate.<sup>541</sup>

O deslumbre com a paisagem provocava a dilatação dos olhos e impossibilitava que alguma mão pudesse guiar uma caneta ou um lápis no desafio de representar tamanha grandiosidade. Contudo, através da poesia, do relato da jornada e da publicação de imagens tornava-se possível evocar o efeito de presença de uma atmosfera que visava integrar as perspectivas interpretativas e sensoriais do leitor/observador com a harmonia excitada a partir da experiência de estar em Portugal. Dessa forma, Kinsey narra o seu primeiro encontro com Cintra de forma pitoresca e em seguida apresenta uma imagem [Fig. 9]:

Cintra imediatamente se revelou às nossas ardentes expectativas, com a sua paisagem da floresta de carvalhos e sobreiros; seu palácio real, numerosas vinhas brilhando em meio a laranjeiras e limoeiros, que adornam o declive da colina dos Mouros, - e um lindo vale à direita, onde a natureza é contemplada em sua roupagem mais rica e verde, estendendo-se até ao mar, cujas ondas de ouro refletem no momento os raios do sol poente; e o por-do-sol pode em nenhuma parte do mundo ser mais belo e glorioso do que em Portugal.<sup>542</sup>

Kinsey assume que esta perspectiva harmônica seria dissolvida após a vista do palácio de Dom Manuel o Venturoso, já que “nada pode dar uma ideia mais perfeita da desolação dos desertos e sombrios salões e negligenciados jardins desta outrora orgulhosa mansão”.<sup>543</sup> O autor se esforça para expor para o observador o clima melancólico produzido pela vista do palácio através de outra citação de *Childe Harold* e da apresentação de uma imagem. Pode-se perceber que a busca intensa por perspectivas harmônicas era constantemente dissolvida, seja pela evidenciação de atmosferas

<sup>540</sup> BYRON, George Gordon. “Preface”. In: *Childe Harold's Pilgrimage: A Romaunt*. Third Edition. London: Printed by T. Davison, Whitefriars, 1812, pp. V-IX.

<sup>541</sup> KINSEY, W. M. *Portugal Illustrated*; in a series of Letters. Embellished with a map, plates of coins, vignettes, modinhas, and various engravings of costumes, landscape scenery, &c. Second Edition: London: Treuttel and Würtz, Treutterl Jun. and Richter, 1829, p. 122.

<sup>542</sup> Id., 1829, p. 129. “Cintra was at once disclosed to our longing expectations, with its forest scenery of oak and cork-tress; its royal palace, numerous quintas shining amid the Orange and lemon groves, which adorn the declivity of the Moorish hill, - and a lovely valley to the right, where nature is beheld in her richest and greenest garb, extending down to the sea, whose golden waves reflected at the moment the rays of the setting sun; and sun-sets can in no part of the world be more beautiful and glorious than in Portugal”.

<sup>543</sup> Idem.

melancólicas, ou pela evidenciação da impossibilidade da linguagem e das imagens transmitir as sensações experienciadas; no entanto, o esforço constantemente reiterado de se produzir um clima histórico acolhedor ditará o ritmo da obra. Nesse sentido, em Leiria a natureza se harmoniza plenamente com a monumentalidade do castelo [Fig. 10]:

Os raios do sol poente lançavam um manto de glória em volta dos restos orgulhosos do velho castelo em Leiria, como seguimos a estrada, que rodeia a sua base, dentro da cidade. É realmente a mais magnífica estrutura, esplêndida, mesmo em seu estado de decadência, e desafia as lembranças históricas do viajante com muitos interessantes “contos dos tempos de antigamente! Os feitos dos dias dos anos”.<sup>544</sup>

No entanto, a natureza colocava em risco a busca por um clima harmônico ao manifestar a sua força sublime, cuja incomensurabilidade poderia ser experienciada na enseada da cidade do Porto, extremamente estreita e perigosa. A violência das águas nas estações chuvosas colocava em risco a ancoragem, sendo uma “terrível vista para se contemplar um navio, quando o vento é de todo forte, e segue através da parte estreita da barra”.<sup>545</sup> Todavia, seguindo o ritmo de harmonização, a cidade do Porto e suas redondezas ao longo do Douro são apresentadas ao observador a partir de perspectivas que traziam plena segurança [Fig. 11 e 12].

Nas proximidades do Porto, na pequena cidade de Avintes, faltariam palavras novamente para Kinsey descrever o belo cenário rural, repleto de cedros, ciprestes, palmeiras, plantas brasileiras exóticas, laranjeiras, limoeiros, limeiras e jasmims: “O estado perfumado da atmosfera circundante, produzido por esta reunião de doçuras, nenhuma linguagem pode produzir uma noção adequada”.<sup>546</sup> Contudo, perante a falta de palavras para se narrar esta atmosfera, Kinsey cita um poema de Milton para definitivamente recriar no leitor/ observador este clima:

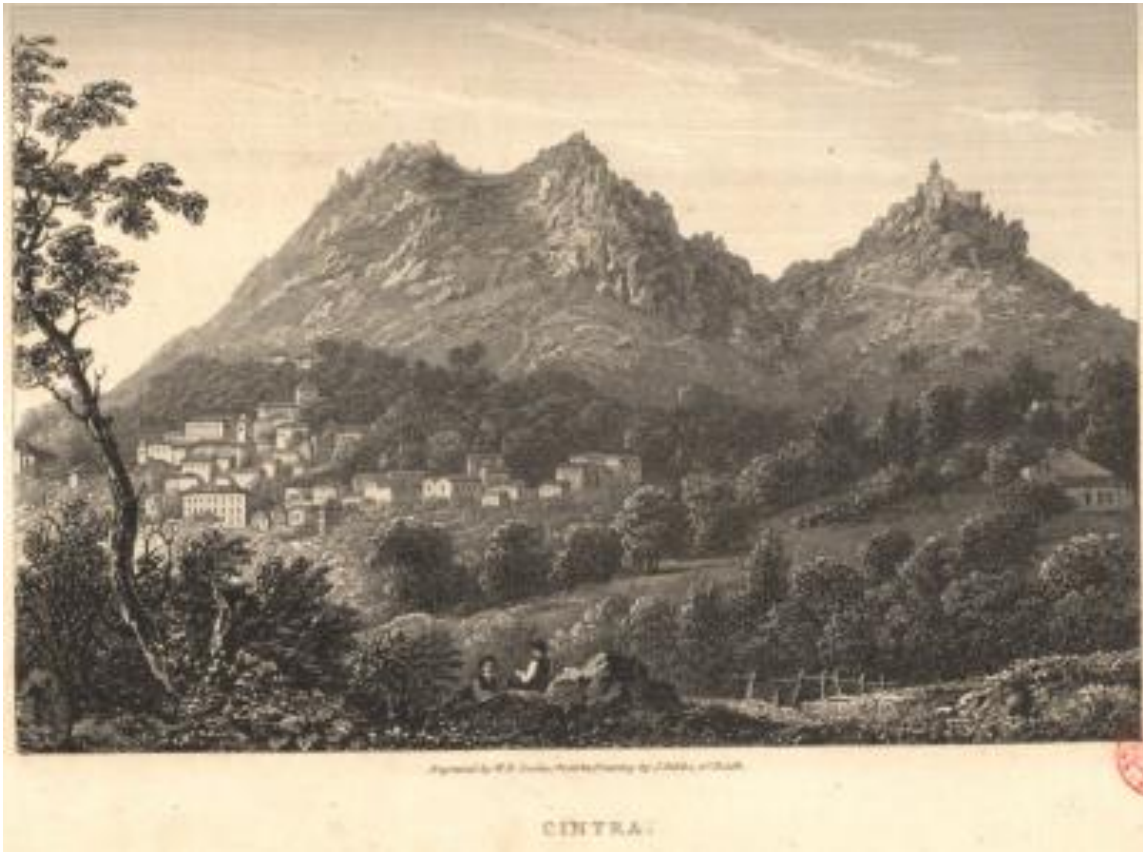
Thus was this place  
A happy rural seat of various views;  
Groves whose rich tress wept odorous gums and balm,  
Others, whose fruit, burnished with golden rind,  
Hung amiable, Hesperian fables true,  
If true, here only, and of delicious taste:  
Flowers of all hue, and without thorn the rose.<sup>547</sup>

<sup>544</sup> Id., 1829, p. 421. “The rays of the setting sun were throwing a mantle of glory round the proud remains of the old castle at Leiria, as we followed the road, which round its base, into the town. It really is a most magnificent structure, splendid even in its state of decay, and challenges the historical recollections of the traveller with many interesting ‘tale of the times of old! The deeds of days of the years’”.

<sup>545</sup> Id., 1829, p. 358.

<sup>546</sup> Id., 1829, p. 230.

<sup>547</sup> Idem.



**Figura 9:** Cintra



**Figura 10:** Leiria



**Figura 11:** Vista do Porto e Vila Nova do Convento da Serra



**Figura 12:** Vista descendo o Douro para Vila Nova de Gaia

Em oposição a Kinsey, a intenção de Southey era demonstrar para o leitor do artigo *Political and Moral State of Portugal* a impossibilidade contemporânea de se estetizar os monumentos históricos e as belas paisagens naturais de Portugal frente às demandas pragmáticas de se superar a decadência. Nesse sentido, a obra *Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character* foi avaliada como superior à obra de Kinsey. Ao apresentar imagens que produziam um clima de repúdio à sociedade portuguesa, o autor da obra era capaz de fazer o leitor/ observador reagir sensorialmente com relação a uma sociedade marcada pela barbaridade e superstição religiosa. Dessa forma, Southey ressalta como a obra confirmava o relato de William Costigan nos *Sketches of Society and Manners in Portugal*, publicado cerca de quarenta anos, o que evidencia o caráter de imutabilidade da sociedade portuguesa. Como já analisado, nesta obra, a polidez das maneiras britânicas é confrontada com a barbaridade do cotidiano em Portugal através da narrativa de um romance que se passa no Reino entre os fictícios Lord Freeman, um militar irlandês, e a jovem senhorita portuguesa Lucrecia, educada na Inglaterra. Na narrativa, o romance é constantemente obstado pela barbaridade e superstição religiosa dos familiares de Lucrecia, que ao longo da trama impedem o casamento de ambos devido à profissão do presbiterianismo por Freeman. Nesse sentido, a barbaridade e a superstição religiosa impossibilitam até mesmo a troca de sentimentos amorosos entre pessoas civilizadas, fator que evidenciava ainda mais o estado de decadência inalterável da nação.<sup>548</sup> Dessa forma, o apelo sentimental da narrativa reforça instantaneamente o horizonte de sentido interpretativo através do qual o autor orienta os leitores britânicos. Sendo assim, Southey não podia deixar de ressaltar como a obra mesmo mobilizando estratégias narrativas e estéticas dos romances era um relato confiável sobre o estado de Portugal, ressaltando as semelhanças com os *Sketches of Portuguese Life*.

A obra de Costigan, que foi publicada alguma coisa mais que quarenta anos atrás, descreve o estado da viciosa ausência de lei mais semelhante ao que nós poderíamos esperar encontrar nas mais bárbaras partes do mundo Maometano que na Europa e nações cristãs; e até agora, embora algumas das tragédias atrozitas que são relatadas neste livro podem ser circunstancialmente inexatas, (e da sua verdadeira natureza, de fato, são provavelmente para então o ser,) a geral representação além de toda a dúvida é confiável. Brigadeiro Ferrier, um oficial irlandês no serviço português, é conhecido por ter sido o autor deste livro. Nós primeiramente ouvimos um oficial seu irmão, no mesmo serviço, duvidar dos

---

<sup>548</sup> Para um maior aprofundamento sobre o conteúdo e a recepção da obra *Sketches of Society and Manners in Portugal* no último quartel do século XVIII, assim como a apreciação de Southey nas *Letters Written during a Short Residence in Spain and Portugal with some account of poetry*, confira o capítulo 1 desta dissertação.



seus dizeres e a razão que ele deu por duvidar disto foi que os fatos escritos chocavam-no. Ferrier sabia muitos outros, e pior, dos mesmos tipos, que se ele os tivesse escrito o trabalho deveria ter dado uma pintura muito mais degradante do caráter nacional. Os *Sketches of Portuguese Life* estão perfeitamente em consonância com o Brigadeiro Ferrier, embora quarenta anos tenham se passado entre suas publicações; uma autentica a outra, por tais semelhanças poderiam não ter existido, ao menos ambas tinham sido desenhadas da vida.<sup>549</sup>

Tornava-se necessário demonstrar como os *Sketches of Portuguese Life* estava “tão bem de acordo com o relato daqueles viajantes que deram o lado negro da verdade”, o que os leitores poderiam suspeitar, tendo em vista o excesso de “anedotas” narradas na obra e a “tendência para caricatura” manifesta nas imagens. Em contrapartida, poucas obras rivalizariam em beleza com a de Kinsey, pois as “imagens que embelezam o livro são, em sua maioria, tão boas, que volume mais belo não tem sido publicado na imprensa nesta era de ouro, ou melhor, era dos gravadores de aço”. Contudo, Kinsey se “perdeu no prazer da novidade e o senso da admiração que os monumentos de arte e seus magníficos cenários podem excitar”.<sup>550</sup> Dessa forma, a intenção de Southey neste artigo foi normalizar a experiência da história de Portugal como um contraexemplo, através da intensificação de uma atmosfera de repúdio que levavam os leitores a produzirem reações sensoriais e interpretações imediatas sobre o estágio de desenvolvimento decadente desta nação. Para tanto, o letrado procurou demonstrar para o público leitor britânico que a decadência de Portugal e a fragmentação do seu Império foram provocadas pela permanência do barbarismo e superstição religiosa. Para Southey, a Emancipação Católica que se efetivou em abril de 1829 significava a possibilidade da volta das sangrentas guerras de religião, que marcaram as barbaridades e superstições que vigoraram nos séculos XVI e XVII.

---

<sup>549</sup> SOUTHEY, Robert. Political and Moral State of Portugal. In: *The Quarterly Review*. London: John Murray, Albermale Street, 1829, No 41, p. 190-191. “Costigan Sketches, which were published something more than forty years ago, describe a state of flagitious lawlessness more resembling what we might expect to find in the most barbarous parts of the Mahomedan world than in a European and Christian nation; and yet, though some of the atrocious tragedies which are related in that book may be circumstantially inaccurate, (and from their very nature, indeed, are likely to be so,) the general representation beyond all doubt is faithful. Brigadier Ferrier, an Irish officer in the Portuguese service, is known to have been the author of this book. We once heard a brother officer of his, in the same service, doubt his claim to it; and the reason which he gave for doubting it was, that shocking as the facts are which are stated, Ferrier knew so many more, and worse, of the same kind, that if he had written the work it must have presented a much more unfavorable picture of national character. The ‘Sketches of Portuguese Life’ are perfectly in keeping with Brigadier Ferrier’s, though forty years elapse between their publication; each authenticates the other, for such a resemblance could not have existed, unless both had been drawn from the life”.

<sup>550</sup> Id., 1829, p. 185.

Entretanto, a perda deste combate em 1829 atesta que muitos letrados contemporâneos a Southey não aquiesciam com relação à sua perspectiva sobre o processo histórico.<sup>551</sup>

Para o historiador e ensaísta Thomas Babington Macaulay (1800-1859), favorável à Emancipação Católica e crítico implacável de Southey, esta força negativa atribuída ao passado da Europa imerso na barbaridade e superstição religiosa não se constituía enquanto uma ameaça efetiva à sociedade civil contemporânea, o que demandava ao escritor de história um maior equilíbrio orgânico entre o julgamento filosófico e a empatia narrativa pelo que aconteceu.<sup>552</sup> Para Macaulay, os textos históricos de Southey eram claudicantes nas duas dimensões, pois a sua racionalidade filosófica era constantemente carente de comprovação, sendo fundada em seus preconceitos, e a sua imaginação histórica de empatia, por não ser capaz de restituir a autonomia estética do passado.<sup>553</sup> Contrariamente a Southey, Macaulay via a Grã-Bretanha em pleno progresso e repudiava a perspectivação da experiência da história em vigor em seus escritos e o seu flagrante ceticismo: “Ele detesta o espírito da geração presente, a severidade dos seus estudos, a coragem das suas inquirições e desdenha o que ele reconhece como antigos preconceitos, pelos quais está ligado”.<sup>554</sup>

Em oposição a Southey, Macaulay argumentava a favor da amoralidade do poder do Estado, desvinculando o seu dever ser racional de preceitos morais ou religiosos. Para Macaulay, a Grã-Bretanha vivia um momento inédito de progresso e segurança como jamais experienciado, não sendo necessário temer o passado ou a decadência.<sup>555</sup> Segundo o jovem ensaísta e historiador, o progresso era imanente à própria história e se realizava naturalmente no tempo, sendo o presente da Grã-Bretanha uma prova incontestada da sua facticidade. Este progresso não era garantido por algum tipo de força superior externa que não se realizasse na história em si, assim, o seu desenvolvimento não podia ser resistido ou ameaçado pela decadência:

---

<sup>551</sup> ANDREWS, Stuart. **Robert Southey: History, politics and religion**. NY: Palgrave, 2011, p. 171-172.

<sup>552</sup> MACAULAY, Thomas Babington. “History”. In\_\_ : **Critical, Historical, and Miscellaneous Essays**. Six Volumes. New York: Published by Hurd and Houghton, 1878, pp. 376-432, *passim* [1828].  
MACAULAY, Thomas Babington. “Hallam’s Constitutional History”. In\_\_ : **Critical, Historical, and Miscellaneous Essays**. Six Volumes. New York: Published by Hurd and Houghton, 1878, pp. 433-543, *passim* [1828].

<sup>553</sup> MACAULAY, Thomas Babington. “Southey’s Colloquies on Society”. In\_\_ : **Historical essays contributed to Edinburgh Review**. Two Volumes. London: Longman, 1857, pp. 98-121, *passim* [1829].

<sup>554</sup> Id., 1857, p. 116 [1829]. “He abhors the spirit of the present generation, the severity of its studies, the boldness of its inquiries, and the disdain with which it regards some old prejudices by which his mind is held in bondage”.

<sup>555</sup> SULLIVAN, Robert. **Macaulay: A Tragedy of Power**. Harvard University Press, 2009, p. 76-78.

Não é estranha a diferença tão grande que faço com relação ao progresso do passado da sociedade como realizado pelo Sr. Southey. Devemos nos diferenciar também do seu provável destino. Ele pensa a despeito da aparência externa, que o país está se precipitando na destruição; mas ele confia firmemente na bondade de Deus. Nós não vemos nem a piedade ou a racionalidade desta convicta esperança do Ser Supremo interferir na ordem da sucessão comum das causas e efeitos. Nós, também, confiamos na sua bondade, na sua bondade manifesta, não na sua extraordinária interposição, mas naquelas leis gerais com as quais ele tem estabelecido satisfatoriamente o mundo físico e moral. Nós confiamos na tendência natural do intelecto humano para a verdade, e para a natural tendência da sociedade para o progresso. Não conhecemos instância tão bem autenticada de um povo que tem decididamente retrogrado em civilização ou prosperidade, exceto sobre a influência de calamidades violentas e terríveis, tais como as que deixaram o Império romano em ruínas, ou aquelas que, no início do século dezesseis, devastaram a Itália.<sup>556</sup>

Perante esta perspectiva sobre o tempo histórico que predicava a segurança inabalável do presente e expurgava a possibilidade da decadência, ampliava-se a possibilidade de se ter empatia imaginativa pelo outro através do tempo/espaço. Para Macaulay, o bom historiador deveria ser capaz de harmonizar as habilidades do filósofo da história com as do compositor dos romances históricos, tendo em vista que o seu ofício consistia no equilíbrio orgânico entre a racionalidade e a imaginação. Para ele, a história estava confinada entre “dois territórios distintos”, sobre a jurisdição simultânea de “dois poderes hostis”, sendo “mal definida, mal cultivada e mal regulada” pelos seus contemporâneos. Segundo o letrado, seus contemporâneos ora deixavam a história cair sobre a legislação da “razão”, ora sobre a da “imaginação”, sendo esta algumas vezes unilateralmente “teoria” ou “ficção”.<sup>557</sup>

Macaulay expõe que seus contemporâneos reivindicavam que a história “é filosofia ensinando por exemplos”, no entanto, infelizmente, quando a filosofia ganha em “solidez e profundidade, os exemplos geralmente perdem a vivacidade”. Desse modo, um “historiador perfeito deveria possuir uma imaginação suficientemente

---

<sup>556</sup> MACAULAY, Thomas Babington. “Southey’s Colloquies on Society”. In \_\_: **Historical essays contributed to Edinburgh Review**. Two Volumes. London: Longman, 1857, pp. 98-121, p. 120 [1829]. “Its is not strange that, differing so widely from Mr. Southey as to the past progress of society, we should differ from him also as to its probable destiny. He thinks, that to all outward appearance, the country is hastening to destruction; but he relies firmly on the goodness of God. We do not see either the pity or the rationality of thus confidently expecting that the Supreme Being will interfere to disturb the common succession of causes and effects. We, too, rely on his goodness, on his goodness as manifested, not in extraordinary interpositions, but in those general laws which it has pleased him to establish in the physical and in the moral world. We rely on the natural tendency of the human intellect to truth, and on the natural tendency of society to improvement. We know no well authenticated instance of a people which has decidedly retrograded in civilization and prosperity, except from the influence of violent and terrible calamities, such as those which laid the Roman empire in ruins, or those which, about the beginning of the sixteenth century, desolated Italy”.

<sup>557</sup> MACAULAY, Thomas Babington. “History”. In \_\_: **Critical, Historical, and Miscellaneous Essays**. Six Volumes. New York: Published by Hurd and Houghton, 1878, pp. 376-432, p. 376 [1828].

poderosa para fazer sua narrativa comovente e pitoresca”. No entanto, deveria se contentar com os materiais que encontrou e evitar suprir suas deficiências com as suas adições. Deveria ser um “profundo e engenhoso pensador”, mas evitar manipular os fatos para sustentar suas hipóteses. Macaulay expõe que a harmonização destas instâncias era quase impossível, falhando os historiadores “ora na narrativa ou no departamento especulativo da história”.<sup>558</sup> O objetivo era possibilitar através da até então não realizada “amalgamação perfeita” que o leitor experienciasse harmonicamente o progresso da história em si a partir da visualização dos cenários do passado enquanto paisagens agradáveis. Para tanto, tornava-se necessário fundir a passionalidade do romancista histórico com o julgamento do filósofo da história:

Fazer o passado presente, trazer o distante próximo, colocar-nos na sociedade de um grande homem numa posição eminente com vista para o campo de uma poderosa batalha, investir com a realidade da carne e sangue de seres humanos que estamos muito inclinados a considerar como qualidades personificadas em uma alegoria, para chamar os nossos antepassados ante a nós com todas as suas peculiaridades de linguagem, maneiras, e roupas, para mostrar-nos sobre as suas casas, para assentar-nos em suas mesas, para vasculhar seus guarda-roupas à moda antiga, para explicar os usos de sua mobília pesada. Estas são partes da tarefa que propriamente pertence ao historiador e têm sido apropriadas pelo romancista histórico.<sup>559</sup>

Apesar de Macaulay também enfatizar a importância do julgamento filosófico, fica claro que para o jovem letrado tornava-se fundamental a história reivindicar a estetização do passado apropriada pelos compositores de romances históricos. A ênfase nesta demanda estética expressa os anseios de uma cultura histórica na qual se expandia o interesse do público leitor/observador pelas exposições dos Panoramas, Dioramas ou obras como *Portugal Illustrated* de Kinsey, comprometidas, em grande medida, com a retomada empática dos costumes e maneiras tradicionais em vigor em lugares afastados no tempo/espço. A visualização do outro através destas tecnologias de presentificação em vigor em um Império seguro, em pleno progresso como enuncia Macaulay, expandia

---

<sup>558</sup> Id., 1878, p. 377 [1828].

<sup>559</sup> MACAULAY, Thomas Babington. “Hallam’s Constitutional History”. In \_\_: **Critical, Historical, and Miscellaneous Essays**. Six Volumes. New York: Published by Hurd and Houghton, 1878, pp. 433-543, p. 433-434 [1828]. “To make the past present, to bring the distant near, to place us in the society of a great man on an eminence which overlooks the field of a mighty battle, to invest with the reality of human flesh and blood beings whom we are too much inclined to consider as personified qualities in an allegory, to call up our ancestors before us with all their peculiarities of language, manners, and garb, to show us over their houses, to seat us at their tables, to rummage their old-fashioned wardrobes, to explain the uses of their ponderous furniture, these parts of the duty which properly belongs to the historian have been appropriated by the historical novelist”.

os horizontes de entretenimento do leitor/observador aficionado pelo exótico, a despeito do temor.<sup>560</sup>

Em contrapartida a esta possibilidade alargada de estetização do outro no tempo/espaço, durante as guerras Peninsulares, a demanda imediata de Southey na primeira década do XIX foi restaurar a força gótica dos portugueses com o intuito de evitar a re-barbarização da Europa, o que foi desenvolvido na *The History of Europe* (1810-1813), publicada na *Edinburgh Annual Register* e também posteriormente na *History of the Peninsular War* (1823).<sup>561</sup> Por sua vez, com o acirramento dos debates pela Emancipação Católica, ampliaram-se os horizontes de impossibilidade para o letrado abordar com empatia a experiência da história de Portugal, tendo em vista o seu temor do retorno das guerras de religião, sendo que estas eram compreendidas como ameaças potenciais aos pilares do Império Britânico, ou seja, a constituição e a supremacia da Igreja Anglicana, como Southey argumenta no *Book of the Church* (1824).<sup>562</sup>

Portanto, o desafio historiográfico de Southey com relação a Portugal sempre esteve enredado em demandas histórico-políticas pragmáticas, fator decisivo para que eventos como a fragmentação do Império português e a ascensão de Dom Miguel fossem narrados no artigo *Political and Moral State of Portugal* como provas inegáveis de um longo processo de decadência. Desse modo, a partir da performance das enunciações de Macaulay e da obra de Kinsey, pode-se perceber como os escritos de Southey publicados no final da década de 1820 emergiram enredados em horizontes discursivos nos quais se tornava possível a refutação dos fundamentos epistêmicos e estéticos secundados pelo envelhecido historiador, o que viabilizava potencialmente o questionamento por parte de seus contemporâneos a propósito de quem seria mais anacrônico: Southey ou Portugal?

---

<sup>560</sup> Para um aprofundamento sobre a possibilidade de se produzir “climas históricos” através dos Dioramas Cf. ARAUJO, Valdei. “Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista, c. 1820”. In: CARVALHO, José Murilo; CAMPOS, Adriana Pereira.. (Org.). **Perspectivas da cidadania no Brasil Império**. 1ed.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, v. 1, p. 281-304.

<sup>561</sup> SOUTHEY, Robert. **History of the Peninsular War**. In Three Volumes. John Murrays, Albermale-Street, 1823.

<sup>562</sup> SOUTHEY, Robert. **Book of the Church**. In Two Volumes. London. John Murrays, Albermale-Street, 1824.

## CONCLUSÃO

Contrariamente ao sonho de eternizar seu nome na literatura mundial por ter escrito a mais perfeita obra de história, Southey não publicou os manuscritos da parte europeia da *História de Portugal*, por mais que tenha afirmado insistentemente ao longo da década de 1830 o desejo de fazê-lo. Um dos desafios para os pesquisadores comprometidos com seus escritos é investigar em que medida a constituição de climas históricos que visavam restituir a harmonia entre o telos de progresso da história com a experiência estética da narrativa pitoresca do passado, da forma como sintetizada nos textos de Macaulay, impactaram o projeto de Southey, fundamentado em apreciações ambivalentes e céticas sobre o processo histórico, enredado a ondas cíclicas de progresso e decadência.

Talvez este questionamento seja respondido por competentes especialistas nos escritos de Southey que brevemente terão à disposição uma ampla coleção das cartas do letrado editadas por Linda Pratt. Deve-se destacar que partes dos manuscritos da *História de Portugal* estão sendo editados por Alexandre Dias Pinto, e talvez a partir da análise dos mesmos, das transformações sofridas no texto ao longo das décadas, seja possível tirar conclusões mais sólidas sobre os horizontes de (im)possibilidades da publicação desta obra. Definitivamente, o meu objetivo neste trabalho não recaiu sobre o caráter singular da personagem histórica Robert Southey e sim em que medida os seus escritos interagiram com enunciações sobre a experiência da história de Portugal em dimensões discursivas transatlânticas. Através desta perspectiva, procurei contextualizar os escritos do letrado tanto em relação a enunciações em vigor no campo discursivo britânico, quanto em relação ao campo discursivo em vigor nos escritos de letrados portugueses e luso-brasileiros, em dimensões simultaneamente sincrônicas e diacrônicas. Dessa forma, os questionamentos sobre as (im)possibilidades de enunciação da experiência da história de Portugal emergiram da intenção de compreender contextualmente os horizontes discursivos de articulações possíveis das dimensões temporais passado, presente e futuro no período abordado.

Exploro como simultaneamente à radicalização da compreensão neste contexto de que a linguagem não poderia significar plenamente as coisas, se multiplicaram as macronarrativas ilustradas de formação, que foram instrumentos relativamente eficazes de atribuição de sentido a uma experiência da história acelerada. Procuo demonstrar não somente a capacidade de atribuição de sentido e orientação dos conceitos,

linguagens e narrativas ilustradas, mas como a devenida da experiência humana no tempo entrava em tensão com a possibilidade da sua domesticação a um *telos* harmônico de progresso. Dessa forma, o objetivo da dissertação foi explorar como Southey significou a experiência da história de Portugal a partir de conceitos, linguagens e narrativas em vigor na cultura histórica europeia que expressavam o progresso do tempo histórico de forma complexa, ao demonstrar a impossibilidade do presente se emancipar completamente do passado, como o tempo poderia retornar e como o futuro poderia ser eclipsado pela possibilidade da decadência.

Portanto, evidencio nesta dissertação quais foram as significações dadas por Southey à experiência da história de Portugal em um contexto no qual a predicação do progresso dificilmente poderia ser estabelecida de forma inequívoca. Aprofundo na dissertação como o desafio da escrita de uma história erudita e filosófica de Portugal se tornava ainda mais complexo perante a carga conceitual negativa atribuída ao reino em obras de viajantes estrangeiros, que evidenciavam a decadência e o atraso da nação. Portanto, em um contexto no qual o progresso de nações como França e Grã-Bretanha não poderia ser ratificado de forma incontestada, Southey se dedicou à escrita da história de Portugal, cuja experiência do tempo era comumente associada ao atraso ou a decadência. A questão ainda se torna mais complexa à medida que as macronarrativas ilustradas de formação da Europa se depararam com a demanda de incorporar de forma mais positiva o legado gótico europeu, tendo em vista a necessidade de responder ao afã de ruptura com o passado que mobilizou a Revolução Francesa. Dessa forma, em um mundo de aceleradas transformações, tornava-se necessário para Southey mediar a distância temporal entre presente e passado. Sendo assim, não bastava rejeitar o “outro” no tempo e no espaço, tornava-se necessário a reflexão sobre em que medida este “outro” nos constitui.

O desafio de escrita da história de Portugal por Southey passava pela necessidade de reflexão sobre a importância do legado desta nação para a Europa. Portanto, o projeto de Southey foi elaborado em face tanto da vulgarização da percepção de que Portugal estava em descompasso com relação às demais nações europeias, o que foi disseminado de forma anedótica em relatos de viajantes, quanto pela necessidade de incorporação das dimensões do passado que afetavam positivamente o presente. Deve-se considerar que Southey conquistou sucesso editorial tanto arcaizando Portugal em seus relatos de viagens anedóticos, quando editando romances de cavalarias ibéricas, comprometidos com a demonstração das virtudes medievais cavaleirescas.

A tese central deste trabalho gira em torno das ambivalências das enunciações de Southey, visto que os seus escritos sobre a experiência da história de Portugal emergiram enredados em uma macronarrativa do processo histórico de formação da Europa simultaneamente autocondenatória e autocongratulatória. Em sua dimensão autocondenatória, o passado era exorcizado perante a pretensa superioridade do presente normalizado no século XVIII em oposição à “corrompida” antiguidade, ao “bárbaro” medievo e às “sangrentas” guerras de religião do século XVI e XVII. Este vocabulário repleto de juízos de valor foi empregado por filósofos e historiadores do século XVIII e constituiu o que J. G. A Pocock denomina de macronarrativas ilustradas de formação da Europa. Entretanto, estas macronarrativas assumiram perspectivas autocongratulatórias ao demonstrarem em que medida o passado desencadeado pelas invasões bárbaras ao Império Romano possibilitou a germinação da superioridade do presente. Portanto, esta compreensão metanarrativa ambivalente da história vazada em macronarrativas de formação da Europa se prestou a explorar as conexões causais e as ligações genéticas entre passado e presente. Nestes horizontes discursivos de tensões entre as dimensões temporais, procurei situar os escritos de Southey sobre Portugal e descrever como o letrado oscilou entre perspectivas positivas e negativas a respeito da experiência da história desta nação. Tais oscilações emergiram enredadas às “assimetrias”, ou seja, às tensões entre as possibilidades de aprendizado com o passado, por sua vez, em processo de esgarçamento, e a tímida insinuação de horizontes futuros a partir do presente. Sendo assim, o pano de fundo desta análise foi a descrição empreendida por Koselleck do *Sattelzeit*.

Foi fundamental neste trabalho compreender a dimensão performática da linguagem, ou seja, como as mudanças dos conceitos em vigor nos textos de Southey se enredaram às obras de outros autores e expectativas de um público leitor amplo e variado. Esta perspectiva foi decisiva para a compreensão contextual das possibilidades e impossibilidades de se narrar empaticamente ou reivindicar o distanciamento da experiência da história de Portugal. Foi fundamental também para estabelecer conexões entre os textos de Southey e os textos produzidos por letrados portugueses e luso-brasileiros. Ao investirmos a linguagem de relativa autonomia com relação a categorias analíticas desgastadas como os “sujeitos”, os “lugares” e as “nações”, tornou-se possível contribuir para a compreensão da dinâmica transatlântica da modernização discursiva processada simultaneamente na Europa e na América.



Nesta dissertação não nos ocupamos somente com a potencialidade da linguagem em provocar transformações através da atribuição de sentido. Incorporamos também em diálogo com Hans Ulrich Gumbrecht a sua capacidade de instaurar climas históricos mediante ao toque material do corpo humano, dos seus sentidos físicos. Dessa forma, analiso como os relatos de viagens situados em Portugal escritos por letrados britânicos visavam enredar os leitores em experiências estéticas através da veiculação de narrativas sentimentais, poesias e imagens.

O esgotamento da possibilidade de se escrever a história a partir de uma perspectiva futurista motivou a composição desta dissertação. Perante os diagnósticos contemporâneos que apontam para o esvaziamento da instrumentalização da escrita da história visando a projeção de prognósticos seguros, a intenção deste trabalho foi compreender a pragmática dos conceitos, linguagens e narrativas que vigoraram e interagiram com os escritos de Southey. Portanto, o objetivo foi compreender as performances discursivas nos seus respectivos contextos de enunciação e, em alguma medida, demonstrar a permeabilidade entre os escritos de letrados britânicos e luso-brasileiros e a vigência de climas históricos. A intenção de explorar a dinâmica da circulação emergiu perante o desafio de problematizar a fragilidade de categorias analíticas que limitam a complexidade dos horizontes pragmáticos de enunciação, ao reduzirem os textos a reflexos opacos de lugares ou ideias essenciais. Desse modo, partiu-se da compreensão de que a linguagem mais do que representar algo externo, ou a essência das coisas, constituiu os horizontes de possibilidades de experiência da história no processo descontínuo e global de modernização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBATISTA, Guido. “The Business of Paternoster Row: towards a Publishing History of the ‘Universal History’ (1736-65)”. **Publishing History**. Nº 17, pp. 5-50, 1985.
- ABREU, Márcia. “O Controle à Publicação de Livros nos Séculos XVIII e XIX: uma outra visão da censura”. **Revista de História e Estudos Culturais**. Vol. 4, Ano IV, Nº 4, Out/ Nov/ Dez, 2007, pp. 1-12.
- ANDREWS, Stuart. **Robert Southey: History, politics and religion**. New York: Palgrave, 2011.
- ARAUJO, Valdei Lopes. **A Experiência do Tempo: conceitos e narrativas na formação nacional brasileira (1813-1845)**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- \_\_\_\_\_. “História dos Conceitos: problemas e desafios para uma releitura da modernidade Ibérica”. **Almanack Braziliense** (Online), v. 7, p. 47-55, 2008b.
- ARAUJO, Valdei Lopes de & PIMENTA, João Paulo. “História”. **Ler História**. V. 5. Lisboa, 2008, p. 83-96.
- \_\_\_\_\_. “A época das revoluções no contexto do tacitismo: notas sobre a primeira tradução portuguesa dos anais”. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 36, n. 2, pp. 343-365, jul./dez. 2010.
- \_\_\_\_\_. “Observando a observação: sobre a descoberta do clima histórico e a emergência do cronótopo historicista, c. 1820”. In: CARVALHO, José Murilo; CAMPOS, Adriana Pereira.. (Org.). **Perspectivas da cidadania no Brasil Império**. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, v. 1, p. 281-304.
- \_\_\_\_\_. “O século XIX no contexto da redemocratização brasileira: a escrita da história oitocentista: balanços e desafios”. In: ARAUJO, Valdei Lopes de. & OLIVEIRA, Maria da Glória de. (orgs). **Disputas pelo Passado: História e Historiadores no Império do Brasil**. Ouro Preto: EdUFOP/PPGHIS, 2012.
- \_\_\_\_\_. “O Sublime, o Belo e a Revolução: história e narrativização em Burke e Hegel”. **Revista Intellectus**, Ano 03 Vol. I, 2004, pp. 1-15.
- ARAUJO, Valdei Lopes de; VARELLA, Flávia Florentino. “As traduções do tacitismo no Correio Braziliense (1808-1822): contribuição ao estudo das linguagens historiográficas”. In: Maria Clara Versiani Galery; Elzira Divina Perpétua; Irene Hirsch. (Org.). **Tradução, vanguarda e modernismos**. São Paulo: Paz e Terra, 2009, p. 239-259
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1983.
- BURROW, John. **A History of Histories**. New York: Alfred A. Knopf, 2008.
- BUTLER, Marilyn. “Culture’s Medium: the role of the review”. In: CURRAN, Stuart. **British Romanticism**. Cambridge: University Press, 2010, pp. 127-152.

- CABRAL, Adolfo. **Southey e Portugal**: aspectos de uma biografia literária (1774-1810). Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959.
- CASTANHEIRA, Maria Zulmira. "Speaking in Portuguese and Writing in English". Representações de Portugal na obra de Robert Southey. In\_\_ SARMENTO, Carla (org.). **Diálogos Interculturais**. Porto: Vida Económica, 2011, pp.143-151.
- \_\_\_\_\_. "The Best Laid Schemes Sometimes Turn Out the Worst": Robert Southey's Success and Failure. **Via Panorâmica**, v. 2, 2009, pp. 89-100.
- CEZAR, Temístocles. "O poeta e o historiador: Southey e Varnhagen e a experiência historiográfica no Brasil do século XIX". **História Unisinos**. Vol. 11. Nº3, Setembro/ Dezembro, 2007, p. 306-12.
- CHAVES, Castelo Branco. **Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projeção europeia**. Lisboa: Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, 1987.
- CURLY, Maria Odila Dias. **O Brasil na Historiografia Romântica Britânica Inglesa**: Um Estudo de afinidades de Visão Histórica: Robert Southey e Walter Scott. São Paulo. Dissertação de Mestrado: USP, 1967.
- DETIENNE, Marcel. **Comparar o Incomparável**. São Paulo: Ideias e Letras, 2004.
- DIAS, Maria Odila da Silva. **O Fardo do Homem Branco**: Southey, historiador do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1974.
- DUGGETT, Tom. **Gothic Romanticism**: Architecture, politic, and literary form. New York: Palgrave, 2010.
- GAMER, Michael. "Gothic Fiction and Romantic Writing in Britain". In\_\_ HOGLE, Jerrold. **Gothic Fiction**. Cambridge: University Press, 2002, pp. 85-104.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Atmosphere, Mood, Stimmung**: on a hidden potential of Literature. Califórnia: Stanford University Press, 2012.
- \_\_\_\_\_. "Depois de 'Depois de aprender com a história', o que fazer com o passado agora?". In: Fernando Nicolazzi, Helena Molo e Valdei Araujo (Org.). **Aprender com a história? O passado e o futuro de uma questão**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011, pp. 25-42.
- \_\_\_\_\_. "Pirâmides do Espírito. Sobre a rápida ascensão, as dimensões invisíveis e o súbito esmorecimento da história dos conceitos". In\_\_ **Graciosidade e Estagnação**. Contraponto/ Puc-Rio, 2012, pp. 15-60.
- \_\_\_\_\_. **Produção de Presença**: O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2010.

- FAIRIER, David. "Southey's Literary History". In: PRATT, Linda. **Robert Southey and Contexts of English Romanticism**. Burlington: Ashgate, 2006, pp. 1-17.
- GORING, Paul. **The Rhetoric of Sensibility in Eighteenth Century Culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- HUMPREYS, R. A. **Robert Southey and his History of Brazil**. London, 1978.
- JASMIN Marcelo Gantus; FERES JR.. **História dos Conceitos: debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora Puc-Rio: Editora Loyola: IUPERJ, 2006.
- KELLEY, Donald. **Fortunes of History: historical inquiry from Herder to Huizinga**. London: Yale University, 2003.
- KOSELLECK, Reinhart. "Algunas cuestiones sobre la Historia Conceptual de 'Crisis'". In: **Historia de Conceptos: Estudios sobre semântica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Trotta, 2012, pp. 131-142.
- \_\_\_\_\_. "Revolución como concepto e como metáfora. Sobre la semântica de una palabra en un tiempo enfática". In: **Historia de Conceptos: Estudios sobre semântica y pragmática del lenguaje político y social**. Madrid: Trotta, 2012, pp. 161-170.
- \_\_\_\_\_. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Puc-Rio, 2006.
- \_\_\_\_\_. **historia/Historia**. Madrid: Editorial Trotta, 2004.
- \_\_\_\_\_. "Remarks on the Revolutionary Calendar and *Neue Zeit*". **The Practice of Conceptual History: Timing History, Spacing Concepts**. California: Stanford University Press, 2002, pp. 148-153.
- LEÃO FILHO, Joaquim de Souza. "Robert Southey". **RIHGB**. Rio de Janeiro: IHGB Referências: N. 178, p. 11-29, jan./ mar. 1943.II.
- LEE, Youn Sun. **Nationalism and Irony: Burke, Scott, Carlyle**. Oxford: University Press, 2004.
- LIMA, Oliveira. "Robert Southey". In: **RIHGB**. Rio de Janeiro: IHGB Referências: T. 68, v. 112, p. 231-252, 1907.
- MATOS, Sérgio Campos. "História – Portugal". **Diccionario político y social del mundo iberoamericano**. Conceptos políticos en la era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina, 2009, pp. 666-680.
- MATOS, Sérgio Campos. "History of Historiography and National Memory in Portugal". **History Compass**. Volume 10, Issue 10, pp. 765–777, October 2012.

- MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário à maneira de todos os historiadores**: Alphonse Beauchamp e a escrita da história na França nas primeiras décadas do século XIX. Dissertação de Mestrado: USP, 2011.
- McKEON, Michael. **The Secret History of Domesticity**: public, private, and the division of knowledge. Baltimore: John Hopkins University press, 2005.
- MILES, Robert. “The 1790: The effulgence of Gothic”. In\_ HOGLE, Jerrold. **Gothic Fiction**. Cambridge: University Press, 2002, pp. 41-62.
- O’ BRIEN, Karen. “The History Market in Eighteenth-Century England”. In\_: RIVERS, Isabel (Ed.). **Books and their Readers in Eighteenth Century England**: New Essays. London/ New York: Continuum, 2001, pp. 105-134.
- PADEIRA, Ana Rita Soveral. “Uma Visão Artística sobre Portugal – James Murphy e a sua Obra”. In: **Revista de Estudos Anglo-Portugueses**, n. 16, LISBOA: UNL, 2007, pp. 23-84.
- PALTÍ, Elías José. “From Ideas to Concepts to Metaphors: The German Tradition of Intellectual History and the Complex Fabric of Language”. **History and Theory** 49 (May 2010), pp. 194-211.
- \_\_\_\_\_. “Lugares e no lugares de las Ideas en America Latina”. In\_. **El tempo de la politica: El siglo XIX reconsiderado**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007, pp. 259-308.
- PHILIPS, Mark. **Society and Sentiment**: genres of historical writing in Britain, 1740-1820. Princeton University Press, 1997.
- POCOCK, J. G. A. “The Essai sur l’étude de la littérature: imagination, irony and History”. In\_ **Barbarism and Religion**: The Enlightenment of Edward Gibbon (1737-64). Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p. 208-239.
- \_\_\_\_\_. **Barbarism and Religion**: Narratives of Civil Government. Cambridge University Press, 1999b.
- \_\_\_\_\_. “Alibi quam Romae: the Tacitean narrative”. In\_ **Barbarism and Religion**: the first decline and fall. Vol. III. Cambridge: Cambridge University Press, 2003, pp. 17-31.
- \_\_\_\_\_. **Barbarisms and Religion**: Barbarians, Savages and Empires. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- \_\_\_\_\_. **El Momento Maquiavélico**: el pensamiento político florentino y la tradición republicana Atlántica. Madrid: Editorial Tecnos, 2002.
- \_\_\_\_\_. “O Estado da Arte“. In \_\_\_\_\_. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003, pp. 23-62.

- \_\_\_\_\_. “Virtudes, Direitos e Maneiras”. In\_\_ **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003, pp. 83-99.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira. “António Caetano do Amaral e a História Portuguesa”. In\_ **Revista da Universidade de Coimbra**, Coimbra, v. XXX, pp. 497-505.
- REGIER, Alexandre. “Forces trembling underneath: the Lisbon earthquake and the sublime”. In\_\_ **Fracture and Fragmentation in British Romanticism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, pp. 75-94.
- ROSA, Giorgio de Lacerda. **A Suprema Causa Motora**: o providencialismo e a escrita da História no Brasil (1808-1825). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.
- RÜSEN, Jörn. Como dar Sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Tradução de Valdeci Araujo e Pedro Caldas. **História da Historiografia**, nº 2, pp. 163 – 209, março, 2009.
- SPECK, W. A. **Robert Southey**: entre man of letters. Yale University Press Publications, 2006.
- SANTOS, Cristiane Camacho. **Escrevendo a história do futuro**: A leitura do passado no processo de Independência do Brasil. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SANTOS, Piedade; RODRIGUES, Teresa, NOGUEIRA, Margarida. **Lisboa Setecentista Vista por Viajantes**. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- SEBASTIÁN, Javier Fernández. “Hacia una historia atlántica de los conceptos políticos”. In \_\_\_\_\_. (Dir.). **Diccionario político y social del mundo iberoamericano**. Conceptos políticos en la era de las revoluciones, 1750-1850. Madrid: Fundación Carolina, 2009, pp. 23-45.
- SILVA, Ana Rosa Clochet. **Inventando a Nação**: Intelectuais e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822). Hucitec: São Paulo, 2006.
- SILVA, Bruno Diniz. **Da Restauração à Regeneração**: Linguagens políticas em José da Silva Lisboa (1808-1830). Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2010.
- SILVA, Taise Tatiana Quadros da. **Maquinações da Razão Discreta**: Operação historiográfica e experiência do tempo na Classe de Literatura Portuguesa da Academia Real das Ciências de Lisboa (1779-1814). Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

SULLIVAN, Robert. **Macaulay: A Tragedy of Power**. Harvard University Press, 2009.

VARELLA, Flávia Florentino. **Da Impossibilidade de se Aprender com o Passado: sentimento, comércio e escrita da História na *História do Brasil* de John Armitage**. Dissertação de Mestrado: USP, 2011.

\_\_\_\_\_. “Reunindo o Passado: Erudição e Narrativa na History of Brazil de Robert Southey”. In\_\_ **Cadernos de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual**. Ouro Preto: EdUFOP, 2011, pp. 1-15.

WATT, Ian. **The Rise of the Novel**. Studies in Defoe, Richardson and Fielding. Penguin Books, 1957.

WITHERS, Charles. **Placing the Enlightening: Thinking geographically about the Age of Reason**: Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

WHITE, Hayden. “A imaginação histórica entre a metáfora e a ironia”. In \_\_\_\_ **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

WOHLGEMUT, Esther. “Southey, Macaulay and the Ideal of Picturesque History”. In\_\_ **Romanticism on the Net**: Université de Montréal, No 32-33, 2003.

WATSON, J. R. **Romanticism and War: A Study of British Romantic Period Writers and the Napoleonic Wars**. New York: Palgrave, 2003.

#### Fontes:

ADDISON, Joseph. “The Vision of Mirza”. In\_\_ **selections from the Spectator, Tatler, Guardian, and Freeholder: with a preliminary essay, by Anna Laetitia Barbauld**. In Three Volumes. Vol. II. London: Printed for J. Johnson, St. Paul’s Churchyard, 1804, pp. 1-6.

A. P. D. G. **Sketches of Portuguese Life, Manners, Costume, and Character**. Illustrated by Twenty Coloured Plates. London: Printed for Geo. B. Whittaker, Ave-Maria Lane, 1826,

AMARAL, Antonio Caetano do. **Observações sobre as principaes causas da decadencia dos portuguezes na Asia escritas por Diogo do Couto em forma de dialogo com o titulo de Soldado Pratico**. Lisboa: Officina da Academia Real das Sciencias, 1790.

\_\_\_\_\_. “Projeto de uma História Civil da Monarquia Portuguesa, apresentado na Academia das Ciências na Assembleia de 19 de Julho de 1780”. In\_\_ RAMOS, Luís A. de Oliveira. **António Caetano do Amaral e a história portuguesa**. Revista da Universidade de Coimbra, Coimbra, v. XXX, p. 497-512, 1983.

- AZEREDO COUTINHO, José Joaquim da Cunha. **Ensaio Econômico sobre o Comércio de Portugal e suas Colônias**. Lisboa: Oficina da Academia, 1794.
- BURKE, Edmund. **An Account of the European Settlements in America**: In Six Parts. Volume I. The Thrid Edition, with Improvements. London: Printed for R. and J. Dodsley in Pall-Mall, 1760.
- BYRON, George Gordon. "Preface". In: **Childe Harold's Pilmigrage: A Romaunt**. Third Edition. London: Printed by T. Davison, Whitefriars, 1812.
- CARVALHO, José Liberato Freire de. **Ensaio histórico-político sobre a construção e governo do Reino de Portugal**. Paris: Bossange, 1830.
- COSTIGAN, William Arthur. **Sketches of Society and Manners in Portugal**. In a series of Letters. II Volumes. 1787.
- D' ARAGÃO MORATO, Francisco Manoel Trigozo. "Elogio Histórico de João Guilherme Christiano Müller". In\_\_ **História e Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa**. Tomo IV. Parte II. Lisboa. Tipografia da Academia, 1816, pp. 57-79.
- FRANCO, Francisco Soares. **Ensaio sobre os melhoramentos de Portugal e do Brazil**. Lisboa: Imprensa Régia, 1820.
- História de Portugal composta em inglês por uma sociedade de literatos**. Transladada em vulgar com as adições da versão francesa e notas do tradutor português, Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. IV Volumes. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1788.
- HUME, David. "Of the Study of History". In\_\_ **Essays Moral and Political**. Edinburgh: Printed by R. Fleming and A. Alison, for A. Kincaid Bookseller, and Sold at his Shop above the Cross, 1741, pp, 69-78.
- KINSEY, W. M. **Portugal Illustrated**; in a series of Letters. Embelished with a map, plates of coins, vignettes, modinhas, and various engravings of costumes, landscape scenary, &c. Second Edition: London:Treuttel and Würtz, Treutterl Jun. and Richter, 1829.
- "L' Histoire du Royaume de Portugal". In\_\_ **Histoire Universelle, depuis le commencement du Monde jusqu'a presente**. Composer en anglois par une société de gens de lettres; Nouvellement traduite en François par une société de gens de lettres; Nerichie de Figures et de Cartes. Histoire Moderne. Tome Trente-Troisieme. Paris: Chez Moutard, Imprimeur-Librairie de la Reine, de Madame, & de Madame Comtesse D' Artois, rue des Mathurins, Hôtel de Cluni, 1785.
- MACAULAY, Thomas Babington. "Hallam's Constitutional History". In\_\_ : **Critical, Historical, and Miscellaneous Essays**. Six Volumes. New York: Published by Hurd and Houghton, 1878, pp. 433-543.



\_\_\_\_\_. “Southey’s Colloquies on Society”. In\_\_ : **Historical essays contributed to Edinburgh Review**. Two Volumes. London: Longman, 1857, pp. 98-121.

\_\_\_\_\_. “History”. In\_\_ : **Critical, Historical, and Miscellaneous Essays**. Six Volumes. New York: Published by Hurd and Houghton, 1878, pp. 376-432.

MANN, M. L’ Abbé. **Dissertation sur L’Histoire Universelle, depuis le commencement du monde jusqu’a présent, composée d’après les auteurs originaux, par une société de Gens de Letters d’ Angleterre ; et sur Les Diverses Éditions et traductions. Qu’on en a faites, avec ce qui reste à faire pour en avoir une Edition complete en François**. A Bruxelles : Chez Mathieu Lemaire, Imprimeur-Librairie, Rue de la Magdelaine, près l’ Hotel d’ Angleterre, 1780.

MURPHY, James Cavannah. **Plans, elevations, Sections and Views of the Church of Batalha, in the province of Estremadura in Portugal, with the History and Description by Fr. Luis de Souza; with remarks. To which is prefixed an Introductory Discourse on the Principles of Gothic Architecture. Illustrated with 27 Plates**. London: Printed for I & J. Taylor, 1795.

\_\_\_\_\_. **Travels in Portugal through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura and Alentejo, in the Years of 1789 and 1790 consisting of observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities etc. of that Kingdom**. London: Printed for A. Strahan and T. Cadell Jun. and W. Davies (Sucessor to Mr. Cadell in Strand)., 1795.

SALE, George; PSALMANAZAR, George; BOWER, Archibald, SHEVOLCKE, George; CAMPBELL, John; SWINTON, John. **An Universal history, from the earliest account of time**. Compiled from original authors; and illustrated with maps, cuts, notes, &c. With a general index to the whole. London, Printed for T. Osborne [etc.] 1736-1768. [65 volumes]

SERRA, José Correa. **Coleção de livros Inéditos da História Portuguesa** (Tomo I). Lisboa: Oficina da Academia, 1790.

\_\_\_\_\_. “Discurso Preliminar”. In\_\_ **Memórias Econômicas da Academia Real de Sciencias de Lisboa**, para o adiantamento da agricultura, das artes e da industria em Portugal e suas conquistas (Tomo I). Lisboa: Oficina da Academia, 1789.

SOUTHEY, Robert. **Book of the Church**. In Two Volumes. London. John Murrays, Albermale-Street, 1824.

\_\_\_\_\_. “Cartas de Robert Southey a Theodore Koster e a Henry Koster (Anos de 1804 a 1819)”. **RIHGB**. Volume 178. Janeiro e Março, 1943, pp. 33-90.

\_\_\_\_\_. “Extratos em Portuguez e em Inglez; com as Palavras Portuguezas propriamente acentuadas, para facilitar o estudo d’aquella Lingoa”. In: **The Quartely Review**. New York: Reprinted for Erza Sargeant, 1809, No II, p. 235-256.

- \_\_\_\_\_. **History of Brazil.** Part the First. London: Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1810.
- \_\_\_\_\_. **History of Brazil.** Part the Second. London: Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1817.
- \_\_\_\_\_. **History of Brazil.** Part the Third. London: Printed for Longman, Durst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-row, 1819.
- \_\_\_\_\_. **History of the Peninsular War.** In Three Volumes. John Murrays, Albermale-Street, 1823.
- \_\_\_\_\_. **Joan of Arc an Epic Poem.** Bristol: Printed by Bulgin and Rosser, for Joseph Cottle, Bristol, and Cadell and Davies, and G. G. And J. Robinson, London, 1796.
- \_\_\_\_\_. **Joan of Arc.** 2<sup>o</sup> Edition. Bristol: Printed by N. Biggs, for T. N. Longman, Pasternoster-Row, London, And Joseph Cottle, Bristol, 1798.
- \_\_\_\_\_. “A political Essay of Commerce of Portugal and her colonies, particularly of Brazil in South America”. In: **The Critical Review, or annals of Literature; extended and improved.** London: Printed by and for S. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1803, pp. 226.
- \_\_\_\_\_. **Journals of a Residence in Portugal 1800-1801 and a Visit to France 1838.** Ed. Adolfo Cabral. Oxford: Claredon Press, 1960.
- \_\_\_\_\_. **Letters from England by Dom Manuel Espriela.** Translated from the Spanish. In Two Volumes. New York. Publish by David Longworth, 1808.
- \_\_\_\_\_. **Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish &Portuguese Poetry.** Bristol: Printed by Bulgin and Rosserfor Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinsonand Cadell and Davies, London, 1797.
- \_\_\_\_\_. **Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal.** 2<sup>o</sup> Edition. Bristol: Printed by Biggs and Cottle, for T. N. Longman and O. Rees, Paternoster-Row, London, 1799.
- \_\_\_\_\_. **Letters Written During a Journey in Spain and a Short Residence Portugal.** London: Printed for Longman, Burst, Rees, And Orme, Paternoster-row, 1808.
- \_\_\_\_\_. **Memória sobre Literatura Portuguesa.** Traduzida do Inglês com notas ilustradoras do texto. MÜLLER, João Guilherme Cristiano (Ed.). 1814.
- \_\_\_\_\_. **Manuscript of the History of Portugal.** Transcrito do Original por Alexandre Dias Pinto. s/d.
- \_\_\_\_\_. “Political and Moral State of Portugal”. In: **The Quartely Review.** London: John Murray, Albermale Street, 1829, No 41, pp. 184-226.

- \_\_\_\_\_. "Preface". In\_\_ **Amadis of Gaul by Vasco Lobeira**. 4 Volumes. London: Printed By N. Biggs, Crane-court, Fleet-street, for T. N. Longman and O. Rees, Paternosters Row, 1803.
- \_\_\_\_\_. "Preface". In\_\_ **Chronicle of the Cid**. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Drme, Paternoster-row, 1808.
- \_\_\_\_\_. "Preface". In\_\_ **Palmerin of England by Francisco de Moraes**. 4 Volumes. Printed for Longman, Hurst, Rees, and Drme, Paternoster-row, 1807.
- \_\_\_\_\_. **Selections from the Letters of Robert Southey**. Edited by His Son-In-Law John Wood Warter, B. D. In Four Volumes. 3 Volumes. London: Longman, Brown, Green, Longmans, & Roberts, 1856.
- \_\_\_\_\_. "The History of Europe, 1810". In\_\_ **Edinburgh Annual Register, for 1810**. Vol. Third – Part First. Edinburgh: John Ballantyne, 1812.
- \_\_\_\_\_. "The History of Europe, 1811". In\_\_ **Edinburgh Annual Register, for 1811**. Vol. Fourth – Part First. Edinburgh: John Ballantyne, 1813.
- \_\_\_\_\_. **The Collected Letters of Robert Southey**. In\_\_ A Romantic Circles Eletronic Edition. Linda Pratt (Ed.).
- \_\_\_\_\_. **The Life and Correspondence of the Late Robert Southey**. Ed. C. C. Southey, 5 Volumes, London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850.
- \_\_\_\_\_. "Tracts on the Spanish and Portuguese Inquisitions". In: **The Quartely Review**. Vol. VI. London: Printed by D. & G. Bruce, 1812, October and November, 1811, pp. 313-357.
- TAYLOR, William. **A Memoir on the Life and Writings of William Taylor of the Later William Taylor Of Norwich**. Bobberds, J, W. (Ed.). 2 Volumes. London: John Murray, Albermale Street, 1843.

### Periódicos:

- COSTA, Hipólito da. "História do Brasil: Anúncio ao Público". In.: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Vol. XVII. Londres: impresso por W. Lewis, na Oficina do Correio Braziliense, St. John Square, Clerkenwell., Julho/ 1816, pp. 300-301.
- COSTA, Hipólito da. "Mapa Geográfico, Histórico e Mercantil". In.: **Correio Braziliense ou Armazém Literário**. Vol. XX. Impresso por L. Thompson, Na Oficina do Correio Braziliense, Great St. Helens, Bishopsgate Street, 1818, pp. 68-70.

- O Investigador Português em Inglaterra**, ou Jornal Literário, Político, &c. Vol. XII. Londres: Impresso e Publicado por T. C. Hansard, Na Oficina do Investigador Português, Peterboro'-court, Fleet-street., 1815.
- O Investigador Português em Inglaterra**, ou Jornal Literário, Político, &c. Volume XXI. London: Impresso por T.C. Hansard, Na Oficina Portuguesa, Peterborough-court, Fleet-street, 1818.
- The Edinburgh Annual Register for 1808**. Vol. First. Part First. Edinburgh: Printed by James Ballantayne and Co., 1810, pp. 6-12.
- The British Critic**, a New Review for July, August, September, October, November, and December. Vol. VI. London: Printed for F. and C. Rivington, n°. 62. St. Paul's Church-Yard, 1795, pp. 509-513.
- The Eclectic Review**. From July, to December, 1808, Inclusive. Volume 4. Parte II. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, and Orme, Paternoster-Row, 1808.
- The Eclectic Review**. Vol. VI. Part II. From July to December. London: Printed for Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, Paternoster-Row, 1812.
- The Critical Review or, annals of Literature: Extend and Improved by a Society of Gentlemen**. London: printed for A. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1788, pp. 370-374.
- The Critical Review or, Annals of Literature; extended and improved by a society of gentleman**. Vol. XV. London: Printed for A. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1796, pp.364-376
- The Critical Review; or, Annals of Literature; Extended and Improved**. By a Society of Gentleman. Vol. XX. London: Printed for Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1797, pp. 378-384.
- The Critical Review or, Annals of Literature. A Society of Gentleman**. Volume XXIV. London: Printed for Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1798, pp. 25-33.
- The Monthly Review or Literary Journal**. Vol. LXXX Printed for R. Griffiths, 1789, pp. 8-13.
- The Monthly Review or Literary Journal, Enlarged**: from May to August, inclusive M, DCC, XCVII. Vol. XXIII. London: Printed for Griffiths, 1797, pp. 202-206.
- The Monthly Review; or Literary Journal, Enlarged**: from May to August, inclusive. London: For R. Griffiths; and sold by T. Becket, in Pall Mall, 1803.
- The Quartely Review**. August & November 1810. Volume 4. London Printed, 1811, pp. 454-474.